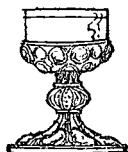
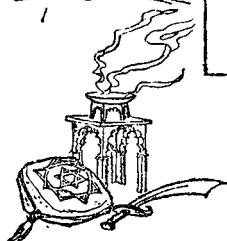
HISTÓRIA
DAS
CRUZADAS
POR
J. F. MICHAUD
EDITÔRA DAS AMÉRICAS

MATÉRIAS CONTIDAS NESTE VOLUME:

Continuação do Livro IV, Livro V, Livro VI, Livro VII.

JOSEPH-FRANÇOIS MICHAUD

HISTÓRIA DAS CRUZADAS

TRADUÇÃO BRASILEIRA DO
Pe. VICENTE PEDROSO
ILUSTRAÇÕES DE GUSTAVO DORÉ

VOLUME SEGUNDO

EDITÔRA DAS AMÉRICAS
Rua General Osório, 62/90 — Tels. 34-6701 e 37-6342
Caixa Postal, 4468
SÃO PAULO

Continuação do

LIVRO QUARTO

Godofredo de Bouillon leva os cruzados a um segundo ataque; igual furor anima ambos os lados; episódios; aparições celestes; a praça é tomada; cenas de matança e de desolação; acalmada a raiva, os cruzados vão adorar o túmulo de Jesus Cristo; os muçulmanos que tinham ficado na cidade santa são cruelmente sacrificados; repartição dos despojos; a verdadeira cruz é encontrada; diversas intrigas para a escolha de um rei; Godofredo é escolhido entre os demais competidores; Arnould de Rohes é nomeado bispo de Jerusalém; seu procedimento desregrado; suas pretensões; o vizir Afdal avança à frente de um exército formidável; os cruzados vão contra êle; batalha de Ascalon; novas dissensões; um grande número de chefes volta à pátria; Tancredo recebe de Manuel Comeno o principado de Laodicéia; o santo zêlo leva à Ásia uma multidão de novos peregrinos; dificuldades e trabalhos dêstes últimos. — Reflexões do historiador.

Resolveu-se no conselho dos chefes aproveitar-se do entusiasmo dos peregrinos e apressar o assalto, cujos preparativos se faziam. Godofredo mandou colocar seu acampamento no ângulo oriental da cidade, nas vizinhanças da porta de Santo Estêvão. O terreno dêsse novo acampamento oferecia uma posição muito cômoda para se organizar um ataque; dêsse lado, a muralha exterior era mais baixa que noutros pontos e a superfície plana do solo tinha a extensão necessária para a aproximação e funcionamento das máquinas. As crônicas contemporâneas admiram a rapidez com que se operou tão grande movimento. Os aríetes, as tôrres rolantes, foram desmontadas e transportadas peça por peça ao novo acampamento; êsse prodigioso trabalho que devia decidir do êxito do cêrco e da tomada de Jerusalém, fêz-se numa só noite e numa noite do mês de julho, isto é, no espaço de cinco ou seis horas.

Quando eu descrevia, há vinte e nove anos, o cêrco da cidade santa, as crônicas que me serviam de guia apresentavam-me muitos pontos obscuros, neste particular; tive então o pensamento de ir esclarecer minhas dúvidas nos mesmos lugares. Os meios e a ocasião faltaram-me por muito tempo. Pude,

por fim, ver a verdade com meus próprios olhos, seguindo os peregrinos em redor da cidade santa. Detive-me várias vêzes no lugar onde Godofredo tinha pôsto seu último acampamento, pude reconhecer o lugar onde se decidiu a mais bela vitória dos soldados da cruz, a tomada de Jerusalém. Devo acrescentar, para ser mais preciso, que as muralhas sofreram algumas modificações daquele lado. Na construção das muralhas, ordenada por Soliman, o recinto da cidade foi aumentado no ângulo de nordeste; visitando a parte interior da cidade, eu vi um terreno plano, metade deserto, metade coberto de cabanas pobres; no tempo das cruzadas, êsse terreno estava fora da cidade; foi aí que se deteve a tôrre de Godofredo, e que foi travado o combate decisivo dos cristãos. Espero que com essa explicação, meus leitores, principalmente os que conhecem Jerusalém, seguir-me-ão fàcilmente no que me resta a dizer; eu continuo agora minha narração.

Tancredo tinha ficado com suas máquinas e sua tôrre elevada do lado noroeste da cidade, não longe da porta de Belém, e diante da tôrre angular que teve seu nome, em seguida. O duque da Normandia e o conde de Flandres estavam perto do acampamento de Godofredo e tinham diante de si o lado setentrional da cidade, estando por trás dêles a gruta de Jeremias. O conde de Saint-Gilles, encarregado do ataque meridional, estava separado das muralhas por uma espécie de vale que lhe era

necessário encher. Mandou então anunciar, por meio de um arauto, que êle pagaria um dinheiro a cada pessoa que lá lançasse três pedras. Logo uma multidão de homens veio ajudar o trabalho dos soldados. Uma chuva de dardos e de flechas atiradas do alto das muralhas não foi capaz de deter, nem mesmo de diminuir o ardor dos esforços dos cruzados. Ao cabo de três dias, tudo foi terminado e os chefes deram ordem para um ataque geral.

Quinta-feira, 14 de julho de 1099, ao despontar do dia, os clarins ressoaram no acampamento dos cruzados; todos correram às armas e tôdas as máquinas movimentaram-se ao mesmo tempo; os morteiros e os mandrões atiraram contra o inimigo uma chuva de pedras, enquanto com o auxílio das tartarugas e de galerias cobertas, os aríetes aproximavam-se do pé das muralhas. Os archeiros e os besteiros dirigiam seus dardos contra os egípcios, que defendiam as tôrres e as muralhas; guerreiros intrépidos, cobertos por seus escudos, colocavam escadas nos lugares, onde a praça parecia oferecer menos resistência. Ao sul, ao oriente e ao norte da cidade, as tôrres rolantes avançavam para as muralhas no meio do tumulto e dos gritos dos operários e dos soldados. Godofredo estava na plataforma mais alta da sua fortaleza de madeira, acompanhado por seu irmão Eustáquio e por Balduino de Bourg. Animava aos seus com o exemplo. Todos os dardos que êle lançava, dizem os historiadores do tempo, levavam a morte entre os

inimigos. Raimundo, Tancredo, o duque da Normandia, o conde de Flandres combatiam no meio de seus soldados; os cavaleiros e os homens de armas, animados pelo mesmo ardor, apertavam-se no tumulto e corriam de tôdas partes para o assalto.

Nada poderia igualar o furor do primeiro ataque dos cristãos. Mas encontraram por tôda parte uma resistência obstinada. As flechas e os dardos, o óleo fervente, o fogo grego, quatorze máquinas que os inimigos haviam tido tempo de preparar, opondo-as às dos cruzados, repeliram o ataque de todos os lados, bem como todos os esforços dos atacantes. Os infiéis, saindo por uma brecha feita na muralha, quiseram incendiar as máquinas dos cruzados e introduziram a desordem no meio dos soldados. Pelo fim do dia, as tôrres de Godofredo e de Tancredo não se podiam mais mover. A de Raimundo estava quase destruída. O combate tinha durado doze horas, sem que a vitória parecesse pender para os cruzados; a noite veio separar os combatentes. Os cristãos voltaram para o acampamento fremindo de raiva e de tristeza; os chefes, e principalmente os dois Robertos, não se podiam consolar, de que Deus *ainda não os tivesse julgado dignos de entrar na cidade santa e de adorar o túmulo de seu Filho.*

A noite passou, de ambas as partes, no meio das maiores apreensões; todos deploravam as perdas e temiam sofrer ainda outras maiores. Os muçul-

manos temiam uma surprêsa; os cruzados por sua vez receavam que os muçulmanos queimassem as máquinas que êles haviam deixado junto das muralhas. Os inimigos ocuparam-se sem demora em restaurar as brechas feitas na muralha. Os cruzados restauraram os estragos das máquinas para pô-las novamente em condições de funcionar. O dia seguinte trouxe os mesmos combates e os mesmos perigos do dia anterior.

Os chefes procuravam com suas palavras erguer o ânimo dos soldados. Os sacerdotes e os bispos percorriam as tendas dos guerreiros anunciando-lhes o auxílio do céu. O exército cristão, cheio de uma nova confiança na vitória, tomou as armas e avançou em silêncio para o lugar do ataque; o clero marchava em procissão ao redor da cidade santa.

O primeiro choque foi terrível. Os cristãos, indignados com a resistência que tinham encontrado no dia anterior, combatiam furiosamente. Os infiéis, que tinham sabido da chegada de um exército egípcio, estavam animados, com a esperança da vitória; máquinas formidáveis cobriam suas muralhas; ouviam-se de todos os lados sibilarem os dardos; as pedras, os caibros de madeira lançados pelos cristãos e pelos infiéis, entrechocavam-se no ar com ruído espantoso e tornavam a cair sôbre os atacantes. Do alto de suas tôrres os muçulmanos continuavam a lançar tochas acesas e óleo fervente. As fortalezas de madeira dos cristãos aproximavam-se das muralhas

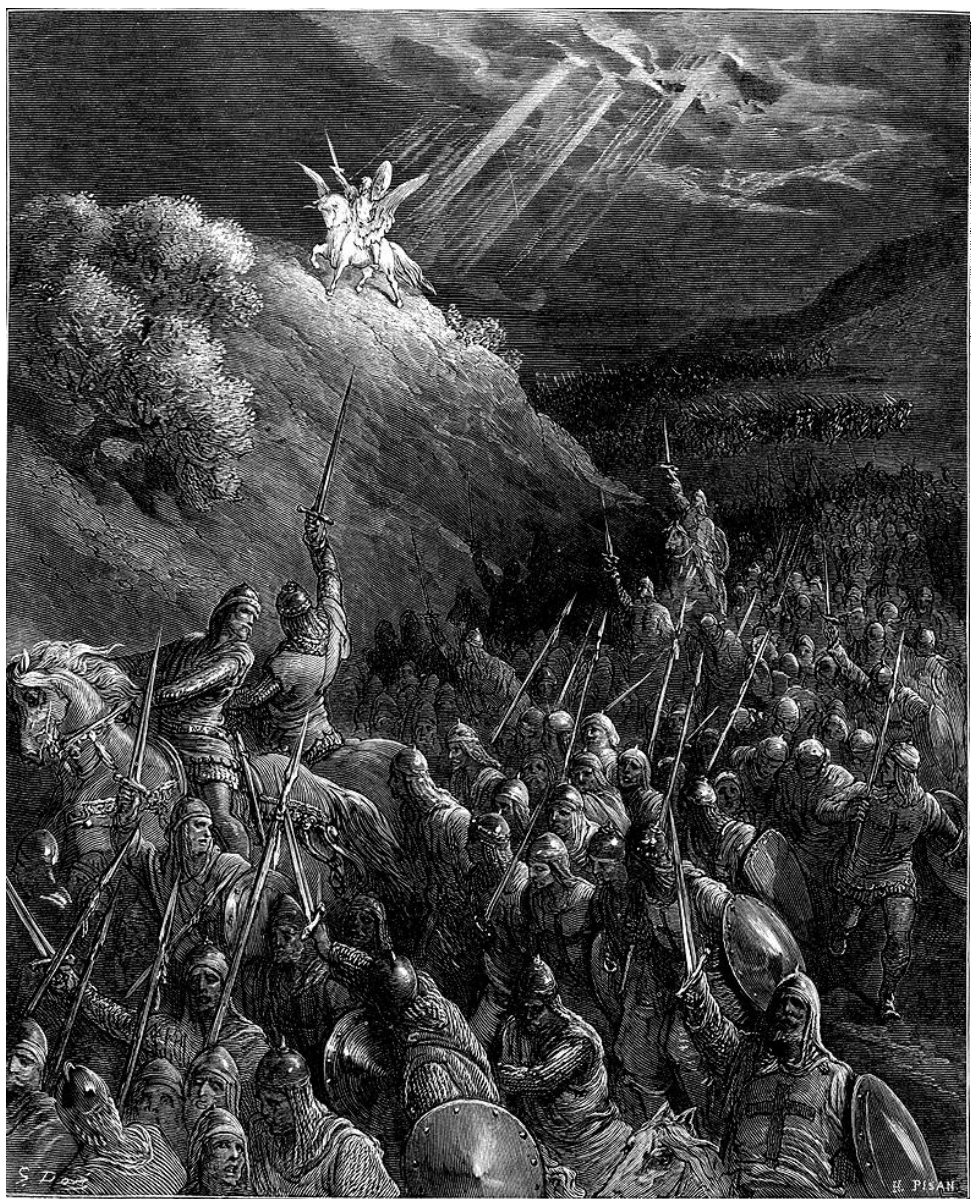
no meio de um incêndio que se inflamava de todos os lados. Os infiéis dirigiam-se principalmente para a tôrre de Godofredo, sôbre a qual campeava uma cruz de ouro, cujo brilho lhes provocava o furor ultrajoso. O duque de Lorena tinha visto cair ao seu lado um dos seus escudeiros e vários dos seus soldados. Êle mesmo, alvo dos dardos dos inimigos, continuava a combater, no meio dos mortos e dos feridos e não deixava de exortar seus companheiros a redobrar a coragem e o ardor. O conde de Tolosa, que atacava a cidade ao sul, opunha tôdas as suas máquinas às dos muçulmanos; êle tinha de dar combate ao emir de Jerusalém que animava os seus, com o gesto e as palavras e aparecia nas muralhas, rodeado pela elite dos soldados egípcios. Do lado do norte, Tancredo e os dois Robertos, estavam à frente de seus batalhões. Imóveis sôbre sua fortaleza rolante, êles mostravam-se impacientes em se servir da lança e da espada. Já seus aríetes, tinham, em vários pontos, abalado as muralhas, por trás das quais os inimigos comprimiam suas fileiras e se ofereciam como uma última defesa, ao ataque dos cruzados.

No meio do combate, dois magos apareceram nas muralhas da cidade, rogando, dizem os historiadores, aos elementos e às potências do inferno. Não puderam, porém, evitar a morte que invocavam contra os cristãos e caíram sob uma chuva de dardos e de pedras. Dois enviados egípcios, que vinham de Ascalon, para exortar os infiéis a se defender,

Segundo assalto à Jerusalém; os Cruzados são repelidos.

foram apanhados pelos cruzados, quando procuravam entrar na cidade. Um dêles caiu varado de golpes; o outro, depois de ter revelado o segrêdo de sua missão, foi atirado por meio de uma máquina às muralhas onde os muçulmanos combatiam.

No entretanto, o combate tinha durado a metade do dia, sem que os cruzados tivessem ainda alguma esperança de penetrar na cidade. Tôdas as suas máquinas ardiam; êles não tinham água; principalmente vinagre, que sòmente poderia apagar aquela espécie de fogo, lançado pelos muçulmanos. Em vão os mais corajosos se expunham aos maiores perigos para impedir a ruína das tôrres de madeira e dos aríetes; caíam, porém, sepultados pelas ruínas das tôrres, e as chamas devoravam até seus escudos e suas vestes. Vários guerreiros dos mais intrépidos tinham encontrado a morte aos pés das muralhas; um grande número dos que tinham subido às tôrres rolantes, tinham sido postos fora de combate; os outros cobertos de suor e de poeira, oprimidos pelo pêso das armas e do calor, começavam a perder a coragem. Os infiéis, que o perceberam, soltaram grandes gritos de alegria. Em suas blasfêmias, recriminavam os cristãos por adorar a um Deus que os não podia defender. Os cruzados deploravam sua sorte, e, julgando-se abandonados por Jesus Cristo, ficaram imóveis no campo de batalha.

Mas o combate iria bem depressa mudar de fisionomia. De repente os cruzados viram aparecer

Aparição de São Jorge sôbre o Monte das Oliveiras.

no monte das Oliveiras, um cavaleiro agitando um escudo e dando ao exército cristão o sinal para entrar na cidade. Godofredo e Raimundo, que o viram por primeiros, e ao mesmo tempo, exclamaram que S. Jorge vinha em auxílio dos cristãos. O tumulto do combate não admite nem reflexão nem exame e a vista do cavaleiro celeste inflama os cruzados com um novo ardor; êles voltam ao ataque. As mesmas mulheres, as crianças, os enfermos, correm à luta, trazem água, víveres, armas, reúnem seus esforços aos dos cruzados, para aproximar dos muros as tôrres rolantes, as quais eram o espantalho dos inimigos. A de Godofredo avança no meio de uma terrível carga de pedras, de dardos, de fogo grego e encosta sua ponte levadiça sôbre a muralha. Dardos incandescentes voam ao mesmo tempo contra as máquinas dos cruzados, contra sacos de palha e de feno e fardos de lã que recobriam os últimos muros da cidade. O vento aumenta o incêndio e leva as chamas contra os muçulmanos. Êstes, envolvidos por turbilhões de fogo e de fumaça, recuam ao aparecer das lanças e das espadas dos cristãos. Godofredo, precedido por dois irmãos, Letaldo e Engelberto de Tournai, seguido por Balduino de Bourg, Eustáquio, Reimbaud, Croton, Guicher, Bernardo de Saint-Vallier, Amenjeu d'Albert, ataca os inimigos, persegue-os e lança-se em seu seguimento, dentro de Jerusalém. Todos os valentes que combatiam na plataforma da tôrre, seguem o intrépido chefe, pene-

Godofredo lança-se dentro de Jerusalém.

tram com êle nas ruas e massacram a todos os que encontram à passagem.

Ao mesmo tempo, espalha-se por todo o exército cristão a notícia, de que o santo pontífice Ademar e vários cruzados mortos durante o cêrco, acabam de aparecer à frente dos atacantes e arvorar as bandeiras da cruz sôbre as tôrres de Jerusalém. Tancredo e os dois Robertos, animados pela notícia, fazem novos esforços e por fim, penetram também na cidade, acompanhados por Hugo de Saint-Paul, Geraldo de Roussillon, Luís de Mouson, Conon e Lamberto de Montaigu, Gastão de Béarn. Uma multidão de valentes segue-os de perto; uns entram por uma brecha recém-aberta, outros sobem aos muros, com escadas, muitos lançam-se do alto das tôrres de madeira. Os muçulmanos fogem de todos os lados e Jerusalém reboa com o grito de vitória dos cruzados: *Deus o quer! Deus o quer!* Os companheiros de Godofredo e de Tancredo vão derrubar a golpes de machado a porta de Santo Estevão e a cidade abre-se à multidão dos cruzados que se comprime à entrada e disputa a honra de dar os últimos golpes nos infiéis.

Sòmente Raimundo encontra ainda alguma resistência. Avisado da conquista dos cristãos pelos gritos dos muçulmanos, pelo rumor das armas e pelo tumulto que ouve na cidade, êle reanima a coragem de seus soldados. Êstes, impacientes por alcançar seus companheiros, abandonam as tôrres e as máqui-

nas que não podiam mais fazer mover. Apertando-se nas escadas e auxiliando-se mùtuamente, chegam ao alto das muralhas: são precedidos pelo conde de Tolosa, por Raimundo Pelet, pelo bispo de Bira, pelo conde de Die, por Guilherme de Sabran. Nada pode deter seu impetuoso ataque; êles dispersam os muçulmanos, que se vão refugiar com seu emir na fortaleza de Davi e bem depressa todos os cruzados, reunidos em Jerusalém, abraçam-se, choram de alegria e só pensam em prosseguir em sua vitória.

No entretanto o desespêro reuniu ainda os mais valorosos dos egípcios; êles irrompem sôbre os cristãos que avançavam em desordem e corriam ao saque. Êstes começam a recuar diante do inimigo que haviam vencido, mas Everardo de Puysaie de quem Raul de Caen celebrou a bravura, reanima a coragem de seus companheiros, põe-se à sua frente e leva novamente o terror ao meio dos infiéis. Desde então não tiveram os cristãos mais inimigos a combater.

A história faz notar que os cristãos entraram em Jerusalém numa sexta-feira às três horas da tarde, a hora em que Jesus Cristo morrera pela salvação dos homens. Êsse instante memorável deveria trazer aos seus corações, sentimentos de misericórdia; mas, irritados pelas ameaças e longos insultos dos muçulmanos e pelos sofrimentos que haviam suportado durante o cêrco e pela resistência que haviam encontrado, até mesmo dentro da cidade, encheram de

sangue e de luto aquela Jerusalém que acabavam de libertar e que consideravam como sua futura pátria. A matança tornou-se geral: os que escapavam aos ferros dos soldados de Godofredo e de Tancredo, iam acabar nas mãos dos provençais igualmente irritados e sedentos de sangue. Os muçulmanos eram massacrados nas ruas e nas casas. Jerusalém não tinha asilo para os vencidos; alguns puderam escapar à morte saltando das muralhas; outros corriam em massa refugiar-se no palácio, nas tôrres e, principalmente nas mesquitas, onde não se puderam furtar à perseguição dos cristãos.

Os cruzados, senhores da mesquita de Omar, onde os muçulmanos se haviam defendido por algum tempo, ali renovaram as cenas deploráveis que mancharam a conquista de Tito. Os soldados e os cavaleiros lá penetraram misturados com os vencidos. No meio do mais horrível tumulto, só se ouviam gemidos e gritos de morte; os vencedores caminhavam sôbre montes de cadáveres para alcançar aquêles que procuravam inùtilmente fugir. Raimundo d'Agiles, testemunha ocular, diz que no templo e sob os pórticos da mesquita o sangue chegava até os joelhos e até mesmo ao freio dos cavalos. Para pintarmos êsse horrível espetáculo que a guerra apresentou duas vêzes no mesmo lugar, ser-nos-á suficiente dizer, tomando as palavras do historiador José, que o número das vítimas imoladas pela espada, era muito superior ao dos vencedores que

acorreram de todos os lados para se entregar à matança e que as montanhas vizinhas do Jordão repetiam, gemendo, o espantoso ruído que se ouvia no templo.

A imaginação foge com horror das cenas de desolação e com dificuldade pode, no meio da matança, deter-se no quadro que apresentam os cristãos de Jerusalém, de quem os cruzados acabavam de quebrar os grilhões. Apenas a cidade foi conquistada, viram-nos correr à presença dos vencedores; dividiam com êles os víveres que haviam podido tirar dos muçulmanos; todos agradeciam juntos a Deus que tinha feito triunfar as armas dos soldados da cruz. Pedro, o Eremita, que cinco anos antes tinha prometido armar o Ocidente para a libertação dos fiéis de Jerusalém, deve ter-se alegrado com o espetáculo da sua gratidão e alegria. Os cristãos da cidade santa, no meio dos cruzados, só pareciam ver e procurar o generoso cenobita que os havia visitado em seus sofrimentos e cujas promessas acabavam de ser cumpridas. Apertavam-se em massa, em tôrno do venerável eremita; a êle dirigiam seus cânticos, a êle proclamavam seu libertador; contavam-lhe os sofrimentos por que haviam passado, na sua ausência; mal podiam acreditar no que tinham sob os olhos e no seu entusiasmo, admiravam-se de que Deus se tivesse servido de um só homem para entusiasmar tantas nações e para operar tantos prodígios.

Ante a presença dos irmãos que êles tinham libertado, os peregrinos lembraram-se sem dúvida, de que tinham vindo para adorar o túmulo de Jesus Cristo. O piedoso Godofredo, que se abstivera da matança, depois da vitória, deixou seus companheiros e seguido por três domésticos, foi sem armas, descalço, à Igreja do Santo Sepulcro. A notícia dêsse ato de devoção espalhara-se no exército cristão e tôdas as vinganças, todo o furor, acalmam-se; os cruzados despojam-se de seus hábitos ensangüentados, fazem ressoar Jerusalém com seus gemidos e levados pelo clero, caminham juntos, descalços, de cabeça descoberta para a igreja da Ressurreição.

Quando o exército cristão reuniu-se assim perto do santo sepulcro, a noite começava a cair. O silêncio reinava nas praças públicas e sôbre as muralhas; só se ouviam na cidade santa, cânticos de penitência e estas palavras de Isaías: *Vós que amais Jerusalém, alegrai-vos com ela.* Os cruzados mostraram então uma devoção tão viva e tão terna, que se teria dito, segundo a narração de um historiador moderno, que aquêles homens que acabavam de tomar uma cidade e de fazer uma horrível matança saíam de um longo retiro e de uma profunda meditação de nossos mistérios. Êsses contrastes inexplicáveis são notados na história das cruzadas. Alguns escritores nisso encontram um pretexto para acusar a religião cristã; outros, menos cegos e menos apaixonados, quiseram desculpar os deploráveis excessos dêsse

fanatismo; o historiador imparcial contenta-se em narrá-los e chora em silêncio as fraquezas da natureza humana.

O piedoso fervor dos cristãos suspendeu as cenas da matança. Mas, a política de alguns dos chefes fê-los crer que era necessário inspirar um grande terror aos muçulmanos; êles pensaram, talvez também que, se mandassem embora os que tinham defendido Jerusalém, seria necessário combatê-los ao depois e que êles não podiam, num país afastado, rodeado de inimigos, guardar sem perigo prisioneiros cujo número superava o dos soldados. Anunciava-se, além disso, a aproximação do exército egípcio, e o temor de um novo perigo fechou os corações à piedade. Em seu conselho, uma sentença de morte foi decretada contra todos os muçulmanos que estavam na cidade.

O fanatismo secundou muito essa política bárbara. Todos os inimigos que a humanidade ou o cansaço haviam poupado da matança, todos os que tinham sido salvos com a esperança de um rico resgate foram mortos. Obrigaram-nos a se lançar do alto das tôrres e das casas, faziam-nos morrer no meio das chamas, arrancavam-nos do fundo dos subterrâneos e os arrastavam nas praças públicas, onde eram imolados sôbre montes de cadáveres. Nem as lágrimas das mulheres, nem os gritos das crianças, nem a vista dos lugares onde Jesus havia perdoado aos seus algozes, nada podia sofrear um

vencedor irritado. A matança foi tão grande, que segundo Alberto d'Aix, viam-se cadáveres amontoados, não sòmente nos palácios, nos templos, nas ruas, mas nos lugares mais ocultos e solitários. Tal era o delírio da vingança e do fanatismo, que essas cenas não revoltavam mais os que as contemplavam. Os historiadores contemporâneos descrevem-nas sem procurar desculpá-las, e em suas narrações cheias de trechos revoltantes, não deixam escapar um movimento de horror e de piedade.

Os cruzados, cuja alma não estava fechada aos sentimentos generosos, não puderam deter o furor de um exército impelido pela paixão da guerra, e que julgava vingar a religião ultrajada. Trezentos muçulmanos refugiados sôbre a plataforma da mesquita de Omar foram imolados, no dia seguinte à vitória, não obstante os rogos de Tancredo, que lhes havia mandado sua bandeira como salvaguarda e indignava-se de que se respeitassem tão pouco as leis da honra e da cavalaria. Os muçulmanos refugiados na fortaleza de Davi foram quase os únicos que escaparam à matança. Raimundo aceitou sua capitulação; êle teve a felicidade e a glória de fazê-la cumprir e êsse ato de humanidade pareceu tão estranho à maior parte dos cruzados, que êles louvaram menos a generosidade do conde de Saint-Gilles do que acusaram a sua avareza e ambição.

A matança terminou sòmente no fim da semana. Os muçulmanos que durante êsse intervalo haviam

podido escapar à perseguição dos cristãos, foram reservados para o serviço do exército. Os historiadores orientais, de acôrdo com os latinos, dizem que o número de muçulmanos mortos em Jerusalém foi mais de setenta mil. Os judeus não foram menos poupados que os muçulmanos. Incendiaram a sinagoga onde êles se haviam refugiado e todos pereceram no meio das chamas.

No entretanto os cadáveres amontoados nas praças públicas, o sangue que tinha corrido nas ruas e nas mesquitas, podiam dar origem a doenças epidêmicas. Os chefes deram então ordens para limpar a cidade e para afastar de seus olhos um espetáculo que se lhes tornava certamente odioso, à medida que o furor e a vingança se acalmavam no coração dos soldados cristãos. Alguns prisioneiros muçulmanos, que haviam escapado ao ferro do vencedor para cair numa horrível escravidão, foram encarregados de enterrar os corpos desfigurados de seus amigos e irmãos. "Êles choravam, diz o monge Roberto, e transportavam os cadáveres para fora de Jerusalém." Foram ajudados nesse doloroso mister pelos soldados de Raimundo, que, por último tinham entrado na cidade e que, tendo tido pouca parte nos despojos, procuravam, entre os mortos, ainda alguma coisa de que despojá-los.

Bem depressa a cidade de Jerusalém apresentou um novo espetáculo. No espaço de poucos dias havia mudado de habitantes, de leis e de religião. Antes

do último assalto havia-se combinado, segundo o costume dos cruzados, nas suas conquistas que cada guerreiro ficaria proprietário da casa ou do edifício no qual por primeiro houvesse penetrado. Uma cruz, um escudo, ou qualquer outro sinal colocado sôbre a porta, era para os vencedores um título de posse. Êsse direito de propriedade foi respeitado pelos soldados ávidos de saque e viu-se bem depressa reinar a maior ordem numa cidade, que acabava de ser entregue a todos os horrores da guerra. Uma parte dos tesouros arrebatados aos infiéis foi empregado em aliviar os pobres e os órfãos, em decorar os altares de Jesus Cristo, que se reerguiam na cidade santa. As lâmpadas, os candelabros de ouro e de prata, os ricos ornamentos que se encontravam na mesquita de Omar, foram partilha de Tancredo. Uma crônica do tempo, refere que êsses suntuosos despojos teriam sido carregados por seis carros e que se empregaram dois dias para transportá-los da mesquita. Tancredo dividiu suas riquezas imensas com o Duque de Bouillon, que êle tinha escolhido para seu senhor.

Mas os cruzados desviaram bem depressa suas vistas dos tesouros prometidos ao seu valor, para admirar uma conquista muito mais preciosa aos seus olhos: era a verdadeira cruz, levada por Cosroés e trazida de novo a Jerusalém por Heráclio. Os cristãos encerrados na cidade tinham-na escondido durante o cêrco, da sanha dos muçulmanos. Sua presença excitou os mais vivos transportes dos pere-

grinos. *Com êsse objeto,* diz uma velha crônica, *ficaram os cristãos tão contentes como se tivessem visto o corpo de Jesus Cristo pendente da mesma.* Foi depois levada em triunfo pelas ruas de Jerusalém e recolocada na igreja da Ressurreição.

Dez dias depois da vitória, os cruzados ocuparam-se em restaurar o trono de Davi e de Salomão e ali colocar um chefe, que pudesse conservar e manter uma conquista, que os cristãos acabavam de fazer à custa de tanto sangue. O conselho dos príncipes reuniu-se, um dos chefes (a história diz que foi o Conde de Flandres) levantou-se no meio dêles e lhes falou nestes têrmos: "Meus irmãos e meus companheiros, nós nos reunimos para tratar de um assunto da mais alta importância. Jamais tivemos tanta necessidade dos conselhos da sabedoria e das inspirações do céu. Nos tempos ordinários, deseja-se sempre que a autoridade se coloque nas mãos do mais hábil: com muito mais razão devemos procurar o mais digno para governar êste reino, que ainda está em grande parte em poder dos bárbaros. Já soubemos que os egípcios ameaçam esta cidade para a qual vamos escolher um senhor. A maior parte dos guerreiros cristãos que tomaram as armas está impaciente por regressar à pátria e vai deixar a outros o cuidado de defender suas conquistas. O novo povo que deve habitar esta terra, não terá em sua vizinhança outros povos cristãos, que o possam socorrer e consolar nas desgraças. Seus inimigos estão perto, seus aliados

estarão além dos mares. O rei que lhes tivermos dado será seu único apoio no meio dos perigos que o rodeiam. É preciso então que aquêle que fôr chamado para governar êste país, tenha tôdas as qualidades necessárias para nêle se manter com glória; é preciso que êle una à bravura natural dos francos, a temperança, a fé e a humanidade; pois a história nos ensina: *é em vão que se triunfa pelas armas, se não se confiarem os frutos da vitória à sabedoria e à virtude.* Não nos esqueçamos, meus irmãos e companheiros, de que se trata, menos, hoje de dar um rei, do que um fiel custódio ao reino de Jerusalém. Aquêle que tomarmos por chefe deve servir de pai a todos os que renunciarem à sua pátria e às suas famílias pelo serviço de Jesus Cristo e pela defesa dos santos lugares. Êle deve fazer florescer a virtude nesta terra, onde, o mesmo Deus, foi o modêlo mais perfeito. Êle deve converter os infiéis à religião cristã, acostumá-los aos nossos hábitos, fazê-los abençoar nossas leis. Se escolherdes alguém que dêle não é digno, destruíreis vossas próprias obras, levareis à ruína, o nome cristão, neste país; não tenho necessidade de repetir aqui os votos mais ardentes dos nossos irmãos, que ficaram no Ocidente. Qual seria a sua desolação, qual seria a nossa, se, de volta à Europa, nós ouvíssemos dizer que o bem público foi traído e descuidado, a religião abolida nestes lugares, onde nós reerguemos seus altares! Muitos então, não deixarão de atribuir à sorte e não à virtude as grandes

coisas que fizestes, enquanto os males que êste reino sofreria, passariam aos olhos dos homens, como fruto de nossa imprudência.

Não julgueis, entretanto, meus irmãos e meus companheiros, que eu falo assim, porque ambiciono a realeza e procuro o vosso favor e as vossas boas graças. Não! Não tenho tanta presunção para aspirar a tal honra! Tomo o céu e os homens como testemunhas de que, mesmo quando vós me quisésseis dar a coroa, eu não a aceitaria, pois estou resolvido a voltar para minhas terras. O que vos acabo de dizer é apenas para utilidade e glória de todos. Eu vos suplico, de resto, que recebais êste conselho como eu vô-lo dou, com afeto, franqueza e lealdade, e escolhais para rei aquêle que, por sua virtude, será o mais capaz de conservar e de estender êste reino, ao qual estão unidas a honra de vossas armas e a causa de Jesus Cristo."

Depois que o Conde de Flandres acabou de falar, todos os outros chefes fizeram grandes elogios à sua prudência e aos seus sentimentos. A maior parte dêles pensou mesmo em lhe oferecer o título de rei, que êle acabava de recusar; pois aquêle, que numa tal circunstância, recusa uma coroa, parece sempre o mais digno dela: mas, Roberto tinha falado com franqueza e boa fé; êle suspirava pelo momento de rever a Europa e se contentava com o título de filho de S. Jorge, que tinha obtido com seus feitos, na guerra santa.

Entre os outros chefes dignos de reinar sôbre Jerusalém, deviam-se colocar em primeira linha, Godofredo, Raimundo, o Duque de Normandia e Tancredo. Êste só buscava a glória das armas e punha o título de cavaleiro muito acima do de rei. Roberto de Normandia tinha igualmente mostrado mais bravura que ambição. Depois de ter recusado o reino da Inglaterra, êle devia bem pouco desejar o de Jerusalém. Se acreditarmos num historiador inglês, êle teria podido obter o sufrágio de seus companheiros; mas recusou o trono de Davi, por indolência e por preguiça; o que irritou de tal modo a Deus contra êle, acrescenta o mesmo autor, que nada mais lhe foi propício, durante o resto de sua vida. O Conde de Tolosa tinha feito o juramento de não mais voltar à Europa; mas temia-se a sua ambição, receava-se muito da sua altivez obstinada, e jamais, na cruzada, êle tinha obtido a confiança e o amor dos peregrinos, nem mesmo de seus servidores.

Estavam as opiniões ainda indecisas e o clero protestava com indignação, por se procurar primeiro um rei, que não um chefe espiritual para a cidade santa. A maior parte dos eclesiásticos, se acreditarmos no Arcebispo de Tiro, aviltada pela miséria, entregue à dissolução, durante a peregrinação, inspirava pouco respeito aos cruzados; e êsse clero viajante, desde a morte do Bispo de Puy, tinha em seu seio poucos homens, que se recomendavam ao sufrágio dos peregrinos, por sua descendência, por suas

virtudes ou por suas luzes. Os chefes do exército não fizeram nenhum caso das reclamações. Por fim ficou resolvido que o rei seria escolhido por um conselho, composto de dez homens mais considerados do clero e do exército. Ordenaram-se orações, jejuns e esmolas para que o céu se dignasse presidir à nomeação que se iria fazer. Os que tinham sido convocados para escolher o Rei de Jerusalém, juraram na presença do exército cristão, não escutar interêsse algum e nenhum afeto particular e coroar a sabedoria e a virtude. Êsses eleitores, de que a história não conservou os nomes, puseram todo o cuidado em estudar a opinião do exército sôbre cada um dos chefes. Guilherme de Tiro refere que êles chegaram a interrogar os familiares e os servidores de todos os que pretendiam a coroa de Jerusalém e que os fizeram prestar juramento de revelar tudo o que sabiam dos costumes, do caráter e das inclinações mais secretas de seus senhores. Os servidores de Godofredo de Bouillon prestaram o testemunho mais brilhante das virtudes domésticas e na sua sinceridade singela, só lhe censuraram um único defeito: o de contemplar com um ar de vã curiosidade as imagens e as pinturas das igrejas e de lá ficar por muito tempo, mesmo depois dos ofícios divinos, *e que com isso muitas vêzes deixava passar a hora das refeições e as iguarias preparadas para sua mesa esfriavam e perdiam o sabor.* Para aumentar êsse honroso testemunho, contavam-se os feitos do Duque de Lorena, na guerra

santa. Lembrava-se que no cêrco de Nicéia êle tinha matado os turcos mais temíveis, que partira ao meio um gigante, sôbre a ponte de Antioquia e que na Ásia Menor êle expusera sua vida para salvar a de um soldado perseguido por um urso. Contavam-se outros atos de heroísmo que, no espírito dos cruzados, colocavam-no acima de todos os outros chefes.

Godofredo tinha para si os sufrágios do povo e do exército; e para que nada faltasse aos seus direitos ao cargo supremo, para que sua elevação fôsse em tudo conforme com o espírito do tempo, narram-se aparições milagrosas, anunciando-o de antemão. O Duque de Lorena tinha aparecido em sonho a vários personagens dignos de fé; primeiro, sentado sôbre o mesmo trono do sol, rodeado pelas aves do céu, imagem dos peregrinos; depois, tendo na mão uma lâmpada semelhante a uma estrêla da noite e subindo por uma escada de ouro para a Jerusalém celeste; depois ainda, tinham visto sôbre o monte Sinai o herói cristão saudado por dois mensageiros divinos, recebendo a missão de governar e de guiar o povo de Deus.

Os cronistas contemporâneos contam muitas outras maravilhas; encontram nas visões que referem, a clara manifestação dos desígnios da Providência. Um dêles comenta gravemente êsses sonhos proféticos e declara que a escolha do Rei de Jerusalém, determinada há tanto tempo pelos decretos de Deus, não podia ser considerada como obra dos homens.

Naquela disposição de espírito, os cruzados esperaram com impaciência os efeitos da inspiração divina. Por fim os eleitores depois de terem deliberado com muita ponderação e tomado tôdas as informações necessárias, proclamaram o nome de Godofredo. Essa declaração causou a mais viva alegria no exército cristão, que agradeceu a Deus lhe ter dado por chefe e por senhor aquêle que o tinha tantas vêzes levado à vitória. Pela autoridade suprema de que acabava de ser revestido, Godofredo ficava sendo o depositário dos interêsses mais caros dos cruzados. Cada um dêles tinha-lhe de algum modo confiado sua própria glória, deixando-lhe o cuidado de velar pelas novas conquistas dos cristãos. Êles o levaram em triunfo até a Igreja do Santo Sepulcro, onde êle prestou o juramento de respeitar as leis da honra e da justiça. Godofredo recusou a coroa e os distintivos da realeza, dizendo que jamais aceitaria uma coroa de ouro, numa cidade onde o Salvador tinha sido coroado de espinhos. Êle não quis (dizem as Crônicas) ser sagrado e coroado Rei de Jerusalém, porque não quis usar uma coroa de ouro, onde o Rei dos Reis, Jesus Cristo, Filho de Deus, fôra coroado de espinhos, no dia da sua paixão. Contentou-se com o título modesto de defensor e de barão do santo sepulcro. Querem fazer crer que êle assim agiu, para seguir as insinuações do clero, que temia ver o orgulho sentar-se sôbre um trono em que o espírito de Jesus Cristo devia reinar. Como quer que seja,

Godofredo mereceu por suas virtudes o título de rei que a história lhe deu e que lhe convinha melhor, sem dúvida, que o título de reino convinha aos seus débeis Estados.

Enquanto os príncipes confiavam assim ao Duque de Bouillon o govêrno do país conquistado com suas armas, o clero ocupava-se em consagrar igrejas, em nomear bispos e mandar pastôres a tôdas as cidades submetidas ao domínio dos cristãos. A piedade e o desinterêsse teriam podido presidir à escolha dos ministros de Jesus Cristo; mas, se acreditarmos em Guilherme de Tiro, a astúcia e as questões usurparam abertamente os sufrágios e o espírito de religião, que acabava de dar a Jerusalém um bom rei, não lhe conseguiu dar prelados recomendáveis por sua sabedoria e por suas virtudes. Os padres gregos foram, apesar dos seus direitos, sacrificados à ambição do clero romano. O capelão do Duque da Normandia apresentou-se para ocupar a sede patriarcal de Simeão, que tinha chamado os guerreiros do Ocidente. Êste estava ainda na ilha de Chipre, de onde não havia deixado de mandar víveres para os cruzados, durante o cêrco. Morreu no momento em que os eclesiásticos latinos disputavam seus despojos e sua morte veio muito a propósito para desculpar-lhes a injustiça e a ingratidão. Arnould, cujos costumes eram mais que suspeitos e cujo procedimento mereceu a censura dos mais graves historiadores, foi nomeado pastor da Igreja de Jerusalém.

Apenas revestido dessa santa função, êle reclamou as riquezas levadas por Tancredo da mesquita de Omar; reclamou-as como um bem pertencente à Igreja de Jerusalém, de que êle era o chefe provisório. Tancredo rejeitou essa pretensão com desprêzo. Arnould apelou a todos os príncipes reunidos. Num discurso expresso, êle lhes disse, que sua elevação era obra dêles e que Tancredo, com sua recusa, desprezava o seu próprio poder. "A perda é para mim, dizia êle, mas a vergonha, para quem é? Por que aquêle que não respeita a vontade de Deus, respeitaria as vossas? Por que aquêle que despoja os altares do Senhor, deixar-vos-ia vossos mantos"? Arnould terminou seu discurso lembrando os serviços que tinha prestado à causa dos cruzados durante os cercos de Antioquia, de Archas e de Jerusalém. Depois que êle deixou de falar, Tancredo tomou a palavra: "Senhores, disse êle, dirigindo-se aos seus companheiros de armas, sabeis que foi minha espada e minha lança e não a arte de discursar, que honraram minha vida. Assim não procurarei lutar diante de vós contra um adversário do qual tôda a malícia está na língua, como o veneno na *cauda do escorpião*. Acusam-me de ter despojado o santuário, de ter tirado, ou melhor, *despertado* o ouro que *dormia* nas igrejas; mas eu o conservei para mim? Dei-o às *minhas sobrinhas*? Não o tomei para empregá-lo no serviço do povo de Deus e para *restituí-lo ao credor* depois da messe? Vós o sabeis, além disso, não se havia deliberado,

antes da tomada de Jerusalém que cada um de nós possuiria os tesouros e os bens de que se apoderasse por primeiro? Muda-se de resolução todos os dias? Não combati claramente àqueles que não ousavam olhar para trás? Não penetrei por primeiro nos lugares onde ninguém me ousava seguir? Viram por acaso Arnould disputar-me então a glória do perigo? Por que vem então êle agora pedir o preço do combate?"

Lendo nas crônicas contemporâneas êstes dois discursos que abreviamos, parece-nos assistir a um dos conselhos descritos na *Ilíada;* Raul de Vaen também não deixa de comparar a eloqüência de Arnould de Roes com a do prudente Ulisses; êle teria podido comparar Tancredo ao ardente Ajax, ou então a Diomedes, que o mais piedoso dos gregos apelidava de *desprezador dos deuses.* Os chefes do exército cristão, chamados a julgar sôbre esta questão, não quiseram condenar Arnould, nem ferir o orgulho de seu companheiro; dicidiram que, dos tesouros da mesquita de Omar, tomar-se-iam como díziamos de prêsa, setecentos marcos de prata, para dá-los à Igreja do Santo Sepulcro e Tancredo se submeteu com respeito a essa decisão.

No entretanto, nada foi poupado para o brilho das cerimônias religiosas: adornaram-se os altares, purificaram-se os santuários; fundiram-se sinos, que deviam chamar os fiéis à oração.

O bronze sagrado deixara de soar em Jerusalém, depois da conquista de Omar. Um dos primeiros

atos de Godofredo como rei, foi indicar para a Igreja do Santo Sepulcro, vinte eclesiásticos encarregados de celebrar os ofícios divinos e de cantar os louvores do Deus vivo.

As notícias correram céleres às nações mais afastadas, sôbre a conquista da cidade santa. Em tôdas as igrejas que os cruzados tinham erguido à sua passagem, deram-se a Deus ações de graças por uma vitória que devia fazer triunfar no Oriente o culto e as leis de Jesus Cristo. Os cristãos de Antioquia, de Edessa, de Tarso, os que habitavam na Cilícia, na Capadócia, na Síria e na Mesopotâmia, vinham em massa a Jerusalém, uns para aí fixar residência, outros, para visitar os santos lugares.

Enquanto os fiéis se regozijavam com essa conquista, os muçulmanos entregavam-se ao desespêro. Os que tinham escapado da vingança dos vencedores de Jerusalém por tôda a part espalhavam a consternação. Os historiadores Mogir-eddin, Elmancin, e Aboul-Feda, falaram da desolação que reinava em Bagdad e Zein-eddin, cádi de Damasco, arrancou a barba na presença do califa. Todo o conselho derramou lágrimas ante a notícia lamentável das desgraças de Jerusalém. Determinaram-se jejuns e orações para aplacar a cólera do céu. Os Imans e os poetas deploravam em seus versos e em seus discursos patéticos a sorte dos muçulmanos escravizados pelos cristãos. "Quanto sangue, diziam êles, foi derramado! Quantos desastres feriram os verdadeiros

crentes! As mulheres foram obrigadas a fugir, escondendo seus rostos. As crianças cairam sob o ferro do vencedor. Não resta outro asilo aos nossos irmãos, há pouco senhores da Síria, que o dorso de seus camelos ágeis e as entranhas dos abutres".

Vimos, que antes da tomada de Jerusalém, os turcos da Síria e da Pérsia, estavam em guerra com o Egito. As discórdias que acompanhavam a queda dos impérios tinham lançado por tôda a parte a perturbação e a divisão entre os infiéis. Tal, porém foi o seu sofrimento, quando souberam dos últimos triunfos dos cristãos, que se reuniram e choraram juntos os ultrajes feitos à religião de Maomé. Os habitantes de Damasco e de Bagdá puseram sua última esperança no califa do Cairo, que há tanto tempo consideravam inimigo do Profeta; de todos os países muçulmanos, intrépidos guerreiros vieram em massa unir-se ao exército egípcio, que avançava para Ascalon.

Quando a notícia dessa marcha divulgou-se entre os cruzados, Tancredo e o Conde de Flandres, Eustáquio de Bolonha, enviados por Godofredo para tomar posse do país de Naplusa e do antigo território de Gabaon, avançaram para a costa marítima, a fim de observar as fôrças e as disposições do inimigo. Logo um mensageiro dêsses príncipes anunciou ao Rei de Jerusalém que o vizir Afdal, o mesmo que tinha conquistado a cidade, sôbre os turcos, acabava de atravessar o território de Gaza, com um

enorme exército e que, em poucos dias, estaria às portas de Jerusalém. Êsse mensageiro chegou à tarde e foi dada a notícia à luz dos archotes e ao som das trombetas em todos os cantos da cidade. Convidaram-se todos os guerreiros a se reunirem no dia seguinte na igreja do Santo Sepulcro, para se preparar ao combate, contra os inimigos de Deus e para santificar suas armas com a oração. Tal era a certeza dos cruzados e a confiança na vitória que a notícia do perigo não causou agitação alguma no espírito e o descanso da noite, não foi perturbado pela impaciência de ver o dia nascer para novos combates. Ao surgir da aurora, os sinos chamaram os fiéis ao ofício divino; a palavra do Evangelho e o pão celeste foram distribuídos a todos os cruzados, que, logo que saíram da igreja, *cheios do espírito de Deus,* tomaram suas armas e saíram da cidade, pela porta do Ocidente, para marchar contra os egípcios. Godofredo os comandava e o novo patriarca Arnould, levava diante dêles o verdadeiro lenho da cruz. As mulheres, as crianças, os enfermos, uma parte do clero, sob o comando de Pedro, o Eremita, ficaram em Jerusalém, visitando, em procissão, os santos lugares, fazendo dia e noite orações a Deus, para obter de sua misericórdia a último triunfo dos soldados cristãos e a destruição dos inimigos de Jesus Cristo.

No entretanto o Conde de Tolosa e o Duque de Normandia hesitavam em seguir o estandarte do

exército cristão; Roberto alegava que seu voto estava cumprido; Raimundo, que tinha sido obrigado a restituir ao rei a fortaleza de Davi, não queria servir à causa de Godofredo, e não queria outrossim acreditar na aproximação dos muçulmanos. Ambos só cederam, por fim, às instâncias reiteradas de seus companheiros de armas e principalmente aos rogos do povo fiel.

Todo o exército cristão, reunido em Ramla, deixou à sua esquerda as montanhas da Judéia e avançou até a torrente de Sorrec, que se lança no mar a uma hora e meia ao sul de Ibelim, hoje Ibna. Nas margens dessa torrente, chamada *Soubrek* pelos árabes, estava então reunida uma multidão imensa de búfalos, de asnos, de mulas e de camelos; um tão rico despôjo tentou primeiro a avidez dos soldados; mas o sensato Godofredo, que via naquilo um ardil do inimigo, proibiu aos guerreiros deixar as colunas, *sob pena de terem o nariz e as orelhas cortadas;* o patriarca acrescentou àquele castigo a ameaça da cólera divina e todos os peregrinos obedeceram e respeitaram os rebanhos errantes em redor como se dêles fôssem os guardas.

Os cruzados, que tinham feito alguns prisioneiros, por êles souberam que o exército muçulmano estava acampado numa planície, junto de Ascalon. Depois dessa notícia, os cristãos passaram a noite tôda em armas. No dia seguinte de manhã, (era a véspera da Assunção) os arautos anunciaram que se

ia combater. Desde o nascer do sol, os chefes e os soldados reuniram-se sob suas bandeiras, e o patriarca de Jerusalém, estendendo a mão, deu a bênção ao exército; mostrou depois no meio das fileiras o madeiro da verdadeira cruz, como um penhor certo da vitória. Logo o sinal foi dado e todos os batalhões, impacientes por vencer, puseram-se em marcha. Mais os cruzados se aproximavam do exército egípcio, mais pareciam cheios de ardor e de esperança. "Não tememos mais nossos inimigos, diz Raimundo d'Agiles, do que se êles fôssem tímidos como cervos, inocentes como ovelhas." Os tambores, as trombetas, os cânticos de guerra animavam o entusiasmo dos guerreiros cristãos. Êles iam ao perigo, diz Alberto d'Aix, como a *um alegre festim*. O emir de Ramla, que seguia o exército cristão como auxiliar, não se cansava de admirar, se acreditarmos nos historiadores do tempo, aquela alegria dos soldados da cruz à aproximação de um temível inimigo: êle manifestou sua surprêsa ao Rei de Jerusalém e jurou diante dêle, abraçar uma religião que dava tanta coragem e tanta fôrça aos seus defensores.

Os cruzados chegaram por fim à planície onde brilhavam os estandartes e os pavilhões dos egípcios. A planície de Ascalon apresenta do lado do Oriente uma extensão de uma légua mais ou menos. Dêsse lado, é limitada por elevações que mal merecem o nome de colinas. Ali encontra-se hoje a aldeia árabe de *Machdal*, rodeada de grandes oliveiras, de pal-

meiras, de figueiras, de sicômoros, de planícies e de campos de cevada e de trigo. Do lado do norte, a planície mistura-se com outras, exceto a noroeste, onde se apresentam elevações arenosas; ao sul, o lado da planície, mais próximo do mar, limita-se com colinas de areia; o resto do terreno, ao lado meridional, está aberto e confunde-se com profundas solidões. Em frente às planícies de areia é que estava acampado o exército egípcio. "Semelhante, diz Foulcher de Chartres, a um cervo que lança para frente seus chifres ramosos." Êsse exército tinha estendido suas alas para envolver os cristãos. A cidade elevava-se, a oeste, sôbre um planalto que domina o mar; numerosos navios, carrégados de armas e de máquinas de guerra, cobriam a baía de Ascalon.

Os dois exércitos, assim, um diante do outro, eram recìprocamente, um espetáculo imponente e terrível. Os guerreiros cristãos não se espantaram com o número dos inimigos; os animais que êles tinham encontrado às margens do Sorrec, atraídos pelo ruído dos clarins e das trombetas, reuniram-se aos seus batalhões e seguiram todos os seus movimentos. O barulho confuso dêsses animais, a poeira levantada pelo seu tropel, poderia, de longe, fazê-los passar por esquadrões de cavalaria.

Haviam persuadido os soldados muçulmanos de que os cristãos não os iriam mesmo esperar nos muros de Jerusalém; mais êles haviam até então mostrado confiança e segurança, mais foram agora tomados de

um súbito terror. Em vão o vizir Afdal procurou reanimar-lhes a coragem; todos seus guerreiros pensavam que milhões de cruzados acabavam de chegar do Ocidente; esqueceram seus juramentos e as ameaças e só se recordavam do fim trágico dos muçulmanos imolados depois da conquista de Antioquia e de Jerusalém.

Os cruzados, sem perder tempo, fizeram os seus últimos preparativos para o combate. Godofredo, com dez mil soldados de cavalaria e três mil de infantaria, dirigiu-se para Ascalon, para impedir um ataque da guarnição e dos habitantes durante a luta; o Conde de Tolosa com os guerreiros provençais, foi tomar seu lugar nos pomares espaçosos que estavam próximos das muralhas da cidade e colocou-se entre o exército muçulmano e o mar, onde baloiçavam-se as naus egípcias. O resto das tropas cristãs, sob as ordens de Tancredo e dos dois Robertos, dirigiu seu ataque contra o centro e a ala direita do exército inimigo. Os soldados da infantaria desferiram a sua primeira carga de dardos; ao mesmo tempo a cavalaria dobrou a marcha e precipitou-se violentamente para o meio das fileiras infiéis. Os etíopes, que os cronistas chamam de *Azoparts*, sustentaram com coragem o primeiro choque dos cristãos: combatendo com um joelho em terra, começaram a lançar uma nuvem de flechas. Avançaram em seguida, para a primeira coluna do exército, procurando mostrar seu rosto negro e soltando gritos ferozes. Êsses terríveis africanos tinham

azorragues armados de bolas de ferro, com os quais batiam nos escudos e nas couraças e feriam na cabeça, os cavalos dos cruzados. Atrás dêles vinha outra multidão de guerreiros armados de lança, de funda, de arco e de espada; mas, tantos esforços reunidos, não puderam reter a avançada dos soldados da cruz. Tancredo, o Duque da Normandia, o Conde de Flandres, com prodígios de valor, desbarataram e derrotaram as primeiras colunas do inimigo; o Duque Roberto penetrou até o lugar onde o vizir Afdal dava suas ordens para o combate e apoderou-se do grande estandarte dos infiéis. A êsse sinal de sua derrota, a desordem espalhou-se no meio dos muçulmanos consternados. Não puderam suportar por muito tempo a presença dos guerreiros cristãos e a espada caía de suas mãos trêmulas; todo o exército egípcio abandonou o campo de batalha e logo se viram, apenas turbilhões de poeira, que lhes cobriam a retirada.

Os batalhões muçulmanos que fugiam para o mar encontraram os soldados de Raimundo de Saint-Gilles. Muitos foram ainda mortos. A cavalaria cristã perseguiu-os até o mar; três mil morreram afogados ao tentar alcançar a frota egípcia que estava perto da praia.

Alguns, tendo fugido para os jardins e pomares, subiram às árvores e esconderam-se nos galhos, entre os ramos dos sicômoros e das oliveiras. Foram, porém, perseguidos a golpes de lanças, atravessados por flechas e caíam por terra, como pássaros abatidos

pelos dardos do caçador. Alguns corpos muçulmanos procuraram reunir-se para um novo combate; mas Godofredo, à frente de seus cavaleiros, caiu sôbre êles com impetuosidade, penetrou em suas fileiras e dissipou-lhes os batalhões.

Então a matança foi horrível; os muçulmanos, em seu terror mortal, desfaziam-se das armas e se deixavam degolar sem se defender; a multidão consternada, ficou imovel, no campo de batalha e a espada dos cristãos, para empregarmos aqui a linguagem poética de um cronista contemporâneo, ceifava-os como as espigas da messe ou a erva abundante dos prados.

Os que estavam longe da luta, fugiram para o deserto, onde a maior parte morreu miseràvelmente. Os que estavam perto de Ascalon, procuraram um refúgio dentro de seus muros, mas, para lá se precipitaram em número tão grande que, à porta da cidade, dois mil foram mortos pela multidão, esmagados e pisados pelos demais e por seus cavalos. No meio da derrota geral, Afdal quase veio a cair nas mãos dos vencedores e deixou sua espada no campo de batalha; os historiadores referem que, contemplando do alto das tôrres de Ascalon a destruição de seu exército, êle não pôde reter as lágrimas. Em seu desespêro, amaldiçoou Jerusalém, causa de todos os seus males e blasfemou contra Maomé, que êle acusava de ter abandonado seus servidores e discípulos. "Oh! Maomé, afirma o monge Roberto ter o vizir excla-

mado, seria verdade que o poder do crucificado é maior do que o vosso, pois os cristãos dispersaram vossos discípulos?" Em seguida, não se julgando mais em segurança naquela cidade, embarcou na sua frota e voltou para o Egito; ao meio-dia, todos os navios egípcios afastaram-se da praia, ganhando o alto-mar. Desde então, nenhuma esperança de salvação restava mais aos soldados infiéis dispersos, que deviam, diziam êles, libertar o Oriente e cuja multidão era tão grande que, segundo a expressão dos velhos historiadores, sòmente Deus podia saber-lhes qual o número.

No entretanto os cruzados que, por respeito às ordens de seus chefes e do patriarca, tinham até então se abstido do saque, apoderaram-se de tudo o que os infiéis haviam deixado no acampamento. Como êles não tinham trazido víveres, as provisões do exército inimigo serviram para lhes matar a fome. No meio da areia ardente que cobria a planície, êles encontraram com alegria, vasos cheios de água, que os inimigos traziam ao pescoço e que haviam ficado entre os despojos dos mortos. O acampamento continha tantas riquezas e provisões em tão grande quantidade, que êles ficaram saturados, saboreando até mel e bolos de arroz, trazidos do Egito e os últimos soldados do exército puderam dizer nessa circunstância: *A abundância nos tornou pobres.*

Assim terminou esta batalha de que a poesia se dignou celebrar os prodígios e que foi para os cristãos

uma fácil vitória, na qual êles não tiveram necessidade nem de sua coragem costumeira, nem do auxílio de visões milagrosas. Naquela jornada, a presença das legiões celestes não veio animar os batalhões dos cruzados e os mártires S. Jorge e S. Demétrio, que se julgavam sempre ver nos grandes perigos, não foram notados no ardor da refrega. Os príncipes cristãos que tinham obtido essa vitória falam dela com nobre simplicidade numa carta que escreveram pouco tempo depois para o Ocidente. "Tudo nos favoreceu, dizem êles, nos preparativos da batalha; as nuvens nos protegiam contra os ardores do sol, um vento fresco temperava o calor do sul. Os dois exércitos, um contra o outro, preparavam-se para a luta e nós dobramos os joelhos e invocamos a Deus, que, sòmente, pode dar a vitória. O Senhor escutou as nossas orações e nos encheu de tal ardor, que quantos nos vissem correr contra o inimigo, nos teriam tomado por um bando de cervos, que vão matar a sêde numa fonte cristalina." Os príncipes vitoriosos contam em seguida a derrota dos muçulmanos, cuja multidão foi vencida no primeiro embate e não pensou mesmo em resistir, como se não tivesse armas para se defender.

Os cristãos tiveram que reconhecer nesse combate, que seus novos adversários eram muito menos temíveis que os turcos. O exército egípcio era composto de várias nações divididas entre si; a maior parte das tropas muçulmanas, recrutadas às pressas, punham-se pela primeira vez em presença do perigo.

O exército dos cruzados, ao contrário, era veterano e experimentado com várias vitórias: seus chefes empregaram tanto a habilidade como a bravura; a resolução ousada que Godofredo tomou, de atacar o inimigo, reergueu a confiança dos seus soldados e foi bastante para lançar a desordem e o mêdo entre os egípcios. Se dermos crédito ao monge Roberto, testemunha ocular, e a Guilherme de Tiro, os cristãos não tinham vinte mil combatentes e o exército muçulmano contava trezentos mil homens, sob suas bandeiras. Os vencedores ter-se-iam podido apoderar de Ascalon, mas o espírito de discórdia, que o perigo tinha feito calar, não tardou a renascer entre os chefes e impediu-lhes aproveitar da vitória. Depois da derrota dos egípcios, Raimundo tinha mandado à praça, um cavaleiro encarregado de intimar à guarnição a se entregar; êle queria arvorar seu estandarte sôbre a cidade e conservar para si a conquista. Godofredo reclamou para si a posse, afirmando que Ascalon devia fazer parte do reino de Jerusalém. Então o Conde de Tolosa, escutando apenas sua cólera cega, partiu com as tropas, depois de ter aconselhado aos habitantes da cidade a não se entregar ao Duque de Lorena, o qual ficaria sòzinho diante de suas muralhas. Logo o maior número de cruzados abandonou as bandeiras de Godofredo e êle mesmo foi obrigado a se afastar, tendo obtido apenas um tributo passageiro de uma cidade, onde reinava o terror das armas cristãs.

A questão suscitada entre Raimundo e Godofredo, em Ascalon, renovou-se alguns dias depois, junto da cidade de Arsouf, à beira-mar, a doze milhas ao norte de Ramla. O Conde de Saint-Gilles, que marchava com suas tropas, na frente, resolveu sitiar a praça; como lhe fizessem obstinada resistência, êle abandonou o cêrco e continuou a marcha, depois de ter avisado a guarnição que nada tinha a temer dos ataques do Rei de Jerusalém. Pouco tempo depois, Godofredo veio sitiar a cidade, encontrou a guarnição resolvida a se defender. Quando êle soube que aquela resistência era fruto dos conselhos de Raimundo, não pôde conter a cólera e resolveu vingar-se pelas armas de uma tão negra deslealdade. Êle marchava com as bandeiras desfraldadas, contra o Conde de Saint-Gilles, que, por seu lado, vinha ao seu encontro e preparava-se para o combate, quando os dois Robertos e Tancredo, lançaram-se entre os dois rivais e procuraram acalmá-los. Depois de longos debates, o Duque de Lorena e Raimundo, vencidos pelos rogos dos outros chefes abraçaram-se na presença dos soldados, que tinham participado de sua animosidade. A reconciliação foi sincera de parte a parte. O piedoso Godofredo, diz Alberto D'Aix, exortava seus companheiros a esquecer a divisão que havia surgido entre êles e pedia-lhes, com lágrimas nos olhos, que se lembrassem de que êles, juntos, haviam libertado o Santo Sepulcro e de que êles eram

irmãos em Jesus Cristo e a concórdia lhes era necessária para defender Jerusalém.

Quando o exército cristão aproximou-se de Jerusalém, bimbalharam todos os sinos, desfraldaram-se as bandeiras e soaram os clarins vitoriosos. O monge Roberto fala da *suave e agradável harmonia dos cantos de triunfo*, que ressoavam pelos vales e pelas montanhas. Uma multidão de peregrinos que tinha vindo recebê-los, fazia ressoar o ar com seus cânticos de júbilo: essas vivas expressões de alegria misturavam-se com os cânticos dos sacerdotes: os ecos, diz o monge Roberto, repetiam os sons dos instrumentos guerreiros, as aclamações dos cristãos pareciam oferecer uma aplicação destas palavras de Isaías: *As montanhas e as colinas cantarão diante de vós os louvores do Senhor.* Os cruzados entraram em seguida triunfalmente na cidade santa. O grande estandarte do vizir e sua espada foram suspensas nas colunas da Igreja do Santo Sepulcro. Todos os peregrinos, reunidos naqueles mesmos lugares que o emir tinha jurado destruir até os alicerces, ergueram ao céu cânticos de ações de graças por uma vitória que acabava de coroar seus esforços.

A batalha de Ascalon foi a última desta cruzada. Livres por fim de seu voto, depois de quatro anos de lutas e de perigos, os príncipes cruzados só pensaram em deixar Jerusalém que teria então sòmente trezentos cavaleiros para sua defesa, a sabedoria de Godofredo e a espada de Tancredo, que resolvera

terminar seus dias na Ásia. Quando anunciaram a partida, todos os corações se encheram de luto e de tristeza: os que ficavam no Oriente abraçavam seus companheiros com lágrimas nos olhos, dizendo: "Jamais esqueçais vossos irmãos, que deixais no exílio. De volta à Europa inspirai aos cristãos o desejo de visitar Jerusalém, os santos lugares que nós libertamos; exortai os guerreiros a vir combater conosco as nações infiéis." Os cavaleiros e os barões, também choravam e juravam conservar uma eterna recordação dos companheiros de tantos feitos e interessar a cristandade pela salvação e pela glória de Jerusalém.

Depois dessas comoventes despedidas, uns embarcaram no Mediterrâneo, outros atravessaram a Síria e a Ásia Menor. Quando chegaram ao Ocidente, os chefes e os soldados traziam ramos de palmas nas mãos e a multidão dos fiéis corria à sua passagem, entoando cânticos. Seu regresso foi considerado um milagre, uma espécie de ressurreição e sua presença era por tôda a parte objeto de edificação e de santos pensamentos. A maior parte dêles tinha-se consumido na guerra santa; mas trazia do Oriente preciosas relíquias, que sua piedade punha acima dos mais ricos tesouros. Ninguém se cansava de ouvir a narração dos seus feitos e de suas lutas. Lágrimas misturavam-se, sem dúvida, aos transportes de admiração e alegria, quando êles falavam de seus numerosos companheiros que a morte tinha levado na Ásia. Não havia família que não tivesse que chorar

um defensor da cruz ou que não se gloriasse de ter um mártir no céu.

As antigas crônicas celebraram o heróico devotamento de Ida, Condêssa de Hainaut, que fêz a viagem ao Oriente e enfrentou todos os perigos para procurar o seu espôso. Ida, depois de ter percorrido a Ásia Menor e a Síria, não conseguiu saber se o Conde Hainaut tinha morrido ou se estava prisioneiro dos turcos. Tinha sido acompanhada em sua viagem por um nobre cavaleiro, de nome Arnoult; êsse jovem cavaleiro foi morto pelos muçulmanos, quando perseguia um gamo nas montanhas da Judéia. "O rei e os príncipes da cidade santa, diz Alberto d'Aix, lastimaram-no por muito tempo, porque êle era afável e sem mancha, no combate; mas a dor que a nobre espôsa de Balduino de Hainaut sentiu foi ainda maior, pois Arnault tinha sido seu amigo e seu companheiro de viagem desde a França até Jerusalém."

O Conde de Tolosa, que tinha jurado não mais voltar ao Ocidente, partira para Constantinopla, onde o imperador o recebeu com distinção e deu-lhe o principado de Laodicéia. Raimundo de Orange quis seguir a sorte do Conde de Tolosa e terminar seus dias no Oriente. Entre os cavaleiros, companheiros de Raimundo de Saint-Gilles, que voltaram à sua pátria, não podemos esquecer Estêvão e Pedro de Salviac de Viel-Castel, que seu século admirou como modêlo de piedade fraterna. Estêvão e Pedro

de Salviac eram irmãos gêmeos; a mais terna amizade os unira desde a infância. Pedro tinha tomado a cruz no concílio de Clermont; Estêvão, embora casado e pai de vários filhos, quis seguir seu irmão à Ásia e compartilhar com êle os perigos de tão longa viagem; eram vistos sempre juntos, um ao lado do outro, nas batalhas; êles haviam assistido juntos ao cêrco de Nicéia, de Antioquia e de Jerusalém. Pouco depois de sua volta em Querci, morriam ambos na mesma semana e foram sepultados no mesmo túmulo. Na sepultura lê-se ainda um epitáfio que nos transmite a recordação de seus feitos e de sua tocante amizade. Gastão de Béarn voltou com êles para a Europa. Alguns anos depois de ter voltado aos seus territórios, êle tomou de novo as armas contra os infiéis e morreu na Espanha, combatendo contra os mouros.

Pedro, o Eremita, voltando à pátria, retirou-se completamente do mundo e entrou num mosteiro que êle tinha fundado em Hui. Lá viveu ainda dezesseis anos na humildade e na penitência e foi sepultado entre os cenobitas que havia edificado com suas virtudes. Eustáquio, irmão de Godofredo e de Balduino, veio recolher a modesta herança de sua família, e não se importou mais com a fama e os elogios de seus feitos. Alain Fergent, Duque da Bretanha e Roberto, Conde de Flandres, voltaram aos seus territórios, repararam os males que sua ausência tinha causado e morreram chorados por seus súditos.

O Duque da Normandia foi menos feliz que seus companheiros. A vista dos santos lugares e todos os males sofridos por Jesus Cristo não mudaram seu caráter indolente e leviano. À sua volta da terra santa, amôres profanos e aventuras galantes retiveram-no vários meses na Itália. Quando êle, por fim, voltou ao seu território, foi recebido com transportes de alegria; mas, tendo retomado as rédeas do govêrno, êle mostrou-se demasiado fraco e perdeu a confiança e o amor de seus súditos. Do meio da ociosidade e da devassidão, em que vivia sem tesouros e sem exército, êle ousou disputar a coroa britânica ao sucessor de Guilherme, o Ruivo, e, enquanto, entregue aos conselhos dos histriões e das cortesãs êle sonhava com a conquista da Inglaterra, veio a perder seu ducado da Normandia. Vencido numa batalha, êsse infeliz príncipe caiu nas mãos de seu irmão, Henrique I que o levou em triunfo além dos mares e o fêz encerrar no castelo de Cardiff, na província de Glamorgan. A lembrança dos seus feitos na guerra santa não pôde amenizar o seu infortúnio. Depois de vinte e oito anos de cativeiro, morreu esquecido por seus súditos, por seus aliados e por seus antigos companheiros de glória.

(1101) A conquista de Jerusalém tinha excitado um vivo entusiasmo e renovado o fervor da cruzada e dos peregrinos entre os povos do Ocidente. A Europa viu uma segunda vez cenas que se haviam

seguido ao concílio de Clermont. Novos prodígios anunciaram a vontade de Deus. Viram-se no céu nuvens de fogo que representavam uma grande cidade. Ekkard, autor contemporâneo, refere que durante vários dias haviam visto uma multidão inumerável de insetos alados passar o Saxe, na Baviera, imagem de peregrinos que deviam ir do Ocidente ao Oriente. Os oradores sagrados não falavam mais, em suas pregações, dos perigos e das misérias do povo de Jerusalém, mas, dos triunfos conseguidos pelas armas cristãs contra os infiéis. Liam-se nos púlpitos das igrejas as cartas que os príncipes cruzados tinham escrito ao Ocidente, depois da tomada de Antioquia e da batalha de Ascalon; essas cartas inflamavam a imaginação do povo; e, como os príncipes não poupavam aos desertores do exército cristão, todos os que tinham tomado a cruz e não haviam partido, todos os que tinham deixado as bandeiras da cruzada, tornaram-se objeto de desprêzo e de ódio universal. O poder dos grandes e dos senhores não os pôde defender contra os dardos de uma amarga censura. Um grito de indignação elevou-se de todos os lados contra os irmãos do Rei da França, ao qual não se perdoava ter covardemente abandonado seus companheiros e ter voltado à Europa sem ter visto Jerusalém. Estêvão, Conde de Chartres e de Blois, não pôde viver em paz em seus Estados, nem em sua própria família; seus súditos admiravam-se da sua vergonhosa deserção e sua mulher, juntando as

censuras aos rogos, lembrava-lhe sem cessar, os deveres da religião e da cavalaria. Êsses infelizes príncipes e todos os que lhes haviam seguido o exemplo, foram obrigados a abandonar uma segunda vez a pátria e a retomar o caminho do Oriente.

Vários senhores e barões que não haviam partilhado do entusiasmo dos primeiros cruzados, acusaram-se de uma culpada indiferença e foram levados pelo movimento geral. Entre êstes estava Guilherme IX, Conde de Poitiers, parente do Imperador da Alemanha e vassalo mais poderoso da coroa da França; príncipe amável e espiritual, de caráter pouco belicoso, êle deixou, para a peregrinação a Jerusalém, uma côrte voluptuosa e galante, que êle tinha muitas vêzes divertido com suas canções. A história literária nos conservou suas despedidas poéticas a Limosin, a Poitou, à *cavalaria que tanto êle tinha amado, às vaidades mundanas que êle indicava pelos hábitos de côr e belos calçados.* Depois de ter unido seus territórios aos de Guilherme, o Ruivo, tomou a cruz em Limoges e partiu para o Oriente acompanhado por um grande número de vassalos. Uns armados de lança e espada, outros apenas com o bordão de peregrinos. Seu exemplo foi seguido por Guilherme, Conde de Nevers, por Harpin, Conde de Bourges, que vendeu seu condado ao Rei da França; o Duque da Borgonha, tomou também a cruz; êste partiu para a Síria, menos talvez com o fim de ver Jerusalém, do que com a esperança de encontrar vestígios de sua

filha Florina, que tinha desaparecido, com Suénon, na Ásia Menor.

Na Itália e na Alemanha, o entusiasmo foi mais geral e a afluência de peregrinos, maior que depois do concílio de Clermont. A Lombardia e as províncias limítrofes viram correr para os estandartes da cruz, mais de cem mil cristãos, comandados por Alberto, Conde de Blandrat, e por Anselmo, Bispo de Milão. Um grande número de peregrinos alemães seguiu Wolf ou Guelfo IV, Duque da Baviera e Conrado, condestável do império germânico. Entre os cruzados da Alemanha, notavam-se vários outros senhores poderosos, ilustres prelados e a Princesa Ida, margrave da Áustria.

Nessa nova expedição, como na primeira, muitos eram levados pelo desejo de aventuras e de percorrer regiões longínquas; a fortuna de Balduino, de Bohémond, de Godofredo, tinha despertado a ambição de condes e de barões que haviam ficado na Europa. Humberto II, Conde da Sabóia, que partiu para a terra santa com Hugo, o Grande, fêz uma doação aos religiosos do Bourget, a fim de obter com suas orações um *feliz consulado na sua viagem para além-mar*. Devemos crer que muitos senhores e cavaleiros fizeram idênticas doações, outros, fundaram mosteiros e igrejas.

Os cruzados lombardos foram os primeiros que se puseram em marcha. Chegando à Bulgária e às províncias gregas, êles se entregaram a tôda sorte de

insolências, maltratando os habitantes que despojaram de tudo, levando-lhes os bois, os carneiros, por onde passavam e o que é ainda mais deplorável, diz Alberto d'Aix, nutriam-se com a carne dêsses animais durante o santo tempo da quaresma. À sua chegada a Constantinopla, explodiram então as maiores desordens. Se dermos crédito aos cronistas do tempo, o imperador grego não opôs, a princípio à multidão grosseira dos peregrinos, nem seus guardas nem seus soldados. Os cruzados lombardos, tendo escalado um primeiro muro da cidade na direção da porta de *Carsia* (hoje *Egri-Capou*), viram aparecer diante de si, leões e leopardos, que haviam sido soltos. Êsses animais ferozes lançaram-se sôbre os primeiros que apareceram; mas, logo a multidão correu com chuços, lanças e dardos; todos os leões foram mortos, os leopardos menos aguerridos, *subiram aos muros, como gatos* e fugiram para a cidade. A notícia dêsse estranho combate, provocou um horrível tumulto na capital. Um grande número de peregrinos, armados de martelos e de tôda espécie de instrumentos de ferro, dirigiu-se para o grande palácio, na praça de Santa Argéne; a residência imperial foi invadida; na desordem, um parente do imperador perdeu a vida; os cruzados, dizem os historiadores, mataram também um leão doméstico que *era muito estimado no palácio*. Os chefes dos cruzados, em vão esforçaram-se por conter os soldados indisciplinados. Alexis, que tinha ameaçado os peregrinos com sua cólera, viu-se obri-

gado a implorar-lhes a paz, e foi sòmente à fôrça de presentes e de rogos que êle pôde levar seus temíveis hóspedes a atravessar o estreito de S. Jorge.

Os cruzados lombardos, acampados nas planícies de Civitot e de Nicomédia, viram chegar logo ao seu acampamento o condestável Conrado, com uma tropa escolhida de guerreiros teutões e o Duque da Borgonha, o Conde de Chartres, os bispos de Laon e de Soissons, com cruzados franceses, que vinham das margens do Loire, do Sena e do Mosa. Essa multidão de peregrinos, monges, clérigos, mulheres e crianças, eram mais ou menos duzentos e sessenta mil. O Conde de Tolosa, que tinha vindo de Laodicéia a Constantinopla, foi encarregado de conduzi-los pela Ásia Menor. Os lombardos estavam possuídos de tal presunção que em seu acampamento só se falava em sitiar Bagdad, conquistar Korassan, antes de ir a Jerusalém. Em vão seus chefes queriam fazê-los seguir o caminho que Godofredo e seus companheiros haviam tomado; êles forçaram o Conde Raimundo a ir pela Capadócia e pela Mesopotâmia. Puseram-se em marcha na festa de Pentecostes, do ano 1101. Os peregrinos marcharam durante três semanas, sem ter falta de víveres e sem encontrar inimigos, o que lhes aumentou o orgulho e lhes deu uma cega confiança. Na véspera de S. João Batista (nós seguimos a narração de Alberto d'Aix) o exército dos peregrinos chegou aos pés de altas montanhas, em vales muito profundos, e de lá, à praça forte de

Ancras, habitada e defendida pelos turcos. A cidadela foi tomada de assalto e a guarnição, passada a fio de espada. Os cruzados dirigiram em seguida seus ataques contra outra fortaleza situada a algumas milhas além dali, que os historiadores chamam *Gangras* ou *Gangara*. Construída sôbre um rochedo elevado, ela resistiu aos seus violentos ataques. A cidade à qual os cronistas dão o nome de *Ancras*, foi reconhecida como sendo a cidade de *Ancira*, que os habitantes hoje denominam de *Angora*. Pode-se ir de Constantinopla a Ancira em cinco dias: os cruzados levaram três semanas para fazer êsse trajeto, o que mostra uma completa ignorância das estradas. As ruínas do forte *Gangara*, existem ainda e os turcos chamam de Kiambary, a êsse lugar. Foi em Gangara que começaram todos os males desta cruzada. O exército dos peregrinos entrou nas montanhas da Paflagônia e os turcos não deixaram de persegui-lo e de atacá-lo. Todos os que o cansaço retardava a marcha, todos os que se haviam afastado, à procura de víveres, caíam nas mãos dos bárbaros e eram mortos. Dividiram então o exército em vários corpos e cada um dêles ou melhor, cada nação encarregava-se de vigiar e velar pela segurança dos peregrinos: ora eram os borguinhões ou os provençais, ora os lombardos ou os franceses, que repeliam os ataques e as emboscadas do inimigo. Apesar de tôdas estas precauções, a multidão, que não tinha armas, morria no caminho, e todos os dias devia-se deplorar a morte

de um grande número de cruzados. O exército formou então um só corpo; diminuiram os ataques dos turcos, mas a miséria aumentou. O dinheiro, dizem os cronistas, tornara-se coisa inútil, pois não se tinha o que comprar.

Os cruzados tinham diante de si e em redor apenas rochedos escarpados e montanhas áridas. O exército da cruz, semelhante a uma imensa caravana, marchava ao acaso, sem guia, procurando fontes, pastagens, ou um pedaço de terra, que não fôsse vítima da esterilidade. A carestia tornava-se cada dia mais terrível; à exceção de alguns homens ricos, que tinham trazido de Civitot e de Nicomédia, farinha, carne sêca e toucinho, não havia mais ninguém no exército cristão, que tivesse com que se alimentar. Grãos e frutas que os pobres peregrinos jamais haviam visto, plantas, as mais grosseiras, ervas selvagens, tudo o que produzia um solo desconhecido, parecia-lhes próprio para sustentar sua mísera vida.

Nessa penúria geral, mil soldados de infantaria haviam avançado até quase as vizinhanças de *Constamne*, (*Castamoun* dos turcos); tendo encontrado num campo, um pouco de cevada nova, não ainda madura, assaram-na para matar a fome; tiveram ao mesmo tempo a idéia de fazer cozinhar um fruto amargo, que certos arbustos produziam e que os viajantes chamam de *grão amarelo*. Havendo-se retirado a um vale estreito para tomar aquela pobre refeição, foram de repente surpreendidos por uma multidão de

turcos; os bárbaros incendiaram o campo e as ervas sêcas de que a terra estava recoberta e os mil soldados pereceram sufocados pelo incêndio. Quando chegou a notícia dêsse desastre, ao exército, todos os príncipes cristãos, diz Alberto d'Aix, ficaram fortemente assustados.

Os cruzados, depois de ter vagado durante várias semanas nesse labirinto das montanhas da Paflagônia, por fim, foram colocar suas tendas numa vasta planície que os cronistas não citam, mas que deve ser a planície chamada pelos turcos de *Osmandjik*. Aí o exército cristão teve de combater uma multidão de turcomanos, que vinham das margens do Tigre e do Eufrates, para lhes fechar o caminho da Mesopotâmia e da Síria. Na primeira semana de julho, houve grandes combates, nos quais os cristãos *ficaram constantemente agrupados em massa e não puderam ser dispersados nem cercados pelo inimigo*. Os peregrinos preparavam-se para marchar para *Marah,* (a pequena cidade de Mursivan), e já um forte, situado a duas milhas do seu acampamento tinha caído em suas mãos, quando de repente a sorte se lhes tornou contrária e os precipitou num abismo de calamidades.

No dia seguinte ao sábado, diz a história contemporânea, o Bispo de Milão, anunciou, êle mesmo que haveria naquele dia uma grande batalha; êle percorreu as fileiras do exército dirigindo a palavra ao povo de Deus vivo e mostrando aos fiéis o braço do bem-aventurado Ambrósio. Raimundo de Saint-

Gilles mandou trazer também para as fileiras, a lança milagrosa, encontrada na basílica do Apóstolo Pedro em Antioquia. Todos os peregrinos confessaram seus pecados e receberam a absolvição em nome de Jesus Cristo.

Tôdas as nações puseram-se em ordem de batalha e prepararam-se para o combate. Os lombardos, colocados na primeira linha, receberam por primeiros o ataque dos turcos; combateram durante várias horas com grande fôrça, mas por fim, cansados de seguir o inimigo, ora fugindo, ora voltando à carga, regressaram para suas tendas, com o estandarte do exército. O condestável Conrado, depois da retirada dos lombardos, lançou-se contra os turcos, com os saxões, os bávaros, os lorenenses e todos os teutões; combateu até quase meio-dia, por fim, oprimido por uma chuva de dardos, devorado pela fome, esgotado pelo cansaço, êle seguiu o exemplo dos cruzados italianos. Estêvão, com os borguinhões, veio por sua vez combater e se retirou do mesmo modo, depois de ter perdido um grande número dos seus. A vitória ia decidir-se pelos turcos, quando o Conde de Blois e o Bispo de Laon, correram com os franceses; não pararam de combater até à noite, e por fim, o cansaço e o esgotamento forçaram-nos a voltar ao acampamento, como tinham feito seus companheiros, deixando um grande número dos seus estendidos na planície. Raimundo de Saint-Gilles foi o último que se apresentou ao combate; depois de ter resistido ao ataque

por alguns instantes, tendo perdido quase todos os cavaleiros provençais, abandonado por seus turcopolos, procurou numa rocha elevada um asilo contra a perseguição dos turcos e deveu sua salvação sòmente ao auxílio generoso do Duque da Borgonha.

Quando chegou a noite, os dois exércitos voltaram para seus acampamentos, colocados a duas milhas um do outro: todos deploravam as perdas e não tinham esperança de vencer o inimigo. De repente, espalhou-se a notícia no exército cristão, de que Raimundo de Saint-Gilles tinha fugido com seus turcopolos e tomado o caminho de Sinope. Um terror pânico então, apoderou-se dos peregrinos e os mais valentes persuadiram-se de que para êles não haveria outra salvação que a fuga. Todos os que podiam fugir, os guerreiros e também a multidão, precipitam-se para fora do acampamento. Essa notícia, levada ao exército dos turcos, que se preparava também para a retirada, reergueu-lhes a coragem, e ao amanhecer, correram êles ao som de trombetas e de clarins. Precipitaram-se, soltando gritos espantosos, para as tendas dos cristãos. Que desolação naquele acampamento, onde só havia senhoras, moças, crianças e doentes! Que desespêro entre tôdas aquelas mulheres abandonadas por seus esposos e parentes, quando viram em redor de si sòmente os bárbaros, de quem se vão tornar prêsa! Nenhuma espada havia ali para defender aquela multidão frágil e trêmula contra a crueldade dos turcos, cuja cabeleira medonha

e aspecto feroz, os tornavam, segundo a expressão de Alberto d'Aix, *semelhantes a espíritos negros e imundos*. Depois de terem saqueado o acampamento, os inimigos começaram a perseguir os peregrinos. Num espaço de três milhas, os fugitivos e os que os perseguiam, caminhavam sôbre moedas de ouro, vasos preciosos, também de ouro e prata, púrpura e panos de sêda. Ao lado dêsses tristes restos do luxo havia por tôda a parte sinais da horrível matança. Em tôdas as regiões que se estendem para Sinope e o mar Negro, não havia então uma planície, um desfiladeiro, um lugar habitado ou deserto, que não tivesse visto correr o sangue dos cristãos. As crônicas do tempo fazem chegar a cento e sessenta mil o número dos peregrinos que morreram sob o ferro dos turcos, ou que pereceram de fome, de cansaço ou de desespêro.

Uma segunda tropa de peregrinos, comandada pelo Conde de Nevers e pelo Conde de Bourges, chegou a Constantinopla, no mês de maio, tinha partido de Nicomédia, na festa de S. João Batista. Êsse exército composto de quinze mil combatentes, trazia consigo, como o precedente, monges, mulheres, crianças e uma multidão de gente sem armas. Chegou a Ancira, depois de duas semanas de marcha; ali, não tendo nenhuma notícia dos lombardos e temendo os caminhos difíceis da Paflagônia, dirigiu-se para a direita e marchou para *Icônio*, que Alberto d'Aix chama de *Stancone*. Os cruzados detiveram-se alguns dias diante da capital da Licaônia, mas não tendo

tempo de se apoderar dela, continuaram a marcha para a cidade de Heracléia (Erécly ou Ercly), na estrada de Tarso. Estava-se então no mês de agôsto, estação quente quando as caravanas mesmas são obrigadas a suspender a marcha; as fontes e as nascentes, por tôda a parte estavam sêcas, mais de trezentos peregrinos morreram de sêde. Informações vagas tinham avisado os cruzados, que havia um rio no país que se estendia diante dêles. Vários subiram então às elevações para observar, mas voltaram dizendo que nada tinham visto do alto dos montes, a não ser a cidade de Heracléia, devorada por um incêndio; os habitantes, que tinham fugido de lá, tinham queimado suas casas, entupido os poços, destruido as cisternas. Então os turcos apareceram; chegavam êles, sempre, quando os peregrinos estavam já meio vencidos, por alguma grande calamidade. Um vale espaçoso, perto da cidade, tornou-se teatro de um grande combate. O irmão do Conde de Nevers, Roberto, que trazia o estandarte do exército, deu o exemplo da fuga; os outros chefes, o Conde de Nevers, mesmo, abandonam a multidão perdida dos peregrinos, fogem para Germanicópolis, cidade da Cilícia; as tendas e as riquezas dos cruzados fugitivos ficaram em poder dos turcos; milhares de mulheres e de crianças caíram nas mãos dos bárbaros e foram levados para Korassan.

Restava um terceiro exército de peregrinos, o de Guilherme de Poitou, ao qual se haviam reunido

o Conde de Vermandois, o Bispo de Clermont, Wolf IV, Duque da Baviera e a Condêssa Ida, margrave da Áustria. Chegando a Constantinopla, os alemães e os aquitânios, nada sabiam do que os cruzados tinham sofrido na Ásia Menor, pois, dizem as velhas crônicas, não se voltava mais daquele país, como se volta do reino dos mortos; no entretanto, tristes pressentimentos preocupavam-nos; uns consideravam a Rumânia como um imenso cemitério, onde desapareciam os povos do Ocidente e queriam dirigir-se por mar, para a Palestina; outros, diziam que as vinganças e as traições de Alexis seguiriam os cruzados no mar e que as tempestades serviriam ainda mais para os projetos dos turcos. "No meio das incertezas mais cruéis, diz Ekkard, via-se o pai separar-se do filho, o irmão de seu irmão, o amigo de seu amigo e nessa separação, onde cada qual tinha por fim salvar a vida, havia mais amargura e tristeza, que não se sente ao morrer: um queria escapar pelo mar, outro atravessar a Rumânia, alguns depois de terem tomado lugar num navio, precipitavam-se para as praias, e, resgatando os cavalos que tinham vendido, corriam para a morte, que queriam evitar". Êsse é o trecho abreviado de um peregrino que partiu do Ocidente com os cruzados teutões; êle mesmo, depois de ter hesitado por muito tempo, tomou o partido de embarcar, e, sem correr nenhum dos perigos que temia, chegou com muitos outros peregrinos ao pôrto de Jafa, *secundado pela clemência divina.*

Guilherme de Poitou e seus companheiros atravessaram o estreito de S. Jorge e dirigiram-se para Nicomédia no tempo da ceifa. Uma multidão inumerável de todos os sexos, idades, condições, seguia seu estandarte. Essa multidão pôs-se em marcha através da Ásia Menor, e tomou o mesmo caminho que Godofredo de Bouillon, na primeira cruzada: o exército de Guilherme de Poitou, apoderou-se, à sua passagem, das cidades de *Filomélio* e de *Salamieh;* desceu depois para Heracléia, para encontrar, diz Alberto d'Aix, um rio, ardentemente desejado; êsse rio, que os companheiros do Conde de Nevers, não tinham podido descobrir, corre a alguma distância de Heracléia. Quando o exército cristão, oprimido pela fadiga e pelo calor, aproximava-se dêle, encontrou os turcos que o esperavam alinhados em batalha, sôbre as duas margens. Depois de um terrível combate, os cristãos vencidos, fugiram e a matança foi espantosa. O Bispo de Clermont, na Auvérnia, o Duque da Baviera, o Conde de Poitou, escaparam quase sòzinhos, à espada dos turcos, fugindo através das montanhas e por desfiladeiros desconhecidos. O Duque de Vermandois, ferido por duas flechas, foi morrer em Tarso e sepultado na igreja de S. Paulo. A margrave da Áustria, e um grande número de ilustres matronas desapareceram no tumulto do combate e da fuga. Uns diziam que a margrave tinha sido esmagada pelas patas dos cavalos, outros, que os turcos a tinham levado para Korassan, país, diz

Alberto d'Aix, que montanhas e pantanais separavam do resto do mundo e no qual os cristãos cativos ficavam *presos como ovelhas num redil.*

Assim desapareceram três grandes exércitos, que eram como outras tantas nações. Pereceram todos da mesma maneira, pela imprevidência de seus chefes, pela indisciplina de seus soldados e entregaram-se por si mesmos à espada exterminadora dos turcos. Na primeira cruzada, havia acontecido também graves desgraças, que foram, por vêzes, gloriosas; agora, só vemos calamidades. A multidão que acompanhava os cruzados, contribuiu sem dúvida, muito, para os desastres. O mal havia-se originado, de tantas ilusões que se haviam concebido na Europa, sôbre as vitórias dos primeiros cruzados. Todos queriam partir porque estavam persuadidos de que não havia mais na Ásia nem turcos nem sarracenos e que bastava pôr-se a caminho para se chegar, sem obstáculo e sem perigo a Jerusalém.

A história contemporânea nos diz, que, nessa infeliz expedição, quatrocentos mil peregrinos *saíram dêste mundo perecível para viver eternamente no seio de Deus.* Os cronistas não contam os que os turcos levaram para a escravidão; de tôdas as mulheres que haviam partido, e seu número devia ser grande, nem uma pôde rever a família. Os cruzados que escaparam à matança, retiraram-se, uns para Constantinopla, outros para Antioquia; veremos no livro seguinte os tristes resíduos dessa cruzada, chegar ao

reino de Jerusalém, onde vários príncipes salvos milagrosamente da espada dos turcos, perderam a liberdade ou a vida, combatendo os egípcios. O Duque da Baviera morreu e foi sepultado na ilha de Chipre; Harpin de Bourges que voltou à França, fêz-se monge de Cluni. Guilherme de Poitou para se consolar, pelas desgraças da cruzada, fê-la objeto de suas canções e muitas vêzes, diz Orderico Vital, repetiu suas queixas harmoniosas na presença dos reis, dos grandes e das sociedades cristãs.

Detenhamo-nos uns instantes ante o espetáculo que se acaba de realizar e que tivemos sob nossas vistas, no qual vemos duas religiões disputar o mundo com as armas na mão; voltemos atrás nossos olhos e vejamos o que aquela grande revolução das guerras santas produziu para as gerações contemporâneas e o que ela devia deixar depois de si, para os povos do Ocidente.

Muitas vêzes repetimos, falando desta primeira guerra santa, onde o Oriente viu um exército de seiscentos mil cruzados, que Alexandre, tinha conquistado a Ásia com trinta mil homens; sem repetirmos o que já foi dito, limitar-nos-emos a fazer observar que os gregos de Alexandre, em sua invasão do Oriente, só tinham que combater contra os persas, nação efeminada e que a Grécia desprezava, enquanto que os cruzados tiveram que combater contra uma multidão de povos desconhecidos e que, chegando à

Ásia tiveram que se haver com várias nações de conquistadores.

Não é demais dizer-se que aqui duas religiões armaram-se uma contra a outra; entre os cristãos e os muçulmanos, só poderia haver uma guerra de extermínio; se as guerras religiosas são sempre as mais sangrentas, são também as mais difíceis para o vencedor estender ou conservar as conquistas. Essa observação é muito importante para apreciarmos o resultado e mesmo o caráter da primeira cruzada e das que a seguiram.

O que os homens esclarecidos não podiam compreender nesse grande movimento de nações, era o motivo milagroso que animava os chefes e os soldados. "Que pensar, diz o Abade Guibert, que escrevia alguns anos depois da cruzada, ao ver os povos agitarem-se, e, fechando seu coração a tôdas as afeições humanas, lançarem-se de repente num exílio, para derrotar os inimigos do nome de Cristo, transpor o mundo latino e os limites do mundo conhecido, com mais ardor e alegria, do que jamais demonstraram os homens quando correm para alguma festa ou prazer?" O mesmo cronista acrescenta que, no seu tempo, não se fazia mais a guerra a não ser levado pela ambição e pela avareza, e por paixões profanas e odiosas; como o ardor dos combates era mais ou menos geral e arrebatava as populações (é sempre a idéia do Abade Guibert), Deus suscitou novas guerras, que seriam empreendidas pela glória do seu nome e que

êle mesmo conduziria, guerras santas que ofereceriam um meio de salvação aos cavaleiros e aos povos, guerras, onde os que tinham abraçado a profissão das armas, poderiam, sem renunciar aos seus hábitos e sem encontrar obstáculos, de qualquer espécie, *sair do século,* obter a misericórdia divina. Com efeito, desde que a guerra se viu assim santificada, todos correram para ela e quiseram marchar sob as bandeiras de Deus.

Um dos caracteres maravilhosos dessa cruzada, é que ela foi anunciada antecipadamente, quase em todo o universo. Quando as revoluções estão para acontecer, um secreto pressentimento se apodera dos povos. Sabemos os mil prodígios que tinham precedido o belicoso despertar da Europa cristã. Os muçulmanos tiveram-lhe também os presságios; vários sinais vistos no céu lhes haviam anunciado que o Ocidente ia se levantar contra êles. Durante a permanência de Roberto, o Frisão, em Jerusalém, doze anos antes do concílio de Clermont, todos os chefes do povo muçulmano haviam se reunido, desde a manhã até à noite, na mesquita de Omar; lá haviam estudado nos livros de sua lei as ameaças proféticas das constelações; souberam com conjeturas quase certas, que *homens de condição cristã* viriam a Jerusalém e se apoderariam de todo o país, depois de grandes vitórias; mas não se conseguiu saber em que tempo se verificariam tão sinistros presságios. Assim, à

medida que o tempo se aproximava, o Ocidente e o Oriente, esperavam vagamente grandes coisas.

No religioso ardor que abrasou o fim do século XI, duas paixões dividiram a sociedade cristã: a primeira impelia os homens à vida solitária e contemplativa; a outra os levava a percorrer o mundo e a procurar a remissão de seus pecados no tumulto e no torvelinho das guerras santas. Por um lado, dizia-se aos cristãos: "É na solidão que se encontra a salvação, é lá que o senhor distribue suas graças, é lá que o homem se torna melhor e mais digno da misericórdia divina." Por outro lado, repetiam-lhe sem cessar: "Deus vos chama em sua defesa; é no tumulto dos campos de batalha, nos perigos da guerra santa, que obtereis as bênçãos do céu". Estas duas opiniões tão opostas eram pregadas com o mesmo êxito e encontravam partidários em tôdas as camadas do povo, apóstolos e mártires. Entre os mais fervorosos dos fiéis, uns não viam outro meio de agradar a Deus, que sepultar-se no deserto; outros julgavam santificar sua vida percorrendo com a espada na mão e a cruz sôbre o peito, as regiões mais afastadas. A necessidade da solidão e o zêlo da guerra sagrada eram tão ardentes, que jamais a Europa viu tantos solitários e tantos soldados, jamais se viram erigir tantos mosteiros como no século XII e jamais se viram tantos e tão numerosos como formidáveis exércitos. Não procuraremos caracterizar êsse estranho contraste; mas, parece-nos que um único homem seria

aqui suficiente para explicar todo um século e êsse homem é Pedro, o Eremita. Lembremo-nos de que o pregador da cruzada obedeceu ora a uma, ora à outra das opiniões do seu tempo. Dotado de imaginação ardente, com espírito volúvel e irrequieto, dedicou-se antes à vida austera dos cenobitas e em seguida, apresentou-se no meio daquela multidão que tinha tomado as armas à sua voz, e voltou para finalmente morrer num claustro. Pedro, o Eremita, foi então eminentemente o homem dos tempos em que viveu, e por isso êle exerceu tão grande influência sôbre seus contemporâneos. Nós dissemos várias vêzes e tivemos ocasião de notar como freqüentemente os homens que passam à posteridade por terem dominado seu século, são os que por primeiro, se deixaram dominar, êles mesmos, e dêle se mostraram seus mais apaixonados intérpretes.

Um dos resultados dessa cruzada, foi levar o espanto e o terror para o seio das nações muçulmanas e colocá-las por muito tempo na impossibilidade de tentar algum empreendimento contra o Ocidente. Graças às vitórias dos cruzados, o império grego recuou seus limites e Constantinopla, que era o caminho do Ocidente para os muçulmanos, ficou a salvo de seu ataque. Nessa expedição longínqua, a Europa perdeu a fina flor de sua população; mas não foi como a Ásia, o teatro de uma guerra sangrenta e desastrosa, de uma guerra na qual nada era respeitado, onde as cidades e as províncias eram ora devas-

tadas pelos vencedores ora pelos vencidos. Enquanto os guerreiros vindos da Europa derramavam seu sangue nos países do Oriente, o Ocidente vivia em profunda paz. Entre os povos cristãos, considerava-se então um crime, usar armas por outro motivo, que não por Jesus Cristo. Essa opinião contribuiu muito para acabar com o banditismo e para fazer respeitar a *trégua de Deus,* que foi, na Idade Média, o germe ou o sinal de melhores instituições. Fôssem quais fôssem os reveses da cruzada, eram êles menos deploráveis que as guerras civis e os flagelos da anarquia feudal que tinham por muito tempo devastado tôdas as regiões do Ocidente.

Essa primeira cruzada trouxe outras vantagens para a Europa. O Oriente, na guerra santa, de algum modo foi revelado ao Ocidente, que muito mal o conhecia. O Mediterrâneo foi mais freqüentado pelos navios europeus; a navegação fêz algum progresso, e o comércio, principalmente o dos pisanos e genoveses, aumentou e se enriqueceu com a fundação do reino de Jerusalém. Uma grande parte, é verdade, do ouro e da prata que se encontrava na Europa, tinha sido levada à Ásia, pelos cruzados; mas êsses tesouros, escapados pelo temor ou pela ambição, estavam perdidos há muito tempo para a circulação; o ouro que não foi levado na cruzada, circulou mais livremente e a Europa, com uma menor quantidade de dinheiro, parecia na verdade, mais rica do que jamais o tinha sido.

Nós não vemos, embora se tenha dito, que, na primeira guerra santa a Europa tenha recebido grandes luzes do Oriente. Durante o século XI a Ásia se tinha tornado teatro das mais espantosas revoluções. Nessa época, os sarracenos e principalmente os turcos não cultivavam as artes e as ciências. Os cruzados com êles só tiveram relações belicosas, numa guerra terrível. Por outro lado, os francos desprezavam muito os gregos, entre os quais além disso, as ciências e as artes estavam em decadência, para dêles receber qualquer gênero de instrução. No entretanto, como os sucessos da cruzada tinham impressionado vivamente a imaginação dos povos, êsse espetáculo grandioso e imponente, era bastante para dar uma espécie de impulso ao espírito humano no Oriente.

Falaremos alhures do caráter dessa cruzada; diremos sòmente, aqui, algumas palavras sôbre o bem que ela pôde fazer à geração contemporânea. Sabemos bastante de quantos males foi acompanhada. Os desastres mais nos ferem na história e não temos necessidade de recordá-los, mas o bem e seus progressos insensíveis são menos fáceis de se perceber.

O primeiro resultado da cruzada para a França, foi a glória de nossos antepassados: quantos nomes ilustres nessa guerra! As recordações gloriosas são um proveito real, pois fundem a existência das nações com a das famílias. Não nos esquecemos do apêlo que o Papa Urbano fêz à nação belicosa dos francos e a história narra os prodígios com os quais êstes

responderam ao apêlo do pontífice. Um cronista nos diz que Deus, nessa ocasião, rejeitou os grandes monarcas da terra e não quis associar aos seus desígnios, senão a França, que estava pura na sua presença, pois nenhuma heresia até então tinha manchado o seu povo. O Abade Guibert que tinha escolhido para título de sua história estas palavras: *Gesta Dei per Francos* (Feitos de Deus, pelos francos) expressou ao mesmo tempo o pensamento de seus contemporâneos como o da posteridade.

O que havia de mais interessante no tempo dos cruzados, é que o mundo julgava-se velho e perto do seu declínio: Guibert admirava-se de que as maravilhas, como as de que se era testemunha, tivessem acontecido num tempo de decrepitude. A conquista de Jerusalém, por fim, sepultou os espíritos e os avisou de que o mundo não estava no fim, e que uma grande revolução ia começar para renovar o Oriente e o Ocidente. "Nós sabemos, e não duvidamos, diz Guibert, que Deus não empreendeu estas coisas para a salvação de uma única cidade, mas Êle lançou em tôda a parte, sementes, que produzirão muitos frutos." De todos os lados, já todos se entregavam com ardor ao estudo da gramática: o número sempre crescente de escolas tornava-lhes fácil o acesso, mesmo aos homens mais rudes; o Abade de Nogent, começando sua história, declara que êle quer ornar o seu estilo e que seu intento é produzir um livro digno do tempo em que êle escreve e principal-

mente as maravilhas que êle vai celebrar. Outros escritores tinham já começado a traçar a história dessa época memorável.

Antes da primeira cruzada, a ciência da legislação, que é a primeira e a mais importante de tôdas, tinha feito pequeno progresso. Algumas cidades da Itália e as províncias próximas dos Pireneus, onde os gôdos tinham feito florescer as leis romanas, viam, sòzinhos, renascer alguns vislumbres de suas civilizações. Entre os decretos e as determinações que Gastão de Béarn tinha reunido, antes de partir para a cruzada, encontramos disposições que merecem ser conservadas pela história, porque nos apresentam os frágeis começos de uma legislação, que o tempo e felizes circunstâncias deviam aperfeiçoar. *A paz,* — diz êsse legislador, do século XI, — *será mantida em todos os tempos pelos clérigos, monges viajantes, senhoras e por seus sucessores. — Se alguém se refugiar junto de uma senhora, terá segurança, à sua pessoa, pagando a multa. — Que a paz esteja com o rústico; que seus bois e seus instrumentos de lavoura não possam ser arrebatados.* Estas disposições benéficas eram inspiradas pelo espírito de cavalaria, que tinha feito progresso nas guerras contra os sarracenos na Espanha; elas eram sobretudo obra dos concílios, que tinham determinado acabar com a guerra entre os particulares e os excessos da anarquia feudal. As guerras santas de além-mar terminaram o que a cavalaria tinha começado e aperfeiçoaram a mesma cava-

laria. O concílio de Clermont e a cruzada que o seguiu, desenvolveram e consolidaram tudo o que os concílios precedentes, tudo o que os mais sensatos dos senhores e dos príncipes tinham feito pela humanidade.

Vários príncipes cruzados, como o Duque da Bretanha, Roberto, Conde de Flandres, marcaram seu regresso por sábias determinações. Algumas instituições salutares começaram a tomar o lugar dos abusos violentos da feudalidade.

Foi principalmente na França que se notaram essas mudanças. Muitos senhores tinham libertado seus servos, que os seguiam depois à santa expedição. Giraud e Giraudet Ademar de Montheil, que tinha seguido seu irmão, Bispo de Puy, à guerra santa, para encorajar e recompensar alguns de seus vassalos de que estavam acompanhados, concederam-lhes diversos feudos por um ato passado no mesmo ano da tomada de Jerusalém. Poder-se-iam citar vários atos semelhantes feitos durante a cruzada e nos primeiros anos que a seguiram. A liberdade esperava no Ocidente o pequeno número de cruzados que voltava da guerra santa e que parecia não ter outro Senhor, que Jesus Cristo.

O Rei da França, embora tivesse estado por muito tempo sob as censuras da igreja e não se distinguisse por nenhuma qualidade pessoal, teve um reino mais feliz e mais tranqüilo que seus predecessores. Começou a sacudir o jugo dos grandes vassalos

da coroa, vários dos quais estavam arruinados ou tinham perecido na guerra santa. Muitas vêzes repetimos que a cruzada pôs enormes riquezas nas mãos do clero; é um fato que não se poderia negar embora não seja igualmente verdade, para as guerras santas que se seguiram: mas não se poderia dizer que o clero era então a parte mais esclarecida da nação e que êsse acréscimo de prosperidade estava na natureza das coisas? Depois da primeira cruzada podemos notar o que se vê em todos os povos que marcham para a civilização: o poder tendia a se centralizar nas mãos daquele que devia proteger a sociedade; a glória foi a partilha daqueles que eram chamados a defender a pátria; a consideração e a riqueza dirigiram-se para a classe pela qual deviam chegar as luzes.

Várias cidades da Itália tinham chegado a um certo grau de civilização antes da cruzada; mas essa civilização fundada sôbre a imitação dos gregos e dos romanos, muito mais do que sôbre seus costumes, o caráter e a religião dos povos, apresentava de algum modo acidentes passageiros, semelhantes às luzes repentinas que aparecem no céu e brilham por alguns momentos durante a noite. Mostraremos, nas considerações gerais que terminam esta obra, como tôdas estas repúblicas esparsas e divididas entre si, como tôdas essas legislações, sòmente trazidas dos antigos, como tôdas essas liberdades precoces, que não tinham nascido do solo e não estavam de acôrdo com o

espírito do tempo, prejudicaram a independência da Itália nas idades modernas. Para que a civilização produza seus salutares efeitos e os benefícios sejam duradouros, é necessário que ela tenha suas raízes nos sentimentos e nas opiniões dominantes de uma nação e que nasça, por assim dizer, da mesma sociedade. Seus progressos não poderiam ser improvisados, e tudo deve tender ao mesmo tempo para a mesma perfeição. As luzes, as leis, os costumes, o poder, tudo deve caminhar junto. Foi o que aconteceu na França; também a França deveria ser um dia o modêlo e o centro da civilização na Europa. As guerras santas contribuíram muito para essa feliz revolução e pudemos percebê-lo desde a primeira cruzada.

LIVRO QUINTO

HISTÓRIA DO REINO DE JERUSALÉM

1099-1146

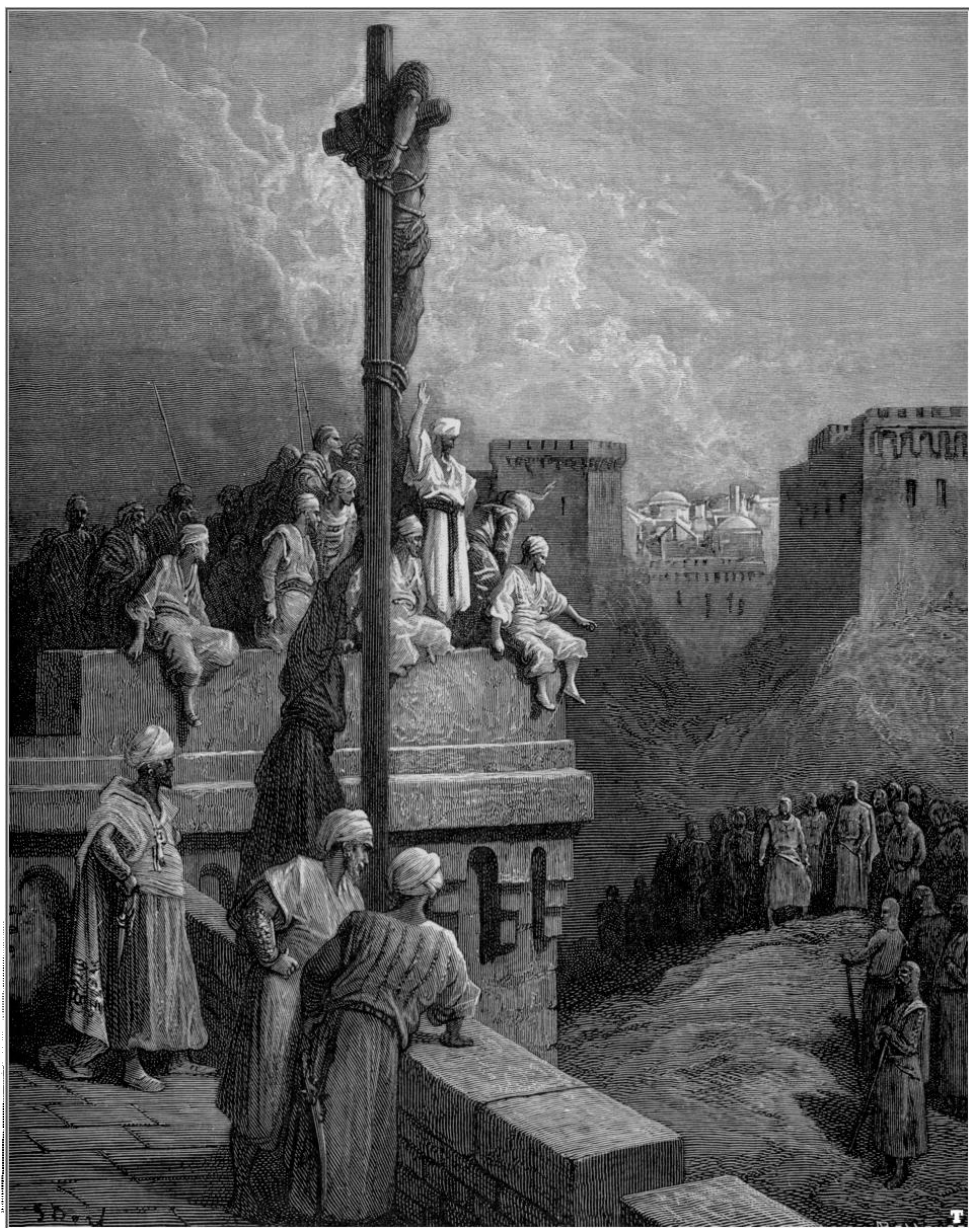
Godofredo manda Tancredo para a Galiléia; êle mesmo em vão cerca Arsur; chegada de Balduino e de Bohémond; o arcebispo Daimbert, as Assembléias de Jerusalém; situação do reino; morte de Godofredo; Balduino sucede-o; empreendimentos guerreiros dêsse príncipe; seu cuidado para restabelecer o reino das leis; os genoveses ajudam-no a tomar Cesaréia; vantagens contrabalançadas com reveses; tomada de Tolemaida; posição crítica do principado de Antioquia e do condado de Edessa; tomada de Trípoli; Balduino leva a guerra ao Egito; morre; Balduino de Borg sobe ao trono; expulsa os muçulmanos do território de Antioquia; feito prisioneiro, é libertado por sua esperteza; os sarracenos do Egito batidos por Eustáquio d'Agrain; papel dos venezianos na primeira cruzada; situação geral; os ismaelianos ou assassinos; cavaleiros de São João e cavaleiros do Templo; Balduino é vencido diante de Damasco; sua morte; Foulques, conde de Anjou, é proclamado rei; traição do conde de Joppé; é castigado por isso; João Comeno tenta apoderar-se de Antioquia, depois une-se aos latinos; o rei morre; Balduino III, seu filho e sucessor, é derrotado na tentativa contra Bosrha; os muçulmanos destroem Edessa.

O país no qual os cruzados acabavam de se estabelecer, e que as recordações da religião tornavam caro aos povos do Ocidente, formava, na antiguidade, o reino de Israel. Quando essa região foi submetida às águias romanas, seus novos senhores acrescentaram ao nome que lhe haviam dado os judeus, o de Palestina. Tinha por limites ao sul, o deserto arenoso que separa a Judéia do Egito; ao oriente, o país da Arábia; era limitada ao ocidente pelo Mediterrâneo e ao norte pelas montanhas do Líbano.

No tempo das cruzadas, como hoje, uma grande parte do solo da Palestina apresentava o aspecto de uma terra sôbre a qual tinham caído as maldições do céu. Essa terra, outrora, dada ao povo escolhido de Deus, tinha várias vêzes mudado de habitantes: tôdas as seitas, tôdas as dinastias muçulmanas lhe tinham disputado a posse pelas armas; as revoluções e a guerra tinham amontoado as ruínas na capital e na maior parte das cidades; as crenças dos povos muçulmanos e dos povos cristãos pareciam sòmente dar algum valor à conquista da Judéia; a história deve defender-se do exagêro com o qual certos viajantes falaram da esterilidade dêsse infeliz país.

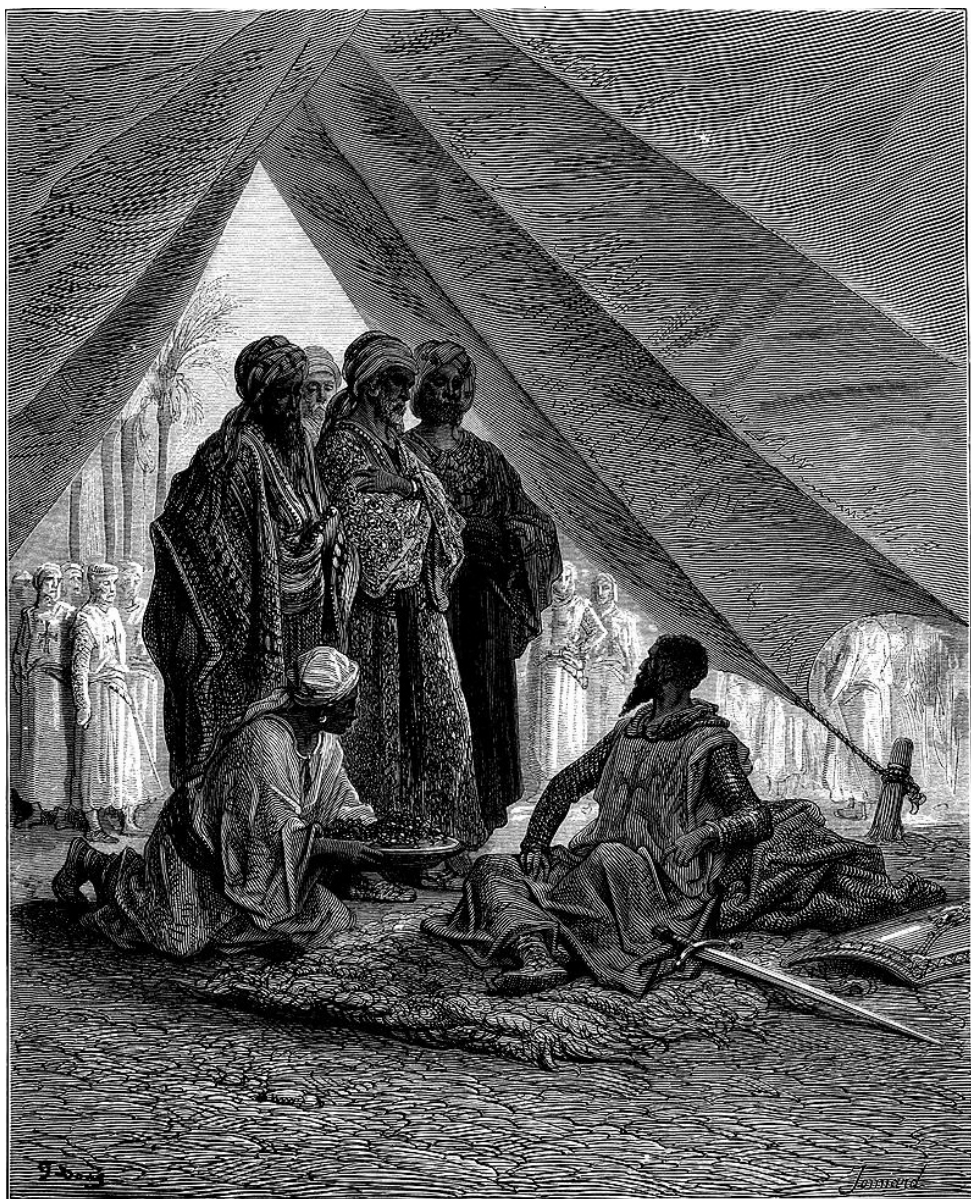
No estado em que se achava a Judéia, se seu território tivesse sido submetido inteiro às leis de Godofredo, o novo rei teria podido rivalizar em poder com a maior parte dos príncipes muçulmanos da Ásia; mas o reino nascente de Jerusalém era formado sòmente pela capital e por uma vintena de cidades ou aldeias da vizinhança. Várias daquelas cidades estavam separadas umas das outras pelas praças que os infiéis ainda ocupavam. Uma fortaleza em poder dos cristãos estava perto de uma fortaleza onde balouçavam-se os estandartes de Maomé. Nos campos habitavam os turcos bem como árabes e egípcios, que se reuniam para fazer guerra aos súditos de Godofredo. Êstes eram ameaçados, até mesmo nas cidades, quase sempre mal defendidas e estavam sempre expostos a tôdas as violências da guerra. As terras continuavam incultas, tôdas as comunicações estavam interrompidas. No meio de tantos perigos, muitos latinos abandonavam as propriedades que a vitória lhes havia dado, e para que o país conquistado não ficasse sem habitantes, principalmente no momento do perigo, fóram obrigados a fortalecer o amor da nova pátria com o interêsse da propriedade. Todos os que tinham morado um ano e um dia numa mesma casa e numa terra cultivada, deviam ser reconhecidos como seus legítimos possuídores; todos os direitos de posse ficavam aniquilados por uma ausência da mesma duração.

O primeiro cuidado de Godofredo foi reprimir as hostilidades dos muçulmanos e de aumentar a extensão do reino, cuja defesa lhe havia sido confiada. Por sua ordem, Tancredo entrou na Galiléia e apoderou-se de Tiberíades e de várias outras cidades vizinhas do Jordão. Como prêmio do seu trabalho, obteve a posse do país que acabava de conquistar e que, em seguida foi erigido a principado.

Arsur, cidade marítima situada entre Cesaréia e Joppé, recusava pagar o tributo impôsto, depois da vitória de Ascalon: Godofredo e seus cavaleiros foram sitiar a praça. Já os aríetes e as tôrres rolantes estavam colocadas diante dos muros; vários assaltos tinham sido dados, quando os habitantes da cidade empregaram um meio de defesa que não era esperado; Gerard d'Avesnes, que lhes havia sido dado como refém por Godofredo, foi atado à ponta de um mastro muito alto, que colocaram diante das muralhas, para onde se deviam dirigir todos os ataques dos cristãos. À vista de uma morte inevitável e sem glória, êsse infeliz cavaleiro soltava gritos dolorosos, rogando ao seu amigo Godofredo que lhe salvasse a vida por uma retirada voluntária. Êsse espetáculo cruel partiu a alma do rei de Jerusalém, mas não abalou sua firmeza, nem sua coragem. Veio êle para perto de Gerard d'Avesnes, para que o ouvisse, e exortou-o a merecer por sua resignação a coroa do martírio. "Eu não vos posso salvar, disse-lhe êle; quando mesmo meu irmão Eustáquio estivesse em vosso lugar, eu

Gerard exposto sôbre as muralhas de Arsur.

não poderia livrá-lo da morte. Morrei, pois, ilustre e bravo cavaleiro, com a resignação de um herói cristão. Morrei para a salvação dos vossos irmãos e para a glória de Jesus Cristo." Estas palavras de Godofredo deram a Gerard a coragem para morrer; recomendou aos seus antigos companheiros que oferecessem ao santo sepulcro seu cavalo de batalha e suas armas e pediu que se fizessem orações pela salvação de sua alma.

Godofredo e todos os guerreiros atacaram vigorosamente a cidade; mas foram repelidos. A neve e as chuvas do inverno vieram obrigá-los a levantar o cêrco. Godofredo voltou tristemente a Jerusalém com seus cavaleiros, deplorando a morte inútil de seu companheiro de armas. Mas, uma semana ou duas depois de sua volta à cidade santa, qual não foi a sua surprêsa e sua alegria, por ver chegar sôbre um lindo cavalo o bravo Gerard d'Avesnes, cuja morte êle lamentava: os habitantes de Arsur, comovidos pela firmeza e pela heróica resignação do cavaleiro francês, haviam-no tirado do mastro, onde estava pendurado e o tinham feito levar ao emir de Ascalon, que o devolveu ao rei de Jerusalém. Godofredo recebeu-o com grande alegria e para recompensar o seu devotamento, deu-lhe o castelo de Santo Abraão, construído nas montanhas da Judéia, à sudeste de Jerusalém.

Durante o mesmo cêrco, vários emires vieram das montanhas de Naplusa e da Samaria, cumpri-

Vários emires vêm saudar Godofredo.

mentar Godofredo e oferecer-lhe presentes, como figos e uvas, secos ao sol. O rei de Jerusalém estava sentado por terra, sôbre um saco de palha, sem aparato, nem guardas. Os emires demonstraram sua surprêsa e perguntaram como um tão grande príncipe, cujas armas tinham abalado o Oriente estava humildemente por terra, não tendo nem mesmo um travesseiro de sêda, nem um tapête de damasco. "A terra de onde temos nossa origem e que deve ser nossa última morada, depois da morte, respondeu Godofredo, nos não poderá servir de trono durante a vida?" Esta resposta que parecia ter sido ditada pelo mesmo gênio dos orientais, não pôde deixar de impressionar vivamente os emires. Cheios de admiração por tudo o que tinham visto e ouvido, deixaram Godofredo desejando sua amizade; em Samaria muito se admiraram de que êle mostrasse tanta simplicidade e sabedoria, entre os homens do Ocidente.

Ao mesmo tempo, narravam-se muitas maravilhas, sôbre a fôrça de Godofredo: haviam-no visto, com um só golpe de espada, cortar a cabeça de um dos maiores camelos. Um emir poderoso, entre os árabes, quis julgar o fato, êle mesmo e veio pedir ao príncipe cristão, que renovasse na sua presença, o prodígio. Godofredo assentiu ao pedido do emir, satisfez-lhe a curiosidade e com um só golpe decepou a cabeça de um camelo que lhe haviam trazido. Como os árabes pareciam crer que havia algum encantamento na espada de Godofredo, êle tomou a

espada do emir e a cabeça de um segundo camelo rolou na areia. O emir então declarou solenemente que tudo o que lhe haviam dito do chefe dos cristãos era verdadeiro e que jamais homem algum fôra mais digno de governar do que êle. Eu vi, na Igreja do Santo Sepulcro, essa terrível espada, que, ora decepava cabeça de camelos, ora partia e fendia ao meio, gigantes sarracenos.

Quando Godofredo voltou a Jerusalém, soube que Balduino, conde de Edessa e Bohémond, príncipe de Antioquia, estavam em viagem para visitar os santos lugares. Lembremo-nos de que êsses dois chefes da primeira cruzada, não tinham seguido seus irmãos de armas para a conquista da cidade santa; êles vinham a Jerusalém acompanhados de um grande número de cavaleiros e de soldados da cruz, que haviam ficado como êles para a defesa do país conquistado e se mostravam impacientes por terminar a peregrinação. A êsses ilustres guerreiros uniu-se uma multidão de cristãos, vindos da Itália e de várias regiões do Ocidente. Essa piedosa caravana que contava vinte e cinco mil peregrinos, muito teve que sofrer nas costas da Fenícia, mas quando viram Jerusalém, diz Foulcher de Chartres, que acompanhava Balduino, conde de Edessa, tôdas as misérias que tinham sofrido *foram esquecidas*. A história contemporânea diz que Godofredo "*muito contente por receber seu irmão Balduino, homenageou magnìficamente os príncipes durante todo o inverno*".

Daimbert, arcebispo de *Pisa,* tinha chegado com Balduino, conde de Edessa e Bohémond, príncipe de Antioquia; à fôrça de presentes e de promessas, fêz-se nomear patriarca de Jerusalém, no lugar de Arnould de Rohes. Êsse prelado, educado à escola de Gregório VII, sustentava com ardor as pretensões da Santa Sé. Sua ambição não tardou a lançar a perturbação entre os cristãos, nos mesmos lugares onde Jesus Cristo tinha dito que seu reino não é dêste mundo, aquêle, que se proclamava seu vigário, quis reinar com Godofredo e pediu a soberania de uma parte de Joppé e do bairro de Jerusalém chamado do Santo Sepulcro. Depois de alguns debates, o piedoso Godofredo concedeu o que lhe pediam, em nome de Deus, e, se acreditarmos no testemunho de Guilherme de Tiro, o novo rei declarou, no dia da Páscoa, diante de todo o povo reunido no Santo Sepulcro, que a tôrre de Davi e a cidade de Jerusalém pertenceriam, em tôda soberania, à Igreja, se êle morresse sem posteridade.

Dissemos em que estado se encontrava o reino de Godofredo; acrescentaremos que o novo rei contava entre seus súditos, armênios, gregos, judeus, árabes, renegados de tôdas as religiões, aventureiros de todos os países. O Estado confiado aos seus cuidados, era como um lugar de passagem e tinha como guardas e defensores sòmente viajantes e estrangeiros. Era o lugar de reunião de grandes pecadores, que para lá tinham ido, a fim de aplacar a cólera

de Deus e o asilo dos criminosos que se esquivavam da justiça dos homens. Uns e outros, eram igualmente perigosos, quando as circunstâncias lhes despertavam as paixões e quando o temor ou o arrependimento davam lugar a novas tentações. Godofredo, segundo o espírito dos costumes feudais e as leis da guerra, tinha distribuído as terras conquistadas aos companheiros de suas vitórias. Os novos senhores de Joppé, de Tiberíades, de Ramla, de Naplusa, mal reconheciam a autoridade real. O clero, sustentado pelo exemplo do patriarca de Jerusalém, falava como senhor e os bispos exerciam, como os barões, um poder temporal. Uns atribuíam a conquista do reino ao seu valor, outros, às suas orações; cada qual reclamava o prêmio de sua piedade ou de seus trabalhos; a maior parte pretendia o domínio; todos, a independência.

O tempo de opor um govêrno regular a tôdas essas desordens, tinha chegado. Godofredo escolheu o momento em que os príncipes latinos estavam reunidos em Jerusalém. Homens sábios e piedosos foram convocados ao palácio de Salomão e encarregados de redigir um código das leis para o novo reino. As condições impostas para a posse da terra, os serviços militares dos feudos, as obrigações recíprocas do rei e dos senhores, dos grandes e dos pequenos vassalos, tudo isso foi estabelecido e regulado segundo os costumes dos francos. Mas, principalmente os súditos de Godofredo, pediam juízes, para resolver

as questões e proteger os direitos de cada qual. Foram instituídas duas côrtes de justiça: uma, presidida pelo rei, e composta pela nobreza, devia pronunciar-se sôbre as questões dos grandes vassalos; a outra, presidida pelo visconde de Jerusalém, e formada pelos principais habitantes de cada cidade, devia regrar os interêsses e os direitos da burguesia ou das comunas. Instituíram uma terceira côrte, reservada aos cristãos orientais; os juízes eram nascidos na Síria, falavam-lhes a língua e pronunciavam as sentenças de acôrdo com as leis e os costumes do país. As leis que se davam à cidade de Davi foram sem dúvida um espetáculo novo para a Ásia. Tornaram-se bem depressa motivo de instrução mesmo para a Europa, que se admirou por encontrar, além dos mares suas próprias instituições modificadas pelos costumes do Oriente e pelo espírito da guerra santa. Essa legislação de Godofredo, a menos imperfeita que se viu até então, entre os francos, e que aumentou e melhorou nos reinados seguintes, foi deposta com grande pompa na Igreja da Ressurreição, e tomou o nome de *Assembléias de Jerusalém ou Cartas do Santo Sepulcro.*

Ao aproximar-se da primavera, Bohémond e Balduino deixaram a cidade santa; os peregrinos foram primeiro apanhar palmas nas planícies de Jericó; visitaram depois, o Jordão, detiveram-se alguns dias em Tiberíades, onde foram magnìficamente recebidos por Tancredo. A caravana dos príncipes voltou por Cesaréia de Filipe, ou Panéias, por Balbec e Tortosa,

a Laodicéia, então sob o domínio de Raimundo de Saint-Gilles. Lá, os peregrinos da Itália, embarcaram nos navios de Gênova e de *Pisa*; Balduino tomou o caminho de Edessa e Bohémond o de Antioquia.

Godofredo ficou sòzinho em Jerusalém; êle encontrava-se numa cidade em ruínas, num país devastado. O povo da cidade santa jazia em extrema pobreza. Godofredo, mais pobre ainda que seus mesmos súditos, não tinha com que pagar o pequeno número de seus fiéis guerreiros. Durante a guerra se havia vivido sòmente com os despojos do inimigo; na paz, só se vivia do temor que se havia inspirado durante a guerra. A história contemporânea nos faz conhecer que império exercia então sôbre os povos vizinhos a única recordação das vitórias obtidas pelos soldados da cruz. Os infiéis, tomados de espanto, diz Alberto d'Aix, nada melhor acharam para fazer do que mandar uma embaixada a Ascalon, de Cesaréia e de Tolemaida, a Godofredo, para saudá-lo da parte daquelas cidades. A mensagem estava assim redigida: "O EMIR DE ASCALON, O EMIR DE CESARÉIA E O EMIR DE TOLEMAIDA AO DUQUE GODOFREDO E A TODOS OS OUTROS, SAUDAÇÃO. — *Nós te suplicamos, mui glorioso duque e muito magnífico, que, por tua vontade, nossos cidadãos possam sair para seus negócios em paz e segurança. Nós te mandamos dez bons cavalos e três boas mulas, e todos os meses te ofereceremos a título de tributo, cinco mil*

bizantinos." Devemos notar aqui que nenhuma dessas cidades era mais bem fortificada e tinha mais meios de defesa, que Jerusalém.

Godofredo foi várias vêzes em auxílio de Tancredo, que estava em guerra com os emires da Galiléia; o rei de Jerusalém levou suas armas vitoriosas além do Líbano, até os muros de Damasco; êle fêz ao mesmo tempo várias outras incursões na Arábia, de onde voltava sempre com um grande número de escravos, cavalos e camelos. Sua fama estendia-se cada vez mais: comparavam-no a Judas Macabeu pelo valor, a Sansão pela fôrça de seu braço e a Salomão pela sabedoria de seus conselhos. Os francos que haviam ficado com êle abençoavam seu reinado e sob sua dominação paterna, êles esqueciam até sua antiga pátria; os sírios, os gregos, os muçulmanos mesmo, estavam persuadidos de que com tão bom príncipe o poder cristão, no Oriente, não podia deixar de se firmar. Mas Deus não permitiu que Godofredo vivesse bastante, para terminar o que tinha tão gloriosamente começado.

No mês de junho de 1100, êle voltava de uma expedição além do Jordão; seguia a orla marítima e se dirigia a Joppé, quando caiu doente. O emir de Cesaréia veio ao seu encontro e apresentou-lhe frutos da estação; Godofredo só pôde aceitar uma maçã de cedro. Chegando a Joppé não tinha mais fôrça para ficar a cavalo. "Quatro de seus parentes o assistiam, diz uma crônica contemporânea: uns tratavam-lhe os

pés, outros aqueciam-no, outros faziam-no encostar a cabeça ao seu peito, outros choravam e lamentavam-se temendo perder êsse príncipe ilustre, num exílio longínquo." Um grande número de peregrinos de Veneza, com seu doge e seu bispo, havia acabado de chegar ao pôrto de Joppé; ofereceram sua frota para ajudar os cristãos da Palestina a conquistar algumas cidades marítimas. Nas primeiras reuniões, falaram de sitiar Caifas, construída ao pé do Carmelo. Godofredo ocupou-se êle mesmo com os preparativos do cêrco e prometeu estar lá; mas sua doença aumentava cada vez mais e êle foi obrigado a se fazer levar em liteira a Jerusalém. Todo o povo chorava à sua passagem e corria às igrejas para pedir a Deus a sua cura. Godofredo ficou enfêrmo durante cinco semanas. Embora consumido pelo sofrimento, êle admitia junto de si, a todos os que lhe queriam falar dos interêsses da terra santa; soube no seu leito de dor da queda de Caifas; foi sua última vitória, sua última alegria nesta vida. Como a doença era cada vez mais grave e não deixava esperanças, o generoso atleta de Cristo confessou seus pecados, recebeu a comunhão e revestido do *escudo espiritual*, (são expressões das crônicas do tempo) *foi arrebatado à luz dêste mundo.*

Godofredo exalou seu último suspiro a 17 de julho, um ano depois da tomada de Jerusalém. Alguns historiadores deram-lhe o título de rei, outros chamaram-no de *duque cristianíssimo*. No reino que

tinha fundado, êle era freqüentemente proposto como modêlo aos príncipes e aos guerreiros, seu nome lembra ainda hoje as virtudes de tempos heróicos e deve viver entre os homens tanto quanto a lembrança das cruzadas. Foi sepultado ao pé do Calvário. Seu túmulo e o de seu irmão Balduino foram durante vários séculos um dos ornamentos do santo templo; mas, na geração presente êsse precioso monumento das guerras sagradas desapareceu pela inveja dos gregos e dos *armênios*. Quando em 1830 eu pedi para ver êsses dois túmulos, só me mostraram um muro espêsso, de tijolos de que estavam recobertos e que os ocultavam à vista dos viajantes e dos peregrinos.

Depois da morte e dos funerais de Godofredo, surgiram graves dissensões em Jerusalém, para se saber a quem pertenceria a suprema autoridade. O patriarca Daimbert entendia que a Igreja sòmente devia suceder ao príncipe que acabava de morrer; citava, em abono da sua pretensão, as últimas vontades do duque de Lorena. Todos os que estavam em armas, em Jerusalém, não estavam de acôrdo com o patriarca, pois não se tratava de reinar sôbre a cidade santa, mas de expor a vida para defendê-la. Nada era mais duvidoso do que os disposições arrancadas à piedade de Godofredo; nada, porém, de mais certo do que os perigos e a ruína de um reino rodeado de inimigos, se não fôsse governado por um chefe cheio de valor e de bravura. Animados por êsse pensa-

mento, Garnier de Gray, parente de Godofredo e vários outros cavaleiros, mandaram embaixadores a Balduino, conde de Edessa, para oferecer-lhe a coroa e o govêrno de Jerusalém; tomaram ao mesmo tempo posse da tôrre de Davi e de todos os lugares fortificados da cidade santa. Em vão, Tancredo que acabava de se apoderar de Caifas e que o prelado tinha trazido ao seu partido, correu para defender a causa do patriarca. Fecharam-lhe as portas de Jerusalém. O patriarca, abandonado pelo clero e pelo povo, não teve outro remédio que chamar em seu auxílio o príncipe de Antioquia. Numa carta que Guilherme de Tiro nos conservou, Daimbert lembrou a Bohémond o exemplo de seu ilustre pai, Roberto Guiscardo, que tinha libertado o pontífice de Roma e o tinha tirado das mãos dos ímpios. Recomendou-lhe que empregasse todos os meios, mesmo a fôrça e a violência, para impedir que Balduino viesse à Jerusalém.

Essa carta não chegou às mãos de Bohémond, pois ao mesmo tempo, pelo mês de agôsto, o principado de Antioquia perdia seu chefe, por ter êle caído nas mãos de um poderoso emir da Mesopotâmia. Bohémond tinha deixado Antioquia para ir em socorro da cidade cristã de Mitilene, (hoje Malathia) sitiada pelos turcomanos; o emir Danisman, avisado da sua aproximação, foi contra êle, dispersou-lhe os soldados e o aprisionou com seu primo Ricardo e vários dos seus cavaleiros; a desolação foi grande en-

tre os cristãos. Bohémond mandou uma trança de seus cabelos a Balduino, rogando-lhe que viesse imediatamente em seu auxílio. Logo o conde de Edessa reuniu seus guerreiros, e, depois de três dias de marcha, chegou a Mitilene; mas o emir Danisman, tinha já levantado o cêrco e se havia retirado para suas terras, levando os prisioneiros cristãos. Balduino perseguiu-o durante vários dias e perdendo a esperança de poder alcançá-lo, retomou tristemente o caminho de sua capital.

Foi, ao regresso dessa expedição, que êle recebeu os enviados de Jerusalém. Êstes, depois de lhe terem comunicado a morte de Godofredo, disseram-lhe que o povo cristão, o clero e os cavaleiros da cruz o tinham escolhido para reinar na cidade santa. Balduino chorou ante a notícia da morte de seu irmão, mas consolou-se logo, ao pensamento de substituí-lo. Cedeu o condado de Edessa ao primo Balduino de Bourg e sem perda de tempo, tomou o caminho de Jerusalém. Setecentos homens de armas, de infantaria, formavam seu pequeno exército. A maior parte dos países que êle ia atravessar era ocupado por muçulmanos. Os emires de Damasco e de Emesa, avisados pelas notícias e talvez também por delatores, vieram esperá-los nas passagens difíceis que margeiam o mar da Fenícia. Foulcher de Chartres, que acompanhava Balduino, descreve com singela simplicidade a situação perigosa dos cristãos nos desfiladeiros de Beirute, na embocadura do Lico; precisavam atraves-

sar um vale estreito e profundo, dominado ao norte e ao sul por massas de rochedos; tôda a praia estava coberta de muçulmanos. "Fingíamos audácia, diz o bom capelão, e temíamos a morte; voltar atrás era difícil, avançar, mais difícil ainda; de todos os lados os inimigos nos ameaçavam: uns, do alto de seus navios, outros do alto dos montes. Durante êsse dia nossos homens e nossos animais de carga não tiveram descanso nem tomaram alimento; *quanto a mim, Foulcher, teria preferido estar em Chartres ou em Orleans, do que lá.* Todavia, Balduino, por uma hábil manobra, atraiu os bárbaros para uma planície longa e descoberta; êstes tomaram a retirada dos cristãos por uma derrota e avançaram para perseguí-los; então, a tropa de Balduino fêz meia volta e caíu impetuosamente sôbre a multidão que já pensava em se apoderar dos despojos. Os turcos, desde o primeiro choque, tomados de surprêsa e de terror não tiveram nem mesmo a coragem de se defender e fugiram, uns para os rochedos escarpados, outros para os navios; muitos foram mortos, ou aprisionados; alguns pereceram nas águas e muitos também nos precipícios. A matança durou todo o dia; os cristãos passaram a noite no campo de batalha, onde dividiram os despojos e os prisioneiros. No dia seguinte, atravessaram os desfiladeiros, sem encontrar um só inimigo. Balduino, prosseguindo sua marcha, ao longo do mar, passou diante das cidades de Beirute, de Tolemaida, de Cesaréia, ao terceiro dia chegou a Joppé, onde a

notícia de sua vitória o tinha precedido; foi recebido nessa cidade como sucessor de Godofredo. Quando se aproximava de Jerusalém, o povo e o clero vieram ao seu encontro; os gregos e os sírios acorreram também, com tochas e a cruz; todos, louvavam o Senhor; em altas vozes receberam com solenidade o novo Rei e o levaram em triunfo à Igreja do Santo Sepulcro. Enquanto Jerusalém vivia assim horas de alegria, o patriarca, com alguns dos seus partidários, protestava contra a chegada de Balduino, e fingindo acreditar não estar em segurança perto do túmulo de Jesus Cristo, retirou-se em silêncio para o monte Sião, como para procurar asilo contra seus perseguidores.

Balduino estava impaciente por fazer brilhar seu reinado com algum empreendimento glorioso. Ficou uma semana em Jerusalém, para tomar posse do govêrno; em seguida reuniu os cavaleiros e essa tropa de elite foi procurar inimigos para combater ou terras para conquistar. Dirigiram-se por primeiro a Ascalon; mas a praça parecia disposta a se defender fortemente e os cristãos não puderam sitiá-la. Balduino rumou então para as montanhas da Judéia. Os habitantes dessa região tinham muitas vêzes maltratado e despojado os peregrinos de Jerusalém e temendo a presença dos guerreiros cristãos, se haviam todos escondido nas cavernas. Para obrigá-los a sair de seus refúgios, empregaram a astúcia. Vários chefes, aos quais prometidos foram muitos tesouros, vieram apresentar-se a Balduino, que os mandou decapitar.

Depois acenderam à entrada dos subterrâneos grandes fogueiras com ervas sêcas e logo uma multidão dêles impelida pela fumaça e pelo fogo, veio implorar misericórdia dos soldados da cruz. Balduino e seus companheiros prosseguiram seu caminho para o país de Hebron, desceram ao vale onde estavam outrora Sodoma e Gomorra, e que as *águas salgadas do lago Asfaltite recobrem agora.* Foulcher, que acompanhava essa expedição, descreve longamente o Mar Morto e seus fenômenos. "A água é de tal modo salgada, diz-nos êle, que nem quadrúpedes, nem pássaros dela podem beber; eu mesmo, acrescenta o capelão de Balduino, a experimentei; descendo de minha cavalgadura à beira do lago, provei a água que achei amarga como heleboro." Seguindo a costa meridional do Mar Morto, os guerreiros cristãos chegaram a uma cidade que as crônicas chamam de Suzume ou Ségor. Todos os habitantes tinham fugido, exceto alguns *homens negros como fuligem,* que não nos dignamos nem mesmo interrogar, e que os guerreiros francos desprezaram como a *erva mais vil do mar.* Além de Ségor, começa a parte montanhosa da Arábia. Balduino com seu séquito, passou várias montanhas cujos cimos estavam cobertos de neve; sua tropa muitas vêzes não teve outro abrigo que as cavernas de que o país está cheio; não tinha outro alimento *que tâmaras e a carne de animais selvagens;* por bebida a água pura das fontes e das nascentes; os soldados da cruz visitaram com respeito o mosteiro

de Santo Aarão, construído no mesmo lugar onde Moisés e Aarão se tinham entretido com Deus. Ficaram três dias num vale coberto de palmeiras e fértil em tôdas as espécies de frutos. Era o vale onde Moisés havia feito brotar uma fonte do flanco de uma rocha árida. Foulcher nos diz que essa fonte milagrosa fazia então girar vários moinhos e que êle mesmo *lá fêz beberem seus cavalos.* Balduino levou sua tropa até o deserto, que separa a Iduméia da terra do Egito e retomou o caminho da capital, passando pelas montanhas, onde foram sepultados os antepassados de Israel.

Ao seu regresso, Balduino quis ser coroado rei e reconciliou-se com Daimbert. A cerimônia teve lugar em Belém, no dia do Natal do Salvador. O novo rei recebeu a unção e a coroa real das mãos do patriarca. Não se opôs ao Rei Balduino o exemplo de Godofredo, que depois de sua eleição, não quis ser coroado. Uma triste experiência tinha feito nascer graves pensamentos; a realeza dos peregrinos, essa realeza do exílio, não era mais, aos olhos dos cristãos, uma glória, nem uma felicidade dêste mundo, mas uma obra piedosa e santa, uma obra de resignação e de devotamento, uma missão cheia de perigos, de miséria e de sacrifícios. Num reino cercado de inimigos, no meio de um povo lançado como por uma tempestade a um país estrangeiro, um rei não devia usar uma coroa de ouro, como os outros reis da terra,

mas uma coroa em tudo semelhante à de Jesus Cristo.

O primeiro cuidado de Balduino depois da coroação, foi administrar a justiça aos seus súditos e pôr em vigor as leis de Jerusalém. Tinha sua côrte e seu conselho, no meio de todos os grandes, no palácio de Salomão; todos os dias, durante quase duas semanas, viram-no sentado no trono, escutando as queixas que lhe eram feitas e pronunciando sôbre tôdas as questões de seus vassalos, a sua sentença. Uma das primeiras causas que êle teve de julgar foi uma questão entre Tancredo e Guilherme, o Carpinteiro, visconde de Melun. Godofredo, antes de morrer, tinha dado a Guilherme a cidade de Caifas; Tancredo obstinava-se em conservar uma cidade conquistada com suas armas; Balduino, ante o aviso de seus conselheiros, mandou intimar Tancredo a comparecer ao seu tribunal; êste, que não tinha esquecido as injúrias de Farso e de Malmistra, respondeu que não reconhecia Balduino como rei da cidade santa, nem como juiz da cidade e do reino de Jerusalém. Uma segunda intimação foi mandada; à qual êle não deu resposta; por fim, numa terceira mensagem, Balduino convidava seu antigo irmão de armas a não declinar sua justiça a fim de que uma realeza cristã não fôsse exposta à zombaria dos infiéis. Essa última intimação parecia mais uma petição. Tancredo deixou-se vencer, mas não quis ir à Jerusalém, cujas portas há pouco lhe haviam sido fechadas; propôs a Balduino

uma conferência às margens do Ledar, entre Joppé e Arsur. Por espírito de conciliação o rei de Jerusalém consentiu em se dirigir ao lugar indicado. A princípio os dois soberanos não se entenderam; tiveram uma segunda entrevista em Caifas; homens sábios e piedosos intervieram para restabelecer a paz; por fim, a lembrança de Godofredo, cuja última vontade se invocava, êsse nome tão caro a Balduino e a Tancredo, chegou a aproximá-los. Durante essas negociações Tancredo tinha sido chamado a governar o principado de Antioquia, na ausência de Bohémond, e não sòmente êle renunciou às suas pretensões sôbre a cidade de Caifas, que foi entregue a Guilherme, o Carpinteiro, mas entregou a Balduino o principado de Tiberíades, que se tornou herança de Hugo de Saint-Omer.

Todos os cuidados que o rei Balduino tomava para restabelecer a paz e manter a execução das leis no seu reino, não o impediam de fazer freqüentes incursões às terras dos muçulmanos. Numa dessas expedições além do Jordão, supreendeu diversas tribos árabes. Quando regressava carregado com seus despojos teve ocasião de praticar a mais nobre virtude da cavalaria. Não longe do rio, gritos aflitos vieram ferir seus ouvidos; êle aproxima-se e vê uma mulher muçulmana, nas dores do parto, cobre-a com seu manto, manda colocá-la sôbre tapêtes estendidos por terra. Por sua ordem, frutos e dois odres cheios de água são trazidos perto daquele leito de dor. Man-

dou buscar a fêmea de um camelo para amamentar a criança que acabava de nascer e depois a mãe foi confiada aos cuidados de uma escrava, encarregada de reconduzi-la ao seu espôso. Êste, ocupava uma posição elevada entre os muçulmanos; êle derramou lágrimas de alegria, revendo uma espôsa cuja morte ou desonra já chorava e jurou jamais esquecer a ação generosa de Balduino.

De volta à capital, Balduino soube que uma frota genovesa tinha chegado ao pôrto de Joppé. Foi ter com os peregrinos de Gênova, pedindo-lhes que o ajudassem nalguma emprêsa gloriosa contra os inimigos da fé; prometia dar-lhes um têrço dos despojos e ceder-lhes em cada cidade conquistada uma rua que seria chamada a rua dos genoveses. Foi concluído o tratado e os genoveses dirigiram-se a Jerusalém para celebrar as festas da Páscoa e renovar, no túmulo do Salvador, o juramento que tinham feito de combater os infiéis. Chegaram no sábado santo. Era o dia em que o fogo sagrado devia descer ao divino Sepulcro. À sua chegada, a cidade de Jerusalém estava em grande consternação, pois o fogo celeste *não tinha aparecido*. Os fiéis ficaram reunidos todo o dia, na igreja da ressurreição. O clero latino e o clero grego tinham entoado várias vêzes o *Kyrie eléison;* várias vêzes o patriarca se tinha pôsto em oração no Santo Sepulcro, sem que a chama, tão vivamente esperada, descesse a alguma das lâmpadas destinadas a recebê-la. No dia seguinte, dia de Páscoa, o povo

e os peregrinos voltaram à santa basílica, repetiram-se as mesmas cerimônias da véspera e o fogo sagrado não apareceu, nem no Santo Sepulcro, nem no Calvário, nem em algum outro lugar da Igreja. Então, como por uma inspiração, o clero latino, quase todo o povo, o rei e os senhores, foram processionalmente, descalços ao templo de Salomão. Durante êsse tempo, os gregos e os sírios que tinham ficado na Igreja do Santo Sepulcro, feriam o rosto, rasgavam as vestes, imploravam a divina misericórdia com gritos lancinantes. Finalmente, Deus teve pena de seu desespêro; à volta da procissão, o fogo sagrado havia descido; todos então derramaram lágrimas, cantaram o *Kyrie eléison;* cada qual acendeu sua vela na chama divina, que corre de fila em fila e se espalha por tôda a parte; as trombetas soam, o povo bate palmas, uma melodiosa música se faz ouvir, o clero entoa os salmos, tôda a cidade santa exulta de alegria.

Esta aparição do fogo sagrado era um bom augúrio para a expedição que se preparava. Depois das festas de Páscoa, os genoveses regressaram aos navios. Por seu lado, Balduino reuniu os guerreiros. Foram em seguida sitiar Arsur; os habitantes propuseram abandonar a cidade e se retirar com suas riquezas. A capitulação foi aceita. Os cristãos foram em seguida sitiar Cesaréia, cidade florescente e habitada por ricos comerciantes. Caffaro, historiador genovês, presente a essa expedição, nos dá a conhecer as singulares tentativas que precederam o ataque dos

cruzados. Os embaixadores da cidade dirigiram-se ao patriarca e aos chefes do exército: "Vós que sois doutôres da lei cristã, disseram, porque ordenais aos vossos soldados que nos assaltem e nos matem? — Nós não vos queremos assaltar, respondeu o patriarca, mas essa cidade não vos pertence; não vos queremos também matar, mas a vingança divina nos escolheu para punir os que se armaram contra a lei do Senhor."

Depois desta resposta, que não podia trazer a paz, os infiéis só pensaram em se defender. Resistiram com alguma coragem aos primeiros assaltos, mas, como não estavam acostumados aos perigos e às fadigas da guerra, seu ardor logo começou a declinar e depois de duas semanas de cêrco, suas tôrres e suas muralhas foram ficando desertas, sem combatentes e defensores. O cristãos perceberam-no, redobraram a coragem e seu valor impaciente não esperou a construção de máquinas para dar o assalto geral.

No décimo quinto dia do cêrco os soldados da cruz recebem a absolvição de seus pecados; o patriarca, revestido de uma sobrepeliz branca, levando a verdadeira cruz, exorta-os a combater valentemente. O sinal é dado; os cristãos correm às muralhas, colocam as escadas; as tôrres são invadidas, os habitantes, tomados de terror, fogem em desordem; uns procuram a salvação nos templos, outros fogem para longe; nenhum dêles pode evitar a morte; a espada do vencedor mal poupa as mulheres e as crianças de pouca idade. Nesse extermínio geral, o cádi e o emir foram os

Massacre nos bairros de Cesaréia.

únicos que acharam misericórdia, porque dêles se esperava um grande resgate. Os soldados vendiam uns aos outros as mulheres que tinham aprisionado e que destinavam a fazer mover o moinho de mão. A sêde do saque animava de tal modo os cristãos que êles abriam o ventre aos muçulmanos quando suspeitavam terem êles engulido moedas de ouro. Uma grande quantidade de cadáveres foi queimada em praça pública. Julgavam mesmo encontrar moedas no meio das cinzas. Estas cenas terríveis não revoltaram os cronistas, que delas foram testemunhas; um dêles nos apresenta essa população que se massacrava sem piedade, como um *povo celerado e perverso que merecia a morte*. Guilherme de Tiro, sem condenar êsses excessos de barbárie, contenta-se em notar que o povo cristão que até aquela época vivera pobre e privado de tudo, de nada mais teve necessidade.

Os genoveses vangloriavam-se de ter tido como parte nos despojos, o vaso que serviu para a ceia de Jesus Cristo; êsse vaso de esmeralda ficou muito tempo na catedral de Gênova; pelo fim do século XVIII e durante a guerra da Itália, essa preciosa relíquia foi levada a Paris, mas depois foi restituída aos genoveses no ano de 1815. Depois da tomada de Cesaréia os cristãos lá deixaram um arcebispo, que elegeram *em comum*. O eclesiástico sôbre o qual caiu a escolha era um pobre sacerdote que viera ao Oriente, com os primeiros cruzados. Guibert, abade de Nogent, conta dêsse pobre padre, chamado Balduino,

um fato muito singular. Como êle não tinha com que pagar as despesas da peregrinação, êle fizera na fronte uma incisão bem forte em forma de cruz e se alimentava com ervas. Aquela chaga que todos julgavam milagrosa garantiu-lhe durante tôda a viagem, muitas esmolas.

O terror que os cristãos inspiravam era tão grande que os infiéis não ousavam mais enfrentar seus ataques, nem suportar-lhes a presença. Em vão o califa do Egito, ordenava aos seus emires, encerrados em Ascalon, que combatessem os francos e que trouxessem à sua presença, carregado de ferros, *aquêle povo mendigo e vagabundo*: os guerreiros egípcios hesitavam em deixar seus abrigos e suas defesas. Por fim, levados pelas ameaças do califa, encorajados pela multidão, tentaram uma incursão a Ramla. Balduino, avisado de sua marcha, reuniu depressa duzentos e oitenta cavaleiros e novecentos soldados de infantaria. Logo que chegou diante do exército egípcio, dez vêzes mais numeroso que o dos cristãos, disse aos soldados que êles iam combater pela glória de Cristo; se alguém tinha vontade de fugir, devia lembrar-se de que o Oriente não oferecia asilo para os vencidos e que a *França estava muito longe*. O patriarca de Jerusalém, há muito tempo em litígio com o rei, não tinha seguido o exército; o venerável abade Gerle, que trazia em seu lugar a verdadeira cruz, mostrou-a aos soldados, lembrando-lhes que deviam vencer ou morrer. O exército cristão contemplava

num silêncio môrno a imensa multidão de sarracenos, etíopes, turcos, árabes, vindos do Egito. Êstes, confiando em seu número, avançavam ao ruído de cornos e de tambores. Travam combate com tal fúria que as duas primeiras linhas dos cristãos são logo desfeitas. O rei Balduino, ficara nas últimas fileiras, mas mandou vários batalhões para ajudar os que fugiam. A vitória parecia decidir-se pelos muçulmanos: então o arcebispo de Cesaréia e o abade Gerle, que trazia a cruz do Salvador, aproximam-se do rei e dizem-lhe que a misericórdia divina se havia retirado dos cristãos por causa da divergência entre êle e o patriarca. A essas palavras, Balduino, cai de joelhos diante do sinal sagrado da Redenção dos homens. "O juízo da morte, diz êle aos dois pontífices, está perto de nós; de todos os lados os inimigos nos rodeiam; eu sei que não poderei vencê-lo, se a graça de Deus não estiver comigo; imploro pois o auxílio do Todo-Poderoso e juro restabelecer a concórdia e a paz do Senhor." Balduino confessa ao mesmo tempo seus pecados e recebe a absolvição. Confia a dez dos seus cavaleiros a guarda da verdadeira cruz, depois sobe ao seu cavalo que era chamado de *gazela*, pela sua velocidade e precipita-se para o meio da luta. Uma bandeira branca prêsa à sua lança mostra aos seus cavaleiros o caminho do perigo e da matança. Diante dêles, em redor dêles, tudo é prêsa da espada. Atrás vem a Cruz do Salvador; em todos os lugares onde

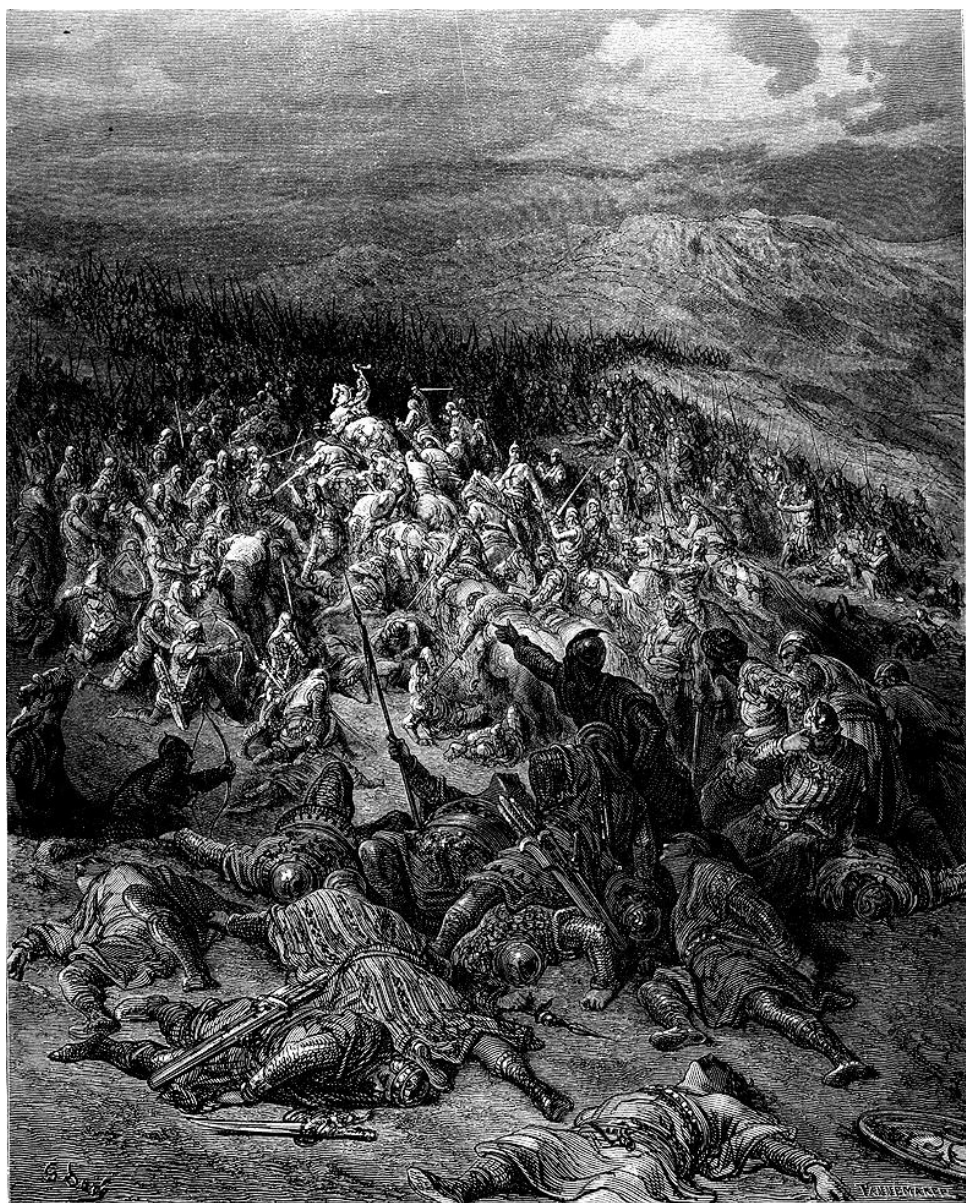
aparece o lenho sagrado só há salvação *para os que têm rápidos corcéis.*

Os soldados cristãos que se haviam deixado vencer no comêço da luta, tinham tomado o caminho de Joppé, mas na fuga vieram cair sob os golpes do inimigo. Revestidos das armaduras e das vestes dos cristãos que êles haviam matado, os muçulmanos apresentaram-se diante das muralhas de Joppé. Gritaram em altas vozes que o exército cristão tinha perecido, que o rei tinha morrido. Houve grande consternação na cidade; a Rainha de Jerusalém que então estava em Joppé mandou por mar uma mensagem a Tancredo para lhe dar essas tristes notícias e anunciar-lhe que o povo de Deus chegaria ao seu último momento, se êle não viesse em seu auxílio.

No entretanto Balduino de nada sabia do que se estava passando em Joppé; o exército vitorioso, depois de ter perseguido os infiéis até às portas de Ascalon, voltara à tarde, para a planície onde se dera a batalha. Os cristãos deram graças ao Senhor e passaram a noite sob as tendas dos inimigos. No dia seguinte, quando voltavam a Joppé de repente, um grupo de infiéis apresentou-se diante dêles, carregados de despojos e vestindo hábitos dos francos. Eram os que no dia anterior tinham ido aos muros de Joppé e cuja presença tinha causado tanto terror. Ante o exército cristão, ficaram todos fora de si, e não resistiram nem ao primeiro ataque daqueles que julgavam mortos e derrotados. Do alto das tôr-

res de Joppé vêem-se as bandeiras triunfantes do exército de Balduino. "Deixo-vos imaginar, diz aqui Foulcher de Chartres, que gritos de vitória partiram então da cidade, e que louvores se deram ao Senhor." Essas coisas passaram-se no dia sete de setembro, dia do nascimento da Virgem, no segundo ano do reinado de Balduino.

No mesmo ano, chegaram notícias muito aflitivas da Palestina; diziam que três grandes exércitos de peregrinos, que eram como várias nações do Ocidente, tinham perecido nas montanhas e nos desertos da Ásia Menor. Guilherme, Conde de Poitiers, Estêvão, Conde de Blois, Estêvão, Conde da Borgonha, Harpin, senhor de Bourges, o Conde de Nevers, Conrado, condestável do império germânico, vários outros príncipes, que haviam fugido do desastre e foram recebidos em Antioquia por Tancredo, se haviam pôsto a caminho para acabar tristemente a peregrinação aos santos lugares. Balduino, foi ter com êles, nos desfiladeiros de Beirute e protegeu-lhes a marcha para Jerusalém. Que espetáculo para os fiéis da Cidade Santa! Todos êsses ilustres peregrinos que tinham deixado a Europa com inúmeros soldados, eram apenas agora seguidos por alguns servidores. Jamais os grandes da terra sofreram tantas misérias e humilhações por amor a Jesus Cristo. Todo o povo de Jerusalém, comovido até às lágrimas, acompanhou-os ao Santo Sepulcro. Êles passaram alguns meses na Judéia e alguns dias depois da

Páscoa todos se dirigiram a Joppé, a fim de embarcar para a Europa. Esperavam o vento favorável, quando de repente vieram dizer que um exército de infiéis, saindo de Ascalon, devastava os arredores de Lidda e de Ramla. O Rei de Jerusalém, que estava em Joppé, reuniu às pressas seus cavaleiros e dispôs-se a marchar contra o inimigo. Os nobres peregrinos que têm cavalos ou que podem emprestá-los aos amigos, também tomam as armas e saem da cidade para combater os infiéis. O Rei Balduino põe-se à frente de uma tropa reunida às pressas e parte contra os muçulmanos; era seguido apenas por duzentos cavaleiros e logo se vê frente a frente com vinte mil infiéis. Sem se espantar com seu número, êle lhes dá combate; desde o primeiro choque, os cristãos são envolvidos e só esperam uma morte gloriosa. O Conde de Blois e o Conde da Borgonha pereceram ambos naquele dia. Guilherme de Tiro, que nos narra a morte do Conde de Blois, acrescenta que Deus usou para com êsses dois infelizes príncipes de tôda sua misericórdia, permitindo-lhes assim expiar a vergonha de sua deserção em Antioquia. Harpin, Conde de Bourges, foi feito prisioneiro com o condestável Conrado, o qual tendo mostrado no combate uma fôrça extraordinária, excitou a admiração dos vencedores e valeu-lhe a conservação da vida. Harpin, antes do combate, tinha dado a Balduino prudentes conselhos: *Harpin,* respondeu-lhe o Rei de Jerusalém, *se tens mêdo, retira-te e volta para Bour-*

Luta heróica de duzentos cavaleiros contra vinte mil infiéis.

ges. As crônicas que falam dêsse combate censuram Balduino por não ter feito colocar na frente, a cruz de Jesus Cristo, que os devia preceder, como de costume.

Balduino retirou-se quase sòzinho do campo de batalha e se escondeu no meio da vegetação e dos arbustos que cobriam a planície. Os vencedores ali puseram fogo e êle estêve a pique de ser sufocado pela fumaça; conseguiu, porém, ainda fugir para Ramla. A noite que cobriu a terra impediu que o perseguissem; mas no dia seguinte o lugar que lhe servia de asilo ia ser cercado e não tinha meios de defesa. Balduino estava tomado da mais viva inquietação, quando repentinamente um estrangeiro chega à cidade e pede para falar com o Rei de Jerusalém: "A gratidão, diz-lhe êle, traz-me para junto de vós. Vós vos mostrastes generoso para com minha espôsa que me é muito querida, a restituistes à família, depois de lhe ter salvo a vida; venho agora pagar essa dívida sagrada. Os sarracenos rodeiam de todos os lados a cidade, que vos serve de refúgio; amanhã ela será tomada; nenhum dos seus habitantes pode escapar à morte. Venho oferecer-vos um meio de salvação, conheço caminhos que não são defendidos; apressai-vos, o tempo urge, vós deveis sòmente seguir-me; antes do despontar do dia estareis entre os vossos".

Balduino hesitava e não podia se resolver a deixar no perigo seus companheiros de infortúnio.

Mas êles insistem que êle siga o emir muçulmano. "Só nos resta morrer, dizem-lhe e esperamos aqui a coroa do martírio, que viemos buscar. Quanto a vós, Balduino, vossa hora ainda não chegou e deveis viver para a salvação do povo cristão." Balduino cedeu às suas instâncias, saiu da cidade com o emir. Ajudado pelas trevas da noite e sempre acompanhado por seu guia fiel, êle deu muitas voltas e afastou-se dos lugares ocupados pelos vencedores. No dia seguinte estava nos muros de Arsur.

Depois da saída de Balduino, Ramla foi tomada e todos os cristãos que lá se encontravam foram feitos prisioneiros. Bem depressa a notícia dêsse triste acontecimento chegou a Jerusalém. O povo cristão dirigiu-se à Igreja do Santo Sepulcro para agradecer a Deus o ter salvado a vida do seu rei; depois, todos os cavaleiros da cidade tomaram as armas e se puseram em marcha para ir contra os inimigos. Hugo de Saint-Omer, senhor da Galiléia, veio com oitenta homens armados, dirigindo-se a Joppé. Ao mesmo tempo, e como por milagre, duzentos navios vindos do Ocidente entraram no pôrto da mesma cidade. Essa frota trazia um grande número de peregrinos, entre os quais havia ilustres guerreiros da Inglaterra e da Alemanha. O Rei Balduino, que se tinha dirigido por mar a Joppé e que Guilherme de Tiro compara à estrêla matutina aparecendo num céu tempestuoso, encontrou-se de repente à frente de um exército valoroso, impaciente

por combater. No sexto dia da primeira semana de julho, seguido por seus cavaleiros, êle saiu da cidade, de bandeira desfraldada, ao som dos cornos e das trombetas. Os inimigos estavam a três milhas dali, na floresta de Arsur, preparando as máquinas de guerra e dispondo-se já para sitiar Joppé; êles resistiram com coragem ao primeiro ataque dos cristãos; mas, os mais bravos não puderam resistir por muito tempo às bandeiras de Balduino, diante das quais todos fugiam e que êles encontravam sempre no mais forte da peleja. Vencidos, apesar de seu número, os muçulmanos fugiram para Ascalon, deixando três mil dos seus no campo de batalha. Foulcher de Chartres atribui essa vitória ao lenho da verdadeira cruz, que o Rei de Jerusalém mandou levar diante dêle, durante o combate. O mesmo historiador, falando da batalha de Ramla, tão imprudentemente travada por Balduino, acrescenta que o Deus dos exércitos sempre concede suas graças aos que colocam sua fôrça nêle e que escutam a voz da sabedoria, mas que as recusa aos que *agem com leviandade e presunção.*

No dia seguinte a esta vitória obtida contra os infiéis, o Rei Balduino voltou a Jerusalém, deu graças ao Senhor, e *deu ordem de abrir o templo do Santo Sepulcro para os peregrinos que tinham vindo para adorar o Cristo.*

Aqui a história contemporânea narra, como uma circunstância notável dessa época, que o reino

de Jerusalém ficou em paz durante mais de sete meses. Os fiéis só tiveram que deplorar a morte de um grande número de seus irmãos, que, embarcando em Joppé morreram no mar, ou foram massacrados nas costas de Tiro e Sidon. A maior parte dos peregrinos era daqueles que tinham escapado aos desastres da Ásia Menor. No meio do luto geral causado pela morte de tantos ilustres cristãos, as queixas mais amargas se renovaram contra os gregos que eram acusados de ter provocado a ruína dos exércitos que tinham vindo em auxílio dos latinos, da Síria. Alexis, que temia os efeitos dessas murmurações, mandou felicitar o Rei de Jerusalém pelas vitórias obtidas e fêz todos os esforços possíveis para obter a liberdade dos cristãos que estavam em poder dos egípcios e dos turcos. Harpin, Senhor de Bourges, feito prisioneiro, foi libertado pela intervenção do Imperador de Constantinopla. Conrado, condestável do Imperador da Alemanha e trezentos cavaleiros francos, gemiam nas prisões do Cairo: deveram também sua libertação ao imperador grego. Uns ficaram na Síria e inscreveram-se novamente na milícia de Jesus Cristo, outros voltaram para o Ocidente, onde seu regresso ao seio de suas famílias e as expressões de seu reconhecimento para com Alexis, não puderam destruir as prevenções que surgiam de todos os lados, contra o seu libertador.

De resto, essas prevenções não eram sem fundamento, pois, ao mesmo tempo em que Alexis que-

brasse os ferros de alguns escravos, êle equipava frotas, reunia exércitos, para atacar Antioquia e apoderar-se das cidades da costa da Síria, conquistadas pelos latinos. Êle ofereceu-se para pagar o resgate de Bohémond, ainda prisioneiro dos turcos, não para lhe dar a liberdade, mas para mandá-lo a Constantinopla, onde esperava obter dêle que abandonasse o seu principado. No entretanto as grandes dádivas de Alexis, excitaram a inveja entre os príncipes muçulmanos e essa inveja serviu à causa da libertação do ilustre prisioneiro, que aproveitou as dissensões entre seus inimigos, para sair da prisão. Como se insere sempre algo de maravilhoso nas narrações dos fatos da época, uma crônica contemporânea refere que Bohémond fêz admirar sua bravura na guerra que os infiéis declararam entre si mesmos, e que uma princesa muçulmana à qual êle conseguira agradar pelas suas maneiras cavalheirescas, facilitou-lhe os meios de reconquistar a liberdade. Depois de quatro anos de cativeiro, êle voltou a Antioquia, onde tratou de rechaçar as agressões de Alexis.

O velho Raimundo de Sanit-Gilles, que sua obstinada ambição impelia a obter um principado no Oriente, já era senhor de Tortosa e queria ainda acrescentar-lhe a cidade de Gibel ou Gibelet. Para isso invocou o auxílio dos genoveses e dos pisanos, auxiliares naturais de todos os que tentavam alguma conquista marítima, na Síria. Gibel, cercada por terra e por mar, não demorou muito em cair em poder

dos cristãos. Depois dessa expedição os peregrinos de Gênova e de Pisa receberam uma mensagem do Rei de Jerusalém que lhes propunha sitiar com êle a cidade de Accon ou de Tolemaida; ofereciam-se-lhe as mesmas condições como no cêrco de Cesaréia. A frota genovesa apareceu na baía e diante do pôrto de Tolemaida, enquanto o Rei Balduino erguia suas tendas sob as muralhas da cidade. No fim de vinte dias de cêrco, os habitantes propuseram abrir-lhe as portas com a única condição de que lhes deixassem a liberdade de sair da praça com suas famílias e suas riquezas. O Rei Balduino aceitou a proposta e todos os chefes juraram fazê-la observar e executar fielmente. No entretanto os genoveses, lamentavam os ricos despojos que lhes haviam prometido. Quando se abriram as portas da cidade, os mais indisciplinados correram ao saque e não respeitaram nem mesmo a vida dos muçulmanos desarmados. No meio da desordem, que manchou esta vitória dos soldados de Cristo, via-se o Rei de Jerusalém, indignar-se com a violação dos juramentos e reunir em tôrno de si seus cavaleiros e seus servidores, para vingar o direito dos homens e da humanidade ultrajada. A generosa firmeza de Balduino conseguiu restabelecer a ordem; os muçulmanos, protegidos por seu respeito à palavra dada, retiraram-se com seus tesouros e foram substituídos na cidade por uma população cristã.

A conquista de Tolemaida, que era como a porta da Síria do lado do mar, causou inquietação aos senhores de Damasco. Levou o espanto a Ascalon e até aos conselhos de Babilônia (antiga Cairo). No Egito só se ocuparam então em reunir um novo exército e preparar uma frota para vencer o orgulho dos cristãos e para deter o progresso de suas armas. Pouco tempo depois da tomada de Tolemaida, soube-se em Jerusalém que uma frota egípcia tinha aparecido diante de Joppé e que uma multidão de bárbaros, saindo de Ascalon cobria as planícies de Ramla. Logo, todos os cristãos em condições de pegar em armas, vieram da Galiléia, do país de Naplusa, das montanhas da Judéia; o povo e o clero da Cidade Santa imploraram a misericórdia divina; nas cidades cristãs, fizeram-se orações, esmolas, esqueceram-se as injúrias e tôda discórdia foi convertida em caridade. Balduino, com quinhentos cavaleiros e dois mil homens de infantaria, saiu de Joppé e correu contra os inimigos, dos quais sòmente Deus sabia o número. Êle mesmo travou o combate; a bandeira branca que êle levava consigo era por tôda a parte o sinal da vitória para os cristãos. O emir de Ascalon foi morto na luta; cinco mil muçulmanos perderam a vida, os cristãos fizeram imensos despojos, não se podia contar a multidão de cavalos, de burros, de dromedários, que levaram para Joppé. Depois dessa vitória dos cristãos, a frota egípcia apressou-se em se afastar, e, para que

nada faltasse à derrota e à ruína dos infiéis, Deus suscitou nas ondas, tempestades horríveis que dispersaram os navios e os destruíram quase todos contra as praias e os rochedos.

Enquanto o favor divino declarava-se assim pelos cristãos no reino de Jerusalém, os maus dias pareciam ter chegado para o principado de Antioquia e o condado de Edessa. Na primavera do ano de 1104, Bohémond com seus cavaleiros, Tancredo, então senhor de Laodicéia e de Apaméia, Balduino de Bourg, conde de Edessa ou Roha, e seu primo Josselin de Courtenai, senhor de Turbessel, reuniram-se para passar o Eufrates e sitiar a cidade de Charan ou Carrhes, ocupada pelos infiéis. A cidade Carrhes, situada a algumas milhas de Edessa, foi, no tempo dos patriarcas, a moradia de Tharé, pai de Abrão. Foi aí que o antigo chefe dos crentes recebeu ordem de deixar seu país e seus parentes para seguir a promessa do verdadeiro Deus; foi em Carrhes que o cônsul Crasso caiu nas mãos dos partos e morreu *afogado pelo ouro de que era tão ávido.* Quando os príncipes cristãos chegaram diante da cidade, encontraram-na tomada pela carestia e quase sem meios de defesa. Os habitantes tinham mandado pedir auxílio a Maridin, a Mossul e a todos os povos muçulmanos da Mesopotâmia. Depois de algumas semanas de cêrco, tendo perdido a esperança de serem ajudados, resolveram abandonar a praça e propuseram uma capitulação que foi aceita.

Enquanto se jurava de ambas as partes cumprir fielmente as condições do tratado, surgiu uma viva divergência entre o Conde de Edessa e o príncipe de Antioquia, para saber que bandeira esvoaçaria sôbre os muros da cidade. O exército vitorioso esperava, para entrar na cidade, que essa divergência tivesse fim; mas Deus quis castigar o tolo orgulho dos príncipes e retirou-lhes a vitória que lhes havia dado. Balduino e Bohémond disputavam ainda a cidade conquistada, quando nas elevações vizinhas foram vistos soldados muçulmanos, avançando em ordem de batalha, de bandeiras desfraldadas.

Eram os turcos de Maridin e de Mossul que vinham em auxílio da cidade sitiada. À sua aproximação, os cristãos, tomados de espanto, só pensaram em fugir. Em vão os chefes procuraram reanimar os soldados, em vão o Bispo de Edessa, percorrendo as fileiras quis erguer a coragem abatida; desde o primeiro ataque o exército da cruz foi dispersado; Balduino de Bourg e seu primo Josselin foram aprisionados. Bohémond e Tancredo escaparam quase sòzinhos à perseguição do vencedor.

Depois dêsse deplorável acontecimento, apareceu no céu um cometa que ficou no horizonte durante quarenta dias e que foi visto em todo o universo. Êsse sinal extraordinário, diz Foulcher de Chartres, tinha começado a brilhar no mês de fevereiro, no *mesmo dia da lua nova, o que era evidentemente de sinistro presságio*. No mesmo mês, notaram-se durante vários

dias em redor do sol, dois outros sóis, um à direita e outro à esquerda, e, no mês seguinte, muitos viram cair uma chuva de estrêlas. As grandes calamidades não faltaram também, para responder aos sinistros presságios, e jamais as colônias cristãs tiveram mais que temer a sua última hora.

Os turcos, animados pela vitória, sitiaram várias vêzes a cidade de Edessa; Turbessel, Antioquia mesma, foram ameaçadas. Os bárbaros devastaram tôdas as regiões habitadas pelos cristãos; os campos mais férteis ficaram abandonados, a terra nada mais produzia para as necessidades do homem, o povo morria de fome por tôda a parte. No meio da desolação geral, não se pensou em libertar Balduino de Bourg e Josselin, pelos quais os turcos pediam um resgate. Surgiram muitas queixas e lamentações contra Bohémond e Tancredo, que se acusavam de esquecer seus irmãos de armas, retidos em cativeiro, entre os infiéis.

O príncipe de Antioquia estava encerrado na sua capital, ameaçado ao mesmo tempo pelos gregos e pelos turcos. Não tendo mais nem tesouros, nem exército, êle voltou suas últimas esperanças para o Ocidente, e resolveu interessar pela sua causa, os príncipes da cristandade. Depois de ter feito espalhar a notícia de sua morte, êle embarcou no pôrto de São Simeão, e escondido num ataúde, atravessou a frota dos gregos, que se regozijavam com sua morte e amaldiçoavam sua memória. Chegando à Itália,

Bohémond foi se atirar aos pés do soberano pontífice; queixa-se das desgraças que teve de suportar, defendendo a religião; invoca sobretudo a vingança do céu sôbre Alexis, que êle apresenta como o maior flagelo dos cristãos. O papa recebeu-o como um herói e como um mártir; louva seus feitos, escuta suas queixas, dá-lhe o estandarte de S. Pedro, e permite-lhe, em nome da igreja, preparar na Europa um exército para reparar às suas desgraças e vingar a causa da Igreja.

Bohémond vai à França. Suas aventuras, seus feitos, tinham tornado seu nome conhecido por tôda a parte. Êle apresenta-se à côrte de Filipe I, que o recebe com as maiores honras e dá-lhe sua filha Constância em casamento. No meio das festas da côrte, o mais brilhante dos cavaleiros e o mais ardente dos oradores da cruz, faz admirar sua habilidade nos torneios e prega a guerra contra os inimigos dos cristãos. Passando por Limoges, depositou as cadeias de prata sôbre o altar de S. Leonardo, de quem havia invocado o auxílio no seu cativeiro; de lá foi a Poitiers, onde, numa grande assembléia, abrasou todos os corações com o fogo da guerra santa. Os cavaleiros de Limoges, da Auvergne e de Poitou, disputavam-se a honra de acompanhá-lo ao Oriente. Encorajado por êsses primeiros resultados felizes, êle atravessou os Pireneus e foi recrutar soldados na Espanha. Volta à Itália e encontra por tôda a parte o mesmo entusiasmo em segui-lo. Terminados os preparativos,

embarca em Bari, e vai aportar às terras do império grego, ameaçando vingar-se dos seus mais mortais inimigos, mas na realidade, impelido pela ambição, muito mais do que pelo ódio. O Príncipe de Antioquia não deixava de animar com suas palavras o ardor de seus novos companheiros: para uns, êle apresentava os gregos como aliados dos muçulmanos e inimigos de Jesus Cristo; a outros, êle falava das riquezas de Alexis e prometia-lhes os despojos do império. Êle estava a ponto de ver realizarem-se suas brilhantes esperanças, quando foi traído pela fortuna, que por êle até então só tinha feito prodígios.

A cidade de Durazzo, cujo cêrco tinha iniciado, resistiu por muito tempo aos seus esforços; as doenças devastaram seu exército. A maior parte dos guerreiros que o tinha seguido desertou de suas bandeiras; êle foi obrigado a fazer uma paz vergonhosa com o imperador, que êle queria destronar, e foi morrer de desespêro no pequeno principado de Tarento, que êle tinha abandonado para a conquista do Oriente.

O infeliz resultado desta tentativa, dirigida tôda contra os gregos, tornou-se funesta para os cristãos estabelecidos na Síria e privou-os dos socorros que êles deviam esperar do Ocidente. Tancredo, que ainda governava Antioquia foi diversas vêzes atacado pelos bárbaros que tinham acorrido das margens do Eufrates e do Tigre e só lhes pôde resistir com o auxílio do Rei de Jerusalém. Josselin e Balduino de Bourg, que tinham sido levados a Bagdad,

só voltaram aos seus territórios depois de cinco anos de duro cativeiro. Quando Balduino voltou a Edessa, não pôde pagar o pequeno número de soldados que lhe haviam permanecido fiéis e para obter auxílio de seu sogro, senhor de Mitilene, fê-lo acreditar que tinha comprometido sua barba, para sôldo de seus companheiros de armas, meio pouco digno de um cavaleiro e que não desculpa aos olhos da história, a extrema miséria do príncipe, obrigado a empregá-lo.

Tantos reveses não tinham ensinado os cristãos, nem os fizeram avaliar a necessidade da concórdia. Tancredo e Balduino de Bourg tiveram recìprocamente vivas dissensões; chamaram os muçulmanos, ora um, ora outro, para defender a sua causa e houve grande confusão nas margens do Eufrates e do Oronte. Nessas funestas divergências, Tancredo havia mostrado mais animosidade. Êle queria que o Conde de Edessa lhe fôsse sujeito e lhe pagasse tributo. O Rei de Jerusalém, cuja justiça se invocava, condenou Tancredo e disse-lhe: "O que pedes não é justo; deves, pelo temor de Deus, reconciliar-te com o Conde de Edessa; se, ao contrário, tu persistes em tua união com os pagãos, *não podes continuar como nosso irmão*. Estas palavras tocaram o coração de Tancredo, e restabeleceram a paz entre os príncipes cristãos.

No ano de 1108, Bertrand, filho de Raimundo, Conde de Saint-Gilles, veio ao Oriente com setenta galeras genovesas. Deviam elas ajudá-lo a conquistar

várias cidades da Fenícia; começaram por Biblos, que, depois de vários assaltos, abriu suas portas aos cristãos; foram depois sitiar a cidade de Trípoli. A conquista dessa praça, tinha sido a última ambição do Conde Raimundo; para conseguir o que tentara tantas vêzes, êle implorava o auxílio de todos os peregrinos que chegavam ao Oriente; com sua ajuda êle tinha construido numa colina das vizinhanças, uma fortaleza a que chamavam de *castelo* ou *monte dos peregrinos.* O infatigável atleta de Cristo caiu de um dos telhados dessa tôrre e morreu na queda, com a tristeza de não ter podido arvorar o estandarte da cruz sôbre a cidade infiel. O Rei de Jerusalém veio ao cêrco de Trípoli, com quinhentos cavaleiros. Sua presença redobrou o ardor dos cristãos. A cidade, há muito ameaçada, tinha pedido auxílio a Bagdad, a Mossul e a Dâmaso. Abandonada pelas potências muçulmanas da Pérsia e da Síria, tinha voltado suas últimas esperanças para o Egito. Mas, enquanto esperavam as frotas e os exércitos egípcios, um mensageiro chegou num navio, pediu-lhes, em nome do califa, *uma bela escrava que havia na cidade, e madeira de abricoteiro própria para fabricar cítaras e instrumentos de música.* O historiador árabe Novaíri que narra o fato, acrescenta que os habitantes de Trípoli, reconheceram então que não havia mais salvação para sua cidade, e propuseram aos cristãos abrir-lhes as portas, com a condição de que todos seriam livres de sair, com tudo o que pudessem

levar ou ficar na cidade, pagando um tributo. A capitulação foi aceita e teve sua execução da parte do Rei Balduino e do Conde Bertrand; mas se acreditarmos em alguns historiadores, a soldadesca genovesa, procedeu em Trípoli, como tinha feito há pouco em Tolemaida.

O território de Trípoli era célebre pela riqueza de suas produções. Nas planícies e nas colinas perto do mar, crescia o trigo em abundância, a vinha, a cana de açúcar, a oliveira e a amoreira branca, cuja fôlha alimenta o bicho da sêda. A cidade tinha mais de quatro mil operários, práticos em fabricar panos de lã, de sêda e de linho. Uma grande parte dêsses benefícios foi perdida pelos vencedores que, durante o cêrco, devastaram os campos, e, depois da conquista da cidade, não se ocuparam mais da restauração da indústria. Trípoli tinha ainda outras riquezas, pouco procuradas, sem dúvida, pelos guerreiros da cruz. Uma biblioteca conservava os monumentos da literatura dos persas, dos árabes e dos gregos. Cem copistas ali estavam ocupados em transcrever os manuscritos; o cádi, senhor da cidade, mandava a todos os países, homens encarregados de descobrir livros raros e preciosos. Depois da tomada de Trípoli, essa biblioteca foi incendiada. Alguns autores orientais deploraram essa perda irreparável; mas nenhuma das nossas antigas crônicas falam disso e seu silêncio, nessa ocasião, mostra assaz a indife-

rença profunda que os soldados francos demonstraram ante um incêndio que devorou cem mil volumes.

Trípoli, com as cidades de Tortosa, Archas, Gibel, formou um quarto Estado na confederação dos francos, além dos mares; Bertrando, filho de Raimundo de Saint-Gilles, tomou posse dêle, logo depois da conquista e prestou juramento de fidelidade ao Rei de Jerusalém, do qual se tornou vassalo ou homem lígio.

Vários meses depois da tomada de Trípoli, o Rei Balduino reuniu tôdas as suas fôrças diante de Beirute. Essa cidade, muito antiga, foi, no tempo do império romano, uma colônia de Augusto; gozava do direito itálico; como Rodes, Mitilene e várias outras cidades do Oriente, ela teve escolas públicas, cuja glória subsistiu até a Idade Média e não foi desconhecida aos primeiros peregrinos de Jerusalém. Depois da invasão do islamismo, Beirute tinha perdido seu esplendor, mas restavam-lhe seus belos jardins, seus férteis pomares e a comodidade de seu pôrto ou baía. Ela resistiu durante dois meses aos ataques dos cristãos; Alberto d'Aix refere que, depois de ter capitulado, os habitantes queimaram nas praças públicas tôdas as riquezas que não puderam levar. Os vencedores, entrando na cidade, indignaram-se, porque nada mais lhes restava para saquear e atiraram-se contra a população, que pereceu quase tôda pela espada.

Os muçulmanos possuíam nas costas da Síria apenas três cidades: Ascalon, Tiro e Sidon. Até então, a cidade de Sidon tinha conservado a paz, à custa de submissão e de presentes; todos os anos, ela afastava a hora de sua destruição, prodigalizando seus tesouros; mas o tempo se aproximava quando o ouro não mais a poderia salvar. O Rei de Jerusalém voltava de uma expedição às margens do Eufrates, quando soube que Sigur, filho de Magno, Rei da Noruega, tinha desembarcado em Joppé; Sigur estava acompanhado por dez mil noruegueses, que, há três anos tinham deixado o norte da Europa, para visitar a terra santa. Balduino foi à Joppé conversou com o Príncipe da Noruega e insistiu, que combatesse com êle pela defesa e pelo engrandecimento do reino de Cristo. Sigur consentiu e satisfez os desejos do Rei de Jerusalém; apenas pediu como prêmio do seu zêlo, um pedaço da verdadeira cruz. Quando êle chegou à Cidade Santa, com seus guerreiros, os cristãos contemplaram com surprêsa mista de alegria, os enormes machados de batalha e a alta estatura dos peregrinos da Noruega. Resolveram no conselho dos reis, sitiar Sidon. A frota de Sigur apareceu diante do pôrto dessa cidade, enquanto Balduino e o Conde de Trípoli erguiam suas tendas junto das muralhas. Depois de um cêrco de seis semanas, o emir e os principais habitantes ofereceram as chaves da cidade ao Rei de Jerusalém e só pediram a liberdade de sair da praça com tudo o que pudessem levar, *na*

cabeça e nos ombros. Cinco mil sidônios aproveitaram do tratado; os outros ficaram e se tornaram súditos do rei.

Sigur deixou a Palestina com as bênçãos do povo cristão e embarcou para a Noruega, levando o pedaço da verdadeira cruz que fôra prometida aos seus serviços e que êle depositou, ao seu regresso, na cidade de *Hanghel*, onde a virtude dessa preciosa relíquia devia, dizia-se, preservar o país de tôda invasão.

Os noruegueses não foram os únicos povos do Norte que tomaram parte no cêrco de Sidon; peregrinos da Frísia haviam chegado à Palestina, da Inglaterra, e combateram com os guerreiros de Balduino. Lemos numa crônica de Brémen, que se fêz então em todo o império germânico uma grande convocação de homens, para a guerra santa de além-mar. Muitos bremenses, ao sinal de seu arcebispado e comandados por dois cônsules, que a crônica nomeia, partiram para o Oriente e distinguiram-se na tomada de Beirute e de Sidon. À volta de sua peregrinação, só haviam perdido dois dos seus companheiros; foram recebidos em triunfo por seus concidadãos, e escudos de armas, dados à cidade de Brémen pelo Imperador da Alemanha, atestaram os serviços que êles tinham prestado à causa de Jesus Cristo, na Terra Santa.

Balduino voltou vencedor a Jerusalém e soube com tristeza, que Gervásio, Conde de Tiberíades,

tinha sido atacado pelos turcos e levado com seus mais fiéis cavaleiros para a cidade de Damasco. Enviados muçulmanos vieram oferecer ao Rei de Jerusalém a liberdade de Gervásio, em troca de Tolemaida, de Joppé e de algumas outras cidades tomadas pelos cristãos; uma recusa, acrescentavam êles, iria causar a morte do Conde de Tiberíades. Balduino propôs pagar pela liberdade de Gervásio uma soma considerável. "Quanto às cidades, que vós pedis, disse-lhes, não vo-las daria nem por meu irmão Eustáquio, nem por todos os príncipes cristãos." À volta dos embaixadores, Gervásio foi levado, com todos os seus cavaleiros, a uma praça de Damasco e morto a flechas pelos turcos.

1112. Mais ou menos no mesmo tempo, Antioquia lamentou a morte de Tancredo. Tôda a Igreja dos Santos, diz Guilherme de Tiro, reconhecerá para sempre as obras caridosas e a liberalidade do herói cristão. Durante o tempo em que êle governou Antioquia, uniu-se de coração e de alma a todos os sofrimentos do seu povo. Raul de Coen nos diz que no meio de uma carestia que assolou seu principado, êle jurou não beber mais vinho e reduzir-se, quanto à mesa e ao vestuário à condição dos pobres, enquanto durasse a carestia e a miséria pública. Na guerra, Tancredo procurava ser como o pai de todos os que combatiam sob suas bandeiras, e, êle tinha o costume de dizer: "Minha fortuna e minha glória

são meus soldados. Que a riqueza seja sua partilha, para mim eu reservo os cuidados, os perigos, a fadiga, o granizo e a chuva." Ao se aproximar a sua última hora, Tancredo tinha junto de si, sua espôsa Cecília, filha de Filipe I, Rei da França e o jovem Pons, filho de Bertrando, Conde de Trípoli; fê-los prometer unirem-se depois de sua morte pelos laços do casamento, promessa que foi sem mais, cumprida. Nomeou Rogério para seu sucessor, filho de Ricardo, seu primo, com a condição expressa de que êle entregaria o principado de Antioquia, *inteiro e sem dificuldade*, ao seu legítimo senhor e príncipe, o filho de Bohémond, que estava com sua mãe, na Itália. O ilustre Tancredo foi sepultado em Antioquia sob o pórtico da igreja do príncipe dos Apóstolos, no ano 1112, da Incarnação.

No ano seguinte, durante o verão, hordas imensas de bárbaros, tinham partido novamente das margens do mar Cáspio, do Korassan, do país de Mossul, para se dirigir à Síria. Desta vez deixaram em paz Edessa e Antioquia, e, marchando entre as regiões de Damasco e Fenícia, entre o Líbano e a orla marítima, penetraram na Galiléia. À sua aproximação, o Rei Balduino acorrera, com seu exército. Encontrou os inimigos acampados ao sul de Panéias, numa ilha formada por dois braços do Jordão; os cristãos puseram seu acampamento nas vizinhanças. Os dois exércitos separados pelo rio Dan, estavam um diante do outro, há vários dias, quando Balduino,

enganado por um ardil dos bárbaros, travou imprudentemente o combate. O exército cristão, o reino, tudo estêve a ponto de perecer naquele dia; o rei correu os maiores perigos; abandonou seu estandarte, os cristãos perderam trinta cavaleiros e mais de mil e duzentos soldados de infantaria, mortos ou prisioneiros. Rogério de Antioquia e o Conde de Trípoli que vinham em auxílio de Balduino, chegaram depois da batalha; reunindo às suas tropas, os restos do exército vencido, êles foram acampar nas montanhas de Seffet ou Saffat; a multidão dos turcos ocupava o vale desde Panéias até o lago de Tiberíades. Tudo foi devastado às margens do Jordão e nas planícies da Galiléia, onde os habitantes do país ocupavam-se da ceifa; por tôda a parte reinava a desolação, e ninguém ousava fugir, nem para a direita, nem para a esquerda, de mêdo de encontrar a morte no caminho. Não se sabia nas cidades o que se estava passando no acampamento dos cristãos e no acampamento nada se sabia do que se pasava na cidade: um grande número de muçulmanos, tinha saído de Ascalon e de Tiro para devastar as terras dos fiéis; o país de Siquem foi invadido, Naplusa entregue ao saque; Jerusalém ficou sem defensores, fechou suas portas e estêve a ponto de voltar a cair nas mãos dos inimigos de Cristo.

No entretanto, o verão se afastava e a estação marcada para a passagem dos peregrinos trazia todos os dias à Palestina os guerreiros do Ocidente. O

exército cristão recebeu assim novos reforços e contou logo doze mil combatentes, sob suas bandeiras. Por outro lado, os turcos de Damasco começavam a desconfiar dos turcos vindos da Pérsia e o exército inimigo enfraquecia-se pela discórdia. Assim, essa guerra a princípio tão terrível e ameaçadora, terminou de repente, sem luta e a multidão dos inimigos afastou-se, como uma tempestade levada pelo vento.

Então as colônias cristãs de tôdas as províncias da Síria, foram alvo de outras calamidades. Nuvens de gafanhotos, vindos da Arábia, acabaram de devastar os campos da Palestina. Uma horrível carestia desolava o condado de Edessa e o principado de Antioquia. Um tremor de terra se fêz sentir desde o monte Tauro até os desertos da Iduméia; várias cidades da Cilícia reduziram-se a montes de ruínas; treze tôrres da cidade de Edessa e a cidadela de Alepo ruíram com estrondo; as mais altas fortalezas, cobriram a terra com suas ruínas e seus comandantes, muçulmanos ou cristãos, procuraram asilo com seus soldados, nas florestas e nos desertos; uma tôrre de Antioquia, várias igrejas e outros edifícios da cidade foram destruídos.

Atribuíram êsse horrível flagelo aos pecados dos cristãos. Gauthier, o chanceler, nos faz uma descrição horrível dos escândalos e da prostituição de que êle mesmo tinha sido testemunha. A penitência foi excessiva, como excessiva tinha sido a desordem dos

costumes. Todo o povo de Antioquia rezava dia e noite, cingia-se de cilício, dormia na cinza. As mulheres e os homens iam separadamente de lugar em lugar, de igreja em igreja, descalços, de cabeça raspada, ferindo o peito e repetindo em altas vozes, *Senhor, poupai-nos!* Sòmente depois de cinco meses, o céu deixou-se comover pelo arrependimento e os terremotos cessaram de aterrorizar as cidades. Regozijaram-se em Bagdad, pelo flagelo que tinha desolado o país, dos cristãos; o Príncipe de Mossul, dizem as crônicas, *tirou augúrios do sol e da lua,* e julgou que o momento era chegado para se invadir a Síria. O povo de Mossul e de Bagdad, não havia esquecido a morte de Moudoud, que chefiara a última expedição dos muçulmanos à Galiléia; atribuía-se ao Príncipe de Damasco a culpa da morte dêsse ilustre mártir do islamismo. Todos os emires da Mesopotâmia tomaram as armas para combater os cristãos e para castigar os muçulmanos infiéis.

No perigo que o ameaçava, o sultão de Damasco não hesitou em fazer uma aliança com os príncipes cristãos. O Rei de Jerusalém, o Príncipe de Antioquia, o Conde de Trípoli, uniram suas tropas às de seu novo aliado e todos juntos marcharam contra os guerreiros de Mossul e de Bagdad, que já devastavam as margens do Eufrates e do Oronte. Os cristãos estavam cheios de zêlo e ardiam no desejo de combater; mas seus novos auxiliares, que sempre desconfiavam dos soldados de Jesus Cristo, não lhes

quiseram dar a vantagem de uma vitória; fizeram todos os esforços para evitar uma batalha decisiva, na qual temiam ao mesmo tempo o triunfo de seus aliados e de seus inimigos. No entretanto, uma aliança tão formidável foi suficiente para livrar a Síria de uma invasão e para obrigar os bárbaros a retornar, passando o Eufrates. Embora os muçulmanos de Damasco e as potências cristãs tivessem encontrado sua salvação comum numa aliança passageira, era tal, porém, o espírito dos francos, e de seus adversários, que todos os sequazes de Maomé acusaram, nessa ocasião, o Príncipe de Damasco de ter traído a causa do islamismo e que, quando êle se separou do exército cristão, para voltar à sua capital, todos os fiéis da Síria agradeceram ao céu ter por fim, separado o *estandarte de Belial do de Jesus Cristo*.

O Rei Balduino, não tendo mais que combater os turcos de Bagdad, voltou suas vistas para as regiões de além do Jordão e do Mar Morto. Atravessou a Árabia Petréia e avançou para a terceira Arábia, chamada pelos nossos cronistas de *Síria de Sobal;* lá encontrou uma alta colina que dominava uma terra fecunda e aquêle lugar pareceu-lhe propício para a construção de uma fortaleza. A nova cidade foi confiada à guarda dos fiéis guerreiros e recebeu o nome de *Montreal*.

No ano seguinte (1116) Balduino tomando consigo homens que conheciam perfeitamente o lugar,

penetrou nos desertos da Arábia, desceu para o Mar Vermelho e chegou até Héllis, cidade muito antiga, outrora freqüentada pelo povo de Israel e construída no lugar onde a Escritura coloca as duas fontes e as setenta palmeiras. Depois que o rei e os que o acompanhavam examinaram bem a cidade de Héllis e as margens do Oceano, voltaram a Montreal, e depois, a Jerusalém. Ao seu regresso à Cidade Santa, todos não se cansavam de ouvir a narração das suas viagens ao Mar Vermelho e pelos desertos do Sinai. Admiravam principalmente as conchas do mar e certas pedras preciosas que êles tinham trazido. Foulcher de Chartres nos diz que êle fêz várias perguntas aos companheiros de Balduino e que lhes perguntou dentre outras coisas, se o Mar Vermelho era doce ou salgado, se formava um lago ou uma baía, se tinha uma entrada e uma saída, como o mar de Galiléia ou se era fechado como o Mar Morto.

1118. Enquanto o Mar Vermelho e suas maravilhas ocupavam assim o povo cristão, Balduino tinha outro pensamento, e procurava outro caminho que o pudesse levar ao Egito. Pelo mês de fevereiro, êle reuniu a elite de seus guerreiros, atravessou o deserto, atacou e entregou ao saque a cidade de *Faramia,* situada a algumas léguas das ruínas de Tânis e de Pelusa. Alberto d'Aix nos diz que os guerreiros francos banharam-se nas águas do Nilo

e que apanharam grande quantidade de peixes, espetando-os com suas lanças; — tudo o que êles viam naquela terra tão fértil do Egito, que parecia prometida aos seus exércitos, os enchia de surprêsa e de alegria. Mas aquêle delírio da vitória devia logo mudar-se em aflição; o Rei Balduino ficou doente; sentia fortes dores no ventre. Uma ferida que havia recebido há muito tempo, tornou a se abrir e então pensaram em regressar a Jerusalém. Os cristãos tinham que atravessar o deserto que separa o Egito da Síria. Balduino levado numa liteira feita com paus das tendas, mal pôde chegar a El-Arisch, pequena cidade à beira-mar e capital daquelas vastas solidões. Ali, percebeu que a doença tinha feito rápidos progressos e que êle estava perto do seu fim; seus companheiros de vitórias mostravam sua profunda tristeza; êle os consolava com estas palavras: "Por que estais assim chorando? Pensais que eu sou um homem ao qual muitos outros podem substituir; não vos deixeis abater, como as mulheres, pela dor, não vos esqueçais de que é preciso voltar para Jerusalém, com as armas na mão e combater ainda pela herança de Jesus Cristo, como todos juramos." Balduino pediu então uma prova de afeto, aos seus companheiros de armas; êle rogava, que não deixassem seu corpo em terras de infiéis. Os cavaleiros, derramando lágrimas, respondiam que a obrigação imposta à sua fidelidade lhes *parecia bem rude e muito acima de suas fôrças*. Como conservar e

Morte de Balduino.

transportar um corpo sem vida, pelas areias do deserto, por países inimigos e sob um sol abrasador? Balduino insistiu e disse: "Logo que eu expirar, rogo-vos, abri meu corpo, com o ferro, retirai os intestinos e enchei-o de sal e de aromas; embrulhai-o em couro e tapetes; assim podereis transportá-lo até os pés do Calvário e sepultá-lo segundo o rito católico, junto do túmulo de meu irmão Godofredo." Mandou depois chamar seu cozinheiro Edon e disse-lhe estas palavras: "Tu vês que eu vou morrer; se me amaste quando vivo, conserva o mesmo sentimento depois de minha morte; abre meu corpo, esfrega-o com bastante sal e com perfumes, por dentro e por fora. Enche de sal meus olhos, minhas narinas, minhas orelhas, minha bôca; reune-te depois a todos os outros meus servidores e aos meus caros companheiros, para me levar à Cidade Santa. Assim farás as minhas últimas vontades e conservar-me-ás fidelidade." Estas foram as palavras de Balduino aos seus cavaleiros e ao cozinheiro Edon. Depois ocupou-se da sucessão ao trono de Jerusalém. Recomendou ao sufrágio de seus companheiros seu irmão Eustáquio de Bolonha ou Balduino de Bourg, Conde de Edessa; por fim o generoso atleta da fé exalou o último suspiro, *fortificado pelos sacramentos da Confissão e da Comunhão.* Depois que êle cerrou os olhos, seus irmãos de armas, cheios de tristeza, procuraram cumprir suas últimas vontades; seu corpo foi aberto, esfregado com sal, cheio de aromas; tira-

ram-lhe os intestinos e os outros órgãos, que foram sepultados num lugar, o qual tiveram o cuidado de recobrir com um monte de pedras. Êsse túmulo, rústico, ainda pode ser visto nas vizinhanças de El-Arisch. Depois de terem cumprido êsse doloroso dever, os guerreiros cristãos retomaram o caminho pelo deserto, andando dia e noite, esforçando-se por ocultar a morte de Balduino e a dor que sentiam; atravessaram as montanhas da Judéia, o país de Hebron e chegaram a Jerusalém, no domingo de Ramos. Naquele dia, segundo o uso antigo, todo o povo cristão, precedido pelo Patriarca, descia em procissão do Monte das Oliveiras, levando ramos de palmeiras e cantando, para solenizar a entrada de Jesus Cristo em Jerusalém. Quando a procissão atravessava o vale de Josafá, o esquife de Balduino, trazido por seus companheiros, apareceu de repente no meio daquele povo que cantava hinos; logo se fêz um triste silêncio, depois, lúgubres lamentações sucederam aos cânticos da Igreja; os restos mortais de Balduino entraram pela porta Dourada e a procissão continuou. Latinos, sírios todos choravam; os mesmos sarracenos, diz o capelão de Balduino, choravam também. Ao mesmo tempo, Balduino de Bourg, que tinha deixado Edessa para vir celebrar as festas da Páscoa na cidade de Jesus Cristo, chegou pela porta de Damasco; avisado por aquela aflição geral da morte de Balduino, seu senhor e parente, uniu-se a todo o povo no luto e seguiu o cortejo

fúnebre até o Calvário. Ali, os restos do rei falecido foram depostos com grande pompa e sepultados num túmulo de mármore branco, perto do mausoléu de Godofredo.

Balduino viveu e morreu nos acampamentos, sempre pronto a combater os inimigos dos cristãos. Durante seu reinado que durou dezoito anos, os habitantes de Jerusalém ouviram todos os anos o grande sino que anunciava a aproximação dos infiéis; poucas vêzes viram no santuário o sagrado madeiro da cruz verdadeira, que se costumava levar para a guerra; o irmão e sucessor de Godofredo viu mais de uma vez seu reino em perigo, e sòmente conseguiu conservá-lo pelos prodígios do seu valor; perdeu várias batalhas, por sua bravura imprudente; mas sua extraordinária atividade, seu espírito fecundo de recursos, sempre o salvaram do perigo.

O poder cristão no Oriente cresceu durante o reinado de Balduino: Arsur, Cesaréia, Tolemaida, Trípoli, Biblos, Beirute, Sidon, fizeram parte do império fundado pelos cruzados. Várias praças fortes elevaram-se para a defesa do reino, não sòmente na Arábia, mas também nas montanhas do Líbano, na Galiléia, no país dos filisteus, e em tôdas as estradas da Cidade Santa.

Balduino acrescentou várias disposições ao código de seu predecessor. O que mais honra seu reinado foi o cuidado que êle teve de repovoar Jerusalém: êle ofereceu asilo honroso aos cristãos dis-

persos na Arábia, na Síria e no Egito. Os fiéis, perseguidos e oprimidos por impostos, pelos muçulmanos, acorreram em massa com suas espôsas, filhos, riquezas, e rebanhos. Balduino distribuiu-lhes terras, casas abandonadas e Jerusalém começou a se tornar florescente. Acrescentaremos que êle enriqueceu as igrejas, principalmente a de Belém, que foi feita sede de Bispado e a que vários edifícios religiosos deveram sua origem.

Para dar mais esplendor à capital obteve da côrte de Roma que tôdas as cidades conquistadas aos infiéis seriam anexadas à igreja patriarcal de Jerusalém: concedemos, (assim dizia o Papa Pascoal) à Igreja de Jerusalém, tôdas as cidades e províncias *conquistadas pela graça de Deus e pelo sangue do mui glorioso rei Balduino e dos que combateram com êle.* Vemos por essas palavras que os Papas apreciavam o generoso sacrifício dêsses príncipes, cuja autoridade era um sacerdócio militar, um verdadeiro apostolado armado de espada. Deixamos de narrar pormenorizadamente tôdas as questões que surgiram entre o sucessor de Godofredo e o patriarca da Cidade Santa, pois essas questões não tiveram influência alguma na marcha dos acontecimentos: a sabedoria dos pontífices de Roma recebeu muito vagamente as queixas dos patriarcas e o Papa Pascoal terminou todos os debates declarando que êle não queria *rebaixar a dignidade da Igreja em proveito*

do poder dos príncipes, nem mutilar o poder dos príncipes em proveito da dignidade da Igreja.

De resto, as questões entre Balduino e o patriarca Daimbert tiveram menos por pretexto ou por causa, ambiciosas rivalidades, do que a extrema necessidade de dinheiro, em que se encontrou muitas vêzes reduzido o sucessor de Godofredo. Foi essa necessidade de dinheiro que lhe deu o culpado pensamento de desposar uma segunda mulher, quando a primeira ainda vivia. O rei, diz-nos Guilherme de Tiro, tinha sabido que a Condêssa da Sicília, viúva de Rogério, era muito rica e que tinha tudo em abundância; êle, ao contrário, era muito pobre e tão falto de recursos, que mal tinha com que fazer frente às suas necessidades de cada dia e ao pagamento de seus irmãos de armas; não houve, além disso, nenhuma objeção, nenhuma queixa, nem no clero, nem no povo, nem entre os grandes. Como a nova princesa chegasse com muitas riquezas, uma frota carregada de trigo, de óleo, de vinho, de armas todos julgaram-se enriquecidos, com essa união matrimonial e fecharam os olhos para o escândalo. Quando veio a miséria, mostraram-se então mais severos; Guilherme de Tiro nota que o arrependimento e o luto sucederam logo às enganosas alegrias.

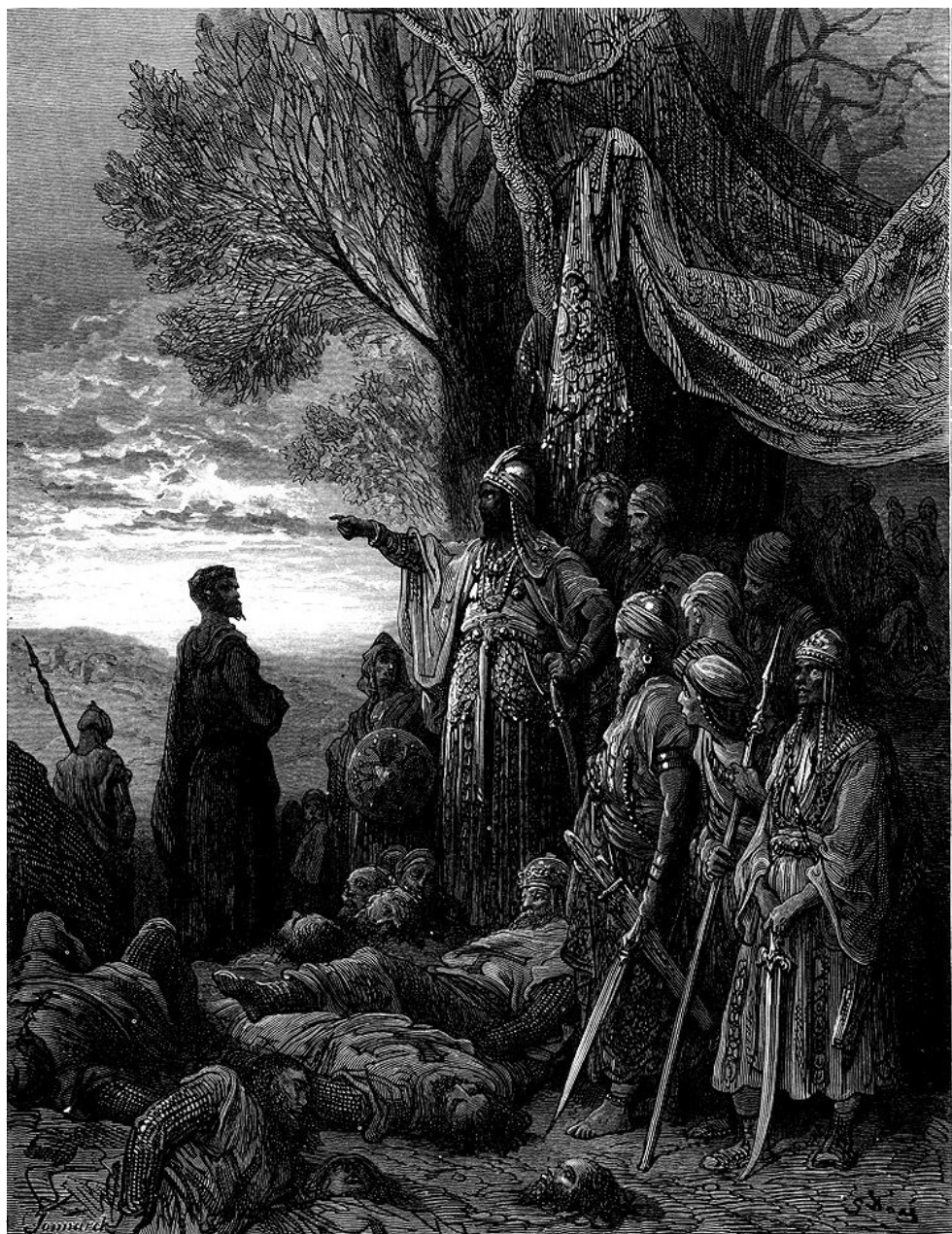
Todos os historiadores do tempo elogiam as brilhantes qualidades de Balduino. Na primeira Cruzada, êle se fizera odiar por um caráter altivo e ambicioso. Depois que conseguiu o que desejava,

fêz admirar sua moderação e sua clemência; feito Rei de Jerusalém, seguiu o exemplo de Godofredo e mereceu por sua vez servir de modêlo aos seus sucessores.

Depois que o Rei Balduino foi enterrado, o clero e o povo de Jerusalém, segundo a expressão das crônicas, *julgando-se órfãos*, pensaram em se apoiar mùtuamente e começaram a se ocupar da eleição de um novo rei. Diversas propostas foram feitas; uns diziam que a coroa pertencia a Eustáquio, irmão de Balduino, outros pensavam que no meio dos perigos não se podia esperar um príncipe que estava longe e propunham o Conde de Edessa, que então se encontrava na Cidade Santa. Entre êstes, notava-se Josselin de Courtenai, um dos condes e senhores do reino: Josselin, chegando à Ásia, tinha sido acolhido e cumulado de benefícios por Balduino de Bourg, que lhe deu várias cidades sôbre o Eufrates. Expulso depois ignominiosamente por seu benfeitor, êle se havia refugiado no reino de Jerusalém, onde obtivera o principado de Tiberíades. Quer porque êle quisesse reparar erros passados quer esperasse obter novos benefícios, êle disse aos barões reunidos que Balduino de Bourg pertencia à família do último rei: que nenhuma região nem aquém nem além do mar não poderia oferecer um príncipe mais digno do amor e da confiança dos cristãos. As bênçãos dos habitantes de Edessa designavam-no à escolha dos barões e dos cavaleiros, a providência tinha-o enviado a Jeru-

salém, para consolar o povo cristão pela morte do irmão de Godofredo. Estas palavras reuniram todos os sufrágios em favor de Balduino de Bourg. No dia de Páscoa, o novo rei foi proclamado na mesma Igreja da Ressurreição, na presença de todos os fiéis; êle reuniu em seguida todos os grandes no palácio de Salomão: combinou com êles a administração do reino e distribuiu justiça ao seu povo segundo as determinações já emanadas por Godofredo. O condado de Edessa foi cedido a Josselin de Courtenai.

Enquanto o reino de Jerusalém celebrava em paz a elevação de Balduino de Bourg, o principado de Antioquia via-se novamente exposto aos perigos da guerra. Os muçulmanos da Pérsia, da Mesopotâmia e da Síria, cujas precedentes derrotas não haviam desencorajado, juraram exterminar a raça dos cristãos e marcharam para o Oronte, comandados por *Ylgazy*, Príncipe de Maridin e de Alepo, o mais feroz dos guerreiros do islamismo. O novo príncipe de Antioquia, Rogério, filho de Ricardo, tinha chamado em seu auxílio o Rei de Jerusalém, os condes de Edessa e de Trípoli; mas, sem esperar sua chegada, teve a imprudência de ferir um combate, cuja perda deveria pôr em perigo tôdas as colônias cristãs. Antes do combate, Ylgazy falou aos soldados e o cádi de Alepo percorreu as fileiras, excitando, pela violência de suas palavras, o furor dos bárbaros. No acampamento dos cristãos, o Arcebispo de Apaméia recomendou a todos os guerreiros que confessassem

seus pecados e fizessem a Comunhão, *a fim de que, tendo-se fortalecido com o pão celeste, pudessem viver e morrer como convinha a soldados de Cristo.* A história contemporânea relata que a princípio êles repeliram os inimigos. Mas Deus, cujos desígnios não se podem penetrar, não quis que êles fôssem vitoriosos; enquanto que de lado a lado se combatia com grande violência, um enorme turbilhão impelido pelo vento, parou de repente no meio do campo de batalha, depois explodiu no ar, como uma nuvem de betume e de enxôfre. Êsse fenômeno lançou o terror entre os cristãos, já oprimidos pela multidão dos inimigos. Rogério, que se esforçou por manter os soldados, caiu ferido mortalmente, e sua morte foi seguida da dispersão e da ruína de todo o exército cristão. Gauthier, o Chanceler, que estava presente ao combate, atribui o desastre dos cristãos à leviandade, à imprevidência, do Príncipe de Antioquia, que êle nos apresenta, poucas horas antes do combate, percorrendo os vales e as colinas com sua equipagem de caça, apanhando aves com falcões amestrados, perseguindo veados com seus cães. Essa batalha foi travada perto de Artésia num lugar chamado *Campo de Sangue.* Os muçulmanos fizeram um grande número de prisioneiros. Gauthier, que foi carregado de cadeias, nos fala dos tormentos e dos suplícios que os escravos tiveram que suportar, mas êle não ousa dizer tudo o que viu, de mêdo que,

Ilgazi concede a vida a Gauthier.

acrescenta êle, os cristãos, sabendo dêsse excesso de barbárie, não sejam um dia levados a imitá-los.

1120. O exército vitorioso de Ylgazy espalhou-se por tôdas as províncias cristãs. Foi no meio da desolação geral que o Rei de Jerusalém chegou a Antioquia. A cidade tinha perdido seus mais valentes defensores. Clérigos e monges guardavam as tôrres e velavam, sob o comando do patriarca, pela segurança da praça, pois não se tinha confiança na população grega e armênia, que não suportava o jugo dos latinos. A presença de Balduino de Bourg, ao qual se deu a autoridade suprema, restabeleceu a ordem e dissipou a apreensão. Depois de ter provisto à defesa da cidade, êle visitou as igrejas de Antioquia, em vestes de luto. Seu exército recebeu de joelhos a bênção do patriarca e saiu da cidade para ir em perseguição dos muçulmanos. O rei, bem como seus cavaleiros e barões, caminhavam descalços, no meio de uma grande multidão, que invocava para êles, o auxílio do Deus dos exércitos.

1121. Os cristãos foram acampar nas montanhas de Danitz, onde os muçulmanos os vieram atacar. Êstes estavam cheios de confiança em seu número, mas os cristãos punham sua esperança no poder divino e sobretudo na presença da verdadeira cruz que Balduino tinha trazido de Jerusalém. Depois de um sangrento combate os infiéis foram vencidos e dispersados. Ylgazy e o chefe dos árabes,

Dobais, tinham fugido durante a batalha. Essa vitória espalhou o terror em Alepo e até às muralhas de Mossul, enquanto a verdadeira cruz, trazida solenemente à Cidade Santa, anunciou aos habitantes o milagre que tinha feito no meio dos soldados de Cristo. Balduino, depois de ter dado a paz a Antioquia, voltou à sua capital e para que nada faltasse às vitórias dos cristãos, Deus permitiu então que o temível chefe dos turcomanos, Ylgazy, terminasse sua carreira, ferido por uma morte súbita e violenta.

Esta a época a que chegamos, em que as circunstâncias mais graves sucediam-se, como as cenas de um drama, e o espaço de alguns meses bastava para acontecimentos que teriam podido encher os anais de um século. Mal o historiador das colônias cristãs acaba de falar de uma batalha, de uma revolução, de uma grande calamidade, logo outros combates, novas revoluções, calamidades maiores ainda, apresentam-se à sua pena e lançam uma certa confusão em suas descrições. Vimos o fim infeliz do jovem Príncipe Rogério e a desolação de Antioquia cujo território inteiro fôra invadido pelos muçulmanos. Agora é o condado de Edessa que lamentará o cativeiro de seus príncipes e poucos dias serão apenas passados, que, desta nova desgraça surgirão outras que porão em perigo todos os Estados cristãos da Síria.

1122. Balac, sobrinho e sucessor de Ylgazy espalhava o terror nas margens do Eufrates, e, seme-

lhante ao leão da escritura que rodeia sem cessar para surpreender sua prêsa, conseguiu atacar Josselin de Courtenai, e seu primo Galeran, que fêz levar carregados de cadeias para a Mesopotâmia. Chegou esta notícia ao reino de Jerusalém e o Rei Balduino de Bourg, acorreu a Edessa, quer para consolar os habitantes, quer para encontrar a ocasião e os meios de quebrar os ferros dos príncipes escravos. Mas, confiando demais em sua bravura, e, vítima de sua generosidade, caiu êle mesmo nas emboscadas do sultão Balac, e levado para a fortaleza de *Quart Pierre,* tornou-se companheiro de infortúnio daqueles aos quais queria libertar.

1123. As antigas crônicas celebraram o valor heróico de cinqüenta armênios que empreenderam a libertação dos príncipes cristãos. Depois de ter invocado a proteção do Todo-Poderoso, êles se introduziram na fortaleza de *Quart Pierre,* disfarçados, segundo alguns historiadores, em negociantes, segundo outros, em monges. Apenas entraram na cidadela, essa elite de bravos deixou os disfarces, empunhando armas, massacrou a guarnição muçulmana e deu liberdade aos ilustres prisioneiros. Êsse castelo, de que os cristãos assim se tornavam senhores, continha víveres em abundância e tôda espécie de munições de guerra. Balac ali havia deixado seus tesouros, suas mulheres e os mais preciosos despojos dos países devastados por suas armas. Os guerreiros cristãos a princípio regozijaram-se com o feliz êxito de sua

emprêsa. Mas logo os turcos das vizinhanças reuniram-se e vieram cercar a fortaleza onde flutuava o estandarte de Cristo. O sultão Balac, que segundo as narrações do tempo, tinha sido avisado em sonhos da trama arquitetada contra êle, reuniu o exército e jurou exterminar Balduino, Josselin e seus libertadores. Êstes não poderiam resistir por muito tempo às fôrças reunidas dos turcos, se não fôssem ajudados por seus irmãos cristãos. Decidiram então que Josselin saísse da fortaleza e fôsse às cidades cristãs implorar o socorro dos barões e dos cavaleiros. Josselin partiu imediatamente, depois de ter feito o juramente de deixar crescer a barba e de não beber vinho, até ter cumprido sua perigosa missão. Passou êle pelo meio da multidão ameaçadora dos muçulmanos, passou o Eufrates, levado sôbre odres de pele de cabra e atravessando tôda a Síria, chega por fim a Jerusalém, onde depõe na Igreja do Santo Sepulcro as cadeias que tinha trazido em si mesmo, e conta, com lágrimas, as aventuras e a infelicidade de Balduino e de seus companheiros. À sua voz, um grande número de cavaleiros e de guerreiros cristãos jura marchar para libertar seu monarca. Josselin põe-se à sua frente e avança para o Eufrates. Os mais valentes guerreiros de Edessa e de Antioquia tinham se unido às suas bandeiras, quando se soube que o feroz Balac havia entrado novamente, à fôrça, no castelo de Quart Pierre. Depois da saída de Josselin, Balduino, Galeran, e os cinqüenta guerreiros da Armênia tinham

resistido por muito tempo aos ataques dos muçulmanos; mas os alicerces do castelo estavam minados e os guerreiros cristãos viram-se de repente no meio das ruínas. Balac, deixando a vida ao Rei de Jerusalém, fizera transportá-lo para a fortaleza de Charan. Os bravos armênios morreram no meio dos suplícios e a palma do martírio fôra o preço do seu devotamento. Quando Josselin e os guerreiros que o seguiam receberam estas notícias, tão tristes, perderam tôda esperança de executar seu projeto e voltaram, uns para Edessa e Antioquia, outros para Jerusalém, desolados por não terem podido dar sua vida pela liberdade de um príncipe cristão.

No entretanto os sarracenos do Egito procuravam aproveitar o cativeiro de Balduino e reuniram-se nas planícies de Ascalon, com o intuito de expulsar os francos da Palestina. Por seu lado os cristãos da cidade de Jerusalém e de outras cidades do reino, confiando em sua coragem e na proteção de Deus, preparavam-se para defender seu território. Como se atribuíam sempre os sucessos dos infiéis aos pecados dos cristãos, os preparativos de uma guerra deviam começar sempre pela expiação e pela oração. O povo e o clero da Terra Santa seguiram nessa ocasião o exemplo dos habitantes de Nínive e procuraram primeiro aplacar a cólera do céu por meio de uma rigorosa penitência. Foi determinado um jejum, durante o qual as mães recusaram até o leite às suas

crianças de peito, os rebanhos foram afastados das pastagens e privados de seu alimento costumeiro.

A guerra foi então proclamada ao som do grande sino de Jerusalém. O exército cristão, que tinha apenas três mil combatentes, era comandado por Eustáquio de Aigrain, Conde de Sidon, nomeado regente do reino na ausência de Balduino. O patriarca da Cidade Santa levava à frente do exército o madeiro da verdadeira cruz. Atrás dêle, diz Roberto du Mont, ia Ponce, Abade de Cluni, levando a lança com que haviam traspassado o peito do Salvador e o Bispo de Belém, que tinha nas mãos um vaso milagroso no qual se dizia havia se conservado o leite da Santíssima Virgem, Mãe de Jesus Cristo.

No momento em que os guerreiros cristãos saíram de Jerusalém, os egípcios sitiavam Joppé, por terra e por mar. À aproximação dos francos a frota muçulmana cheia de terror afastou-se da praia. O exército de terra, acampado em Ibelin, hoje Ibna, esperava com impaciência o exército cristão. Os dois, por fim enfrentam-se; no meio do combate uma luz semelhante à do raio brilha no céu, e de repente explode nas fileiras dos infiéis. Êstes ficam petrificados de terror, os cristãos, armados com fé, reduplicam a coragem; os inimigos são vencidos e os restos de seu exército, que era duas vêzes mais numeroso que os dos cristãos, com dificuldade se refugia nos muros de Ascalon. Os francos, vitoriosos e carre-

gados de despojos, voltaram a Jerusalém cantando hinos ao Senhor.

Embora o exército dos francos tivesse triunfado sôbre os sarracenos, sempre ocupado com a defesa das cidades e das fronteiras, sem cessar ameaçadas, não podia sair do reino, para fazer novas conquistas. Os guerreiros que estavam retidos nas cidades cristãs, depois de tão grande vitória, afligiam-se com a inatividade e pareciam ainda depositar sua esperança nos socorros do Ocidente. Foi então que chegou uma frota veneziana às costas da Síria.

Os venezianos, que, há vários séculos, enriqueciam-se com o comércio do Oriente e temiam romper tão úteis relações com as potências muçulmanas da Ásia, só tinham tomado pequena parte na primeira Cruzada e nos acontecimentos que a ela se seguiram. Êles esperavam o fim dêsse grande empreendimento, para tomar partido e associar-se sem perigo, às vitórias dos cristãos; mas, por fim, invejosos das vantagens que os genoveses e pisanos haviam obtido na Síria, quiseram também compartilhar dos despojos dos muçulmanos e prepararam uma expedição formidável contra os infiéis. Sua frota, atravessando o Mediterrâneo encontrou a dos genoveses, que voltavam do Oriente; o furor e a inveja ateou logo a guerra; os navios genoveses carregados de riquezas da Ásia, foram atacados e forçados a fugir em desordem. Depois de terem derramado no mar o sangue dos cristãos, os venezianos continuaram seu

caminho para as costas da Palestina, onde encontraram a frota dos sarracenos, que vinham dos portos do Egito; logo travou-se violento combate, no qual todos os navios egípcios foram dispersados e cobriram o mar com seus restos. O doge de Veneza, que comandava a frota veneziana, entrou no pôrto de Tolemaida e foi levado em triunfo a Jerusalém. Celebrando as últimas vitórias obtidas contra os infiéis, procuraram pô-las a serviço de uma expedição importante. Num conselho reunido na presença do regente do reino, e do doge de Veneza, propuseram sitiar a cidade de Tiro ou a de Ascalon. Como as opiniões estavam divididas, propuseram interrogar a Deus e fazer a sua vontade. Duas fôlhas de pergaminho sôbre as quais estavam escritos os nomes de Ascalon e de Tiro, foram depositadas no altar do santo sepulcro. No meio da multidão numerosa, de espectadores, um jovem órfão dirigiu-se ao altar, tomou uma das fôlhas e a sorte apontou a cidade de Tiro.

Os venezianos, que não se esqueciam dos interêsses do seu comércio e de sua nação, pediram antes que começasse o assédio de Tiro, que lhes concedessem uma igreja, uma rua, um fôrno público, um tribunal particular em tôdas as cidades da Palestina. Pediram ainda outros privilégios e a posse de um têrço da cidade conquistada. A tomada de Tiro parecia tão importante, que o regente, o chanceler do reino e os grandes vassalos da coroa aceitaram

sem hesitar as condições dos venezianos, num ato que a história conservou.

Depois que assim dividiram por um tratado a cidade que iam conquistar, ocuparam-se dos preparativos do assédio. O exército cristão partiu de Jerusalém e a frota dos venezianos, do pôrto de Tolemaida, no comêço da primavera. O historiador do reino de Jerusalém que foi por muito tempo arcebispo de Tiro, descreve as antigas maravilhas da sua metrópole. Na sua narração, ora religiosa ora profana, êle invoca os testemunhos de Isaías e de Virgílio; depois de ter falado do rei Hiram e do túmulo de Orígenes, celebra ainda a memória de Cadmo e da pátria de Dido. O bom arcebispo elogia sobretudo a indústria e o comércio de Tiro, a fertilidade de seu território, as tinturas tão célebres na antiguidade, a areia que se mudava em vasos transparentes e a cana de açúcar cujo mel desde aquêle tempo era procurado em tôdas as regiões do universo. A cidade de Tiro, no tempo do rei Balduino, mal recordava as antigas pompas da cidade, cujos ricos negociantes, segundo Isaías, eram príncipes; consideravam-na como a mais povoada e a mais comercial das cidades da Síria. Erguia-se à margem de um regato delicioso que as montanhas punham ao abrigo dos ventos do norte; tinha dois grandes molhes que, como dois braços avançavam pelas águas, para fechar o pôrto onde a tempestade não podia entrar. A cidade de Tiro, que tinha sustentado vários cercos famosos,

era defendida, de um lado pelo mar e por rochedos escarpados, e do outro por uma tríplice muralha, encimada por altas tôrres.

O doge de Veneza, com sua frota, penetrou no pôrto e fechou tôda a saída para o mar. O patriarca de Jerusalém, o regente do reino, Ponce, conde de Trípoli, comandavam o exército de terra. Nos primeiros dias do cêrco, os cristãos e os muçulmanos combateram com obstinação e com ardor; os resultados foram divididos. A desunião dos infiéis veio secundar os esforços dos francos. O califa do Egito tinha cedido metade da praça ao sultão de Damasco, para induzí-lo a defendê-la contra os cristãos. Os turcos e os egípcios estavam divididos entre si e não queriam combater juntos; os francos aproveitaram essas divisões e todos os dias obtinham novas vantagens. Depois de alguns meses de ataques renovados contìnuamente, as muralhas ruíram diante das máquinas dos cristãos; os víveres começaram a escassear na cidade; os infiéis estavam prestes a capitular, quando a discórdia veio desunir por sua vez os cristãos e estêve mesmo a ponto de tornar inúteis os prodígios de valor e os sacrifícios de tão longo cêrco.

O exército de terra queixava-se de suportar sòzinho todos os combates e tôdas as dificuldades; os cavaleiros e seus soldados ameaçavam ficar inativos em suas tendas, como os venezianos em seus navios. Para evitar o efeito dessas queixas, o doge de Veneza veio ao acampamento dos cristãos, com

seus marinheiros empunhando remos e declarou que estava pronto a ir ao assalto. Desde então uma generosa emulação inflamou o zêlo e a coragem dos soldados do exército e da armada. Muçulmanos vindos de Damasco para socorrer os da cidade, avançaram até às vizinhanças de Tiro. Um exército egípcio, saindo ao mesmo tempo de Ascalon, devastou o país de Naplusa e ameaçou Jerusalém. Tôdas essas tentativas não puderam arrefecer o ardor dos cristãos, nem retardar o progresso do cêrco. Logo se soube que Balac, o mais temível dos sultões turcos, tinha morrido diante dos muros de Mauberg. Josselin, que o matara com sua mesma espada, mandou comunicar tal notícia a tôdas as cidades cristãs. A cabeça do feroz inimigo dos francos foi levada em triunfo para junto das muralhas de Tiro, onde êsse espetáculo redobrou o entusiasmo belicoso dos soldados.

125. Os muçulmanos, sem esperança de socorro, foram obrigados a se entregar, depois de cinco meses e meio de cêrco. As bandeiras de Jerusalém e do doge de Veneza, flutuaram juntas sôbre os muros de Tiro; os cristãos fizeram sua entrada triunfal na cidade enquanto os habitantes, depois da capitulação, se retiraram com suas mulheres e filhos.

No dia em que se recebeu em Jerusalém, a notícia da queda de Tiro todo o povo organizou grandes festas. Ao som dos sinos cantou-se o *Te*

Deum, em ação de graças; as bandeiras foram içadas no alto das tôrres e nas muralhas da cidade; ramos de oliveiras e ramalhetes de flôres eram esparsos pelas ruas e nas praças públicas; ricos panos adornavam a frente das casas e as portas das igrejas. Os velhos lembravam em seus discursos o esplendor do reino de Judá e as virgens repetiam em côro os salmos nos quais os profetas tinham celebrado a cidade de Tiro.

Enquanto os cristãos acrescentavam assim uma cidade opulenta ao reino de Jerusalém, Balduino de Bourg ainda estava prisioneiro na cidade de Charan, ardendo em desejo de se associar aos feitos dos seus guerreiros e de incluir algum ato de valor na lembrança das suas desgraças. Seus inimigos tiveram que constatar que a prisão de um príncipe franco não punha impedimento ao progresso das armas cristãs. O ilustre cativo aproveitou a confusão e o espírito de discórdia que as últimas vitórias cristãs haviam espalhado entre os muçulmanos da Síria, para tratar do seu resgate e obter a liberdade. Apenas saiu da prisão, reuniu alguns guerreiros e marchou contra a cidade de Alepo. O chefe dos árabes, Dobais, e alguns emires da região reuniram-se ao exército cristão; logo os habitantes se encontraram reduzidos aos extremos e a cidade estava prestes a se entregar, quando o sultão de Mossul apareceu à frente de um exército. Balduino de Bourg, obrigado a abandonar o cêrco, voltou por fim para sua capital, onde todos

os cavaleiros cristãos agradeceram ao céu a sua libertação e vieram reunir-se, sob suas bandeiras. Tiveram logo ocasião de mostrar seu valor sob um chefe que êles pareciam ter esquecido e cuja autoridade reconheceram com alegria, quando lhes prometeu levar a novos combates. Os turcos que tinham passado o Eufrates para socorrer Alepo, devastavam então o principado de Antioquia. Balduino, impaciente por manter sua promessa põe-se à testa de seus intrépidos guerreiros, ataca vitoriosamente os infiéis, apodera-se de ricos despojos e os obriga a abandonar as terras dos cristãos. Entrou triunfante em Jerusalém e logo de novo deu o sinal de outra guerra, pondo em fuga o exército de Damasco, perto do lugar onde Saulo tinha ouvido estas palavras: *Saulo, Saulo, por que me persegues?* Os guerreiros cristãos nessas campanhas rápidas tinham feito imensos despojos e os tesouros do inimigo serviram para resgatar os reféns que o rei de Jerusalém tinha deixado entre os turcos. Assim os francos repararam aos seus reveses à fôrça de bravura e cumpriram suas promessas com vitórias.

1128. Os estados cristãos tinham então como inimigos os califas de Cairo e de Bagdad, os sultões de Damasco, de Mossul, de Alepo e os descendentes de Ortoc, senhores de várias praças na Mesopotâmia. Os egípcios estavam muito fracos, por suas várias derrotas, e das suas antigas conquistas nas costas da Síria só conservavam a cidade de Ascalon;

mas a guarnição dessa praça, formada por vários exércitos vencidos, ameaçava ainda o território dos cristãos. Embora os egípcios tivessem perdido as cidades de Tiro, Trípoli e de Tolemaida, todavia ainda eram senhores do mar e suas esquadras dominavam sem obstáculo nas vizinhanças da Síria, quando os povos marítimos da Europa, não vinham em socorro dos francos, estabelecidos na Palestina.

Os turcos, acostumados à vida pastoral e militar, não disputavam nem aos egípcios nem aos francos o império do mar; mas êles se faziam temer por suas incursões contínuas nas províncias cristãs. Dóceis e pacientes, êles suportavam melhor que os inimigos a fome, a sêde e o cansaço; o conhecimento do país, o hábito do clima, as relações que tinham com os habitantes, davam-lhes grandes vantagens sôbre os cristãos em seus feitos guerreiros. Êles mostravam-se mais hábeis que os francos em atirar flechas; sua cavalaria era mais exercitada em evoluções militares. Não era, o temor, filho do despotismo, que favorecia às suas armas, mantendo entre seus soldados o respeito e a disciplina. Sua tática consistia em cansar os inimigos, armar-lhes ciladas, atraí-los a uma posição desvantajosa, onde pudessem triunfar sem combate. A discórdia, que dividia contìnuamente os príncipes muçulmanos da Síria, impedia que seguissem por muito tempo o mesmo plano de defesa ou de ataque; quando uma tranqüilidade passageira sucedia às suas guerras civis, ora excitados pelo ardor do saque,

ora animados pelos conselhos e pelos rogos do califa de Bagdad, atiravam-se com ímpeto sôbre o território de Antioquia, de Edessa, de Trípoli, ou sôbre o reino de Jerusalém. Se os muçulmanos tinham uma derrota, êles retiravam-se com a esperança de encontrar outra ocasião mais favorável; se venciam, devastavam as cidades e os campos e voltavam ao seu país carregados de despojos, cantando estas palavras: — *O Alcorão está alegre, o Evangelho está em lágrimas.*

Uma multidão de nações de costumes diferentes, de caráter e de origem diversas, dividiam os restos do império dos seldjúcidas, muitas vêzes armados uns contra os outros, mas no momento do perigo sempre prontos a se unir contra os francos. As tribos árabes que tinham abandonado as cidades ao domínio dos turcos, vagavam pelas províncias que outrora tinham possuído; combatiam sem cessar, não mais pela glória e pela pátria, mas pelos despojos e pelo islamismo. Outras povoações, a dos kurdos, atraídas pela esperança do saque, atravessavam o Tigre e o Eufrates, e vinham pôr-se a sôldo dos conquistadores, que devastavam a Síria. Criados nas montanhas próximas da grande Armênia, conservavam costumes ferozes e selvagens; vários dos seus guerreiros serviram com ardor à causa dos muçulmanos e foi dessa tribo dos kurdos que saiu em seguida a dinastia de Saladino.

A mais temível de tôdas as nações que os cristãos então tiveram que combater, foi a dos turcomanos. Essas hordas errantes eram originárias das margens do mar Cáspio e se assemelhavam por seus costumes e usos militares, aos tártaros, dos quais tinham a origem. Êles haviam penetrado na Síria algum tempo antes da primeira cruzada; e, quando o exército dos francos atravessava a Ásia Menor os turcomanos da família de Ortoc, eram senhores de Jerusalém. Vencidos pelos egípcios, êles se retiraram para a Mesopotâmia, de onde contìnuamente ameaçavam as províncias que os francos acabavam de conquistar sôbre o Eufrates e o Oronte. Não eram êles menos temidos por sua ferocidade do que por sua bravura; nossos antigos cronistas falam com estremecimentos, da barbárie dos turcomanos para com os povos vencidos; o historiador de Jerusalém, que lhes dá o nome de partos, compara sua nação à hidra de Lerne e nos diz que todos os anos via-se chegar das margens do Tigre e das fronteiras da Pérsia, uma tão grande multidão dêsses bárbaros que teria sido suficiente para cobrir a terra.

Os árabes beduinos, que então habitavam a margem esquerda do Jordão e do Mar Morto, nos são representados pelas crônicas do tempo mais ou menos como são notados pelos viajantes modernos, tal como nós mesmos os vimos. Caminhavam em tribos, sem moradia fixa, armados ligeiramente e seguidos por seus rebanhos. Essas tribos errantes

foram por vêzes inimigos terríveis, ou pelo menos vizinhos perigosos, para o reino nascente de Jerusalém. Mas o castelo de Montreal, erguido por Balduino I, na Síria Sobal, a fortaleza de Carac, construída em seguida na Arábia Petréia foram suficientes para conter as populações vagabundas do deserto. Com o auxílio dessas duas praças fortes, os francos puderam impor tributos aos árabes beduinos e ficaram senhores dos caminhos para Meca e Medina e levaram freqüentemente suas excursões até o mar Morto.

Entre os povos que tiveram alguma relação com as colônias cristãs, a história não pode esquecer os — *Assassinos* ou *ismaelitas* —, cuja seita se tinha originado nas montanhas da Pérsia, pouco tempo antes da primeira cruzada. Êles apoderaram-se de uma parte do Líbano e fundaram uma colônia acima de Trípoli e de Tortosa. Essa colônia era governada por um chefe que os francos chamavam *o Velho* ou — *o senhor da Montanha*. Êsse chefe dos ismaelitas, estabelecidos em Massiat, reinava apenas sôbre uma vintena de castelos ou aldeias. Contava quando muito sessenta mil súditos, mas tinha feito do despotismo uma espécie de culto e sua autoridade era sem limites; todos os que resistiam à sua vontade mereciam a morte. O Velho da Montanha, segundo a crença dos ismaelitas, podia distribuir aos seus servidores as delícias do paraíso; aquêle que morria para obedecer ao seu chefe subia

ao céu, onde esperava o profeta da Meca; o que morria na cama, sofria longas penas no outro mundo. Os ismaelitas estavam divididos em três classes: povo, soldados e guardas. O povo vivia do cultivo das terras e do comércio; era dócil, laborioso, sóbrio e paciente. Nada igualava à fôrça, à coragem e à habilidade dos guerreiros. Vangloriavam-se de sua habilidade na defesa das cidades sitiadas. A maior parte dos príncipes muçulmanos procurava tê-los ao seu serviço. A classe mais distinta era a dos guardas ou feudais; tudo se fazia para a sua educação. Desde a infância, êles fortaleciam o corpo com exercícios violentos: ensinavam-lhes várias línguas, para que pudessem ir a todos os países executar as ordens de seus senhores; empregava-se tôda sorte de prestígio para ferir a sua imaginação; durante o sono, provocado por bebidas alcoólicas, êles eram transportados para jardins deliciosos, para palácios cheios de imagens da volúpia. No meio do encantamento que lhes obnubilava a razão, o Velho da Montanha podia, à vontade, ordenar-lhes que se lançassem nas chamas, que se precipitassem do alto de uma tôrre, que se ferissem com uma arma mortífera. Muitas vêzes os príncipes encarregavam o chefe dos ismaelitas de executar suas vinganças e pediam a morte de seus rivais ou de seus inimigos; os reis eram seus tributários; o temor que êle inspirava, os assassínios cometidos por sua ordem, aumentavam seus tesouros. Quando o Senhor da Montanha designava um prín-

cipe, um monarca, ao punhal de seus discípulos, êstes, disfarçados em negociantes, em monges, em peregrinos, aproximavam-se de sua vítima, seguiam-na como a sombra segue o corpo, esperavam a ocasião com inaudita paciência e quando esta se apresentava, infeliz do príncipe ou do homem poderoso cuja morte lhe haviam pedido!

Os ismaelitas uniram-se muitas vêzes às sangrentas revoluções que precipitavam do trono as dinastias muçulmanas do Oriente. Êles não apreciavam os turcos, que consideravam como inimigos de sua seita, temiam os francos e tornaram-se tributários da Ordem do Templo. Mais de uma vez as violências ordenadas pelo Velho da Montanha serviram para a causa dos cristãos ou as vingaram. Lembremo-nos de que Mandoud, sultão de Mossul, foi assassinado em Damasco, por dois ismaelitas, à volta de uma cruel guerra feita aos francos, na Galiléia; um outro chefe muçulmano, Bursaki, que tinha comandado vários exércitos no território de Edessa e de Antioquia, caiu também ferido pelos discípulos do Velho da Montanha: êsse assassínio cometido dentro de uma mesquita, lançou a perturbação em vários países do Oriente; mas os cristãos não souberam aproveitar-se disso e do seio da desordem nasceu a temível dinastia dos Atabeks ou *governadores do príncipe*, cujo império se devia estender sôbre uma grande parte do Oriente.

A história oriental, falando do fato de Zenghi, deplora a fraqueza em que então haviam caído as potências muçulmanas e nota com pesar que *as estrêlas do islamismo se haviam obscurecido ante o estandarte vitorioso dos francos.* Com efeito, as colônias cristãs, embora tivessem experimentado reveses não tinham deixado no meio da confusão geral, de fazer grandes progressos e de adquirir um poder temível.

O condado de Edessa situado sôbre as margens do Eufrates e no dorso do monte Tauro, contava várias cidades florescentes. As regiões marítimas, desde o gôlfo de Issus até Laodicéia, as terras que se estendiam desde a cidade de Tarso, na Cilícia, até às portas de Alepo e desde o monte Tauro até às vizinhanças de Emesa e as ruínas de Palmira, formavam o principado de Antioquia, a mais vasta e a mais rica das províncias cristãs. O condado de Trípoli, defendido de um lado pelo Líbano e do outro pelo mar da Fenícia, colocado no centro do império dos francos, compreendia várias cidades fortificadas, um grande número de aldeias, de campos férteis. Para o norte, tinha como limites o castelo de Margath, para o sul, o rio Adônis. Êsse rio, celebrado na antiguidade profana e na sagrada, limitava ao norte o reino de Jerusalém, que de um outro lado estendia suas fronteiras até às portas de Ascalon e até o deserto da Arábia. O império dos francos tinha por inimigos todos os povos muçulmanos do Egito, da Síria e da

Mesopotâmia; devia também ter por aliados e por auxiliares todos os cristãos espalhados pelo Oriente; êsse espírito de fraternidade que une todos os homens da mesma crença, aumentava sem dúvida a fôrça de uma confederação formada em nome de Jesus Cristo. Lembramos os auxílios que os cruzados, à sua chegada à Ásia, tinham recebido da população cristã das províncias que êles atravessaram. Na época de que falamos, havia ainda um grande número de cristãos na Ásia Menor, em Alepo, em Damasco, em tôdas as cidades do Egito; e, embora êles fôssem violentamente oprimidos pelos muçulmanos, devemos crer que não eram sempre espectadores indiferentes dessa grande luta entre o Alcorão e o Evangelho. A pequena Armênia, defendida por suas montanhas, por sua população guerreira, tornou-se então um reino cristão. Foi algumas vêzes para os francos um poderoso auxiliar e sempre se declarou contra o inimigo comum, o islamismo. Uma outra potência cristã formou-se nas vastas regiões da Ibéria ou da Geórgia; Guilherme de Tiro celebra a bravura e os serviços do povo georgiano, que, pela metade do século XII pôs um freio ao poder das nações da Pérsia e fechou a passagem dos portos cáspios aos bárbaros da Tartária.

Fôssem qual fôssem os auxílios que as colônias dos francos pudessem esperar dos povos cristãos da Ásia, tais socorros não eram nada, sem dúvida, em comparação com os que recebia do Ocidente. A

Europa via com orgulho essas potências cristãs da Síria que lhe tinham custado tanto sangue; afligia-se com seus reveses, regozijava-se com seu progresso; a salvação da cristandade parecia unida à sua conservação. Os mais valentes cristãos estavam sempre prontos a se sacrificar pela herança e pela causa de Jesus Cristo.

A devoção da peregrinação levava todos os dias ao Oriente uma multidão de homens, impacientes por trocar o bordão e o alforje pela espada do combatente. A piedade inspirava o valor, e perto do túmulo de Cristo tudo se tornava belicoso, até a caridade evangélica. Do seio de um asilo consagrado ao serviço dos pobres e dos piedosos viajantes viram-se sair heróis armados contra os infiéis. Admirava-se igualmente a bravura dos cavaleiros de S. João. Enquanto alguns velavam, nos cuidados da hospitalidade, outros iam combater os inimigos da fé. A exemplo dêsses piedosos cavaleiros, alguns gentis-homens reuniram-se perto do lugar onde fôra construído o Templo de Salomão e fizeram o juramento de defender e proteger os peregrinos que se dirigiam a Jerusalém. Seu primeiro grupo deu origem à ordem dos templários, que foi, em princípio, aprovada por um concílio e deveu seus estatutos a São Bernardo.

Essas duas ordens eram dirigidas pelo mesmo móvel, que tinha feito nascer as cruzadas: a reunião do espírito militar e do espírito religioso. Retirados

do mundo, não tinham outra pátria que Jerusalém, outra família que a de Jesus Cristo. Os bens, os males, os perigos, tudo era comum entre êles; uma única vontade, um só espírito dirigia tôdas as suas ações e todos seus pensamentos; todos estavam reunidos numa mesma casa, que parecia habitada por um só homem. Viviam em grande austeridade e mais sua disciplina era severa, mais tinha laços para unir os corações. As armas eram o seu único adôrno; ornamentos preciosos não decoravam suas habitações, nem suas igrejas; mas viam-se aí muitas lanças, escudos, estandartes, tomados aos infiéis. À aproximação do combate, diz S. Bernardo, armavam-se de fé, interiormente, e com o ferro, exteriormente; não temiam nem o número nem o furor dos bárbaros; sentiam-se altivos de vencer, felizes de morrer por Jesus Cristo e julgavam que tôda vitória vinha de Deus.

A religião tinha santificado os perigos e as violências da guerra. Todo mosteiro da Palestina era como uma fortaleza onde o rumor das armas misturava-se com a oração. Humildes cenobitas procuravam a glória nos combates; a exemplo dos hospitalários e dos templários, cônegos instituídos por Godofredo para rezar junto do Santo Sepulcro, se haviam revestido do capacete e da couraça e, sob o nome de Cavaleiros do Santo Sepulcro, distinguiam-se entre os soldados de Jesus Cristo.

A fama dessas ordens militares, espalhou-se logo por todo o mundo cristão, e penetrou mesmo nas ilhas e nos territórios de povos longínquos do Ocidente. Todos os que tinham pecados a expiar, acorriam à cidade santa, para compartilhar dos esforços dos guerreiros de Cristo. Uma multidão de homens que tinha devastado seu próprio país, veio defender o reino de Jerusalém e associar-se aos perigos dos mais firmes defensores da fé.

Não havia uma família ilustre na Europa que não tivesse dado um cavaleiro para as ordens militares da Palestina; os mesmos príncipes inscreveram-se nessa milícia santa e deixaram os sinais de sua dignidade para tomar a cota de armas vermelha dos Hospitalários ou o manto branco dos cavaleiros do Templo. Todos os povos do Ocidente davam-lhes castelos e cidades, que ofereciam asilo e socorro aos peregrinos e se tornavam auxiliares do reino de Jerusalém; simples religiosos, soldados de Jesus Cristo tinham um legado em todos os testamentos e muitas vêzes foram herdeiros de príncipes e de monarcas.

Os cavaleiros de S. João e do templo mereceram por muito tempo os maiores elogios; felizes e mais dignos das bênçãos da posteridade, se, em seguida, não se tivessem deixado corromper por seus felizes resultados, e por suas riquezas; se êles não tivessem muitas vêzes perturbado o Estado de que sua bravura era o apoio. Essas duas ordens eram

como uma cruzada que se renovava sem cessar e que mantinha a emulação nos exércitos cristãos.

Os costumes militares dos francos, que então combatiam na Palestina, apresentam um espetáculo digno de fixar a atenção do historiador e do filósofo, e podem servir para explicar os rápidos progressos da decadência inevitável do reino de Jerusalém. O princípio de honra que animava os guerreiros e os impedia de fugir, mesmo nos combates desiguais, era o móvel mais ativo de sua bravura e tinha para êles lugar de disciplina. Abandonar o companheiro no perigo, retirar-se diante do inimigo, eram ações infames aos olhos de Deus e dos homens. Nos combates, suas fileiras cerradas, sua alta estatura, seus cavalos de batalha, cobertos como êles, de ferro, derrubavam, dispersavam, numerosos batalhões inimigos. Não obstante o pêso das armaduras e das armas, nada igualava a rapidez com que se transportavam aos lugares mais afastados. Viam-nos combater, quase ao mesmo tempo, no Egito, sôbre o Eufrates e o Oronte. Não se afastavam dêsses teatros costumeiros de seus feitos, senão para ameaçar o principado de Damasco ou alguma cidade da Arábia. No meio de suas expedições, só conheciam como lei a vitória, abandonavam e alcançavam, à vontade, as bandeiras que os levavam ao inimigo e não pediam aos seus chefes que o exemplo da bravura.

Como sua milícia tinha sob suas bandeiras guerreiros de várias nações, a oposição de caracteres, a diferença de costumes e de língua, mantinham entre êles uma generosa emulação e às vêzes faziam nascer a inveja e a discórdia. Muitas vêzes o acaso, uma circunstância imprevista, decidiam um empreendimento e a sorte de uma campanha. Quando os cavaleiros cristãos se julgavam em condições de combater o inimigo, iam procurá-lo sem se preocupar em ocultar sua marcha; a confiança em sua fôrça, em suas armas, e principalmente na proteção do céu, faziam-nos desprezar os estratagemas e os ardis da guerra e mesmo as precauções mais necessárias para a salvação de um exército. A prudência em seus chefes não lhes parecia muitas vêzes que um sinal de timidez e de fraqueza, e muitos de seus príncipes pagaram com a vida ou a liberdade, a vanglória de afrontar os perigos, sem necessidade, pela causa dos cristãos.

Os francos da Palestina não conheciam quase outros perigos, outros inimigos que não os que se lhes apresentavam nos campos de batalha. Mas várias emprêsas importantes que a fortuna parecia dirigir deviam garantir a salvação e a prosperidade dos Estados cristãos na Ásia. A primeira dessas emprêsas era dominar o poder dos califas do Egito; a segunda, conquistar e conservar as cidades marítimas da Síria, a fim de receber frotas e socorros do Ocidente; a terceira, defender as fronteiras e opor de

todos os lados uma barreira aos turcos e aos sarracenos. Cada um dêsses grandes interêsses, ou antes, todos êsses interêsses reunidos ocupavam sem cessar os francos estabelecidos na Ásia, sem que a maior parte dentre êles, sentisse os perigos e as vantagens de sua posição, sem que empregassem, para obtê-lo, outro meio que as espadas. Nisto, é que devemos admirar seus esforços e sua bravura, que era suficiente para tudo, e que parecia até ter algo de prodigioso.

Acabamos de manifestar o estado das colônias cristãs na Ásia; vamos retomar a continuação dos fatos mais notáveis nessa época. Entre os ilustres peregrinos que se dirigiam então para a Palestina e se associavam aos trabalhos dos cavaleiros, a história não deve esquecer Foulques, conde de Anjou; êle era filho de Foulques le Rechin e de Bertrada de Montfort, que foi espôsa de Filipe I e pela qual o rei da França tinha enfrentado tôda a cólera da igreja. Foulques d'Anjou não se podia consolar depois da morte de sua espôsa Eremberga, filha de Elias, conde de Maine. Sua tristeza levou-o à Palestina onde manteve durante um ano cem homens armados, que êle levava ao combate. Unia a piedade à bravura e mereceu a estima dos cristãos por seu zêlo em defender a causa da religião. Balduino, que não tinha filhos homens, ofereceu-lhe em matrimônio sua filha Melisenda e prometeu fazê-lo reconhecer como seu sucessor. Foulques aceitou essa

proposta com alegria e tornou-se genro e herdeiro do rei de Jerusalém.

No décimo segundo ano do reinado de Balduino de Bourg, determinaram sitiar Damasco. O rei de Jerusalém, o príncipe de Antioquia, os condes de Edessa e de Trípoli, vários nobres peregrinos recém-chegados da Europa, reuniram tôdas as suas fôrças para essa expedição. Os cristãos puseram-se em marcha nos primeiros dias de dezembro; estavam já nas terras de Damasco e a guerra tinha começado, quando Deus, — *em castigo de seus pecados,* — retirou-lhes sua misericórdia e mandou contra êles a mais terrível das tempestades. As cataratas do céu abriram-se e todos os campos, inundados, tornaram-se um vasto mar. Os guerreiros da cruz perderam suas tendas, suas bagagens, suas armas; temeram mesmo pela vida e só pensaram então em voltar aos lugares de onde tinham partido. Perseguido pelos elementos em fúria e fugindo diante da tempestade como diante de um inimigo vitorioso, o exército chegou às margens do Jordão e deu graças a Deus por não ter perecido nesse novo dilúvio. Tal o fim de uma guerra à qual haviam chamado o Ocidente e que devia tornar os cristãos senhores da Síria.

1131. Balduino II não viveu por muito tempo, depois de tão perigosa expedição. Quando êle voltava de Antioquia onde havia restabelecido a ordem e a paz, caiu gravemente doente. Vendo chegar sua

última hora fêz-se transportar para a residência do patriarca, perto do Santo Sepulcro e morreu nos braços de seu genro Foulques, de sua filha Melisenda e de seu filho Balduino, recomendando-lhes a glória dos cristãos no Oriente.

Balduino tinha um espírito reto, alma nobre, doçura inalterável. A religião presidia a tôdas as suas ações, inspirava todos os seus pensamentos; mas sua devoção era a de um cenobita que a de um príncipe e guerreiro; nas suas freqüentes orações êle prostrava-se sem cessar por terra, e, se dermos crédito a historiadores contemporâneos, êle tinha as mãos e os joelhos endurecidos. Ocupou por dezoito anos o trono de Edessa e doze, o de Jerusalém; duas vêzes foi feito prisioneiro e ficou sete anos na escravidão entre os infiéis. Não teve nem os defeitos nem as qualidades do seu predecessor; seu reinado foi ilustrado por conquistas e vitórias, nas quais êle não teve parte; mas não levou menos ao túmulo a tristeza dos cristãos, que gostavam de ver nêle o último dos companheiros de Godofredo.

As desgraças que perturbaram sua vida e os cuidados que êle foi obrigado a ter do principado de Antioquia não o impediram de levar sua atenção à administração interna do reino. Desde o princípio do seu reinado, êle suprimiu, na capital, todo o direito de importação para as mercadorias; um segundo decreto real concedeu além disso aos sírios, aos gregos, aos armênios e mesmo aos sarracenos a

liberdade de trazer à cidade santa, sem pagar alguma taxa de entrada, trigo, cevada e tôda espécie de frutas e legumes; a taxa sôbre os pesos e medidas foi ao mesmo tempo abolida nos mercados de Jerusalém. Essas licenças fizeram bendizer o nome de Balduino e redobraram em poucos anos a população da cidade santa.

Pergunta-se, como se repovoaram as outras cidades do reino. É provável que um grande número de peregrinos se estabeleceram nas cidades que tinham ajudado a conquistar. O comércio e a indústria, devem ter levado também para lá muitas famílias das costas da Itália, e de tôdas as regiões do Oriente e do Ocidente. Os historiadores dizem que não havia mulheres nas colônias fundadas pelos soldados da cruz; mandaram buscá-las no reino de Nápoles e os nomes de *poulains* ou *pulli* foram dados às crianças que nasciam das mulheres da Apúlia ou das mulheres da Síria. Essa mistura de tôdas as nacionalidades e mesmo de tôdas as seitas, devia levar mui depressa à corrupção dos costumes e como essa população nova não contribuia ou contribuia pouco, para a defesa do país, ela corrompeu também o princípio de associação militar ou do govêrno estabelecido pelos francos.

Nos primeiros anos do reinado de Balduino, uma multidão de ratos, que não poupavam nem mesmo aos animais, nuvens de gafanhotos, sêcas, tremores de terra, desolaram o reino de Jerusalém.

Todos êsses flagelos foram considerados como um aviso do céu e fizeram pensar na reforma dos costumes. O rei Balduino e o patriarca convocaram uma assembléia em Naplusa. Os grandes do reino, os mais notáveis do clero e do povo propuseram penas severas contra os excessos de libertinagem e certas desordens vergonhosas que as antigas leis não tinham previsto. Essa legislação nova, que foi deposta nas igrejas, mostrou a corrupção, mas não a deteve.

Balduino de Bourg abriu o sínodo de Naplusa, acusando-se de ter injustamente retido os dízimos que devia ao patriarca sôbre os domínios reais. Por aí vemos que subsistia sempre algum motivo de discórdia entre os patriarcas e os reis da cidade santa, mas a paz não tinha sido perturbada. Um só dos sucessores de Daimbert, renovou abertamente as pretensões que a côrte de Roma tinha condenado; foi o patriarca Estêvão. Nascido na região de Chartres, de família ilustre, tinha sido visconde de Chartres, renunciando ao mister das armas, tomou o hábito religioso e tornou-se abade do mosteiro de S. João de la Vallée. Tinha ido a Jerusalém para dedicar-se à oração e tinha-se feito notar pela sua devoção. O patriarca Gormond morreu naquele tempo, e, quando o povo se reuniu para escolher um novo pastor para a cidade santa, aconteceu que todos os sufrágios caíram sôbre o abade de S. João de la Vallée. Apenas foi consagrado, suscitou dificulda-

des inesperadas e reclamou a posse de Jerusalém e de Joppé. Daí resultou pronta e grave inimizade entre êle e o rei; mas, quando os debates começavam a se esquentar, uma morte prematura veio pôr têrmo a tudo. Acusaram o rei de ter feito envenenar o patriarca; Guilherme de Tiro não rejeita essa acusação e disso nos podemos admirar, lembrando todos os elogios que êle fêz das virtudes religiosas de Balduino. Um grande defeito do bom arcebispo, quando êle nos fala dessas questões entre o sacerdócio e a realeza, é louvar excessivamente os patriarcas e louvar mesmo os príncipes de tal modo que uns parecem sempre ter razão e se pergunta como os outros puderam não tê-la. No meio dêsses louvores prodigalizados sem medida a partidos opostos, é difícil conhecer-se a verdade e saber-se de que lado estava a justiça.

Foulques, conde de Anjou, foi coroado rei de Jerusalém depois da morte de Balduino. Quando subiu ao trono a discórdia perturbava os estados cristãos e ameaçava com ruína próxima, o principado de Antioquia. O filho de Bohémond, jovem príncipe cheio de bravura, vindo da Itália para receber a herança de seu pai, a princípio, atacado por Josselin, conde de Edessa, que não teve receio de se aliar aos muçulmanos para invadir e devastar as terras de um príncipe cristão, obrigado em seguida a repelir todos os dias as agressões dos turcomanos, tinha morrido com as armas na mão na Cilícia. Sua morte

lançou o principado de Antioquia nas maiores desordens: êle deixava apenas uma filha, à qual a fraqueza da idade e do sexo não permitia tomar as rédeas do govêrno. Sua viúva, Alix, filha de Balduino II, atormentada, diz Guilherme de Tiro, pelo — *espírito do demônio* — e querendo a tôda fôrça tornar-se a — *senhora do país* —, para satisfazer à sua ambição de reinar, pediu o auxílio de Zenghi, ao qual mandou um — *cavalo branco como a neve, ferrado de prata, com um freio de prata e coberto com uma armadura branca, símbolo da candura de suas promessas.* — Balduino, por sua firmeza, tinha reprimido e castigado as conjurações de Alix, em que o espírito de domínio sufocava a fé, a ternura maternal e a piedade filial, e o amor de Deus e o amor da pátria. Mas à morte de seu pai, essa princesa, — *sendo sôbre tôdas as mulheres, altiva e cautelosa* —, havia se apressado em retomar seus projetos ambiciosos. Foulques foi obrigado a deixar duas vêzes o reino, quer para restabelecer a ordem perturbada pelas pretensões de Alix, quer para repelir as invasões dos turcomanos, sempre prontos a se aproveitar das discórdias entre os cristãos. Os espíritos estavam de tal modo animados, que Ponce, conde de Trípoli, atraído para o partido da filha de Balduino, ousou travar um combate contra o rei de Jerusalém perto de Rugia: uma sangrenta derrota castigou a traição do conde e Antioquia viu renascer a paz, dentro de seus muros. Na segunda viagem

que fêz às margens do Oronte, Foulques foi mais feliz, pois não teve que combater contra os cristãos e a vitória que obteve contra os turcos, que vinham em massa da Pérsia e de Mossul, aumentou de tal modo seu prestígio e sua consideração, que todos os partidos que ainda dividiam a vida de Antioquia reuniram-se à sua voz, e não quiseram de ali por diante, ser dirigidos por seus conselhos. Êle aproveitou hàbilmente das disposições dêsses espíritos e para terminar sua obra resolveu dar à filha de Bohémond um espôso que pudesse defender seus direitos e merecer a confiança dos guerreiros cristãos.

A Síria não oferecia ao rei de Jerusalém nenhum príncipe, nenhum cavaleiro que fôsse digno de sua escolha. Êle lançou suas vistas sôbre os príncipes do Ocidente e escolheu Raimundo de Poitiers, para governar Antioquia como Balduino II, tinha-o escolhido para governar Jerusalém. Assim a Europa, que tinha fornecido defensores para os Estados cristãos do Oriente, fornecia também príncipes e reis. Raimundo de Poitiers para evitar tôdas as considerações e desconcertar os projetos inimigos, foi obrigado a chegar ao Oriente sob as vestes humildes de peregrino. Na véspera de sua entrada em Antioquia, Alix estava persuadida de que Raimundo vinha à Ásia para desposá-la; haviam assim oposto astúcia a astúcia e o patriarca pareceu prestar-se a essa fraude para evitar a perturbação e o escândalo. O casamento da filha de Bohémond foi celebrado

com grande solenidade na Igreja de S. Pedro e a ambiciosa Alix foi esconder sua vergonha e seu despeito em Laodicéia que tinha recebido como apanágio.

1132. Foulques d'Anjou, depois de ter restabelecido a paz em Antioquia, tinha encontrado, ao seu regresso, seus territórios e sua mesma casa tomados pela discórdia. Gauthier, conde de Cesaréia, genro de Hugo, conde de Joppé, acusou seu sogro de crime de traição para com o rei. O conde Hugo havia atraído o ódio de Foulques d'Anjou e dos senhores do reino, uns, dizem, por seu orgulho e espírito de desobediência, outros, por suas culpáveis ligações com a rainha Melisenda. Depois que os barões ouviram Gauthier de Cesaréia, propuseram, segundo o costume do reino, um combate em campo fechado, entre o acusado e o acusador, e, como o conde de Joppé não foi ao lugar marcado, foi declarado culpado.

Hugo era descendente do famoso senhor de Puyset, que ergueu o estandarte da revolta contra o rei da França, e que, vencido por Luís, o Grande, despojado de seus territórios, banido da pátria, se havia refugiado na Palestina, onde seus feitos lhe haviam obtido o condado de Joppé, que êle transmitiu ao filho. Hugo tinha o caráter ardente e impetuoso de seu pai, e, como êle, não sabia nem perdoar uma injúria nem suportar um ato de autoridade. Sabendo que êle fôra condenado sem ter sido ouvido,

não pôde conter a cólera e correu a Ascalon para pedir o auxílio dos infiéis contra os cristãos. Os muçulmanos, aproveitando-se da divisão que surgia entre seus inimigos, puseram-se logo em campo e devastaram todo o país até a cidade de Arsur. Hugo, depois de ter feito uma aliança criminosa com os sarracenos, veio encerrar-se em Joppé onde foi logo cercado pelo rei de Jerusalém.

A sêde de vingança animava os dois partidos: Foulques d'Anjou tinha jurado castigar a traição de seu vassalo; Hugo tinha determinado sepultar-se entre os muros de Joppé. Antes do ataque, o patriarca de Jerusalém interpôs sua mediação e lembrou aos guerreiros cristãos os preceitos da caridade evangélica. Hugo, a princípio, rejeitou a paz com indignação; mas, abandonado pelos seus, ouviu por fim as palavras pacíficas do patriarca e consentiu em depor as armas. O rei de Jerusalém despediu seu exército e o conde de Joppé persuadiu-se a deixar o reino para onde só poderia voltar depois de três anos de exílio. Êle esperava em Jerusalém o momento favorável para a partida, quando uma circunstância imprevista estêve a ponto de renovar as dissensões adormecidas. Um soldado bretão, de que a história não fala, atacou o conde, — *jogando dados diante da loja de um negociante,* — e o feriu com vários golpes de espada que o atiraram semimorto no meio da rua.

À vista dessa trágica cena o povo acorreu em massa, alvoroçando-se e comentando. Tôda a cidade ficou em rebuliço; deplora-se a sorte do conde de Joppé; não se pensa mais na rebelião; de tôdas as partes ouvem-se queixas contra o rei, que é acusado de ter dirigido êle mesmo o punhal do homicida. No entretanto o rei manda prender o assassino que é julgado segundo o rigor das leis. A sentença ordenava que os membros do culpado fôssem quebrados. Foulques confirmou a sentença, acrescentando sòmente, que o assassino não teria a língua cortada, a fim de que pudesse declarar quais os seus cúmplices. O infeliz expirou declarando que nenhuma ordem lhe havia sido dada, mas que êle julgava ter servido à sua religião e ao seu rei. Todos puderam então fazer tôdas as conjeturas possíveis, segundo a paixão as ditava e o partido que abraçavam. O conde de Joppé não tardou em ficar curado de suas feridas, ao fim de alguns meses deixou a Palestina e dirigiu-se a Sicília, onde morreu antes do têrmo marcado para seu exílio.

A rainha Melisenda conservou um profundo ressentimento por tudo o que se havia passado e mostrou com isso, que ela não era estranha à origem dessas fatais discórdias. "Desde o dia em que o conde partira do reino, diz Guilherme de Tiro, todos os que contra êle, tinham sido delatores, e o tinham incitado a se pôr em inimizade com o rei, incorreram de tal modo na indignação da rainha, que êles não

estavam seguros de sua própria vida, e mesmo o rei não tinha um ar muito tranqüilo entre os favoritos e parentes da rainha." Todavia, a ira de Melisenda aplacou-se em seguida e não sobreviveu ao conde de Joppé. Foulques mesmo, quer porque o tempo tivesse enfraquecido seu ressentimento, quer porque lhe pareceu sensato apagar os últimos vestígios de um infeliz assunto, arrependeu-se de ter comprometido a honra da rainha e tudo fêz para fazê-la esquecer o excesso de sua inveja e os rigores da sua autoridade.

1138. Entretanto, as diferentes revoluções que tinham perturbado o principado de Antioquia despertaram as pretensões dos imperadores de Constantinopla. João Comeno, filho e sucessor de Alexis, reuniu um exército e avançou para a Ásia Menor e a Cilícia, combatendo ora os turcos, os armênios, ora os francos. Os gregos vitoriosos vieram por fim acampar sob os muros de Antioquia e sua presença espalhou o terror em tôdas as cidades cristãs da Síria. A situação dos francos tornava-se tanto mais crítica nessa circunstância, quanto Raimundo, conde de Trípoli, cujo pai tinha sido apanhado numa emboscada e morto pelos muçulmanos de Damasco, encontrava-se então exposto a todos os ataques do sultão de Mossul e de Alepo; o rei de Jerusalém, ao qual o príncipe de Antioquia recorreu contra a invasão dos gregos, tinha deixado sua capital para ir em defesa da Fenícia e êle mesmo, cercado no castelo de

Montferrand, ou de Barin, estêve a ponto de cair nas mãos de Zenghi, mas pôs sua última esperança no pronto auxílio dos outros príncipes cristãos. Os francos, rodeados de perigos, deveram então a sua salvação à moderação do poderoso monarca cujos desígnios temiam; João Comeno, comovido por suas desgraças, suspendeu a guerra que havia declarado e, contentando-se com a homenagem do príncipe de Antioquia, reuniu suas tropas às dos latinos, para defender as colônias cristãs e combater as potências muçulmanas na Síria. Determinaram sitiar a cidade de Schaizar ou Cesaréia, a princípio, situada ao sul do Oronte; deviam marchar em seguida contra Alepo. Essa guerra santa, cujo primeiro sinal fêz entrarem todos os fiéis no território, não teria deixado de ter bom resultado, se tivesse sido levada com perseverança; mas a discórdia não tardou a explodir no acampamento dos novos aliados. O conde de Edessa e o príncipe de Antioquia que tinham seguido o exército ao cêrco de Schaizar, passavam seu tempo no meio dos prazeres e das festas, em vez de secundar os esforços dos gregos. Êstes, sòzinhos nos trabalhos do cêrco, suspenderam os ataques, e o imperador, quer porque quis castigar a inatividade de seus auxiliares, quer porque não esperava mais a vitória, fêz tréguas com um inimigo que tinha tremido à sua chegada. Depois de ter passado alguns dias em Antioquia, foi obrigado a deixar a cidade no meio de uma rebelião excitada contra êle e voltou

aos seus territórios, abandonando às suas próprias fôrças, aliados, que injustas pretensões cegavam sem cessar e que, além disso, mostravam tão pouco zêlo por uma guerra de que se deviam aproveitar. Mais tarde, voltando à Síria com um novo exército, embora sua moderação fôsse um penhor de sua boa fé e os mesmos francos o tivessem chamado, êle despertou sob os muros de Antioquia as mesmas desconfianças e fêz esquecer todo o poder sempre mais ameaçador dos turcos. Julgou dissipar tôdas as inquietações dos latinos anunciando o projeto de irem em peregrinação ao túmulo do Salvador. Mas êsse projeto só aumentou as desconfianças, e Foulques apressou-se em lhe mandar embaixadores para avisá-lo que devia deixar todo aparato imperial, antes de entrar na cidade dos peregrinos. O imperador, sem se irritar com essa espécie de recusa, tornou a passar o monte Tauro e quando êle morreu, ferido por uma flecha envenenada, os francos julgaram-se livres de um temível inimigo. Podia-se então fazer aos francos a censura que êles mesmos tinham feito aos gregos, de não conhecer seus verdadeiros aliados e de afastar, por prevenções injuriosas aquêles dos quais invocaram o socorro. Nas circunstâncias de que falamos, a reunião dos gregos e latinos teria podido libertar a Ásia Menor e a Síria da presença e da dominação dos turcos. É aqui, sobretudo, que devemos deplorar êste espírito de discórdia e de inveja que favoreceu tantas vêzes o

progresso dos muçulmanos e causou mais tarde a ruína do império grego e de tôdas as colônias cristãs do Oriente.

Zenghi, príncipe de Mossul e de Maridin, que Guilherme de Tiro compara ao verme da terra, sem cessar, em movimento, tinha então anunciado o projeto de se apoderar de Damasco. O príncipe muçulmano que governava essa cidade não hesitou em implorar o socorro dos cristãos. Êstes tinham um grande interêsse em não deixar-se estabelecer nem aumentar em suas proximidades, uma potência temível. O exército logo tomou as armas e, depois de ter atravessado o Líbano, Zenghi, que se havia aproximado de Damasco, abandonou seu intento. O sultão dessa cidade tinha prometido, pelas condições do tratado feito com o rei de Jerusalém, que ajudaria a reconquistar Panéias, arrebatada aos cristãos alguns anos antes e entregue recentemente a Zenghi. O príncipe muçulmano não esqueceu sua promessa e suas tropas reuniram-se às dos francos sob os muros da cidade, da qual já se havia iniciado o cêrco. Panéias ou Belinas está situada a uma milha da nascente do Jordão, aos pés do Antilíbano. No tempo de Josué, chamava-se *Dan;* sob os romanos, tomou o nome de *Cesaréia de Filipe,* na época das cruzadas, tornando-se praça forte, foi tomada, ora pelos muçulmanos, ora pelos cristãos. Cem casas de terraço, construídas com restos dos edifícios antigos, em ruínas deformes, um traçado de muros de recinto,

tôrres e fossos de um castelo feudal, uma floresta vizinha, de que os historiadores falam, eis tudo o que encontramos, em 1830, da cidade de Panéias ou Belinas. O sultão de Damasco, com suas tropas, tomou posição ao Oriente, entre a cidade e a floresta, no lugar chamado *Cohagar*. O rei de Jerusalém, ao qual se reuniram os príncipes de Antioquia e de Trípoli, acampou ao lado do Ocidente. Nesse cêrco memorável os cristãos e os turcos seus aliados, rivalizaram em zêlo e em coragem. Os assaltos multiplicaram-se durante várias semanas. Do alto de suas tôrres rolantes, construídas com madeira trazida de Damasco os cristãos enviavam a tôdas as horas do dia e da noite a morte e a destruição à praça; essas tôrres formidáveis, colocadas ao Oriente, elevavam-se a tal altura que os da cidade cheios de surprêsa e de espanto, julgavam ter que tratar, segundo a expressão de Guilherme de Tiro, não com homens, mas com habitantes do céu. Os muçulmanos e os cristãos demonstraram perfeito acôrdo. Panéias não pôde resistir aos esforços reunidos de dois temíveis inimigos; o emir que defendia a cidade propôs e fêz aceitar a capitulação. Os muçulmanos voltaram a Damasco, satisfeitos por ter arrancado a Zenghi uma das suas conquistas; os cristãos de Jerusalém tomaram posse de uma cidade que devia garantir suas fronteiras do lado do Líbano.

Essa conquista foi o último acontecimento do reinado de Foulques d'Anjou. O rei de Jerusalém,

atravessando a planície de Tolemaida, perseguindo uma lebre, acossada de sua toca, caiu do cavalo e morreu da queda, deixando como sucessores duas crianças de tenra idade. Guilherme de Tiro, que louva as virtudes de Foulques, nota com singeleza digna daqueles tempos antigos, que êle tinha cabelos ruivos e que não se lhe podia censurar nenhum defeito vulgarmente atribuído a essa côr. Nos últimos anos de sua vida a memória dêsse príncipe tinha enfraquecido tanto, que êle não reconhecia seus próprios servidores; êle não tinha mais fôrças para ser chefe de um reino rodeado de inimigos; também ocupava-se êle mais em construir fortalezas do que em reunir exércitos, em defender suas fronteiras, do que em fazer novas conquistas. Sob seu reinado, o espírito militar dos cristãos pareceu enfraquecer-se e foi substituído pelo espírito de discórdia, que trouxe calamidades maiores que não a mesma guerra. Na ocasião em que Foulques d'Anjou foi coroado rei de Jerusalém, os estados cristãos estavam no mais alto grau de prosperidade; no fim do seu reinado, já pendiam para a decadência.

A rainha Melisenda tomou a regência do reino. O jovem Balduino recebeu ao mesmo tempo a unção real e foi coroado rei na Igreja do Santo Sepulcro, no dia do Natal do Salvador. Embora o filho mais velho de Foulques não tivesse ainda quatorze anos, sua eloqüência natural, a elegância de suas maneiras, algo de nobre e de generoso em todo o seu proceder,

recomendava-o já ao amor dos povos. Tinha um espírito ativo e penetrante, memória feliz, gostava de ouvir narrar os feitos gloriosos dos grandes reis. Indagava também cuidadosamente sôbre os costumes e o caráter do povo que êle devia governar, e muitas vêzes era consultado por homens de idade madura, sôbre as leis e costumes do reino. As crônicas contemporâneas nos dizem que o jovem Balduino sempre teve muito espírito de religião e de respeito para as coisas e pessoas da igreja; mas, no princípio do seu reinado, via-se com pesar que o amor das mulheres e o jôgo dos ossinhos tomavam-lhe mais tempo e lhe eram mais interessantes do que convinha a um rei e principalmente a um rei da cidade santa. Todavia, êle se corrigiu com os anos. O arcebispo de Tiro, que o havia conhecido, nota na sua história, que, crescendo em idade êle eliminou quase todos os seus defeitos e ficou com suas boas qualidades.

A rainha Melisenda, durante a menoridade do jovem rei, governou com prudência e justiça; ela talvez teria merecido mais os elogios que a história lhe deu, se tivesse amado menos o supremo poder. Quando Balduino chegou à idade de reinar, ela hesitou muito em depor em suas mãos a autoridade real, o que veio a causar discórdias e aborrecimentos e fêz os muçulmanos crer que o reino de Jerusalém tinha vários chefes.

No primeiro ano do seu reinado, (1145) Balduino levou um exército ao país de Moab e ao vale de Moisés, de onde voltou com fama de valoroso. À volta dessa expedição, êle empreendeu uma guerra cujo motivo era injusto e cujo resultado foi infeliz. Um certo emir que governava Boshra, em nome do sultão de Damasco, veio a Jerusalém e propôs entregar a cidade que êle governava. Essa proposta a princípio foi aceita: reuniu-se mesmo um exército para ir tomar posse de Boshra. Enquanto assim se preparavam para uma expedição que se considerava como *agradável a Deus* e muito vantajosa para o povo cristão, chegaram de Damasco embaixadores encarregados de lembrar ao rei de Jerusalém os tratados que uniram os dois países. O príncipe e os emires de Damasco admiravam-se de que os cristãos recebessem assim uma cidade das mãos da traição; rogavam ao rei e a todo o povo fiel que não levassem a guerra a uma nação amiga. Uma guerra que negava a justiça não podia ser feliz. Assim falavam os embaixadores de Damasco, mas dirigiram-se a espíritos prevenidos e apaixonados; depois de vários meses, tôda a cidade de Jerusalém preparou-se para a conquista de Boshra; só se falava das vantagens e da glória dessa expedição; os que nisso viam infelicidade e injustiça eram traidores; a opinião de uma multidão cega prevaleceu e os conselhos da sabedoria não foram seguidos.

O exército cristão pôs-se em marcha. Depois de ter atravessado o profundo vale de Roob, chegou ao país chamado Traconio. Foi aí que começaram a aparecer as dificuldades e os perigos da emprêsa. A região estava cheia de muçulmanos vindos de tôdas as partes da vizinhança, para se opor à invasão dos cristãos. O ardor do sol queimava as planícies: carregados com sua pesada armadura, atormentados pela fome e pela sêde, os cristãos só podiam avançar em marcha vagarosa; os gafanhotos que caíam nos poços e nas cisternas, tinham envenenado a água; o trigo estava escondido em lugares desconhecidos, os habitantes ocultos em cavernas subterrâneas armavam aos soldados cristãos tôda espécie de cilada. Archeiros, colocados em elevações vizinhas, não davam tréguas aos guerreiros de Jerusalém e as flechas, atiradas de todos os lados *pareciam* — segundo a expressão de Guilherme de Tiro, — *descer sôbre êles como uma chuva grossa e granizo sôbre casas cobertas de ardósia e de telhas, sendo os homens e os animais atingidos por elas.*

No entretanto a esperança de se apoderar de Boshra sustentava ainda a coragem dos soldados cristãos; mas quando chegaram à cidade constataram que a cidadela e os fortes estavam guardados por soldados vindos de Damasco e a mesma mulher do emir que prometia entregar a cidade se havia declarado contra seu espôso. Essa notícia inesperada espalhou logo a consternação e o desânimo no exér-

cito cristão; os cavaleiros e os barões insistiram então que o rei de Jerusalém se pusesse a salvo, bem como a cruz de Jesus Cristo. O jovem Balduino rejeitou o conselho dos seus fiéis barões e quis participar de todos os perigos.

Depois que deram a ordem de retirada, os muçulmanos soltaram grandes gritos e se puseram em perseguição dos cristãos; os soldados de Jerusalém uniam suas fileiras e marchavam em silêncio, de espada na mão, levando seus mortos e feridos. Os muçulmanos que não podiam dispersar os inimigos e que, em sua perseguição, não encontraram nenhum vestígio de matança, julgavam ter que combater contra homens de ferro. A região que os cristãos atravessavam estava coberta de cardos, urzes e plantas sêcas pelos raios do sol. Os muçulmanos atearam-lhes fogo; o vento levava as chamas e a fumaça na direção dos cristãos; os francos caminhavam numa planície abrasada; por cima de suas cabeças flutuavam nuvens de fumaça e de poeira. Guilherme de Tiro, na sua história, compara-os a ferreiros, tanto suas vestes e seu rosto estavam enegrecidos pelo incêndio que devorava a planície. Os cavaleiros e os soldados, o povo que seguia o exército, reuniram-se em tôrno do bispo de Nazaré que levava a madeira da verdadeira cruz e rogaram-lhe, chorando, que fizesse cessar, com suas orações, os males que êles não podiam mais suportar.

O bispo de Nazaré comovido pelo seu desespêro, elevou a cruz, implorando a misericórdia do céu e ao mesmo tempo o vento mudou de direção. As chamas e a fumaça que atormentavam os cristãos voltaram-se de repente contra os muçulmanos. Os francos continuaram a marcha persuadidos de que Deus tinha feito um milagre para salvá-los. Um cavaleiro que ninguém jamais havia visto, montado num cavalo branco e levando um estandarte vermelho, precedia o exército cristão e o levava para longe dos perigos. O povo e os soldados tomaram-no por um anjo do céu; sua presença milagrosa reanimou-lhes a fôrça e a coragem. Por fim, o exército de Balduino depois de ter passado por grandes misérias, chegou a Jerusalém; os habitantes regozijaram-se com a sua volta, cantando estas palavras do Evangelho: *Entreguemo-nos com a alegria, pois êsse povo que estava morto ressuscitou, estava perdido e foi encontrado.*

Mas, enquanto os habitantes de Jerusalém recebiam assim a volta de seus guerreiros, os Estados cristãos da Mesopotâmia e do norte da Síria experimentavam sem cessar novos ataques. Zenghi, que o califa de Bagdad e os verdadeiros muçulmanos, consideravam como o escudo e o apoio do islamismo, estendia seu império desde Mossul até às fronteiras de Damasco e levava sem cessar o curso de suas vitórias e de suas conquistas. Os cristãos fizeram poucos esforços para deter o progresso de um poder

tão temível. Zenghi os mantinha numa segurança enganosa e queria despertá-los do sono, dando golpes mortais ao seu império. Êle sabia, por experiência, que nada era mais funesto aos cristãos do que um descanso muito prolongado. Os francos que deviam tudo às suas armas, enfraqueciam-se quase sempre na paz; e, quando não tinham que combater os muçulmanos, faziam guerra a si mesmos.

O reino de Jerusalém tinha duas barreiras formidáveis; o principado de Antioquia e o condado de Edessa. Raimundo de Poitiers defendia o Oronte da invasão dos muçulmanos; o velho Josselin de Courtenai, tinha sido por muito tempo, nas margens do Eufrates o terror dos infiéis, mas acabava de morrer; até o seu último suspiro êle tinha combatido contra os inimigos dos cristãos e em seu leito de morte êle fêz ainda respeitar suas armas e seu território.

Josselin sitiava um castelo perto de Alepo, quando uma tôrre ruiu e o cobriu com seus restos. Êle foi levado moribundo a Edessa. Definhando no leito, onde esperava a morte, vieram ainda dizer-lhe que o sultão de Icônio tinha sitiado uma das suas praças fortes. Mandou chamar seu filho e ordenou-lhe que fôsse atacar o inimigo. O jovem Josselin hesitou e disse ao pai, que não tinha tropas suficientes para combater contra os turcos.

O velho guerreiro, que jamais conhecera obstáculos, quis antes de morrer, dar um exemplo ao

filho, e se fêz levar à frente de seus soldados, numa liteira. Quando êle se aproximava da cidade sitiada, vieram dizer-lhe que os turcos se haviam retirado: então êle mandou parar a liteira e, erguendo os olhos ao céu como para agradecer-lhe pela fuga dos muçulmanos, morreu, no meio de seus fiéis guerreiros.

Seus restos mortais foram levados a Edessa. Todos os habitantes acorreram ao sepultamento, que apresentou um espetáculo muito triste. De um lado, viam-se soldados em pranto, carregando o esquife de seu chefe; de outro, todo o povo chorava o seu defensor, o seu amparo e celebrava a última vitória de um herói cristão.

O velho Josselin tinha morrido deplorando a sorte do condado de Edessa, que ia ser governado por um príncipe fraco e pusilânime. Desde sua infância, o filho do velho Courtenai se tinha dado à embriaguez e à devassidão. Num século e num país onde êsses vícios eram comuns, os excessos do jovem Josselin tinham muitas vêzes escandalizado os guerreiros cristãos. Depois que êle se viu feito senhor, deixou a cidade de Edessa, para ficar em Turbessel, lugar delicioso, às margens do Eufrates. Lá, entregue totalmente às suas inclinações, descuidando-se do pagamento do sôldo aos homens do exército, da fortificação das praças de guerra, esqueceu os cuidados do govêrno e as ameaças dos muçulmanos.

Durante êsse tempo, Zenghi fêz tudo o que pôde para aumentar seus territórios e vigiava contì-

nuamente para se aproveitar da discórdia dos cristãos, de sua inatividade ou de sua imprudência. Os historiadores árabes prodigalizam os maiores elogios ao gênio e ao caráter do príncipe de Mossul; enaltecem sua bravura e sua habilidade na guerra, sua liberalidade, que o fazia querido de seus servidores e soldados; sua atividade infatigável, que o tornava presente em tôda a parte e particularmente o cuidado que punha em conhecer os mais secretos pensamentos de seus inimigos, escondendo, ao invés aos olhares e ao espírito de todos, os próprios intentos. Apesar dos elogios dados à sua moderação e justiça, a história imparcial nô-lo apresenta empregando mais de uma vez a violência e a perfídia para elevar ou sustentar seu poder e rodeando-se sempre de um aparato tão terrível que foram vistos muitos homens morrerem de espanto apenas ao êle aparecer. Êsse herói bárbaro teve sem dúvida, algumas qualidades brilhantes; mas, segundo o exemplo daqueles que chegavam ao império no meio da confusão e da desordem, em que se encontrava o Oriente, devemos pensar que seus vícios e seus excessos secundaram-no muito mais que suas virtudes. A grande habilidade de Zenghi, ou melhor, sua fôrça principal na guerra, contra os cristãos, foi fazer os muçulmanos crer, e talvez crer êle mesmo, que o céu o tinha mandado para defender a religião de Maomé: "Quando Deus quis, diz o historiador dos atabeks, derrubar os demônios da cruz, como tinha fulminado os anjos rebeldes, lançou

seus olhares sôbre a multidão dos fiéis campeões do islamismo. E não encontrou outro mais próprio para cumprir a sua vontade, do que o mártir Emad-eddin-Zenghi".

Há muito tempo, Zenghi, senhor de uma grande parte da Síria, e da Mesopotâmia, procurava a ocasião de acrescentar a cidade de Edessa ao seu império. Essa conquista, que incitava sua ambição e seu orgulho devia fazer firmar-se aos olhos dos verdadeiros crentes, a missão divina de que se dizia encarregado. Para manter Josselin em sua funesta inação e segurança, o príncipe de Mossul fingiu fazer guerra aos muçulmanos, e, quando o julgavam ocupado em atacar alguns castelos muçulmanos da Mesopotâmia, êle apareceu de repente com um formidável exército diante dos muros de Edessa.

A cidade tinha muralhas muito altas, numerosas tôrres, uma cidadela muito forte; mas tôdas essas coisas, segundo a expressão singela do arcebispo de Tiro, são boas para um povo que quer combater; tornam-se, ao invés, inúteis, *se não houver no interior quem as defenda.* Os habitantes de Edessa eram quase todos caldeus e armênios, pouco exercitados no mister das armas e mais ocupados em seu comércio e em seus interêsses. A maior parte dos francos tinha seguido o jovem Josselin para Turbessel, e os que estavam em Edessa não tinham chefes que os pudessem comandar, para a luta e excitar-lhes a coragem e a bravura. Zenghi, chegando junto dos

muros da cidade, ergueu seu acampamento perto da *Porta das Horas* e o estendeu até a *Igreja dos Confessores.* Logo, numerosas máquinas foram dispostas contra as muralhas. Os habitantes, o clero, os monges, mesmo, apareceram nas defesas; as mulheres e as crianças traziam-lhes víveres, água e armas. A esperança de serem logo socorridos excitava-lhes o zêlo e substituia-lhes a coragem. Êles esperavam, diz um autor armênio, socorro da nação — *a que chamam de valente* — e todos os dias julgavam ver do alto de suas tôrres, os estandartes vitoriosos dos francos. Vãs esperanças! Quando se espalhou pela Síria a notícia do cêrco de Edessa, a desolação apoderou-se de todos os cristãos, mas ninguém tomou as armas.

Jerusalém estava separada de Edessa por uma grande distância e a ordem de mandar tropas, dada por Melisenda, que governava o reino com seu filho Balduino, ficou sem execução. Os guerreiros de Antioquia teriam podido chegar em tempo; mas Raimundo que tinha votado ódio mortal a Josselin, viu apenas no progresso espantoso dos bárbaros, a humilhação do seu rival e a ruína de seu inimigo. Josselin despertou de seu sono, mandou embaixadores por tôda a parte, chamou todos os guerreiros, mostrou o desejo de marchar em socorro de Edessa; mas, em vez de responder às suas exortações, todos se queixavam de sua imprevidência, e ninguém tomava

as armas para ir salvar da última desgraça a metrópole da Mesopotâmia.

No entretanto, Zenghi continuava sem cessar, o cêrco de uma cidade que parecia abandonada pelos cristãos. Todos os dias o exército muçulmano recebia reforços e os kurdos, os árabes, os turcomanos, acorriam à porfia, atraídos pela esperança dos despojos. A cidade estava cercada de todos os lados. Sete enormes tôrres de madeira elevavam-se mais altas que as muralhas da praça. Máquinas formidáveis não paravam de bater nos muros e de lançar pedras, dardos e matéria incandescente contra a cidade. Mineiros, vindos de Alepo, cavavam galerias subterrâneas, e já tinham penetrado até os alicerces das muralhas, e várias tôrres da cidade, suspensas como sôbre abismos, só esperavam um sinal para cobrir a terra com suas ruínas e deixar uma passagem aos soldados muçulmanos. Então os trabalhos do cêrco foram de repente interrompidos e Zenghi mandou intimar a cidade a se entregar. Os francos e com êles os sírios e os armênios, responderam que pereceriam todos antes que entregar uma cidade cristã a infiéis. Exortam-se mùtuamente a merecer a palma do martírio: "Não temamos, diziam, essas pedras lançadas para derrubar nossas tôrres e nossas casas; aquêle que fêz o firmamento e criou legiões de anjos, nos defenderá contra seus inimigos e nos preparará mansões eternas lá no céu".

Havia nessas palavras mais resignação do que virtude guerreira. Quando, depois do vigésimo oitavo dia do cêrco, várias tôrres, a um sinal de Zenghi, ruíram com estrondo, um grito de espanto reboou de um extremo a outro da cidade. Alguns guerreiros dos mais intrépidos, correram para defender a brecha; mas, no mesmo instante quase todos os postos de defesa foram abandonados e o inimigo pôde entrar de todos os lados na praça. Edessa, então, não teve mais defensores; essa infeliz cidade não viu mais em seu seio que um povo consternado e bárbaro, armado de espada. Padres de cabelos brancos levavam pelas ruas os despojos dos santos mártires invocando a misericórdia do céu. Mas quando perceberam os primeiros sinais do *dia de cólera*, detiveram-se e ficaram mudos de espanto; bem depressa a espada *os condenou ao eterno silêncio*. Assim começou o massacre do povo cristão. Um dos autores orientais de quem transcrevemos o trecho, acrescenta que o ferro dos infiéis saciou-se com o sangue dos velhos e das crianças, dos pobres e dos ricos, das virgens, dos bispos, dos eremitas. A multidão atônita corria a esconder-se nas igrejas, onde era imolada aos pés do altar. Outros fugiam para a cidadela; mas encontraram o inimigo às portas, coberto com o sangue de seus irmãos e caíam êles também sob os mesmos golpes, entre montes de cadáveres. Nessas cenas de desolação onde o pai não esperava mais o filho, onde o amigo não mais

procurava o amigo, onde todos os laços da natureza eram quebrados, viram-se ainda atos de virtudes humanas. A história contemporânea nos apresenta mães chamando os filhos para junto de si *como a galinha chama seus pintainhos*. Essas famílias espalhadas, reuniam-se para morrer juntas, pela espada do vencedor ou para serem levadas como escravas.

A matança, que tinha principiado ao nascer do sol, durou até à terceira hora do dia. Veneráveis prelados, salvos do ferro dos turcos, foram carregados de cadeias. Viu-se um bispo armênio despojado de suas vestes, arrastado pelas ruas e batido com varas. Um sábio religioso, que tinha escrito a história de Edessa e do qual freqüentemente invocamos o testemunho, não sobreviveu à ruína de sua pátria, e morreu com a turba de seus concidadãos. Hugo, arcebispo latino, tendo querido fugir, foi degolado com todo o seu clero. Seus tesouros, que êle levava consigo e que se teriam podido usar ùtilmente para a defesa da cidade, caíram nas mãos dos infiéis. Piedosos historiadores atribuem à avareza dêsse prelado a perda de Edessa, e parecem crer que êle foi castigado na outra vida, por ter preferido o seu ouro à salvação dos cristãos.

Depois que os muçulmanos se apoderaram da cidade e esta abriu-lhes as portas, os imanes subiram aos campanários das igrejas, para dizer estas palavras: "Maomé profeta do céu, acabamos de conseguir uma vitória em teu nome! Destruímos êsse povo

que adorava a pedra e torrentes de sangue correram para fazer triunfar a fé". A essa proclamação, todo o exército muçulmano respondeu com cânticos de vitória e transportes de alegria bárbara. O saque, o incêndio, e os mais horríveis excessos marcaram o triunfo do Alcorão. Os cadáveres dos vencidos foram mutilados, suas cabeças mandadas a Bagdá e até mesmo a Korassan. Tudo o que restava de cristãos vivos na cidade de Edessa foi vendido como um vil rebanho nas praças públicas; os discípulos de Cristo, carregados de cadeias, depois de ter perdido seus bens, a pátria, a liberdade, tiveram ainda a pena de ver os vencedores insultar a religião, única coisa que lhes restava para consolá-los em sua desdita. Os vasos sagrados serviram para as orgias da vitória e o santuário devia ser teatro das mais horríveis profanações. Muitos dos fiéis que os furores da guerra tinham poupado não puderam suportar a vista de tanta iniqüidade e morreram de desespêro.

Assim caiu em poder dos muçulmanos a cidade de Edessa que era uma das praças fortes mais poderosas da Ásia, pela sua cidadela, suas muralhas, sua posição, sôbre duas montanhas. O patriarca Nerses deplora, numa elegia patética, a queda dessa cidade, que as lembranças da religião e da história tinham tornado célebre e fá-la falar, ela mesma, de seu antigo esplendor. "Eu era, diz êle, como uma rainha no meio de sua côrte; sessenta aldeias em redor de mim formavam meu cortejo; meus numerosos filhos,

passavam seus dias alegremente; a fertilidade dos campos era admirada, a frescura e a limpidez de minhas águas, a beleza de meus palácios. Meus altares, carregados de riquezas, lançavam ao longe seu brilho e pareciam ser a morada dos anjos. Eu sobrepujava em magnificência as mais belas cidades da Ásia, era como um edifício celeste, construído sôbre a terra."

A conquista de Edessa encheu de alegria os muçulmanos da Síria. Os historiadores árabes contam que a notícia se espalhou imediatamente por todo o Oriente e chegou até às cidades da África e da Itália e que vários fatos milagrosos anunciaram a vitória de Zenghi. O feroz vencedor, depois de ter deixado uma guarnição em Edessa, quis continuar seus triunfos. Mas sua hora tinha chegado, e a fôrça de seu braço e de seus exércitos não pôde afastar dêle *a palma dolorosa do martírio:* enqüanto a Ásia celebrava sua glória e seu poder, diz o historiador dos atabeks, *a morte estendeu-o na poeira e a poeira tornou-se sua morada.* Ocupado com o cêrco de um castelo muçulmano não longe do Eufrates, foi assassinado por seus escravos, e sua alma, segundo a opinião dos muçulmanos, foi receber no céu a recompensa prometida ao conquistador de Edessa.

A notícia dessa morte consolou os cristãos em suas derrotas; mostraram êles alegria imoderada, como se tivessem visto cair tôdas as potências muçul-

manas. Tal júbilo devia ser breve: novos inimigos, novas desgraças, iriam cair sôbre êles.

A história conta que depois da tomada de Edessa e do massacre de sua população, Zenghi, impressionado com a beleza e a magnificência da cidade, concebeu o projeto de povoá-la novamente e restituir-lhe uma parte de seus habitantes. Um grande número de famílias sírias e armênias, antes carregadas de cadeias, tinha recebido a liberdade e a licença de voltar com seus bens para suas casas. Quando se soube da morte de Zenghi tôdas essas famílias cristãs manifestaram sua aversão por seus novos senhores e o conde Josselin julgou então ser ocasião favorável para reconquistar a sua capital. Reuniu vários guerreiros intrépidos e veio à noite, junto dos muros de Edessa; ajudado pelos habitantes foi introduzido na cidade por meio de cordas e escadas. Os que haviam penetrado no interior da praça, abriram então as portas para os companheiros; lançando-se contra os turcos, surpresos e espantados, passaram a fio de espada todos os que encontraram pelas ruas e que não tiveram tempo de fugir para as tôrres e para a cidadela. Josselin, tornando assim a entrar em Edessa, mandou mensageiros a todos os príncipes cristãos da Síria, pedindo-lhes que viessem em seu auxílio para poder conservar uma cidade cristã. Essa notícia, dizem as antigas crônicas, difundiu a alegria por tôda a parte: mas a alegria é vizinha do luto; nenhum dos príncipes cristãos veio

ajudar Josselin, e enquanto êle punha em sua chegada, sua única e última esperança de salvação, Noureddin, segundo filho de Zenghi, tornou-se senhor de Alepo e veio imediatamente a Edessa, com um exército numeroso e formidável. Êle tinha jurado, partindo de sua capital, exterminar os cristãos, e todos os exércitos muçulmanos tinham se reunido para cumprir suas ameaças e servir à sua vingança. Josselin e seus companheiros tendo entrado sorrateiramente em Edessa, não tiveram nem tempo nem meios de se fortificar e a cidadela estava ainda em poder dos inimigos, quando a cidade foi invadida pelas fôrças de Noureddin. Os guerreiros cristãos, colocados entre a guarnição da fortaleza e o exército muçulmano, viram então o perigo em que se haviam metido. Tinham o inimigo de todos os lados e não esperavam mais nenhum auxílio do exterior. Como acontece em circunstâncias desesperadas, mil resoluções foram tomadas, e rejeitadas ao mesmo tempo. Enquanto êles deliberavam, o inimigo os ameaça e ataca. Não há mais salvação para êles, numa cidade onde haviam entrado como vencedores; depois de ter enfrentado a morte para dela se apoderar, estão dispostos a suportar todos os perigos, para de lá sair. Os soldados de Josselin, todos os cristãos que tinham vindo à cidade, o pequeno número de habitantes que tinha sobrevivido ao massacre de seus irmãos, só pensam em se salvar fugindo à barbárie dos muçulmanos. Fazem em segrêdo os pre-

parativos para a partida. As portas abrem-se no meio da noite; cada qual leva o que tem de mais precioso; uma multidão se espalha pelas ruas. Já um grande número dêsses infelizes fugitivos saiu pelas portas da cidade; os guerreiros comandados por Josselin estão à frente da multidão, avançam por primeiros na planície onde estavam acampados os muçulmanos. A guarnição da cidadela avisada por causa do barulho, faz uma incursão e reune-se aos soldados de Noureddin que correm para a cidade e se apoderam das portas pelas quais os cristãos estavam saindo. Travam-se vários combates que são aumentados, na confusão das trevas, pela desordem e pelo horror. Os cristãos conseguem abrir uma passagem e espalham-se pelos campos vizinhos. Aquêles que levam armas, reunem-se em batalhões e procuram atravessar o acampamento dos inimigos; os outros, separados da tropa dos guerreiros, caminham ao acaso, afastam-se na planície e por tôda a parte encontram a morte. Narrando os fatos dessa noite terrível, Guilherme de Tiro não pode reter as lágrimas. "Oh, noite desastrosa, exclama o historiador Aboulfarage, aurora de inferno, dia sem piedade, dia de desgraça que surgiu para os filhos de uma cidade outrora digna de inveja!" Em Edessa, fora de Edessa, só se ouviam gritos de morte. Os guerreiros reunidos em batalhões, depois de ter atravessado o exército dos infiéis, foram perseguidos até às margens do Eufrates; os caminhos estavam cobertos de armas e

de bagagens que êles haviam abandonado. Mil dentre êles sòmente conseguiram chegar a Samosata, que os recebeu dentro de seus muros, deplorou sua desgraça, sem poder vingá-los.

A história refere que mais de trinta mil cristãos foram mortos pelos soldados de Noureddin e de Zenghi. Dezesseis mil foram feitos prisioneiros e terminaram sua vida nos horrores da escravidão. Noureddin, em sua vingança, não poupou nem mesmo as muralhas e os edifícios de uma cidade rebelde: mandou derrubar as tôrres, a cidadela e as igrejas de Edessa. Expulsou todos os cristãos e permitiu apenas que um pequeno número de pobres e de mendigos habitasse no meio das ruínas de sua pátria.

Sabemos que Zenghi fôra considerado como santo, como guerreiro querido de Maomé por ter conquistado a cidade de Edessa; a sangrenta expedição de Noureddin tornou-o caro aos muçulmanos, contribuiu muito para estender sua fama e seu poder e os imanes e os poetas prometiam às suas armas a conquista mais gloriosa de Jerusalém.

Os habitantes da cidade santa e das outras cidades cristãs derramaram lágrimas de desespêro quando souberam da queda e da destruição de Edessa. Presságios sinistros aumentavam o terror que lhes inspiravam as notícias chegadas das margens do Eufrates. O raio caiu sôbre as igrejas do Santo Sepulcro e do monte Sião; um cometa de cauda resplandecente apareceu no céu; vários outros sinais, diz Guilherme

de Tiro, apareceram, *contra o costume e a estação do ano, significativos de coisas futuras*. Para cúmulo de infelicidade, Rodolfo, chanceler de Jerusalém foi levado pela violência à Sé de Tiro e o escândalo reinou no Santuário. Todos os fiéis do Oriente ficaram persuadidos de que o céu se havia declarado contra êles e que horríveis calamidades iriam cair sôbre o povo cristão.

LIVRO SEXTO

HISTÓRIA DA CRUZADA DE LUÍS VII E DE CONRADO

1145-1149

Segunda Cruzada. — São Bernardo; Luís VII e o Abade Suger; Assembléia de Vézelay; o rei toma a cruz; o monge alemão Rodolfo; o Abade de Claraval vai ter com o imperador; dieta de Ratisbona; Conrado e seus barões partilham do entusiasmo geral; assembléia de Etampes; volta de S. Bernardo; proposta de Rogério, Rei da Sicília; o Abade Suger e o Conde de Nevers; recursos empregados para fazer frente às despesas da expedição; partida de Luís VII; os alemães em Constantinopla; chegada dos franceses; entrevista do rei com Manuel Comeno; propõe-se apoderar da cidade; o Bispo de Langres; o imperador grego apressa a partida dos cruzados; os guias dados aos alemães enganam-nos e, entregue a mil males, seu exército perece quase todo; itinerário de Luís VII; fadigas e privações inauditas; chegada a Satalie; embarque de uma parte das tropas; a outra parte morre sob o ferro muçulmano; brilhante recepção feita a Luís VII pelo Conde de Antioquia; a Rainha Eleonora; Luís VII e Conrado são recebidos por Balduino III, Rei de Jerusalém; os cruzados vão sitiar Damasco; importância dessa cidade; vitória contra os turcos; negociações; desinteligências entre os cruzados; o jovem Saladino; abandona-se o cêrco; Conrado, depois Luís VII, voltam à Europa; resumo da segunda Cruzada e dos acontecimentos, que com ela se relacionam; paralelo entre o Abade de São Dionísio e o Abade de Claraval.

As colônias cristãs, ameaçadas pelos muçulmanos, chamaram os príncipes da Europa em seu auxílio. O bispo de Gibelet, na Síria, acompanhado por um grande número de sacerdotes e de cavaleiros, dirigiu-se a Viterbo, onde estava o Soberano Pontífice. As narrações dos embaixadores cristãos, fizeram correr lágrimas ao chefe dos fiéis; as desgraças de Edessa, os males que ameaçavam Jerusalém espalharam por tôda a parte a consternação e a dor. Gritos de alarme ressoaram por todo o Ocidente. Quarenta e cinco anos se haviam passado desde a libertação do Santo Sepulcro; o espírito dos povos não havia mudado; de tôdas as partes correram todos às armas.

À voz de S. Bernardo os povos e os reis da cristandade vieram reunir-se sob o estandarte da Cruz. Nascido de uma família da Borgonha, oito anos antes da conquista de Jerusalém, S. Bernardo, desde seus mais tenros anos, havia ingressado na vida religiosa, com todos os seus numerosos parentes e trinta gentis-homens, levados por suas palavras e por seu exemplo. Tinha vinte e dois anos quando veio a Citeaux, à frente do piedoso grupo, que êle acabava de tirar do mundo. Basta pronunciar o nome

de Claraval para lembrar a glória de S. Bernardo. Tivemos ocasião de notar que duas paixões dividiam nessa época a sociedade européia: uma, impelindo os cristãos ao deserto monástico; a outra, para os caminhos de Jerusalém. S. Bernardo foi a brilhante expressão dêsse duplo entusiasmo religioso, foi o homem dessa dupla paixão, que então movia o mundo e as crônicas do século XII nos falaram do prodigioso poder de sua palavra. O abade de Claraval trazia num corpo delicado e frágil uma infatigável atividade, uma obstinação ardente, uma nobre vontade que caminhava sem se deter para o objetivo marcado. Êle se havia tornado a luz e a alma da Europa; êle não pertencia mais a si mesmo e os acontecimentos e as necessidades contemporâneas arrancavam-no freqüentemente às cadeias e às faias de sua querida solidão. Vários concílios obedeceram às suas determinações. Com as únicas armas de sua eloqüência, êle derribou o antipapa Leão e fêz subir Inocêncio II à cátedra de S. Pedro. O Papa Eugênio III e o abade Suger eram seus discípulos. Os prelados, os príncipes, os monarcas, gloriavam-se em seguir seus conselhos e julgavam que Deus falava por sua bôca.

Quando os embaixadores do Oriente chegaram à Europa, Luís VII acabava de subir ao trono da França. Êsse jovem monarca tinha visto começar seu reinado sob os mais felizes auspícios. A maior parte dos grandes vassalos revoltados contra a autoridade

real tinham deposto as armas e renunciado às suas pretensões. Por seu casamento com a filha de Guilherme IX, Luís, o Moço, acabava de reunir o ducado de Aquitânia ao seu reino. A França aumentada, nada tinha a temer dos Estados vizinhos; e, enquanto as guerras civis desolavam ora a Inglaterra, ora a Alemanha, ela florescia tranqüila, sob a administração de Suger.

A paz, porém, foi um momento perturbada apenas pelas injustas pretensões do papa e pelas intrigas de Thibaut, conde de Champanha, que aproveitava o ascendente que tinha sôbre o clero, para armar os raios da igreja contra seu soberano. Luís resistiu com firmeza aos empreendimentos da Santa Sé e quis castigar um vassalo perigoso e rebelde. Levado por uma vingança cega, êle pôs tudo a ferro e fogo nos territórios de Thibaut; sitiou Vitry, foi êle mesmo ao assalto e fêz passar a fio de espada todos os que encontrou na cidade.

Um grande número de habitantes de tôda idade e sexo se haviam refugiado na igreja, julgando encontrar aos pés do altar um asilo contra a cólera de um príncipe cristão. O rei mandou incendiá-la e mil e trezentas pessoas foram vítimas das chamas. Um ato tão bárbaro espalhou o terror entre os povos que a Providência tinha submetido ao cetro de Luís. Quando êle regressou dessa expedição, sua capital recebeu-o num silêncio môrno; seus ministros mostraram mesmo no semblante o abatimento e a dor; e

S. Bernardo, como outro Ambrósio, teve a coragem de fazer ouvir as queixas da religião e da humanidade.

Numa carta eloqüente, o abade de Claraval apresentou ao monarca, a pátria desolada; mostrou-lhe a igreja amargurada, desprezada, calcada aos pés. "Combaterei por ela, dizia, até à morte; em vez do escudo e da espada empregarei as armas que me convém, quero dizer, minhas lágrimas e minhas orações diante de Deus." À voz do santo abade, Luís, por fim, reconheceu a sua falta e a vista dos juízos do céu fêz no seu espírito uma profunda impressão.

Falava-se então em tôda a cristandade da tomada e da destruição de Edessa, pelos turcos; deplorava-se o massacre do povo cristão, o incêndio das igrejas, a profanação dos santos lugares; e essas narrações lamentáveis lembravam todos os dias ao jovem monarca as violências que êle mesmo acabava de cometer ante os muros de Vitry. Luís, perseguido pelo terror dos remorsos, julgava ver sem cessar a mão de Deus prestes a feri-lo. Renunciou a todos os prazeres e suas lágrimas podiam ser comparadas às do salmista, quando exclama: *Minhas lágrimas serviram-me de pão dia e noite.* O jovem rei, para se entregar todo à dor deixou mesmo os cuidados da sua autoridade, de que se mostrava cioso. O abade de Claraval, que o tinha levado ao arrependimento, foi obrigado a acalmar seu desespêro e reanimar-lhe

a coragem, falando-lhe da misericórdia de Deus. O rei da França caiu então em si mesmo; e como segundo a opinião do tempo, os grandes crimes não se podiam absolver que com uma peregrinação à terra santa, o desejo de expiar as violências que a igreja lhe reprochava e de que êle mesmo se acusava, com tanto pesar, fê-lo tomar a resolução de ir combater os infiéis.

Na época das festas do Natal, convocou em Bourges uma assembléia, na qual anunciou seu projeto aos barões e aos prelados do reino. Godofredo, Bispo de Langres, aplaudiu seu zêlo e num discurso patético, deplorou o cativeiro de Edessa, os perigos e os desastres dos cristãos no Oriente. Sua eloqüência emudeceu a todos os ouvintes, mas o oráculo da assembléia, o que tinha todos os corações na mão, não havia ainda falado. Quer porque então não estava possuído da utilidade da cruzada, quer porque quisesse dar-lhe maior solenidade, S. Bernardo aconselhou o rei da França a consultar a Santa Sé, antes de empreender algo. Êsse alvitre foi aceito por todos. Luís mandou embaixadores a Roma e resolveu convocar uma nova assembléia, quando se tivesse recebido a resposta do Soberano Pontífice.

Eugênio III, que sucedera a Inocêncio II, tinha já, em várias das suas cartas, solicitado o auxílio dos fiéis contra os muçulmanos. Jamais a Santa Sé tivera mais motivos para fazer pregar uma cruzada. Um espírito de sedição e de heresia começava a se

introduzir no meio do povo e mesmo entre o clero do Ocidente, e ameaçava então o poder dos papas e a doutrina da Igreja. Eugênio tinha de lutar contra as perturbações suscitadas por Arnaldo de Brescia. Falava-se na capital do mundo cristão em reconstruir o Capitólio, e em substituir pela autoridade dos cônsules e dos tribunos, a autoridade papal, como na antiga Roma. Nesse estado de coisas, um grande acontecimento, como a cruzada, devia desviar os espíritos das novidades perigosas e reuni-los junto do santuário. O Soberano Pontífice podia ter numa guerra santa a dupla vantagem de defender Jerusalém contra os infiéis, a igreja, e êle mesmo, contra os ataques dos heréticos e dos inovadores. Eugênio felicitou o rei da França pela sua piedosa resolução; exortou novamente com suas cartas, todos os cristãos a tomar a cruz e as armas, e prometeu-lhes os mesmos privilégios, as mesmas recompensas, que Urbano II tinha concedido aos guerreiros da primeira cruzada. Retido na Itália, onde se ocupava em acalmar as perturbações de Roma, êle lamentava não poder, como Urbano, ir além dos Alpes, reanimar o zêlo dos fiéis com sua presença e com suas palavras.

No entretanto Suger, que via com pesar a resolução que o rei da França tinha tomado de deixar seu reino, escreveu secretamente ao Papa, comunicando-lhe seus temores e rogando ao Soberano Pontífice que adiasse a época dêsse grande sacrifício. Em sua resposta, Eugênio não esconde que a prin-

cípio o projeto de Luís lhe havia causado certa surprêsa, até mesmo alguma inquietação, mas o zêlo que o monarca mostrava permitia-lhe julgar que seu desígnio vinha mesmo de Deus. O Pontífice aconselhava, além disso, Suger a verificar, êle mesmo, se o ardor que o rei demonstrava não era fácil de se extinguir e se os barões que deveriam acompanhá-lo eram realmente inspirados por uma verdadeira piedade. Êle procurava ao mesmo tempo acalmar as apreensões do fiel ministro de Luís VII, dizendo-lhe que a igreja ia renovar suas preces e empregar todo o seu poder para garantir a salvação do príncipe e a paz do reino.

A resposta do Papa a Suger só chegou à França depois da bula que proclamava a cruzada. Essa bula dava ao abade de Claraval a missão de exortar os fiéis a tomar a cruz. Depois de conhecida a determinação do Pontífice, uma nova assembléia foi convocada em Vézelay, pequena cidade de Borgonha. A fama de S. Bernardo, as cartas dirigidas pelo Papa a tôda a cristandade, fizeram acorrer a essa reunião um grande número de senhores, de cavaleiros, de prelados, de homens de tôdas as condições. No domingo de Ramos, depois de ter invocado o Espírito Santo, todos os que tinham vindo para ouvir o abade de Claraval, reuniram-se no declive de um outeiro, às portas da cidade. Foi erguida uma ampla tribuna, onde o rei, no aparato da realeza e S. Bernardo, com o modesto hábito de cenobita, foram

saudados pelas aclamações de um povo imenso. O orador da cruzada leu por primeiro as cartas do Soberano Pontífice e falou em seguida da tomada de Edessa pelos muçulmanos e da desolação dos santos lugares. Mostrou-lhes o universo mergulhado no terror, dizendo que Deus tinha começado a perder sua querida terra. Falou-lhes da cidade de Sião implorando auxílio, Jesus Cristo prestes a se imolar uma segunda vez, por êles e a Jerusalém celeste abrindo tôdas as suas portas para receber os gloriosos mártires da fé. "Vós o sabeis, dizia êle, vivemos num tempo de castigos e de ruínas; o inimigo dos homens espalhou por tôda a parte, o sôpro da corrupção; por tôda a parte só vemos saques impunes. As leis da pátria e as leis da religião não têm mais fôrça para reter o escândalo dos costumes e o triunfo dos maus. O demônio da heresia sentou-se na cátedra da verdade. Deus amaldiçoou o seu santuário. Vós todos que me escutais, apressai-vos em acalmar a cólera do céu e não imploreis mais sua bondade, com vãos gemidos; não vos mortifiqueis mais com o cilício mas cingi-vos de vossos invencíveis escudos. O barulho das armas, dos perigos, as dificuldades e as fadigas da guerra, eis a penitência que Deus vos impõe. Ide expiar vossas faltas com vitórias contra os infiéis, e que a libertação dos santos lugares seja o nobre prêmio do vosso arrependimento."

Estas palavras do orador excitaram um vivo entusiasmo na multidão dos fiéis e, como Urbano no concílio de Clermont, S. Bernardo foi interrompido pelos gritos repetidos, de *Deus o quer! Deus o quer!* Êle então elevou a voz como se fôsse o intérprete do céu, prometeu, em nome de Deus, o feliz êxito da santa expedição e assim continuou seu discurso:

"O Deus do céu começou a perder a terra santificada com seus milagres, consagrada com seu sangue, terra de salvação onde apareceram as primeiras flôres da Ressurreição. Hoje êsses santos lugares, enrubecidos pelo Sangue do Cordeiro sem mancha, estão entregues aos inimigos de nossa fé e foram nossos pecados que fizeram desabar essa tempestade sôbre o santuário da religião!

"Se vos viessem anunciar que o inimigo acaba de entrar em vossas cidades, que êle arrebatou vossas espôsas e vossos filhos, profanou vossos templos, quem de vós não correria logo às armas? Pois bem! Todos êsses males e outros ainda muito maiores aconteceram; a família de Jesus Cristo, que é a vossa, foi dispersada pela espada dos pagãos; bárbaros destruíram a morada de Deus e dividiram a sua herança. Que esperais para reparar tantos males e para vingar tantos ultrajes? Deixareis que os infiéis contemplem em paz as destruições e os saques que fizeram na casa do povo cristão? Pensai que seu triunfo será um motivo de dor inconsolável para

todos os séculos e de eterno opróbrio para a geração que o sofreu. Sim, o Deus vivo me encarregou de vos anunciar que castigará a todos os que não o defenderem contra seus inimigos. Todos, pois, às armas! Que santa cólera vos anime ao combate e que no mundo inteiro ressoem estas palavras do profeta: *Infeliz daquele que não ensangüentar sua espada!*

"Se o Senhor vos chama à sua própria defesa, não acreditareis sem dúvida que sua mão se tornou menos poderosa: bastaria a Êle mandar doze legiões de anjos, ou dizer apenas uma palavra e seus inimigos seriam precipitados por terra. Mas Deus considerou os filhos dos homens e quer oferecer-lhes o caminho de sua misericórdia; sua bondade fêz surgir para vós o dia do perdão. Êle vos escolheu para ser o instrumento de suas vinganças; a vós sòmente Êle quer ser devedor da ruína de seus inimigos e do triunfo de sua justiça. Sim, o Deus Todo-Poderoso vos chama para expiar vossos pecados defendendo sua glória e seu nome. Guerreiros cristãos, eis combates dignos de vós, combates, onde a vitória vos atrairá as bênçãos da terra e do céu, onde a morte mesma será para vós como outro triunfo. Ilustres cavaleiros, lembrai-vos dos exemplos de vossos antepassados que conquistaram Jerusalém e cujos nomes estão escritos no livro da vida. Tomai a cruz, cruz que por si mesma é pouca coisa, mas se a levardes

com devoção, ela vos há de valer a conquista do reino de Deus."

Todos os cavaleiros e barões aplaudiram a eloqüência do abade de Claraval e persuadiram-se mesmo de que êle era o intérprete da vontade divina. Luís VII, vivamente comovido pelas palavras que acabava de ouvir, lançou-se na presença de todo o povo, aos pés de S. Bernardo, pedindo-lhe a cruz. Revestido dêsse sinal venerável, êle falou à assembléia dos fiéis para exortá-los a seguir seu exemplo. Em suas palavras, mostrou o ímpio Filisteu atirando opróbrios sôbre a nação de Davi e lembrou-lhes a santa determinação que Deus mesmo lhe havia inspirado. Invocou, em nome dos cristãos do Oriente, o auxílio generoso da nação da qual êle era o chefe; daquela nação que não podia suportar a vergonha nem por si nem por seus aliados e levava sem cessar o terror entre os inimigos de seu culto e de sua glória. A estas palavras todos se comoveram e derramaram lágrimas. A piedade tocante do monarca acabou de persuadir os que a eloqüência de S. Bernardo não havia conquistado. O outeiro sôbre o qual estava reunida tão grande multidão de povo, ressoou por muito tempo com o brado: *Deus o quer! Deus o quer! A cruz, a cruz!* Eleonora de Guiana, que acompanhava Luís, recebeu como seu espôso o sinal dos cruzados das mãos do abade de Claraval. Afonso, conde de Saint-Gilles e de Tolosa, Henrique, filho de Thibaut, conde de Champanha,

Luís VII aos pés de São Bernardo.

Thierri, conde de Flandres, Guilherme de Nevers, Rénaud, conde de Tonnerre; Yves, conde de Soissons, Guilherme, conde de Ponthieu, Guilherme, conde de Varennes; Archambaud de Coucy, Enguerrando de Coucy, Hugo de Lusignan, o conde de Dreux, irmão do rei, seu tio, o conde de Maurienne, uma multidão de barões e de cavaleiros seguiram o exemplo de Luís e de Eleonora. Vários prelados, dentre os quais a história nota Simão, bispo de Noyon, Godofredo, bispo de Langres, Alan, bispo de Arras, Arnould, bispo de Lisieux, prostraram-se aos pés de S. Bernardo, fazendo juramento de combater os infiéis. As cruzes que o abade de Claraval tinha trazido não foram suficientes ao grande número dos que se apresentaram. Êle rasgou suas vestes para fazer outras mais e vários dos que estavam junto dêle fizeram também seus hábitos em pedaços, para satisfazer à impaciência dos fiéis que êle havia abrasado com o fogo da guerra santa. Para conservar a recordação daquele dia, Pons abade de Vézelay, construiu sôbre a colina onde os barões e os cavaleiros se haviam reunido uma igreja que consagrou à Santa Cruz. A tribuna do alto da qual S. Bernardo havia pregado a cruzada, ali ficou exposta à veneração dos fiéis até o ano de 1789.

Depois da assembléia de Vézelay, o abade de Claraval continuou a pregar a cruzada nas cidades e nas aldeias vizinhas. Bem depressa a França conheceu a fama dos milagres pelos quais Deus

parecia autorizar e consagrar de algum modo sua missão. Por tôda a parte êle era considerado como o enviado do céu, como um segundo Moisés, que devia guiar o povo de Deus. Todos os cristãos estavam persuadidos de que o feliz êxito da cruzada dependia de S. Bernardo e, numa assembléia reunida em Chartres, onde se encontravam vários barões, vários príncipes ilustres por seus feitos, resolveu-se, com unânime consentimento, dar-lhe o comando da guerra santa. Os cruzados, dizia-se, não poderiam deixar de ser sempre vitoriosos sob o comando de um chefe ao qual Deus parecia ter confiado o seu poder onipotente. O abade de Claraval, que se lembrava do exemplo de Pedro, o Eremita, recusou a perigosa incumbência, de que o queriam sobrecarregar, ficou mesmo tão assustado com o sufrágio dos barões e dos cavaleiros, que se dirigiu ao Papa e rogou ao Pontífice que não o abandonasse à fantasia dos homens. O Papa respondeu a S. Bernardo que êle se devia contentar em tomar a trombeta evangélica, para anunciar a guerra. O abade de Claraval então, só se ocupou em cumprir sua missão; fê-lo com tanto zêlo, sua pregação teve um resultado tão extraordinário e ousarei dizer, tão infeliz, que despovoou os campos e as cidades. Êle escrevia ao Papa Eugênio: *As aldeias e os castelos estão desertos, só vemos viúvas e órfãos, cujos pais e maridos estão vivos.*

Enquanto assim S. Bernardo pregava a cruzada nas províncias da França, um monge alemão,

de nome Rodolfo, que também estava encarregado de chamar os fiéis a tomar a cruz, exortava os povos do Reno a massacrar os judeus, que êle apresentava, em seus discursos inflamados, como aliados dos muçulmanos e os mais perigosos inimigos da religião cristã. O abade de Claraval temendo o efeito dessa pregação correu à Alemanha para impor silêncio ao apóstolo amotinador. Como o monge alemão tinha conquistado a multidão, S. Bernardo teve necessidade, para combatê-lo, de todo o ascendente de sua virtude e de sua fama; teve coragem de fazer ouvir a sua voz no meio de uma multidão irritada, e fê-los saber, que os cristãos não deviam perseguir os judeus, mas rogar a Deus pela sua conversão; que a piedade cristã mandava perdoar aos fracos, e só declarar a guerra aos soberbos. O pregador da cruzada fêz por fim calar-se o pregador turbulento e o mandou para seu mosteiro, lembrando-lhe que o dever dos monges não era pregar, mas chorar; que êles deviam considerar *as cidades como prisões, e a solidão como seu paraíso.*

Ficou-nos uma relação contemporânea dessa perseguição dos judeus. O autor da relação, que era também judeu, depois de ter dito que Deus mandou o abade Bernardo em socorro de Israel, mergulhada então numa angústia mortal, acrescenta estas notáveis palavras: *Louvor àquele que nos socorreu.* Quando o santo pregador chegou à Alemanha, o império germânico começava a experimentar longas

perturbações que se haviam seguido à eleição de Lotário. Conrado III, revestido da púrpura, acabava de convocar em Spira uma dieta geral. O abade de Claraval para lá se dirigiu com intenção de pregar a guerra contra os muçulmanos e a paz entre os príncipes cristãos. S. Bernardo insistiu várias vêzes com o imperador Conrado a tomar a cruz. Excitou-o, primeiro em conferências particulares, e renovou depois suas exortações em sermões pregados em público. Conrado não se podia decidir a fazer o juramento de ir combater os infiéis na Ásia, alegando as recentes perturbações do império germânico. S. Bernardo respondeu-lhe que a Santa Sé o tinha colocado no trono imperial, e que o Papa e a igreja manteriam a sua obra. "Enquanto defenderdes a sua herança, dizia-lhe êle, Deus mesmo se encarregará de defender a vossa. Governará vosso povo e vosso reino será objeto de seu amor." Mais o imperador mostrava-se irresoluto, mais S. Bernardo redobrava seu ardor e eloqüência para persuadi-lo. Um dia, quando o orador da cruzada rezava a Santa Missa diante de príncipes e de senhores convocados em Spira, interrompeu de repente o ofício divino, para pregar a guerra contra os infiéis.

No fim do seu discurso, transportou o pensamento dos que o escutavam ao dia em que tôdas as nações da terra comparecerão ao tribunal de Deus. Naquele dia terrível, que a eloqüência do santo abade apresentava ao seu numeroso auditório, Jesus

Cristo, armado com sua cruz, rodeado de anjos, dirigia-se ao imperador da Alemanha, lembrando-lhe os bens que lhe havia concedido, e reprovava-lhe a ingratidão. Conrado, vivamente impressionado pelo que acabava de ouvir, levantou-se num movimento espontâneo e exclamou com lágrimas nos olhos: *Sei o que devo a Jesus Cristo e juro ir onde me chama a sua divina vontade.* Então, o povo e os grandes que julgaram ser testemunhas de um milagre, prostraram-se de joelhos e deram graças a Deus. Conrado recebeu das mãos do abade de Claraval o sinal dos cruzados, com uma bandeira que estava depositada sôbre o altar e que o mesmo céu tinha abençoado. Um grande número de barões e de cavaleiros tomou a cruz, a exemplo de Conrado, e a dieta, que se havia reunido para tratar dos interêsses do império, só se ocupou então dos interêsses das colônias cristãs da Ásia.

Uma segunda dieta foi convocada em Ratisbona, onde o bispo leu uma carta de S. Bernardo, endereçada aos fiéis: "Meus irmãos, dizia o santo orador da cruzada, tenho que vos falar dos interêsses de Cristo, de que depende a vossa salvação. Minha intenção, escrevendo-vos, é dirigir-me a todos; eu o faria de boa vontade, à viva voz, se tivesse a fôrça, como tenho o desejo... Meus irmãos, eis o tempo em que o Senhor nos chama ao seu serviço, para nos salvar... O universo está em movimento, êle tremeu porque o Deus do céu come-

çou a perder a terra, onde Êle foi visto, onde passou como homem, mais de trinta anos, entre os homens... Se ninguém se opuser, os infiéis atirar-se-ão sôbre a cidade do Deus vivo, para destruir os monumentos da nossa Redenção. Vós, homens corajosos, vós, servidores da santa Cruz, que fazeis? Entregareis as coisas santas aos cães e *as pérolas aos porcos?* Deixareis que os pagãos calquem aos pés os santos lugares, libertados pela espada de vossos antepassados? Vós, que vos ocupais em ajuntar tesouros dêste mundo, desprezareis os tesouros celestes, que vos são oferecidos? Tomai a cruz, e obtereis o perdão de tôdas as vossas faltas. Escolhei entre vós chefes belicosos e hábeis, a fim de que a vitória vos acompanhe. Na primeira expedição, antes de Jerusalém ser tomada, um certo Pedro, de quem certamente ouvistes falar, levou sòzinho todos os que se reuniram à sua voz; uns morreram de fome, outros pela espada. Que Deus vos preserve de tal desgraça!..."

Na dieta de Ratisbona, uma multidão de bispos e de príncipes fêz juramento de defender a herança de Cristo. Os interêsses mais caros, as mais ternas afeições não puderam deter os príncipes e os cavaleiros em sua pátria. Frederico, sobrinho do imperador, que tinha tomado a cruz, não se deixou comover pelas lágrimas de seu velho pai, o duque de Suábia, que morreu de dor, não obstante as palavras consoladoras de S. Bernardo. Um grito de guerra se fêz ouvir desde o Reno até o Danúbio.

A Alemanha, por muito tempo atormentada por perturbações, encontrou em tôda a parte guerreiros para a santa expedição. Homens de tôdas as condições obedeciam à voz do pregador da guerra santa e seguiam o exemplo dos reis e dos príncipes. "Coisa admirável! diz Oto de Freisingen, vimos acorrerem ladrões e salteadores que faziam penitência e juravam derramar seu sangue por Jesus Cristo. Todo homem razoável, acrescenta o mesmo historiador, testemunha da mudança operada nêles, via nisso a obra de Deus e não ficava menos admirado."

Os alemães eram tão fáceis de se persuadir, que vinham ouvir o abade de Claraval, que, lhes falava uma língua estrangeira e voltavam convencidos da verdade e da santidade de seus discursos. A vista do pregador venerado, parecia dar um sentido maravilhoso a cada uma das suas palavras. Os milagres que a êle eram atribuídos, diz Oto de Freisingen, *ora em segrêdo, ora em público,* eram como uma linguagem divina que inflamava os mais indiferentes e persuadia os mais incrédulos. Os pastôres e os agricultores abandonavam os campos para segui-los às aldeias e às cidades. Quando êle chegava a uma cidade todos os trabalhos eram suspensos. A guerra contra os infiéis e os prodígios pelos quais Deus prometia sua proteção aos soldados da cruz, tornavam-se o único interêsse, o único assunto do clero, da nobreza e do povo. S. Bernardo percorreu tôdas as cidades do Reno, desde Constança

até Maëstrich; em tôda cidade, dizem as velhas lendas, êle dava a vista aos cegos, o ouvido aos surdos, curava aleijados e doentes; contam-se trinta e seis milagres que êle fêz num só dia; a cada prodígio, proclamado pelo toque dos sinos a multidão exclamava: *Jesus Cristo, tem piedade de nós, todos os santos, socorrei-nos.* Em tôdas as casas nas quais o abade de Claraval se dignava entrar, era tida como feliz; tudo o que êle tocava parecia conservar algo de santo; os que deviam partir para a Ásia julgavam-se felizes e se vangloriavam de ter uma cruz benta por suas mãos ou feita de pano que êle tinha usado e mais de uma vez essas vestes foram rasgadas pela multidão de seus ouvintes, desejosos de possuir pedaços de pano, para com êle fazer o sinal venerando de sua peregrinação. A multidão que se acotovelava junto dêle era tão grande que um dia êle estêve a ponto de ser sufocado. Deveu sua salvação ao imperador da Alemanha, que o tomou em seus braços, levou-o a uma igreja e o depositou diante de uma imagem milagrosa da Virgem.

Depois de ter inflamado a Alemanha com sua pregação e despertado o zêlo dos povos da Itália com suas cartas patéticas, S. Bernardo voltou à França para anunciar o êxito de sua missão. Sua ausência havia feito suspender-se tudo e aquela multidão de cruzados que sua eloqüência havia conquistado, parecia não ter, nem chefe, nem direção, nem liames, quando êle não estava entre êles. O rei da

França e os grandes do reino, reunidos em Étampes, não haviam tomado resolução alguma. A volta de S. Bernardo reanimou o conselho dos príncipes e dos barões e fêz preparar-se com novo ardor a expedição à terra santa. Depois que êle fêz diante dos barões e dos prelados, a descrição de sua viagem e dos prodígios que Deus tinha operado por suas mãos, depois que êle falou da resolução que havia feito o imperador da Alemanha tomar, resolução que êle mesmo considerava milagre dos milagres, todos os corações abriram-se ao entusiasmo e se encheram de esperança e de alegria.

Luís VII tinha escrito a Rogério, rei da Apúlia e da Sicília e a todos os príncipes cristãos da Europa para lhes comunicar sua peregrinação e convidá-los a segui-lo na santa expedição. O rei havia também mandado embaixadores ao imperador de Constantinopla. "O imperador, diz Odon de Deuil, recebeu muito bem os enviados, chamou o rei da França com o título de santo, e deu-lhe também o título de amigo e irmão; mas tudo isso era apenas adulação. Prometia tudo, mas, no fundo de sua alma, êle entendia dar nada." Na assembléia de Étampes, vários embaixadores vieram anunciar-lhes a intenção de seus príncipes de se alistar sob as bandeiras da cruz; leram-se cartas vindas dos países mais longínquos, pelas quais um grande número de senhores e de barões estrangeiros, prometia reunir-se aos franceses, contra os muçulmanos. Desde

aquêle momento não mais se duvidou do feliz êxito da cruzada. O zêlo que todos os povos da Europa mostravam foi considerado como a manifestação mais clara da vontade do céu.

Entre os embaixadores que assistiram à assembléia de Étampes, estavam os de Rogério, que oferecia aos cruzados navios, víveres e prometia mandar seu filho à terra santa, se tomassem a resolução de para lá ir por mar. Os sábios conselhos que os sicilianos deram aos cruzados e que acompanharam de generosas ofertas, não eram de todo desinteressados. Algum tempo antes da tomada de Edessa os sarracenos da África, tendo feito uma incursão nas costas da Sicília, tinham entrado em Siracusa e a tinham saqueado. Rogério esperava que a passagem dos cruzados por seus Estados, oferecer-lhe-ia os meios de contra-atacar os muçulmanos ou de levar a guerra ao seu território. De resto, os deputados, dissimulando seu temor ou suas esperanças, e falando sòmente de seu zêlo pela cruzada, esforçaram-se por provar à assembléia que a viagem por mar oferecia menos dificuldades e perigos ao exército cristão do que atravessar um país desconhecido onde os peregrinos teriam que lutar contìnuamente contra o clima e a carestia, contra as agressões de várias nações bárbaras e principalmente contra a perfídia dos gregos.

Deliberaram, então, sôbre as propostas do Rei da Sicília e o caminho que deveriam seguir para ir à

Palestina. A maior parte dos barões, cheios de confiança nas suas armas e na proteção de Deus, não considerava os gregos como inimigos temíveis. A viagem por mar parecia oferecer menos surprêsas, menos maravilhas à sua curiosidade e menos oportunidade de mostrarem sua bravura. Além disso, os navios que Rogério devia fornecer não eram suficientes para transportar os que o zêlo religioso levava à guerra santa. Todos davam preferência à viagem por terra. O historiador Odon de Deuil fala, com lágrimas, dessa resolução que foi tão funesta aos cruzados e sôbre a qual se havia descuidado de *consultar o Espírito Santo*. Os enviados da Sicília não esconderam seu pesar e voltaram ao seu país prenunciando todos os males que deveriam suceder.

A assembléia de Étampes pareceu menos inspirada quando se teve de escolher os que deveriam ficar encarregados da administração do reino durante a peregrinação de Luís VII. Depois que os barões e os prelados deliberaram sôbre essa importante escolha, S. Bernardo que lhes era intérprete, dirigiu a palavra ao rei, e mostrando-lhe o Abade Suger e o Conde Nevers: *Majestade*, disse, *eis duas espadas e isso nos basta*. Essa escolha da assembléia devia ter a aprovação do rei e os sufrágios do povo. O Abade de S. Dionísio tinha dado uma longa paz à França e feito a glória de dois reinos; êle se havia declarado contra a cruzada; e o que seu mérito e seu ascendente atestam, êle tinha conservado a popularidade sem

participar das opiniões dominantes. Suger aconselhava ao rei a não abandonar seus súditos, dizendo-lhe que suas faltas seriam muito melhor reparadas por uma sábia administração do seu reino do que pelas conquistas do Oriente. Aquêle que ousava dar êste conselho mostrava-se mais digno que qualquer outro de representar seu soberano, mas Suger recusou a princípio um encargo cujo pêso e perigo conhecia. A assembléia não quis escolher outro; o mesmo rei recorreu aos rogos para persuadir seu ministro a substitui-lo, no govêrno do reino. O Papa que chegou pouco tempo depois à França, ordenou a Suger submeter-se à vontade do monarca, dos grandes e da nação. O soberano Pontífice, para facilitar ao Abade de S. Dionísio a tarefa honrosa que lhe era imposta, lançou antecipadamente os castigos da Igreja contra todos os que tentassem contra a autoridade real durante a ausência do rei.

O Conde de Nevers, designado pela assembléia dos barões e dos bispos, recusou como o Abade de S. Dionísio o cargo perigoso que lhe era oferecido. Vivamente rogado que aceitasse o govêrno do reino, êle declarou que tinha feito voto de entrar na ordem de S. Bruno. Era tal o espírito do século, que essa piedosa intenção foi respeitada como vontade de Deus. E enquanto se felicitavam por ver um monge sair do claustro para governar a França, via-se sem admiração, um príncipe afastar-se para sempre do mundo e encerrar-se num mosteiro.

Todos se ocuparam então com os preparativos para a partida. Todos se movimentaram nas províncias da França e da Alemanha. Os mesmos motivos que haviam armado os companheiros de Godofredo na primeira expedição inflamavam a coragem dos novos cruzados. A guerra do Oriente oferecia à sua ambição e à sua piedade as mesmas esperanças e as mesmas vantagens. A maior parte do povo cristão estava animado pela lembrança sempre presente da conquista de Jerusalém. As relações que tal conquista havia estabelecido entre a Síria e a Europa aumentavam ainda o zêlo e o ardor dos soldados da cruz; não havia família no Ocidente que não tivesse dado um defensor para os santos lugares, um habitante para as cidades da Palestina. As colônias da Ásia eram para os francos como uma nova pátria. Os guerreiros que tinham tomado a cruz pareciam armar-se para defender uma outra França, querida a todos os cristãos e que se poderia chamar a *França do Oriente*.

O exemplo de dois monarcas fêz acorrer um grande número de combatentes para o exército da Cruzada. Vários daqueles senhores turbulentos que então eram chamados com o nome vergonhoso de *praedones*, devia ter como Luís VII culpáveis violências a expiar. O espírito de cavalaria que fazia progressos todos os dias não foi um motivo menos poderoso para a nobreza guerreira. Muitas mulheres levadas pelo exemplo de Eleonora de Guiana, toma-

ram a cruz, e armaram-se com a lança e a espada. Uma multidão de cavaleiros seguiram-nas; uma espécie de vergonha feria a todos os que não iam combater contra os infiéis. Os historiadores narram que se mandavam uma roca e fusos aos que hesitavam em tomar as armas.

No entretanto o entusiasmo dos cruzados não tinha o mesmo caráter que na primeira expedição. O mundo não estava mais, aos seus olhos, cheio daqueles prodígios que proclamavam a vontade do céu; os grandes fenômenos da natureza não feriam mais vivamente a imaginação dos peregrinos. Mas Deus parecia ter confiado tôda a sua onipotência a um único homem, que arrastava os povos com sua palavra e com seus milagres.

Por tôda a parte, onde S. Bernardo não pudera fazer ouvir sua voz, suas cartas eloqüentes eram lidas nos púlpitos das igrejas, e inflamavam o ardor dos fiéis. A maior parte dos oradores sagrados repetia suas palavras e se unia aos seus trabalhos apostólicos. Arnould, pregador flamengo, percorreu várias províncias da Alemanha e da França Oriental, convidando os povos a se alistar na milícia da cruz. A austeridade de sua vida e a singularidade de suas vestes atraíam sôbre êle os olhares e a veneração das multidões. Mas êle não tinha, como o Abade de Claraval, o privilégio de mover os corações, sòmente com sua presença. Como êle não sabia a língua romana e a alemã, era acompanhado em suas viagens

por um intérprete chamado Lamberto que repetia na língua do país as piedosas exortações que seu companheiro, de olhos voltados para o céu e com a cruz na mão pronunciava em latim ou em flamengo.

Nas províncias que não foram visitadas pelos missionários da Cruzada e entre todos os povos aos quais não chegaram as cartas de S. Bernardo, todo pastor, lendo o breve do Soberano Pontífice, excitava seu rebanho a se armar para a libertação da Terra Santa. Os que essas palavras haviam tocado vinham aos pés do altar, e fazendo o sinal da cruz na fronte, na bôca, no coração e no peito, prometiam de joelhos, ir combater no Oriente pela causa de Jesus Cristo. O pastor distribuía-lhes os sinais da peregrinação e repetia o sinal da cruz na bôca, na fronte e no coração de cada cruzado, dizendo: *Que todos os vossos pecados sejam perdoados, se fizerdes tudo o que prometeis.*

Enquanto a França e a Alemanha tomavam as armas à voz dos oradores da Cruzada, a palavra de Deus não ficou estéril em várias regiões da Itália. Os habitantes dos Alpes e das margens do Ródano, os povos da Lombardia e do Piemonte, preparavam-se para a guerra santa e deviam acompanhar o Conde de Maurienne, tio materno de Luís VII e o Marquês de Montferrato. Os flamengos também tinham acorrido em massa para junto dos estandartes da cruz e seguiam seu Conde Thierri, que já numa primeira peregrinação a Jerusalém tinha feito admirar

sua bravura contra os infiéis. A Cruzada foi pregada com o mesmo êxito na Inglaterra. Os cruzados inglêses embarcaram nos portos da Mancha e dirigiram-se para as costas da Espanha. Rogério de Hoveden nota que êsses guerreiros partiram com espírito de humildade; foi por isso, diz ainda êle, que fizeram coisas maiores do que os que acompanhavam os reis e os príncipes.

Com a aproximação da primeira Cruzada, as guerras entre particulares, as perturbações civis, as roubalheiras cessaram, como por encanto. Os preparativos foram acompanhados de menos desordens do que na expedição precedente. Os peregrinos não mostraram nem a mesma imprudência na escolha de seus chefes, nem a mesma impaciência em se pôr em marcha. A França e a Alemanha não tiveram que sofrer os excessos de uma multidão indisciplinada. A primeira Cruzada, onde vários exércitos foram comandados por aventureiros e por monges, mostrou a licença e as paixões do povo entregue a si mesmo. Na segunda guerra santa, dirigida por dois poderosos monarcas, viu-se a princípio mais harmonia, mais união e regularidade. Os pequenos vassalos reuniram-se junto de seus senhores e êstes esperaram o sinal do Rei da França e do Imperador da Alemanha. Uma ordem tão regular nos preparativos da santa emprêsa não deixava prever nenhum daqueles desastres que o futuro destinava às armas cristãs e devia inspirar a maior segurança aos povos do Ocidente.

Ratisbona era o ponto de reunião dos cruzados alemães, a cidade de Metz, o dos franceses. Os caminhos que levam a essas duas cidades durante vários meses estiveram cheios de peregrinos. Um grande número dirigiu-se também aos portos da Flandres e da Itália, onde estavam preparadas as frotas, para partir para o Oriente.

O Soberano Pontífice tinha recomendado aos barões e aos cavaleiros que não levassem nem cães nem aves de caça. Renunciando ao luxo de seus castelos, êles consentiram em se revestir dos hábitos da penitência. Seria para se desejar que todos os guerreiros tivessem seguido êsse exemplo e que no decurso da santa peregrinação, sob os estandartes da cruz, a voluptuosidade e a devassidão não tivessem aparecido, confundidas com o arrependimento e a piedade!

A maior dificuldade era obter dinheiro para sustentar as despesas da guerra. Os que a enfermidade ou circunstâncias particulares retinham na Europa, quiseram contribuir com suas ofertas para as despesas da Cruzada. Segundo a devoção do tempo, um grande número de fiéis, que morria sem ter visto Jerusalém, legava por testamento, uma soma para as peregrinações do Oriente. Todos êsses dons de piedade eram, sem dúvida, consideráveis, mas não eram suficientes para a manutenção de um grande exército. Para se obter o dinheiro necessário, Luís VII fêz empréstimos, recolheu impostos que foram

aprovados e regrados pelo Sumo Pontífice. S. Bernardo e Pedro, o Venerável, se haviam insurgido com coragem contra a perseguição dos judeus, mas o Abade de Cluni pensava que era preciso castigá-los no que êles tinham de mais caro: *despojá-los de seus tesouros ajuntados pela usura e mesmo pelo sacrilégio.* Êle aconselhava o Rei da França a tomar, dos judeus, o dinheiro necessário para fazer a guerra contra os muçulmanos.

É provável que o conselho de Pedro, o Venerável, não tenha sido desprezado e os judeus contribuíram para as despesas da viagem a Jerusalém. A França tinha sofrido uma cruel carestia durante sete anos; nessa calamidade, foram vistos, nobres, que são chamados *homens ricos,* vender tudo o que possuíam, partir para países estrangeiros, para pedir esmola. Os que haviam ficado, não podiam nem dispor nem vender seus bens e quando achavam compradores, o dinheiro que arrecadavam dos mais vastos domínios, mal lhes bastava para comprar um cavalo de batalha e armas. O clero, que se havia enriquecido na primeira guerra santa, foi obrigado a dar somas consideráveis para a nova expedição. Um fragmento histórico nos diz que os monges de S. Bento no Loire, entregaram ao seu abade, um turíbulo e cem marcos de prata, três onças de ouro, com dois candelabros de grande valor, para ajudá-lo a pagar o tributo que lhe fôra impôsto. É o primeiro exemplo, dizem os beneditinos, de semelhante imposição esta-

belecida sôbre a igreja pelos nossos reis, da terceira raça. Os prelados que tinham tomado a cruz, depois de ter pago a contribuição do rei, foram obrigados a recorrer às próprias igrejas, para as despesas da peregrinação. As crônicas do tempo, citam um Abade de São Colombo, perto de Sens, que cedeu aos judeus de Troyes, uma coroa de ouro, adornada de pedras preciosas, oferta piedosa do Rei Rodolfo, e uma cruz de ouro, trabalhada pelas mãos de Santo Eloy.

As despesas da Cruzada não arruinavam sòmente o clero e a nobreza, mas, também os lavradores e os operários. A pobreza mesma, não ficou isenta de taxas impostas, quer pelo rei, quer pelos grandes vassalos, o que suscitou queixas e começou a esfriar o entusiasmo dos fiéis." Não houve, diz um velho historiador, estado, condição, idade, nem sexo que não fôssem forçados a contribuir para a manutenção do rei e dos príncipes, que iam com êle, de onde se seguiu o descontentamento de todos e uma infinidade de maldições, tanto contra o rei, como contra suas tropas." O mais vergonhoso, porém, foi que o produto de todos êsses tributos, arrancados à miséria pública, não foi bastante para Luís VII manter seu exército; pois, nas cartas dirigidas a Suger, êle não deixa de rogar ao seu fiel ministro, que mande o dinheiro de que êle estava precisando, para manter seus soldados e para pagar as dívidas contraídas com os cavaleiros de S. João e do templo.

No meio dessas queixas, que vinham de tôdas as províncias, o Rei da França preparava-se para a viagem com atos de devoção; visitava hospitais, leprosários, e ordenava orações em tôdas igrejas. Odon de Deuil nos diz que o monarca tinha estabelecido leis e regras de disciplina para o exército, que tinha de marchar com êle para o Oriente. Mas o cronista acrescenta singelamente, que êle não as manteve, porque não foram executadas.

À aproximação de sua partida, Luís VII dirigiu-se a S. Dionísio, para ali receber a famosa auriflama, que os reis da França faziam levar diante de si nas batalhas. A igreja de S. Dionísio estava então, adornada com grande magnificência; entre os monumentos históricos que ali se viam reunidos, os retratos de Godofredo de Bouillon, de Tancredo, de Raimundo de Saint-Gilles, as batalhas de Doriléia, de Antioquia, de Ascalon, reproduzidas nos vitrais do côro, atraíram a atenção e os olhares de Luís e de seus companheiros de armas. O rei, prostrado aos pés do altar, implorou a proteção do Santo Apóstolo da França e a dos seus piedosos antepassados, cujas cinzas estavam depositadas naquele mesmo lugar. O papa que tinha vindo a S. Dionísio, pôs de novo o reino sob a proteção da religião e apresentou a Luís VII, a sacola e o bordão, sinais de sua peregrinação. Depois dessa cerimônia, Luís se pôs a caminho, acompanhado pela Rainha Eleonora e por uma grande parte de sua côrte.

O Abade Suger, que êle abraçou chorando, não pôde também conter as lágrimas. A dor que causou a partida do rei fêz calarem-se tôdas as murmurações surgidas entre o povo e só se ouviram orações que se faziam a Deus, pela sua expedição contra os infiéis e principalmente pelo seu feliz regresso, para junto de seus súditos. Êle partiu de Metz, à frente de cem mil cruzados, atravessou a Alemanha e marchou para Constantinopla, onde se devia reunir aos demais soldados de Cristo.

Depois que tomara a cruz, o Imperador Conrado, começou os preparativos para a expedição. O que deve suscitar nossa admiração é que, sua piedosa resolução não recebeu o encorajamento da Santa Sé. O papa queixou-se de que êsse monarca decidira ir a Jerusalém sem consultá-lo, e, embora o Pontífice tivesse passado os montes, não se dignou inflamar o zêlo dos alemães, com sua presença. Conrado fêz coroar seu filho, como Rei dos romanos e confiou a administração do seu império ao Abade de Corvey, cuja sabedoria podia ser comparada à de Suger. Depois de ter tomado estas resoluções salutares, o imperador partiu de Ratisbona no começo da primavera. Êle levava consigo um exército tão numeroso que, segundo a palavra de Oto de Freisingen, os rios não bastavam para transportá-lo e os campos não tinham espaço para conter seus batalhões.

Já os embaixadores enviados por Conrado se haviam dirigido a Constantinopla, para anunciar as

intenções pacíficas de seu soberano e pedir passagem para seu exército, pelo território grego. Manuel, em sua resposta, louvou o zêlo dos peregrinos alemães, e protestou amizade por seu chefe. Depois dessas recíprocas demonstrações, o exército de Conrado avançou para a capital da Grécia. Mas, depois que chegou às fronteiras da Trácia, teve que se queixar da perfídia dos gregos e êstes, da violência dos cruzados.

No tempo da primeira Cruzada, os turcos ameaçavam Constantinopla, o que fê-los suportar os francos; mas, desde essa época a capital dos gregos não tinha mais o que temer, nem receava os ataques dos muçulmanos. Havia além disso um boato muito espalhado em tôdas as províncias do império, de que os guerreiros do Ocidente tinham o projeto de se apoderar de Constantinopla. Essa opinião, assaz verossímil, manifestada mesmo pelas ameaças dos cruzados, era pouco apropriada para restabelecer a paz e a harmonia entre os dois povos que se desprezavam recìprocamente e se acusavam com igual razão de violar a fé dos tratados.

Manuel Comeno, que Odon de Deuil não quer nomear, porque seu nome, diz êle, não está escrito no livro da vida, era neto de Alexis I, que reinou no tempo da primeira Cruzada. Fiel à política de seu avô, mais hábil, sobretudo, mais dissimulado e fingido, do que êle, nada deixou de fazer para perder e destruir o exército dos alemães. Em seu conselho,

consideravam-se os guerreiros do Ocidente como homens de ferro, cujos olhos lançavam chamas e que espalhavam torrentes de sangue com a mesma indiferença como se derramassem água. Enquanto lhes enviava embaixadores e lhes fornecia víveres, Manuel, aliava-se com os turcos e fazia fortificar sua capital.

Os alemães tinham erguido suas tendas na planície à noroeste de Selivrée, a algumas léguas de Constantinopla. A planície, à qual o historiador grego Cinnam dá o nome de Chérobaque, é atravessada por um rio, que se vai lançar na Propôntida. Veio, de repente uma violenta tempestade; o rio tornou-se uma torrente volumosa que inundou a planície onde o exército cristão celebrava a festa da Assunção. Oto de Freisingen, que estava presente, nos descreve êsse incidente desastroso; pinta-nos as águas arrastando tudo à sua passagem, levando a bagagem, os homens e os cavalos. O que há de mais interessante neste quadro é ver alguns peregrinos procurando abrigo contra essa espécie de dilúvio na tenda do Duque de Suábia e cantando no meio da desolação geral, o Salmo que começa com estas palavras: *Alegremonos, irmão!* O bom bispo, depois de ter falado longamente dessa tempestade que tinha desabado com céu sereno e que espalhou de repente o luto numa planície risonha, entrega-se a reflexões, mais singelas que filosóficas, sôbre a instabilidade das coisas humanas e declara em seguida que nada mais dirá sôbre a

Cruzada, alegando como motivo que êle tinha tomado a pena apenas para escrever uma história agradável e não para narrar fatos semelhantes aos que encontramos nas tragédias.

Manuel e Conrado diziam-se ambos sucessores de César e de Constantino; um espírito de inveja e de rivalidade animava um contra o outro. Essa animosidade recíproca foi muito bem secundada pelas antipatias dos gregos e dos teutões. "Enquanto os bárbaros tiveram montes e regiões difíceis de passar, diz o historiador grego Cinnam, mostraram-se moderados e pacíficos. Mas depois que alcançaram as planícies, puseram-se a saquear e a devastar cidades e aldeias." Várias cenas violentas marcaram a passagem dos alemães através do rico território de Filipópolis. O imperador grego tinha proposto a Conrado tomar um outro caminho, que não o de Constantinopla; o que mais se temia era ver o exército dos teutões chegar à capital do império. Conrado tinha rejeitado os rogos de Manuel. Êste, fingindo-se impressionado com os desastres dos cruzados alemães nos arredores de Selivrée, tinha-se apressado em oferecer auxílio ao Imperador do Ocidente; pedia-lhe que se antecipasse êle mesmo, ao seu exército, para conferenciarem juntos, sôbre a Cruzada e a paz. Conrado recusou deixar suas tropas e chegou a 8 de setembro, diante dos muros de Constantinopla. O exército dos alemães acampou perto do palácio dos Blaquernes, naquele vale agradável, diz Cinnam,

onde se esqueciam as amarguras da cidade; lugares encantados, onde as flôres exalam seus perfumes, onde as árvores estendem sua sombra primorosa. O autor grego designa o vale atravessado pelo Cidaris e que hoje se chama o Vale da Água Doce, que ainda serve de passeio ou de retiro, aos habitantes de Istambul.

Os gregos e os alemães nutriam sempre sentimentos de desconfiança. Uns vigiavam em redor da cidade ou giravam em tôrno das muralhas; outros, devastavam os campos e ameaçavam a cidade. Manuel e Conrado viam-se com frieza; o cerimonial da entrevista excitou longos debates; por fim, decidiu-se que os dois imperadores montariam a cavalo e assim aproximar-se-iam um do outro, para dar o beijo fraterno. O que aconteceu mesmo de feliz, foi que a rivalidade dos dois príncipes não explodiu numa guerra aberta. O imperador alemão tinha tomado uma atitude menos ameaçadora: êle dirigiu a Manuel uma carta onde os cronistas gregos encontraram *algo de fraco e de covarde*. Êle dizia ao Imperador de Bizâncio que era preciso julgar das coisas da vida, segundo a intenção; que, na verdade os alemães tinham devastado o território grego, mas que se devia atribuir aquela desordem à sua indisciplina e não à malevolência do chefe. "De ora em diante, respondeu-lhe Manuel, com um leve sarcasmo, não procuraremos reprimir as paixões e os desregramentos impetuosos da multidão de nossos soldados; deixá-

los-emos fazer, como vós mesmo nos acabais de mostrar." Cinnam citou duas outras cartas em que Manuel zomba do imperador alemão, *incapaz de reinar em seu exército, grande rebanho de animais, que não podia resistir ao ataque de um leão.*

A inveja e o ódio que animavam os dois imperadores passaram fàcilmente para o espírito do povo; as prevenções recíprocas, dos gregos e dos francos tornaram-se uma guerra declarada entre a barbárie, armada com todo o furor, e a perfídia, armada de tôdas as traições. Na cidade de Filipópolis, um saltimbanco, mostrando uma serpente que trazia no seio, irritou a superstição grosseira dos alemães e êsse espetáculo que a multidão ignorante considerava como uma arte do demônio, foi o sinal das cenas mais sanguinolentas. Em Andrinopla, a morte de um parente de Conrado, morto em seu leito, provocara o incêndio da cidade e o massacre dos habitantes. Os gregos jamais quiseram opor a fôrça à fôrça, mas, para se vingar dos latinos, não omitiram nenhum dos meios sugeridos pelo ódio que não ousavam manifestar. Os alemães, na sua marcha cá e lá do Bósforo, avançavam entre emboscadas e ciladas, por tôda parte, em seu caminho. Os cruzados, quando se afastavam do exército, eram degolados pelos soldados de Comeno; fechavam-lhes as portas da cidade; quando êles pediam víveres obrigavam-nos a pôr o dinheiro nos cestos que lhes eram descidos do alto das tôrres, e

muitas vêzes êles só obtinham insultuosas frases de zombaria.

O historiador grego Nicetas nos diz êle mesmo que misturavam cal na farinha que lhes era fornecida. Havia-se criado uma moeda falsa que se lhes dava quando tinham algo a vender, e que se recusava quando êles tinham algo a comprar. Por fim, se acreditarmos nas acusações dos latinos, o inimigo foi avisado da marcha dos peregrinos alemães; os guias que lhes haviam sido dados em Constantinopla fizeram o exército extraviar-se nas montanhas da Capadócia e o entregaram, já vencido pelo cansaço, pela carestia, e pelo desespêro, à espada dos infiéis. Os franceses que vieram logo depois, mostraram-se menos indisciplinados que os alemães e foram mais bem tratados pelos povos que encontraram à sua passagem. Quando chegaram à Hungria, os habitantes dessa região receberam-nos como irmãos. A presença de Luís VII inspirava por tôda parte respeito e alegria; sua tenda mesma tornou-se um asilo para os húngaros perseguidos pelas discórdias civis, e foi então que êste pronunciou aquelas belas palavras: *A morada de um rei é como uma igreja, seus pés, são como o altar.* Em tôdas as cidades que atravessavam, os cruzados encontravam embaixadores que o Imperador de Constantinopla mandava ao Rei da França; êsses embaixadores prostravam-se diante do rei e faziam-lhe exagerados elogios. A altivez francesa ficou, mais surpreendida do que impressionada, por

semelhante homenagem. Um dia Godofredo, Bispo de Langres, vendo o rei escutar com impaciência longos discursos de adulação dos embaixadores gregos, não pôde deixar de interrompê-los com estas palavras: *Irmãos, não faleis tão freqüentemente da glória, da majestade, da sabedoria e da religião do rei; êle conhece-se e nós o conhecemos; dizei brevemente e sem rebuços o que quereis dizer.*

À aproximação dos que êle fazia assim cumprimentar, Manuel tremia em seu palácio. Os grandes do império foram por sua ordem, receber às portas de Constantinopla, o monarca francês, que tendo pena dos temores do imperador, precedeu seu exército, e dirigiu-se sem escolta ao palácio imperial. Na sua primeira entrevista, êstes dois príncipes demonstraram amizade recíproca. Manuel com a afetação dos gregos, Luís com a simplicidade de um peregrino e a franqueza de um rei cavaleiro. "O Rei da França, diz Odon de Deuil, foi recebido pelo imperador em pessoa, que veio à sua presença e o abraçou. Os dois príncipes eram mais ou menos da mesma idade e tinham quase a mesma estatura; diferiam entre si, apenas pelos costumes e pelas vestes. Tomaram lugar sôbre dois tronos iguais e conversaram por meio de intérpretes. Manuel perguntou ao rei quais as suas intenções, acrescentando que, por êle, desejava o que Deus desejava e que lhe permitiria tudo, para que êle realizasse sua peregrinação. Prouvera a Deus que êle tivesse dito a verdade! Pela sua atitude, sua

alegria, pelas palavras, que pareciam exprimir os mais íntimos pensamentos de sua alma, todos teriam julgado que Manuel amava ternamente o rei; não é necessário dizer-se, continua irônicamente o capelão de Luís VII, tudo o que teria havido de verdade, em tal juízo."

Constantinopla foi, como na primeira Cruzada, um maravilhoso espetáculo para os guerreiros do Ocidente. Desprezando o caráter e os costumes efeminados dos gregos, os latinos não podiam ver sem admiração os belos edifícios e a magnificência da cidade imperial. O velho historiador daquela expedição fêz de Bizâncio um quadro vivo e animado cujos traços principais não podem ser esquecidos em nossa narração:

"Constantinopla, diz o cronista, a glória dos gregos, tem a forma de um triângulo. Do lado oriental e do mar de Mármara, estão a igreja de Santa Sofia e o palácio de Constantino, com uma capela cheia de preciosas relíquias. A cidade é rodeada dos dois lados ao Oriente e ao Norte, pelo mar. Chegando à cidade, tem-se à direita o canal de São Jorge, e à esquerda o gôlfo ou o canal que serve de pôrto. No flanco de uma colina ergue-se o palácio de Blaquernes. Situado sôbre três direções, ao palácio oferece-se o tríplice espetáculo do mar, da cidade e do campo. Exteriormente admira-se a arquitetura e a altura dos muros. Interiormente tôdas as maravilhas do luxo. Do lado ocidental da cidade há uma

planície que se estende a perder de vista. Dêsse lado, Constantinopla é fortificada por um duplo muro defendido por tôrres, desde a Propôntida até o palácio, num espaço de mais de duas milhas. Nem essa dupla muralha nem essas tôrres não são a fôrça da cidade: essa fôrça está na multidão de seus habitantes e na longa paz de que goza. Abaixo dos muros há um espaço vazio, onde estão lugares plantados que fornecem legumes abundantes. Canais subterrâneos trazem de fora, água doce, pois a água das cisternas é salgada e fétida. Em alguns lugares, a cidade não tem correntes de ar; os ricos, cobrindo a rua com seus edifícios, deixam os pobres e os estrangeiros nas trevas e na imundície: aí cometem-se roubos, assassínios e outros crimes que a escuridão favorece. Como se vive sem justiça, nessa cidade que tem quase tantos senhores quantos os ricos e tantos ladrões, quantos os pobres, o criminoso não conhece nem o temor nem a vergonha. Constantinopla sem sua corrupção, poderia ser preferida a todos os lugares do mundo, pela temperatura de seu clima, fertilidade de seu solo e a passagem fácil que oferece à propagação da fé. O canal de S. Jorge parece-se com o mar por suas águas salgadas, a abundância de peixes, e com um rio, pela facilidade que se tem em atravessá-lo sem perigo sete ou oito vêzes num dia."

Durante a permanência dos cruzados franceses em Constantinopla, o Imperador Manuel tudo fêz para obter o afeto de Luís VII e de seus barões.

Comprazia-se em lhes mostrar o luxo de sua côrte, as maravilhas de sua capital; visitou o acampamento dos peregrinos, aplaudia os seus empreendimentos e prometia-lhes todos os auxílios necessários. Todos os dias havia novos espetáculos e novos protestos de amizade. No entretanto, um profundo ódio subsistia entre os gregos e os latinos; mil circunstâncias podiam aumentá-lo e duplicá-lo, nada podia extingui-lo nem mesmo diminuí-lo. Os cruzados da França censuravam em Manuel até suas demonstrações de amizade, que consideravam como uma traição. Quando o imperador pediu aos barões que lhe prestassem fé e homenagem, e que entregassem em suas mãos as cidades gregas que seriam conquistadas por suas armas, no conselho de Luís VII, falou-se em se apoderar de Constantinopla.

"Ouvistes, disse o Bispo de Langres, os gregos nos proporem reconhecermos o seu império e submetermo-nos às suas leis: assim então a fraqueza deve comandar à fôrça, e a covardia à bravura. Quem fêz esta nação? Que fizeram seus antepassados para mostrar tanto orgulho? Não vos falarei das emboscadas que êles multiplicaram em vosso caminho. Vimos os padres de Bizâncio misturando a zombaria ao ultraje, purificar, com o fogo, os altares onde nossos sacerdotes tinham sacrificado. Pedem-nos êles hoje um juramento que a honra desaconselha. Não é já tempo de nos vingarmos das traições e de repelirmos suas injúrias? Até agora os cruzados tive-

ram mais que sofrer de seus pérfidos amigos do que de seus inimigos declarados. Há muito tempo Constantinopla é uma barreira importuna entre nós e nossos irmãos da Palestina. Devemos abrir-nos o livre caminho para a Ásia."

"Os gregos, vós o sabeis, deixaram cair nas mãos dos infiéis o sepulcro de Jesus Cristo e tôdas as cidades cristãs do Oriente. Constantinopla, não duvideis, será bem depressa ela mesma prêsa dos turcos e dos bárbaros, e por sua covarde fraqueza, abrir-lhe-ão um dia as barreiras do Ocidente. Os imperadores de Bizâncio não sabem nem defender suas províncias nem permitir que sejam elas defendidas. Êles sempre contiveram os generosos esforços dos soldados da cruz; há pouco ainda, êsse imperador, que se declara nosso amigo, quis disputar aos latinos suas conquistas e arrebatar-lhes o principado de Antioquia; êle quer hoje entregar os exércitos cristãos aos sarracenos. Apressemo-nos, para prevenir nossa ruína pela dos traídores; não deixemos atrás de nós uma cidade insolente e invejosa, que só procura meios de nos destruir e façamos que caiam de novo sôbre ela os males que ela nos prepara. Se os gregos cumprirem seus pérfidos desígnios, será a vós que o Ocidente pedirá um dia seus exércitos. Pois que, a guerra que empreendemos é santa, não parece justo empregarmos todos os meios para que seja feliz? A necessidade, a pátria, a religião vos ordenam fazer o que eu vos proponho. Os aquedutos que trazem água à

cidade estão em nosso poder e nos oferecem um meio fácil de submetermos seus habitantes. Os soldados de Manuel não poderão enfrentar os nossos batalhões. Uma parte das muralhas e das tôrres de Bizâncio acaba de ruir, diante de nós, como por milagre. Parece que Deus mesmo nos chama para a cidade de Constantino e que nos abre suas portas, como abriu aos nossos avós as de Edessa, de Antioquia e de Jerusalém."

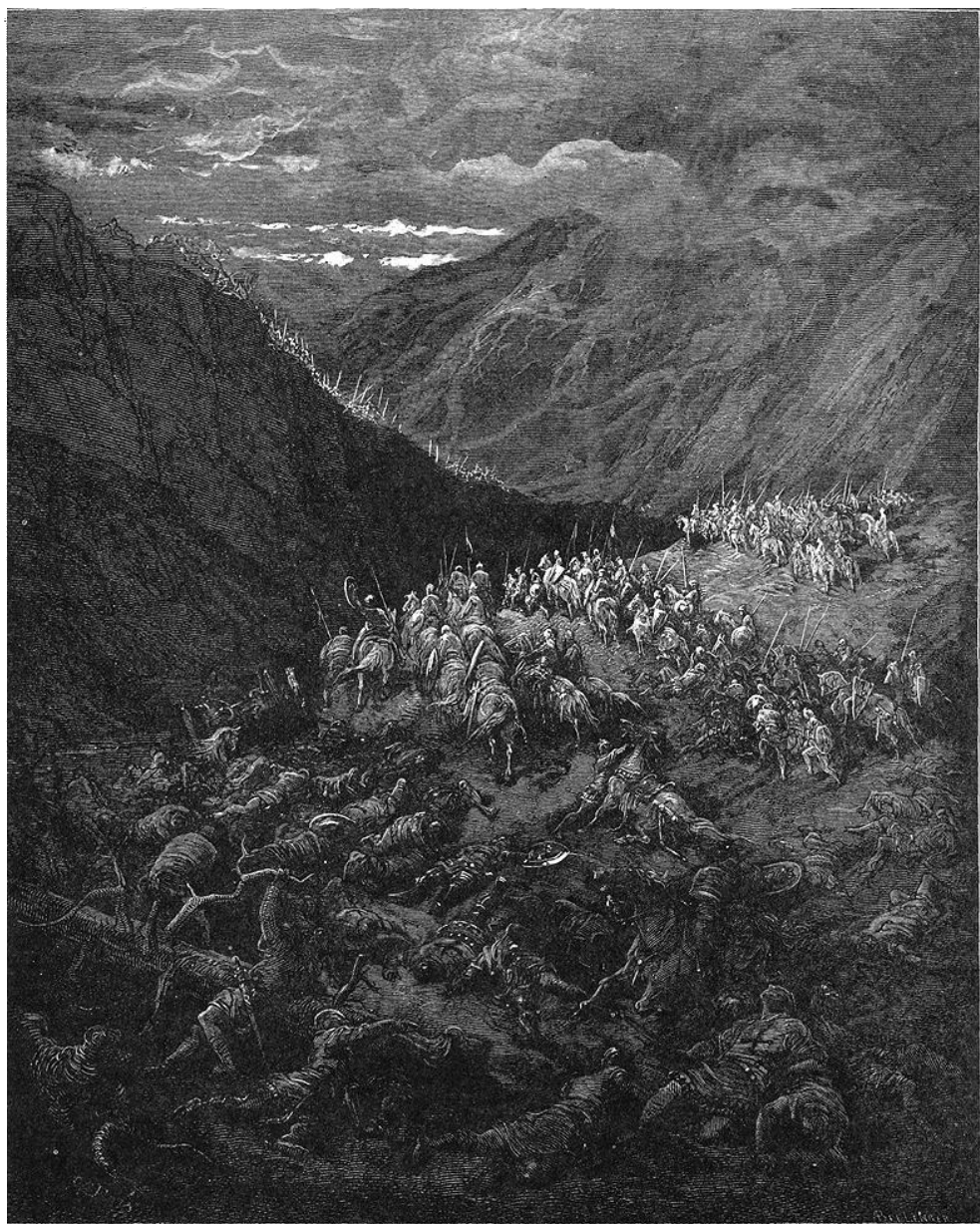
Depois que o Bispo de Langres parou de falar, vários cavaleiros e barões ergueram a voz para responder-lhe: "Os cristãos vieram à Ásia para expiar seus pecados e não para castigar os crimes dos gregos. Tomaram as armas para defender Jerusalém, e não para destruir Constantinopla. Deviam, na verdade, considerar os gregos como heréticos, não porém, como inimigos declarados; haviam respeitado os judeus; os gregos também deviam ser respeitados. Quando os guerreiros cristãos tomaram a cruz Deus não lhes entregou a espada da sua justiça". Numa palavra, os barões achavam que havia mais política do que religião no que acabavam de ouvir e não podiam compreender que se tentasse uma emprêsa que não estava de acôrdo com as regras da honra. Não podiam crer, além disso, nas desgraças que lhes anunciavam e confiavam na providência e em seu valor, para vencer os obstáculos. Os mais fervorosos peregrinos temiam ver retardar a marcha dos cruzados e êsse temor aumentava mais ainda seus escrúpulos. Por

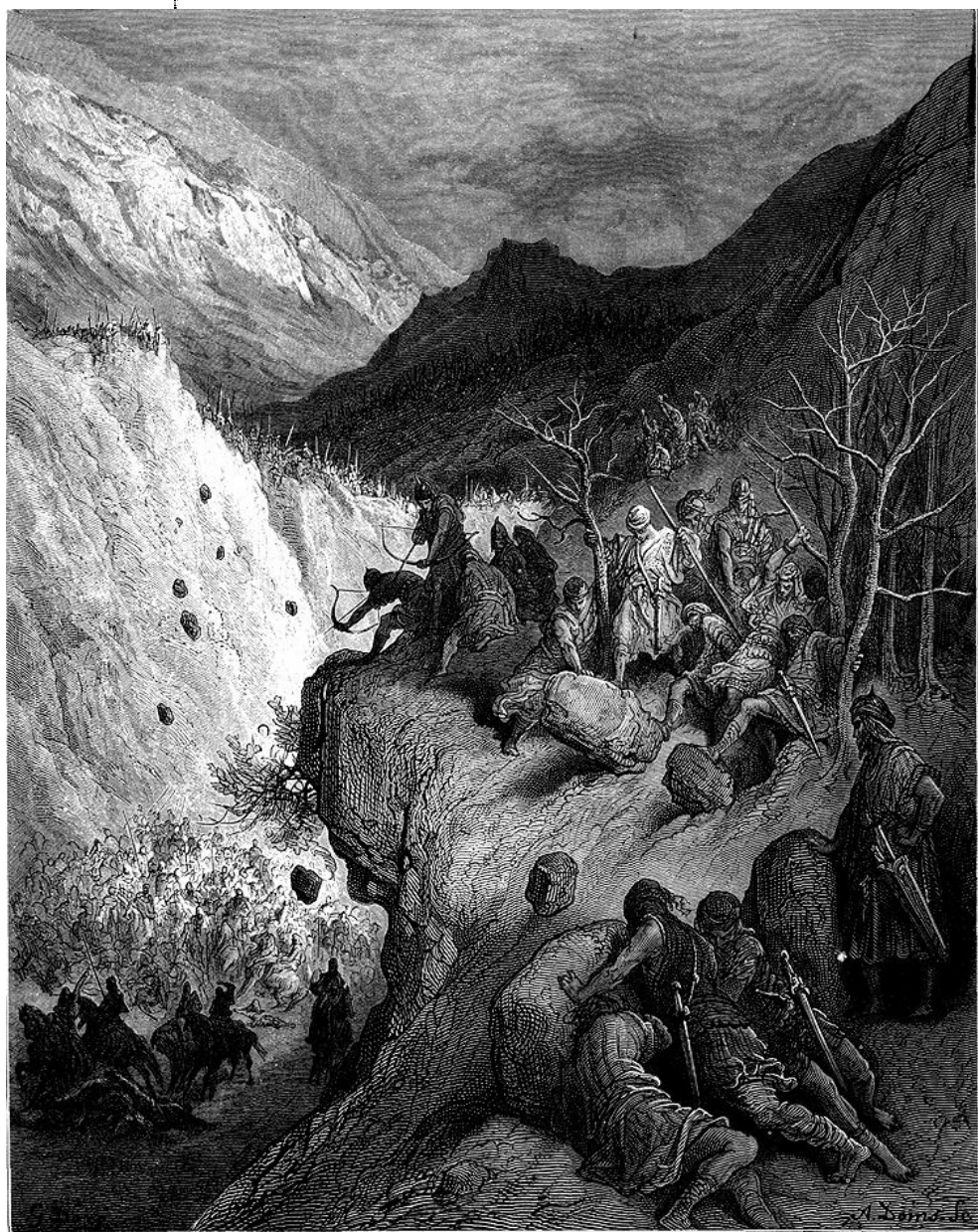
fim, a lealdade dos cavaleiros, a piedosa impaciência de visitar os santos lugares, e talvez também os presentes e a liberalidade de Manuel, fizeram triunfar o partido da moderação.

No entretanto o imperador ficou alarmado vendo guerreiros cheios de altivez e de ousadia deliberar, tão perto dêle, a respeito da conquista de sua capital. A homenagem que lhe fizeram os barões e os cavaleiros, não o tranqüilizaram, contra seus empreendimentos. Para lhes apressar a partida, fêz espalhar o boato de que os alemães tinham obtido grandes vitórias contra os turcos, e que se tinham apoderado de Icônio. Êsse expediente teve um resultado para Manuel, muito além de sua expectativa.

Depois que os cruzados franceses se afastaram de Constantinopla, um eclipse do sol veio despertar-lhes a atenção. A multidão viu nesse fenômeno um presságio funesto, julgando ser um aviso de alguma grande calamidade ou de uma nova traição de Manuel. Os temores dos peregrinos não eram infundados. Quando os franceses avançavam na Bitínia, espalhou-se a notícia de que o exército dos alemães tinha perecido quase todo na estrada de Icônio.

Estava êle dividido em dois corpos e tinha partido de Nicéia no mês de outubro; o primeiro e o mais importante, comandado pelo imperador, tinha seguido o caminho de Godofredo e de seus companheiros; o segundo corpo, onde se encontrava o irmão do imperador, se havia dirigido para a Laodicéia,

atravessando o antigo país de *Cotyleum*, hoje Coutayé. Os gregos, que Conrado tinha tomado por guias, tinham-lhe feito levar víveres por oito dias sòmente, prometendo que em uma semana de marcha chegariam a Icônio. Depois do oitavo dia, o exército, em vez de chegar ao fim da viagem, encontrou-se num país desconhecido o desabitado, que não tinha nem fontes, nem rios, nem bosques, nem pastagens. Os guias, interrogados, aconselharam a caminhar ainda por mais três dias, jurando por Jesus Cristo e por todos os santos, que os campos da Licaônia bem depressa apareceriam aos olhos dos cruzados. Ante tal promessa o exército continuou a marcha, mas, em vez de levá-los na direção de Icônio, os guias dirigiram-se para o Norte, onde só havia montanhas áridas. Os cruzados subiam e desciam colinas e lugares escarpados. Os homens, os cavalos e os animais de carga, morriam de fome, de sêde e de cansaço. No quarto dia, de manhã, procuraram os guias. Haviam desaparecido e tôdas as montanhas das vizinhanças estavam cobertas de uma multidão inumerável de turcos, *ladrando como cães e uivando como lôbos*. Reuniu-se então, o conselho, para se decidir, se seria melhor voltar atrás e retomar as estradas por onde haviam passado, ou avançar ainda, num país que não conheciam, que não lhes oferecia nenhum recurso e cujas passagens eram defendidas por hordas de bárbaros. Essa opinião, que era como a lei da dura necessidade, foi aceita unânimemente.

O exército de Conrado perece nas montanhas.

A retirada, a princípio se fêz em ordem. Os turcos limitaram-se nos primeiros dias a atacar os que se afastavam do exército ou que não o podiam seguir. Alguns chefes, dos mais valentes, tendo à sua frente, Bernardo, Duque da Caríntia, enfrentaram os maiores perigos para proteger a marcha dos mais fracos. Por fim, surpreendidos nos caminhos mais difíceis, sucumbiram, com os infelizes peregrinos que êles queriam salvar. Os turcos duplicaram então sua ousadia: armados ligeiramente, montando cavalos velozes, êles atacavam ora os flancos, ora a retaguarda do exército. Os cavaleiros teutões, montados em cavalos extenuados pela fome, não podiam avançar e suas armas eram para êles mais um pêso, do que um meio de ataque ou de defesa. A tôdas as horas do dia e mesmo da noite, milhares de homens e de cavalos, eram feridos pelas flechas dos turcos e o exército era prêsa da mais horrível confusão; o mesmo imperador foi ferido por dois dardos, no meio de seus cavaleiros, que nada podiam fazer para defendê-lo. À medida que assim se avançava, o número dos bárbaros aumentava; com êles multiplicavam-se os flagelos, que desolavam o exército; os mortos, os feridos e os doentes ficavam abandonados no caminho. Os que não podiam mais caminhar, abandonavam as armas e esperavam a morte dos mártires. Os que ainda tinham um pouco de fôrça, buscavam a salvação numa fuga precipitada. Então êsse exército imperial que tinha feito a Ásia tremer, estava de todo

Bernardo de Caríntia surpreendido pelos turcos.

dispersado e como aniquilado. O segundo corpo dos teutões comandado por Frederico de Suábia, e pelo Bispo de Freisingen, também pereceu; meio vencido pela fome pela sêde, pelas asperezas dos caminhos e pelos ataques contínuos dos turcos, foi encerrar-se nas montanhas próximas de Laodicéia.

A história guarda silêncio sôbre êsse duplo desastre. Sòmente por meio de algumas palavras de Odon de Deuil pudemos seguir confusamente essa longa e terrível agonia de um exército que pereceu sem ter combatido e de que, mal se pode saber se teve alguma glória em seu término. O Imperador Conrado chegou a Nicéia com o pequeno número de seus guerreiros, que a fome e a espada dos turcos haviam poupado. Quando êle se dirigiu ao acampamento de Luís VII, diz Odon de Deuil, os dois monarcas abraçaram-se com cordialidade, e beijaram-se, *banhados em lágrimas de compaixão*. Juraram terminar juntos a peregrinação e não mais se separar. Mas Conrado não manteve a promessa. Êle devia sentir-se mal no meio dos cruzados, cuja glória tinha deslustrado e cuja causa havia comprometido. Voltou a Constantinopla, onde foi recebido de braços abertos, pois a derrota dos latinos e a destruição de um exército do Ocidente, nada tinha que pudesse desagradar a côrte de Manuel.

Luís VII continuou sua marcha, seguindo a orla marítima. Êsse caminho oferecia mais recursos, que os dois outros, para o abastecimento de um exército.

Odon de Deuil fala de três rios que o exército francês atravessou no mesmo dia: pensamos que êsses três rios eram o *Tarcio*, o *Esepo* e o *Granico*. Entre as cidades que os soldados da cruz puderam ver, costeando a Propôntida e o Helesponto, podemos citar *Cízico*, *Priapo*, *Lampsaco*, *Abidos*. Os peregrinos não conheciam nem a história nem os nomes dessas cidades antigas; nas praias poéticas, êles só procuravam víveres e nem sempre os encontravam, pois as violências de uma multidão indisciplinada assustavam os habitantes, que fugiam à sua aproximação, levando tudo o que possuíam. Examinando o trecho de Odon de Deuil, segundo o conhecimento dos lugares, julgamos que os cruzados não passaram pela planície de Tróia, e que não atravessaram nem o Simois, nem o Escamandro. Somos levados a crer que o exército de Luís VII, chegando à embocadura do Ródio, tomou um caminho que ainda existe hoje e que leva dos Dardanelos a Pérgamo. Deixando à direita o monte Ida, chegou a Smirna, depois a Éfeso, onde ficou alguns dias, para celebrar as festas do Natal.

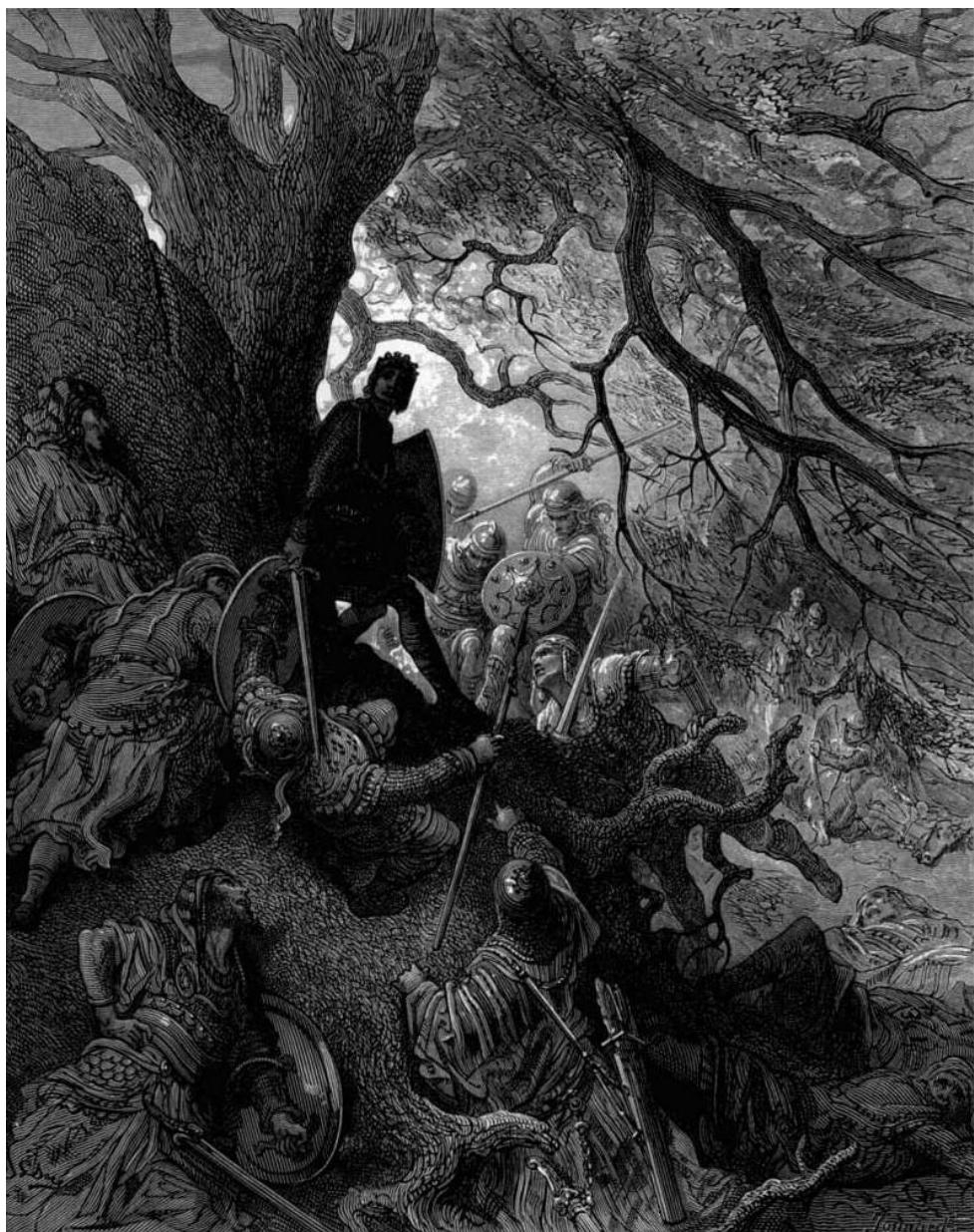
O exército atravessou o Caistro e chegou logo à grande planície do Meandro. Foi aí que os cruzados franceses viram pela primeira vez os turcos: uma multidão de bárbaros se havia reunido nesse lugar, para disputar a passagem do rio ao exército da cruz. Estavam êles encorajados pelas vitórias sôbre o exército dos alemães. O Meandro estava aumentado pelas águas da chuva. A passagem era difícil e

perigosa, na presença do inimigo. Nada deteve os cruzados franceses, animados pelo exemplo de seu rei. Haviam feito colocar no centro do exército a bagagem, com os peregrinos sem armas; na frente, atrás e dos lados estava pronta para a batalha, a elite dos guerreiros. Assim o exército atravessou o rio. Os turcos foram repelidos de todos os lados e deixaram ao longe, a planície coberta de mortos. Essa passagem do Meandro foi o primeiro triunfo da cruzada. Também os peregrinos atribuíram-na à intervenção do poder divino. Vários dentre êles tinham visto um cavaleiro de armas brancas, que passou o rio com o exército cristão e lhes mostrava o caminho da vitória.

Em dois dias de marcha os cruzados chegaram a Laodicéia, cidade situada no Lico. Lá ouviram falar da derrota dos cruzados teutões; mostravam-lhes nas vizinhanças as montanhas que tinham visto perecer o exército comandado pelo irmão do Imperador Conrado. Essas lembranças, tão recentes, teriam devido servir-lhes de lição e pelo menos, adverti-los para se conservarem alerta; mas êles acabavam de triunfar contra os turcos e a prudência não lhes podia fazer ouvir a sua voz, no dia seguinte, a uma batalha vencida.

Os cruzados tomaram o caminho de Satalia: tinham que atravessar as cadeias do *Cadmo*, hoje Baba-Dagh. No dia seguinte à sua partida de Laodicéia, chegaram pelo meio-dia, ao pé de uma mon-

tanha que não tem nome, na carta, que Odon de Deuil chama de *montanha execrável*. O caminho que êles deviam seguir estava suspenso entre precipícios e enormes rochedos amontoados uns sôbre os outros. Todo o exército avançava, dividido em três corpos; a vanguarda, a retaguarda e o centro, onde estavam a bagagem e os peregrinos sem armas. Um dos barões, Godofredo de Rancon, comandava a vanguarda; êle tinha ordem de parar na montanha e de aí esperar o resto do exército. Infelizmente, e aqui devemos deplorar a indisciplina dos chefes, como dos soldados, êle não obedeceu à ordem que havia recebido. Depois de ter passado os caminhos mais difíceis, continuou sua estrada e foi erguer as tendas num vale situado no outro lado da montanha. O resto do exército avançava lentamente. O centro com as bagagens, a multidão sem armas, apertada em caminhos estreitos e caminhando à beira dos abismos, viu-se de repente numa espantosa desordem; os animais de carga caíam do alto dos rochedos escarpados e arrastavam na queda tudo o que encontravam; as rochas que se desprendiam da montanha multiplicavam os prejuízos. O dia declinava e a garganta enchia-se cada vez mais de restos do exército. Os turcos que não tinham deixado de seguir o exército dos cruzados, e de observar o momento oportuno para atacá-los, com vantagem, aproveitaram essa horrível confusão e se lançaram de repente sôbre a multidão desorientada dos peregrinos. Aquêle grupo enorme,

sem defesa, caiu de todos os lados sob as espadas. Gritos, repetidos pelo eco dos montes, vão avisar o rei, que se encontrava na retaguarda; Luís VII com os cavaleiros, que o perigo reuniu em tôrno dêle, corre ao lugar do combate. Depois de uma luta terrível, o centro do exército livra-se do ataque dos bárbaros e continua a sua marcha; o rei então e seus intrépidos cavaleiros ficam sòzinhos em luta com os turcos. Naquela refrega Luís VII perdeu sua escolta, *pouco numerosa, mas ilustre*. Neste ponto da narração, o monge de São Dionísio, não pode conter as lágrimas e seu coração se parte, quando êle vê *as mais belas flôres da França fenecer antes de ter produzido frutos sob os muros de Damasco*. Todos os guerreiros que combatiam com Luís VII tinham caído ao seu lado. Ficando sòzinho, o rei agarrou os galhos de uma árvore e lançou-se sôbre um rochedo. Ali recebeu na couraça os golpes de várias flechas lançadas de longe contra êle e com sua espada sanguinolenta, êle corta as cabeças dos que se atrevem a se aproximar dêle. Sua coragem e a noite, vieram salvá-lo. Êle montou num cavalo abandonado e alcançou a sua vanguarda. Sua chegada ao acampamento causou viva alegria a todos os que já choravam sua morte, mas como êle estava coberto de sangue e voltava sòzinho, todos puderam compreender como aquêle dia tinha sido infeliz. Acenderam-se grandes fogueiras durante tôda a noite, para que os cruzados

Luís VII no monte Cadmo.

que tivessem escapado à fúria dos turcos, pudessem alcançar o exército. Mas ninguém voltou.

Guilherme de Tiro deplora essa sangrenta derrota dos cristãos, e sua piedade admira-se de que Deus tenha concedido assim a vitória aos povos inimigos do seu nome: "Por que, ó bom Jesus, exclama êle, por que êsse povo que vos é tão dedicado e que ia adorar as vossas pegadas em Jerusalém, é destruído e vencido por aquêles que vos odeiam?" Tantas desgraças e tanta vergonha deveriam cair sôbre Godofredo de Rancon. No exército todos pediram o castigo da desobediência, causa de tantos males. Mas durante aquêle dia fatal todos haviam faltado às leis da disciplina, todos haviam cometido faltas; deixaram ao arbítrio da Providência a punição.

Tão espantosa calamidade deveria no entretanto ser uma lição. O grão-mestre do templo tinha comparecido à presença do Rei da França com muitos cavaleiros; sua tropa era muito disciplinada e os cruzados os tomaram por exemplo. O rei deu o comando supremo do exército a um velho guerreiro chamado Gilberto. Os grandes e os pequenos, o mesmo rei, *senhor das leis,* juraram obedecer a êsse chefe experimentado e a todos os que êle designasse para executar suas ordens. Fortificado assim por uma disciplina severa, o exército continuou a marcha para Satália. Foi quatro vêzes atacado pelos turcos e quatro vêzes os repeliu vigorosamente. As estradas

eram difíceis, havia falta de víveres, mas ninguém se queixava. As vitórias sôbre os infiéis, diz Odon de Deuil, eram para os cruzados franceses uma distração que os fazia esquecer as misérias da viagem. Como o inimigo tinha devastado tudo à passagem dos peregrinos, êles mataram os cavalos que não podiam mais andar e comeram-lhes a carne. Todos contentaram-se com êsse alimento, mesmo os ricos, — *principalmente quando podiam acrescentar-lhe um pouco de farinha torrada sob as cinzas.* — Sòmente depois de doze dias de marcha, os cruzados chegaram a Satália.

Satália ou Atália, construída na ponta do gôlfo dêsse nome, era habitada por gregos e governada em nome do Imperador de Constantinopla. Os turcos ocupavam as fortalezas da vizinhança e espalhavam a desolação por tôda a redondeza. Os habitantes de Satália, encerrados em suas muralhas, recusaram-se receber os cristãos. Começou então o exército a passar por uma série infindável de reveses e a multidão dos peregrinos, quase nua e sentindo falta de tudo, viu-se obrigada na presença do inimigo, no meio da estação mais rigorosa, a acampar durante mais de um mês nas planícies vizinhas, exposta a morrer todos os dias, de fome, de frio e pela espada. À medida que os cruzados perdiam tôda a esperança, de ver terminar seus males, a resignação e a coragem os abandonavam. Luís VII reuniu um conselho e os senhores e os barões fizeram-no ver que

os soldados da cruz, sem cavalos, sem armas, sem víveres, não podiam mais suportar, nem as dificuldades da guerra, nem as fadigas da viagem. Não nos resta mais, diziam êles, outro recurso, que nos abandonarmos aos perigos do mar. O rei não era da opinião dêles e queria que se embarcassem sòmente os peregrinos que atrapalhavam a marcha do exército. "Quanto a nós, dizia-lhes êle, reduplicaremos a coragem e seguiremos o caminho que nossos avós seguiram, vencedores de Antioquia e de Jerusalém. Enquanto me restar alguma coisa eu a dividirei com meus companheiros. Quando eu não tiver mais nada, quem de vós não suportará comigo a pobreza e a miséria?" Os barões comovidos com estas palavras, juraram morrer com o seu rei, mas não queriam morrer sem glória. Animados pelo exemplo de Luís, êles podiam vencer os turcos, atravessar os desertos, enfrentar todos os perigos; mas estavam sem defesa contra a carestia e contra a perfídia dos gregos. Censuravam a Luís VII não ter seguido o conselho do Bispo de Langres, o ter perdoado a inimigos mais cruéis que os muçulmanos, mais perigosos que as tempestades e os escolhos do mar.

Como, depois dêsse conselho, se elevassem clamores de murmuração contra os gregos, no exército cristão, o governador de Satália teve receio dos efeitos do desespêro e veio oferecer a Luís VII, navios para embarcar todos os cruzados. A proposta foi aceita, mas esperaram mais de cinco semanas os navios

prometidos, que não eram nem bastante grandes nem suficientes em número para embarcar todo o exército cristão. Os cruzados viram então o abismo de males em que iam cair; tal era a sua resignação ou melhor, o estado deplorável de seu exército que não fizeram nenhuma violência contra os gregos nem ameaçaram uma cidade que se recusava socorrê-los.

Uma multidão de pobres peregrinos, entre os quais havia barões e cavaleiros, apresentou-se ao rei e assim lhe falou: "Não temos com que pagar nossa passagem e não podemos vos acompanhar à Síria; nós ficamos aqui, oprimidos pela miséria e pelas enfermidades; quando nos tiverdes deixado, estaremos entregues aos maiores perigos e o encontro com os turcos será o menor dos males que teremos que temer. Lembrai-vos de que somos franceses, que somos cristãos; dai-nos chefes que nos possam consolar em vossa ausência e nos ajudar a suportar o cansaço, a fome, a morte, que nos esperam longe de vós." Luís, para tranqüilizá-los, dirigiu-lhes palavras muito comovidas e lhes distribuiu somas consideráveis de dinheiro. Deu-lhes socorros, diz Odon de Deuil, como se nada tivesse perdido ou não tivesse necessidade de nada para si mesmo. Mandou chamar o governador de Satália e deu-lhe cinqüenta marcos de prata para que cuidasse dos doentes, que ficavam na cidade, e para mandar levar o exército de terra, até às costas da Cilícia.

Luís VII deu como chefe a todos os que não podiam embarcar Thierri, Conde de Flandres e Archambaud de Bourbon. Embarcou depois num navio, que lhe haviam preparado, com a Rainha Eleonora, os principais senhores de sua côrte e o que restava da sua cavalaria. À vista dos cruzados que êle deixava em Satália, o Rei da França não pôde reter as lágrimas. Uma multidão de peregrinos reunidos na beira do mar, seguia com os olhos o navio onde êle estava, fazendo votos por sua viagem; quando o perderam de vista só pensaram então nos próprios males, e caíram em profundo abatimento.

No dia seguinte à partida de Luís VII, os peregrinos que esperavam a escolta e os guias que lhes haviam prometido, viram chegar os turcos, que vinham de tôdas as regiões vizinhas. Travaram-se vários combates nos quais os cristãos defenderam-se valentemente. Mas os infiéis renovavam todos os dias os ataques. Os cruzados, debilitados pelo cansaço e pela fome, oprimidos pelos inimigos, pediram em vão um abrigo dentro dos muros de Satália. Os gregos mostraram-se impiedosos. Não restava aos infelizes peregrinos mais nenhum meio de salvação. O excesso de suas misérias, abatia-lhes a coragem, tornava-os insensíveis ao próprio perigo; não procuravam mais as bandeiras, pareciam fugir dos companheiros; não conheciam, nem seguiam mais os chefes. Êstes também, não escutavam mais nem a religião, nem a humanidade, nem a honra. No meio

da mais horrível desordem, Archambaud de Bourbon e o Conde de Flandres, só pensaram em evitar a morte e embarcaram num navio, deixando em terra uma multidão desesperada que lhes estendia súplices as mãos enchendo o ar de gemidos lancinantes.

Duas tropas de peregrinos, uma de três mil, outra de quatro mil, levados pelo desespêro, resolveram marchar para a Cilícia. Não tinham navios, para atravessar vários rios transbordantes, não tinham armas para combater contra os turcos e pereceram quase todos. Outros que os seguiram tiveram a mesma sorte. Os enfermos que tinham ficado em Satália pereceram também sem que se pudesse saber qual fôra seu fim. A história apenas conservou alguns particulares espantosos dêsses desastres; é aqui que devemos repetir as expressões das velhas crônicas: "Sòmente Deus sabe o número dos mártires cujo sangue correu sob a espada dos turcos e mesmo, sob o ferro dos gregos."

Muitos cristãos, desgarrados, pelo desespêro, julgaram que aquêle Deus que os deixava entregues a tantos males, não era o verdadeiro Deus. Três mil dentre êles abraçaram a fé de Maomé, e reuniram-se aos muçulmanos, que tiveram piedade de sua miséria. "Ó piedade mais cruel que a perfídia! exclama um cronista, os infiéis que davam pão aos cristãos, arrebataram-lhes a religião!" Os gregos de Satália não gozaram por muito tempo do fruto de sua traição: foram pouco a pouco despojados de tudo pelos turcos

e pelos agentes do fisco imperial. O ar, envenenado pelos cadáveres das vítimas, espalhou dentro de seus muros o luto e a morte. Assim o povo que se havia mostrado sem piedade dos infelizes, foi êle mesmo prêsa de tôda sorte de males. Pouco tempo depois da partida de Luís VII e do desastre dos cruzados, Satália estava quase sem habitantes e suas ruínas, abandonadas, para repetir a opinião dos contemporâneos, a atestarem em seguida, aos viajantes e aos peregrinos, a inevitável justiça de Deus.

Quando Luís chegou ao principado de Antioquia, tinha perdido três quartos do seu exército, mas não foi acolhido com menos afeto por Raimundo de Poitiers. O povo e o clero viera processionalmente ao encontro do rei. Os franceses que o acompanhavam esqueceram no auge do prazer a fadiga de tão longa viagem e a morte deplorável de seus companheiros. Antioquia hospedava então dentro de seus muros a Condêssa de Tolosa, a Condêssa de Blois, Sibila de Flandres, Maurília, Condêssa de Roussy, Talcquery, Duquesa de Bouillon e várias outras damas célebres por sua descendência ou pela beleza. As festas que Raimundo lhes ofereceu tiveram, porém, muito mais brilho, por causa da presença de Eleonora de Guiana. A jovem princesa, filha de Guilherme IX, sobrinha do Príncipe de Antioquia, unia os dons mais sedutores do espírito à graça de sua pessoa. Ela já se havia feito admirar em Constantinopla e não encontrara rival na côrte de Manuel.

Censuravam-lhe, com alguma razão, ter mais desejo de prazer, do que convém a uma rainha cristã. Uma piedade sincera, o desejo de fazer penitência não a levavam a Jerusalém. O cansaço, os perigos de uma longa peregrinação, as desgraças dos cruzados, a lembrança dos santos lugares, sempre presentes ao espírito dos peregrinos, não tinham enfraquecido seu gôsto, muito acentuado, pelos prazeres e sua extrema inclinação para a galantaria.

Raimundo de Poitiers, mesmo nas festas da Rainha Eleonora, não se descuidava dos interêsses do seu principado. Êle queria debilitar o poder de Neureddin, o mais temível inimigo das colônias cristãs e desejava ardentemente que os cruzados o ajudassem nesse empreendimento: elogios, rogos, presentes, tudo êle fêz para induzi-los a prolongar sua permanência em seu território. O príncipe de Antioquia dirigiu-se primeiro ao Rei da França e propôs-lhe no conselho dos barões sitiar Alepo e outras cidades vizinhas. Como os inimigos mais temíveis dos cristãos chegavam sempre perto das margens do Tigre e do Eufrates, não havia meio mais seguro, de prevenir suas invasões do que apoderar-se das cidades que êles encontravam à sua passagem e que eram para êles como as portas da Síria. Que desgraças tinham oprimido as colônias cristãs, porque aquelas cidades haviam sido deixadas nas mãos dos bárbaros! Não se havia esquecido o cativeiro de Bohémond, companheiro de Godofredo, o de um

Rei de Jerusalém, a morte de Rogério e de tantos outros príncipes atacados e vencidos pelos turcomanos, e pelas hordas vindas da Pérsia, das margens do mar Cáspio, e do território de Mossul. Poder-se-ia esquecer a tomada de Edessa que acabava de encher de espanto e de temor tôda a cristandade e as ameaças do feroz conquistador da Mesopotâmia, que tinha jurado apoderar-se de Antioquia e submeter Jerusalém às leis do islamismo? Tôdas estas razões e várias outras, que Raimundo de Poitiers fazia valer, não podiam ser apreciadas pelos guerreiros, vindos do Ocidente, que não conheciam a situação das colônias cristãs, nem o poder de seus inimigos. Luís VII respondeu que êle tinha feito voto de ir ao Santo Sepulcro, que tinha tomado a cruz para cumprir êsse voto, que, desde a partida da França tinha sido provado por muitas desgraças, que não podia pensar em novos empreendimentos e acrescentava que, depois de ter cumprido as suas piedosas promessas de peregrino, êle atenderia de boa vontade ao Príncipe Raimundo e aos outros senhores da Síria, em tudo o que pudesse interessar às vantagens da cristandade naquele país.

O príncipe da Antioquia não perdeu o ânimo, com esta resposta. Tentou comover o coração da rainha e resolveu fazer agir o amor, nos seus projetos. Guilherme de Tiro, que nos deixou o perfil de Raimundo, nos diz que êle tinha um *falar doce e afável, apresentando em seus hábitos e em suas atitudes, um*

não sei que de graça singular e maneiras de um excelente príncipe. Determinou persuadir a Rainha Eleonora a prolongar sua permanência no território do principado de Antioquia. Era então o comêço da primavera: as margens risonhas do Oronte, os bosques de Dafné, o belo céu da Síria, deviam sem dúvida secundar a eloqüência de Raimundo. A rainha, seduzida pelos rogos do príncipe, subjugada pelas homenagens de uma côrte voluptuosa e brilhante, e, se crermos nos historiadores, por prazeres e inclinações indignas dela, solicitou vivamente ao rei, que adiasse a partida para a Cidade Santa. Luís VII tinha uma devoção austera, espírito desconfiado e ciumento; os motivos que retinham a rainha em Antioquia só podiam fortalecê-lo em sua resolução de ir a Jerusalém. As instâncias de Eleonora deram-lhe suspeitas e essas suspeitas tornaram-no irremovível. Então, Raimundo, desiludido em suas esperanças, começou a se lastimar e só pensou em se vingar. Êsse príncipe, diz Guilherme de Tiro, era impetuoso em sua vontade; — *e de tal cólera, que quando estava irado, não havia mais nêle nem medida nem razão.* — Fêz passar fàcilmente sua indignação à alma de Eleonora. A princesa revelou claramente o propósito de se separar de Luís VII e de fazer anular o casamento, sob o pretexto de parentesco. Raimundo mesmo jurou empregar a fôrça e a violência para conservar sua sobrinha em seu território. Por fim, o Rei da França, ultrajado como soberano e como

espôso, resolveu apressar sua partida e foi obrigado a levar sua própria mulher, encerrando-a à noite, em seu acampamento.

O proceder da rainha escandalizou os infiéis e os cristãos do Oriente. Seu exemplo poderia ter conseqüências funestas num exército onde havia um grande número de mulheres. Entre os cavaleiros, mesmo muçulmanos, que, durante sua permanência em Antioquia atraíram os olhares de Eleonora, citava-se um jovem turco, que tinha recebido presentes dela, e pelo qual ela queria abandonar o Rei da França. Nessas coisas, nota sensatamente Mézeray, muitas vêzes se diz exageradamente, mais do que é na realidade. Mas, também, algumas vêzes, há muito mais do que se disse. Como quer que seja, Luís VII não pôde esquecer sua desonra e se julgou obrigado, alguns anos mais tarde, a repudiar Eleonora, que desposou Henrique II, e deu o ducado de Guiana à Inglaterra, o que foi para a França uma das conseqüências mais deploráveis desta segunda Cruzada.

O rei e os barões de Jerusalém, temendo a permanência de Luís VII em Antioquia, mandaram-lhe embaixadores para lhe pedir em nome de Cristo, que apressasse a marcha para a Palestina. O Rei da França atendeu aos seus pedidos, atravessou a Síria e a Fenícia, sem se deter na côrte do Conde de Trípoli, que tinha os mesmos projetos de Raimundo de Poitiers. Sua chegada à Terra Santa suscitou

o mais vivo entusiasmo e reanimou as esperanças dos cristãos. O povo de Jerusalém, os príncipes, os prelados, vieram à sua presença, trazendo nas mãos ramos de oliveira e cantando as palavras com que se haviam saudado o Salvador do mundo: *Bendito o que vem em nome do Senhor!* Nesse mesmo tempo, o Imperador da Alemanha, depois de ter deixado a Europa com um poderoso exército, seguido apenas por alguns dos seus barões, tinha chegado à Terra Santa, não com a magnificência de um grande príncipe, mas com a humildade de um peregrino. Os dois monarcas choraram as desgraças que lhes haviam sucedido e juntos na Igreja da Ressurreição, adoraram os profundos decretos da Providência.

Balduino III, que então reinava em Jerusalém, jovem príncipe de grandes esperanças, mais impaciente por aumentar a sua fama, do que em estender seu reino, tudo fêz para conquistar a confiança dos cruzados e apressar a guerra que devia fazer aos muçulmanos. Uma numerosa assembléia foi convocada em Tolemaida. O Imperador Conrado, o Rei da França, o jovem Rei de Jerusalém, dirigiram-se para lá, acompanhados por seus barões e cavaleiros. Os chefes dos exércitos cristãos e os chefes do clero deliberaram juntos, a respeito da guerra santa, na presença da Rainha Melisenda, da Marquesa da Áustria e de várias senhoras francesas e alemãs, que tinham seguido os cruzados à Ásia. Nessa brilhante reunião, os cristãos se admiraram de não ver a Rainha

Eleonora de Guiana, e se lembraram com tristeza da permanência em Antioquia. A ausência de Raimundo de Poitiers, dos condes de Edessa e de Trípoli, que não haviam sido convocados, para aquela assembléia, fizeram também nascer tristes pensamentos e pressagiar os infelizes efeitos da discórdia entre os cristãos do Oriente.

O nome do infeliz Josselin, foi apenas pronunciado no conselho dos barões e dos príncipes, não se falou da cidade de Edessa, cuja perda havia feito o Ocidente tomar as armas, nem da conquista de Alepo, proposta por Raimundo de Antioquia. Desde o começo do reinado de Balduino os príncipes e os senhores da Palestina, tinham o projeto de levar suas conquistas, além do Líbano e de se apoderar de Damasco. Como os cristãos, quando entravam numa província ou numa cidade muçulmana, distribuíam entre si as terras e as casas dos vencidos, o povo, que morava nas montanhas estéreis da Judéia, a maior parte dos guerreiros de Jerusalém, o mesmo clero, pareciam dirigir tôdas as suas aspirações ao território de Damasco que oferecia aos vencedores, ricos despojos, moradias risonhas, e campos cobertos de messes. Uma política sábia poderia também inspirar-lhes o desejo de preceder, por meio dessa conquista, os Atabeks e principalmente Noureddin, de quem devia aumentar o poder. Na assembléia de Tolemaida resolveram começar a guerra pelo cêrco de Damasco.

Tôdas as tropas reuniram-se na Galiléia no comêço da primavera e dirigiram-se para Panéias, comandadas pelo Rei da França, pelo Imperador da Alemanha, pelo Rei de Jerusalém, e precedidas pelo Patriarca, que levava a verdadeira cruz. O exército cristão, ao qual se haviam reunido os cavaleiros do Templo e de S. João, atravessou, no princípio de junho, as cadeias do Antilíbano e foi acampar perto da aldeia de Dario, à entrada da planície de Damasco.

A cidade de Damasco, chamada hoje *El-Chaim, a Síria,* porque lhe é a capital, estende-se numa planície aos pés do Antilíbano, e apresenta um perímetro de uma légua e meia. É uma das cidades santas do islamismo e a população muçulmana que ela encerra é célebre por seu fanatismo e por seu ódio contra os *giaours.* Os jardins de Damasco têm mais de sete léguas de extensão, cheios de árvores de tôdas as espécies. É como uma maravilhosa floresta de laranjeiras, limoeiros, cedros, abricoteiros, ameixeiras, cerejeiras, pecegueiros, figueiras, etc. O rio Barradi ou Barrada, cujos dois ramos principais tinham, nos tempos antigos os nomes de Pharphar e Albana, subdivide-se em vários canais, que regam com suas águas abundantes os jardins e a cidade. Ezequiel canta os vinhos de Damasco, suas numerosas oficinas, a côr de sua lã. Os panos de sêda e de algodão, os confeitos e as frutas sêcas, as selas para os cavaleiros do deserto, são hoje o principal comércio

de Damasco. Todos os dias as caravanas comerciais partem de El-Chaim para todos os países do Oriente. Várias passagens da Escritura apresentam essa cidade como um lugar de voluptuosidade e de delícias. Ainda agora a cidade dos Damasquinos é tida entre as mais ricas e as mais encantadoras das cidades orientais. O interior das casas de Damasco é muito elegante e esplendoroso. São verdadeiros santuários asiáticos com pátios plantados com laranjeiras, romãzeiras e com fontes e repuxos de água. Uma lenda muçulmana conta que Maomé, à vista de Damasco, impressionado com a beleza dêsse lugar, deteve-se de repente e não quis descer para a cidade. "Há um só paraíso destinado para o homem, exclamou o profeta árabe; quanto a mim, resolvi não ter o meu neste mundo."

Damasco, uma das primeiras cidades que a mão do homem construiu, ocupada ora pelos assírios, ora pelos persas, ora pelos gregos, ora pelos romanos e pelos imperadores do Oriente, caindo sob o poder dos árabes, desde os primeiros tempos da héjira, tinha-se tornado um principado muçulmano. No tempo da segunda Cruzada, êsse principado, atacado ora pelos francos, ora pelos ortokidas, ora pelos atabeks, e quase reduzido só à capital, pertencia a um príncipe muçulmano, que não sòmente tinha que se defender contra a ambição dos emires, mas também evitar os inimigos externos. Noureddin, senhor de Alepo e de muitas outras cidades da Síria, já tinha

por várias vêzes tentado apoderar-se de Damasco e não perdera a esperança de a reunir às suas outras conquistas, quando os cristãos resolveram sitiá-la.

A cidade era defendida por altas muralhas, do lado do Oriente e ao Sul; do lado do Ocidente e do Norte, só era defendida por seus vastos jardins, onde se erguiam de todos os lados imensas paliçadas, muros de terra e pequenas tôrres, nas quais se podiam colocar archeiros. Os cronistas nos descrevem o exército cristão à sua chegada ante os muros de Damasco. "Oh! exclama o autor das *Gestes de Luís VII,* como era belo de se ver aquêle exército com suas numerosas tendas, tôdas novas, com suas bandeiras de côres variegadas, baloiçando-se ao vento! Os muçulmanos do alto de suas defesas estremeceram à sua vista; seu terror nada tinha de espantoso, pois êles sabiam que tinham que combater contra a flor da nobreza francesa." Os cruzados, prestes a começar o cêrco, resolveram, em conselho, apoderar-se primeiro dos jardins. Lá esperavam encontrar água e frutas, mas a emprêsa tinha grandes dificuldades. Os pomares que se estendiam até os pés do Antilíbano, apresentavam-se como um grande bosque espêsso atravessado por estreitos caminhos, onde dois homens mal podiam caminhar um em frente do outro. Os infiéis tinham erguido defesas por tôda a parte, de onde podiam resistir sem perigo aos ataques dos cruzados. Nada porém, pôde então diminuir o entusiasmo do exército cristão, que penetrou

de vários lados nos jardins. Do alto das pequenas tôrres, no meio das cêrcas fechadas por muralhas, do meio das árvores copadas, partiam nuvens de dardos e de flechas. Cada passo que davam os cristãos, nesses lugares cobertos, era marcado por uma luta obstinada. No entretanto os infiéis atacados sem cessar, por fim foram obrigados a abandonar suas posições. O Rei de Jerusalém marchava por primeiro à frente de seu exército e dos cavaleiros de S. João e do Templo; depois dos cristãos do Oriente vinham os cruzados franceses, comandados por Luís VII. O Imperador da Alemanha, que tinha reunido os restos de suas tropas, formava o corpo de reserva e devia defender os cruzados sitiantes, contra as surprêsas do inimigo.

O Rei de Jerusalém perseguia os muçulmanos com ardor; seus soldados precipitavam-se com êle nas fileiras inimigas e comparavam seu chefe a Davi, que segundo a Escritura, tinha vencido um rei de Damasco. Os muçulmanos, combatendo sempre, se haviam reunido às margens do Barrada, a oeste da cidade, para dali afastar a golpes de pedras e de dardos os cristãos oprimidos pelo calor, pela sêde e pelo cansaço. Em vão os guerreiros comandados por Balduino por várias vêzes tentaram forçar o exército dos infiéis; encontraram sempre uma resistência invencível. Foi então que o Imperador da Alemanha, mostrou sua bravura, por um feito de armas, digno dos heróis da primeira Cruzada. Seguido por um

pequeno número dos seus, atravessou o exército francês, que a dificuldade do lugar impedia de combater, e foi tomar posição na vanguarda dos cruzados. Nada pôde resistir à fôrça do seu impetuoso ataque. Todos os inimigos caíam sob seus golpes formidáveis, quando um muçulmano de estatura gigantesca e coberto por armas, aparece diante dêle, para desafiá-lo. O príncipe alemão corre imediatamente contra o guerreiro. Ante a iminência daquele combate singular, os dois exércitos imóveis, esperam temerosos que um dos dois campeões elimine o adversário para recomeçar a batalha. O guerreiro muçulmano é logo atirado fora da sela, Conrado desfere-lhe tremendo golpe com sua espada, dividindo-lhe o corpo em dois pedaços. Êsse prodígio de fôrça e de valor reanimou a coragem dos cristãos e lançou o terror no meio dos infiéis, que então procuraram refugiar-se na cidade e deixaram os cristãos senhores das margens do rio.

Os autores orientais falam do espanto dos habitantes de Damasco depois da vitória dos cristãos. Os muçulmanos deitaram-se na cinza durante vários dias, expuseram no meio da grande Mesquita o Alcorão, recolhido por Osman; as mulheres, as crianças, reuniram-se em tôrno do livro sagrado, invocando o socorro de Maomé, contra seus inimigos. Já todos pensavam em abandonar a cidade; haviam colocado nas ruas, nas entradas dos jardins, grossas traves, cadeias, pedras amontoadas, a fim de reter a marcha dos cruza-

dos, e terem assim tempo para fugir, com suas riquezas e suas famílias, pelas portas do Norte e do Sul.

Os cristãos estavam tão persuadidos de que se iriam apoderar de Damasco, que não se ocuparam mais disso, e só pensavam os chefes, a quem dar o govêrno da cidade. A maior parte dos barões e dos senhores que estavam no exército cristão imploravam o favor do Rei da França e do Imperador da Alemanha e descuidaram-se completamente do cêrco da cidade para discutir-lhe a posse. Thierri da Alsácia, Conde de Flandres, que tinha vindo duas vêzes à Palestina, antes da Cruzada e que tinha abandonado à sua família tôdas as suas propriedades na Europa, solicitou o principado de Damasco mais ardentemente que os outros e foi preferido sôbre todos os concorrentes e rivais. Essa preferência fêz nascer a inveja e levou o desânimo ao exército. Enquanto a cidade que iam conquistar era ainda objeto de sua ambição, os chefes mostraram-se cheios de zêlo e de ardor; mas, quando perderam a esperança, uns ficaram inativos, outros, não consideraram mais a glória dos cristãos como a própria causa e procuraram fazer falhar um empreendimento de que não deviam tirar nenhum proveito.

Os chefes dos infiéis aproveitaram-se dessas disposições de espírito para entrar em negociações com os cruzados. Suas ameaças, suas promessas, seus presentes acabaram por destruir o que restava de zêlo e de entusiasmo entre os cristãos. Êles diri-

giam-se principalmente aos barões da Síria e os exortaram a desconfiar dos guerreiros que tinham chegado, diziam êles, do Ocidente para se apoderar das cidades cristãs da Ásia. Ameaçavam entregar Damasco ao sultão de Mossul ou então ao novo senhor do Oriente, Noureddin, ao qual nada podia resistir, e que se apoderaria logo do reino de Jerusalém. Os barões da Síria quer porque se tivessem deixado impressionar por estas palavras, quer porque no fundo do coração, mesmo, êles temiam os empreendimentos dos francos, que tinham vindo para ajudá-los, só pensaram em diminuir as ações do cêrco que êles mesmos tinham desejado com ardor. Abusando da confiança dos cruzados, fizeram uma proposta que foi aceita assaz levianamente e que acabou por destruir tôdas as esperanças depositadas nessa Cruzada.

Numa reunião, os barões da Síria aconselharam a mudar o ataque da praça; as vizinhanças, dos jardins e do rio, diziam êles, impediam que se colocassem as máquinas de guerra, de maneira vantajosa. O exército cristão, na posição que ocupava, podia ser atacado, e corria perigo de ser cercado pelo inimigo, sem poder se defender; parecia mais seguro e mais fácil de se dar um assalto à cidade, do lado do Sul e do Oriente.

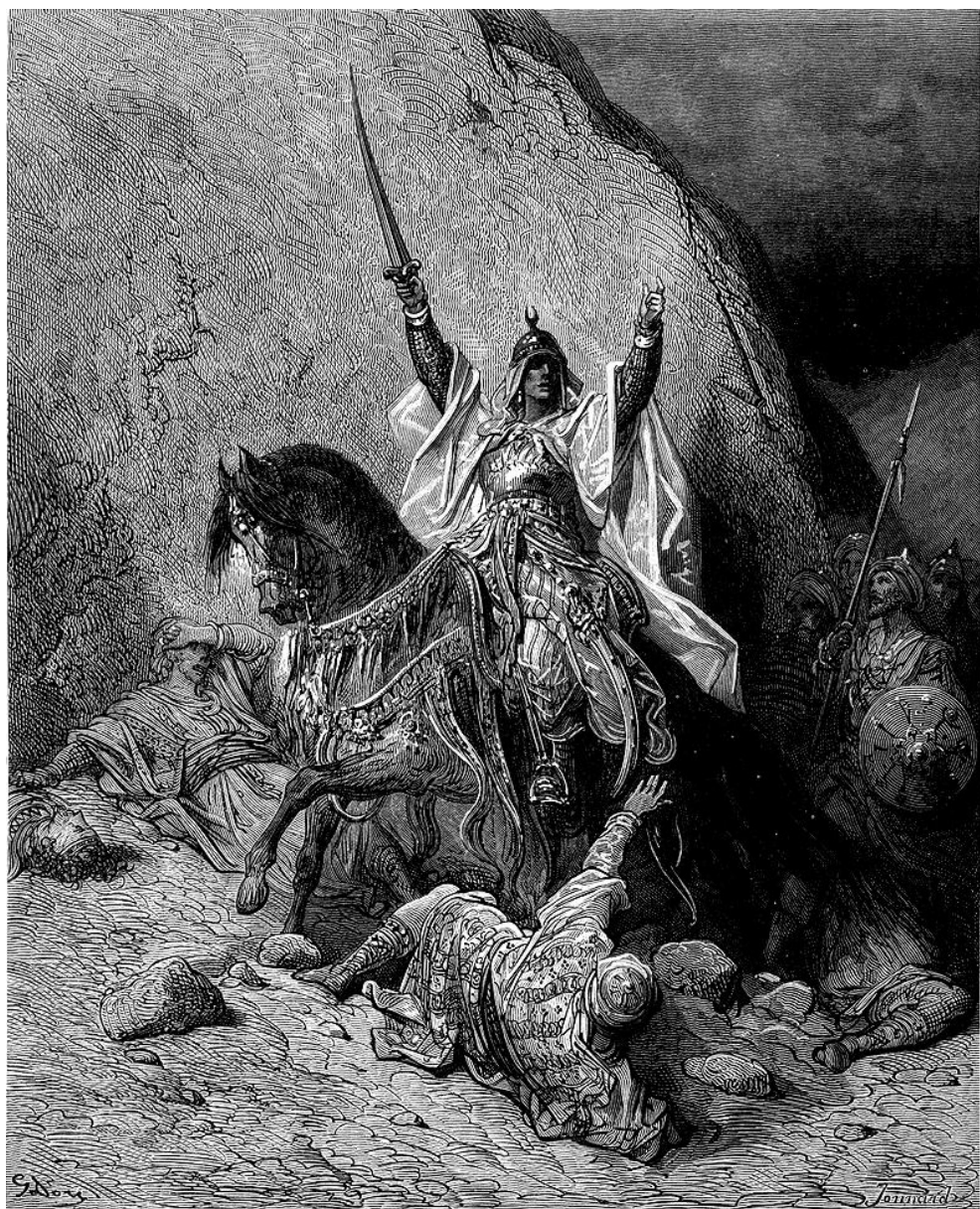
A maior parte dos chefes tinha mais valor que prudência; a confiança que lhes inspirava a vitória fazia-os crer tudo possível: além disso, não podiam desconfiar dos cristãos do Oriente, que eram seus

irmãos e pelos quais tinham tomado as armas. O temor de estender-se demasiado aquêle cêrco, fê-los aceitar a proposta dos barões da Síria. Depois de ter mudado seu ponto de ataque o exército cristão, em vez de encontrar um acesso fácil para a cidade, viu sòmente diante de si tôrres e muralhas inexpugnáveis. Além disso, o lugar de que acabavam de se apoderar, não lhes oferecia recurso algum; era um terreno sem água e de uma nudez estéril. Apenas os cruzados tinham estabelecido seu novo acampamento, a cidade de Damasco recebeu um refôrço de uma tropa de vinte mil kurdos e turcomanos resolvidos a defendê-la. Os infiéis, cuja coragem se reanimara com a chegada dos auxiliares, revestiram-se, diz um historiador árabe, do escudo da vitória e fizeram várias arremetidas nas quais obtiveram vantagens contra os cristãos. Os cruzados deram também vários assaltos contra a cidade, e sempre repelidos. Acampados num solo árido, sentiam falta de tudo. Os campos vizinhos tinham sido devastados pelos infiéis e o trigo, que tinha escapado ao saque da guerra, estava escondido em subterrâneos que ninguém sabia onde se localizavam. O exército cristão estava para ser prêsa de todos os horrores da carestia. A discórdia, então, se reacendeu entre os cruzados. No acampamento só se falava de perfídia e de traição. Os cristãos da Síria e os cristãos da Europa não uniam mais seus esforços para atacar a cidade. Logo se soube que os sultões de Alepo e de Mossul chega-

vam com um poderoso exército; perdeu-se a esperança de tomar Damasco e o cêrco foi levantado. Assim, os cristãos sem ter demonstrado nem fôrça nem coragem, abandonaram no fim de alguns dias um empreendimento cujos preparativos tinham ocupado a Europa e a Ásia.

Uma das circunstâncias dêsse cêrco, mais dignas de nota, é que Ayoub, chefe da dinastia dos ayubitas, comandava então as fôrças de Damasco e tinha junto de si, seu filho Saladino, que devia um dia desferir golpes tão funestos contra os cristãos e apoderar-se de Jerusalém. O filho mais velho de Ayoub tinha sido morto numa escaramuça e os habitantes de Damasco ergueram-lhe um túmulo de mármore, que se via ainda muitos séculos depois, perto das muralhas da cidade.

Um velho padre muçulmano, que tinha passado mais de quarenta anos numa caverna das vizinhanças, foi obrigado a deixar o seu retiro e a procurar refúgio dentro dos muros, que os cristãos cercavam. Êle lamentava sua solidão, perturbado pelo rumor da guerra, e aspirava ardentemente à palma do martírio. Apesar das palavras de seus discípulos, êle avançou sem armas para os cruzados e foi morto no campo de batalha, fim, que êle desejava e foi honrado como santo pelo povo de Damasco.

Se crermos nos historiadores árabes, os eclesiásticos tudo fizeram para reanimar o entusiasmo dos soldados de Cristo. Num combate travado perto da

SALADINO.

cidade, viram avançar entre os dois exércitos um padre de cabelos brancos, montado numa mula levando uma cruz na mão; êle exortava os cristãos a redobrar a coragem e o ardor, prometendo-lhes em nome de Jesus Cristo, a conquista de Damasco. Os muçulmanos dirigiam todos seus dardos contra êle; os cruzados apertavam-se de todos os lados, para defendê-lo. O combate foi vivo e sanguinolento; o padre, por fim, caiu ferido de morte sôbre montes de cadáveres e os cristãos abandonaram o campo de batalha.

A maior parte dos autores árabes e dos cronistas latinos descreve o cêrco de Damasco, com circunstâncias diferentes; no entretanto, todos estão de acôrdo em dizer que a retirada foi obra de traição. Um cronista, testemunha ocular, afirma que os chefes de Damasco mandaram secretamente emissários aos barões sírios, prometendo-lhes grandes tesouros se quisessem pelo menos persuadir o Rei da França a abandonar o lugar onde o exército estava acampado. "Êsses barões cujos nomes a história não quis guardar, diz o cronista, para poupar aos seus descendentes a vergonha de tal lembrança, aconselharam Luís VII a passar para o outro lado de Damasco. Ó dor! Seguiram-lhes o conselho!" Segundo um historiador oriental o Rei de Jerusalém recebeu dos habitantes de Damasco somas consideráveis, mas foi enganado porque êles lhe deram pedaços de chumbo envolvidos apenas numa fôlha de ouro.

Alguns cronistas acusam os latinos, nessa ocasião, pela avidez dos templários, outros fazem cair suas suspeitas sôbre Raimundo, Príncipe de Antioquia, que ardia no desejo de se vingar do Rei da França. Guilherme de Tiro, deplorando essa retirada dos cristãos, expõe com imparcialidade o juízo de diversos escritores sôbre êsse fato: uns atribuíam-no ao espírito de inveja e de rivalidade que animava os chefes do exército cristão; outros pensavam que vários príncipes e barões se haviam deixado subornar e Deus, para castigá-los, trocou num vil metal o dinheiro que êles haviam recebido para trair a causa dos cristãos. Depois de ter assim referido as opiniões dos diferentes contemporâneos, o grave historiador do reino de Jerusalém confessa que não pôde descobrir a verdade e termina sua narração invocando a justiça divina contra os autores desconhecidos de tão grande crime. Uma observação que não é inútil fazer-se, aqui, e que se aplica a muitos fatos dessa história, é que, em circunstâncias dolorosas, as crônicas são quase sempre a expressão dos sentimentos da multidão; ora, a multidão é sempre levada a crer que é traída, quando é vencida. É provável que os chefes da Cruzada tiveram, para abandonar a emprêsa, outros motivos que não os que afirmam as crônicas; pois se é verdade dizer-se que os príncipes cristãos cederam a conselhos dos quais lhes era muito fácil notar a perfídia e que, por causa dêsses conselhos êles foram levados a tomar

uma resolução desesperada, dever-nos-íamos menos admirar da traição de que foram objeto e vítimas, do que de sua crédula simplicidade.

Depois de uma tentativa tão infeliz, devia-se desesperar do êxito dessa guerra: propuseram, no conselho dos chefes, o cêrco de Ascalon; mas os espíritos estavam irritados, a coragem abatida; o Imperador da Alemanha só pensou em regressar para a Europa, onde o papa, para consolá-lo pelos reveses deu-lhe o título de *defensor da Igreja romana.* O Rei da França ficou cêrca de um ano na Palestina, mas demonstrou sòmente a devoção de um peregrino. Desde essa época, diz Guilherme de Tiro, os Estados cristãos na Ásia caminharam para uma rápida decadência. Os muçulmanos aprenderam a não mais temer os príncipes do Ocidente e aquêles mesmos que ousavam apenas defender-se contra os francos, não hesitaram em lhes declarar guerra. Os cruzados, de volta à Europa, exageravam a perfídia dos gregos, a fôrça dos muçulmanos, a traição dos cristãos da Síria; suas palavras levaram o desânimo ou a indiferença a todos os países onde as colônias cristãs do Oriente tinham até então encontrado defensores.

Um grande número de escritores contemporâneos narraram a primeira Cruzada. A segunda só teve três historiadores; e, por uma singularidade digna de nota, como se êles tivessem receio de revelar ao mundo os reveses dos soldados cristãos, todos os três interrompem sua narração no meio dos fatos e falam

sòmente do fim da expedição, de que descreveram longamente os preparativos. Seu silêncio pode servir, pelo menos, para nos fazer conhecer a opinião que então se tinha da Cruzada.

Nessa guerra, nenhum gênero de morte resgatou os reveses dos cristãos. Os chefes cometeram as mesmas faltas que Godofredo e seus companheiros: descuidaram-se como êles, que os haviam precedido, de fundar uma colônia na Ásia Menor e de se apoderar das cidades que podiam proteger a marcha dos peregrinos para a Síria. Admira-se a paciência com que suportaram os ultrajes e a perfídia dos gregos; mas essa moderação, mais religiosa que política, levou-os à perdição. Devemos acrescentar que êles desprezaram demasiado os turcos, e não se ocuparam assaz dos meios de combatê-los. Como na primeira guerra santa, os cristãos levavam consigo um grande número de crianças, de mulheres, de velhos, que nada podiam fazer pela vitória e que quase sempre aumentavam as dificuldades e o desespêro, depois de uma derrota. No meio dessa multidão, não podia haver disciplina; os chefes, além disso, não fizeram tentativa alguma para prevenir os efeitos da licença.

Godofredo de Rancon, cuja imprudência fêz perecer a metade do exército francês e pôs o Rei da França em gravíssimo perigo, só teve como castigo o arrependimento e julgou ter expiado sua falta prostrando-se com seus companheiros ante o túmulo de J. C. Prejudicou ainda a disciplina, a desordem

dos costumes, desordem que veio principalmente, porque um grande número de mulheres tinha tomado as armas e se misturava com os soldados. Havia nessa Cruzada uma tropa de amazonas comandadas por um general do qual mais se admirava a aparência do que a coragem e cujas botas douradas faziam-no chamar de a *dama de pernas de ouro*.

Outra causa da dissolução dos costumes foi a extrema facilidade com que se receberam entre os cruzados os homens mais corrompidos e até mesmo malfeitores. S. Bernardo, que considerava a Cruzada como o caminho do céu, para lá levava os maiores pecadores, e regozijava-se de vê-los entrar assim no caminho da salvação. O concílio de Reims, de que o Abade de Claraval era o oráculo, determinou que os incendiários fariam, durante um ano, o serviço de Deus, em Jerusalém ou na Espanha. O ardente pregador da guerra santa não pensava que os grandes pecadores inscritos sob as bandeiras da cruz, estariam expostos a novas tentações e que numa longa viagem ser-lhes-ia mais fácil perverter seus companheiros do que mudar de proceder. As desordens foram infelizmente toleradas pelos chefes, que julgavam o céu sempre cheio de indulgência para com os cruzados e não se quiseram mostrar mais severos para com êles.

Todavia o exército cristão, com os costumes mais escandalosos dava também exemplos de uma piedade austera. No meio dos perigos da guerra e

do cansaço de uma longa peregrinação, o rei da França cumpria as práticas mais minuciosas da religião. Foi possível constatar nesse particular, que Luís VII mais de uma vez mostrou uma tocante dedicação para com o povo vindo da França com êle. A maior parte dos chefes tomava-o como modêlo. Faziam-se nos acampamentos mais procissões do que evoluções militares e os guerreiros tinham menos confiança em suas armas do que nas orações. Em geral, não se empregou assaz a prudência humana e confiou-se um pouco demais na Providência, que não protege os que se afastam dos caminhos da razão e da sabedoria.

A primeira cruzada teve dois caracteres distintos: a piedade e o heroísmo. A segunda não teve por móvel apenas uma piedade que tinha mais de piedade de claustro do que de entusiasmo. Reconhece-se fàcilmente nessa guerra a influência dos monges que a tinham pregado e que se intrometiam então em todos os assuntos. O rei da França em suas desditas mostrou a resignação de um mártir, e no campo de batalha teve a coragem e o ardor de um soldado. O imperador da Alemanha não se portou com mais habilidade; perdeu tudo por uma louca presunção e por ter julgado que podia vencer os turcos sem o auxílio dos franceses. Um e outro tinham vistas pouco alentadas e precisavam de mais energia, a qual produz os grandes feitos. Na expedição que êles dirigiam nada se elevou acima dêles

e tudo tomou a medida do seu caráter. Odon de Deuil atribui as desgraças dos alemães à sua intemperança; *ebrii semper,* sempre embriagados. Conrado prestou muita fé às promessas de Manuel que mandou avisar os turcos e deu aos latinos guias encarregados de os enganar. Príncipe medíocre, Conrado revelou-se todo numa carta que escreveu ao abade de Corvey: "Fiz na terra santa, dizia o imperador alemão, o que Deus queria e o que os príncipes do país permitiram fazer." Essa segunda cruzada não desenvolveu paixões heróicas nem qualidades cavaleirescas. Os acampamentos não admiraram grandes generais e a época que acabamos de descrever só viu aparecerem dois homens de gênio: o que tinha levantado o Ocidente com sua eloqüência, e o sábio ministro de Luís, que devia reparar, para a França, as desgraças da cruzada.

1147. Tôdas as fôrças da Europa não foram dirigidas contra a Ásia. Vários pregadores, autorizados pela Santa Sé, tinham exortado os habitantes da Saxônia e da Dinamarca a tomar as armas contra alguns povos do Báltico, ainda mergulhados nas trevas do paganismo. Essa expedição tinha como chefe Henrique da Saxônia, vários outros príncipes, um grande número de bispos e de arcebispos. Um exército composto de cento e cinqüenta mil cruzados atacou a nação bárbara e selvagem dos eslavos, que devastavam as costas marítimas e o país dos cristãos. Os guerreiros levavam sôbre o peito uma cruz

vermelha, abaixo da qual estava uma figura redonda, imagem e símbolo da terra, que devia ser submetida às leis de J. C. Os pregadores do Evangelho acompanhavam-nos na marcha e os exortavam a ampliar com seus feitos os limites da Europa cristã. Os cruzados incendiaram vários templos de ídolos e destruíram a cidade de Mahclon onde os padres do paganismo costumavam reunir-se. Nessa guerra santa os saxões trataram um povo pagão como Carlos Magno tinha tratado seus antepassados. Mas não puderam submeter os eslavos. Depois de uma luta de três anos, os cruzados da Saxônia e da Dinamarca cansaram-se de perseguir um inimigo defendido pelo mar e principalmente pelo desespêro. Fizeram propostas de paz; os eslavos por seu lado, prometeram converter-se ao cristianismo e respeitar as cidades e os países em que os cristãos habitavam, mas só faziam essas promessas para desarmar seus inimigos. Depois de restabelecida a paz êles voltaram aos seus ídolos, e recomeçaram a vida de salteadores.

Outras cruzadas, sôbre as quais a cristandade não tinha seus olhos, fizeram uma guerra mais feliz nas margens do Tejo. Há vários séculos a Espanha tinha sido invadida pelos sarracenos; dois povos rivais ali disputavam o império e combatiam pelo território em nome de Maomé e de Jesus Cristo. Os mouros, muitas vêzes vencidos pelo Cid e por seus companheiros, tinham sido expulsos de várias pro-

víncias, e, quando a segunda Cruzada partiu para o Oriente, os espanhóis sitiavam a cidade de Lisboa. O exército cristão, pouco numeroso, esperava reforços, quando viu chegar à embocadura do Tejo uma frota que levava para o Oriente um corpo de cruzados franceses. Afonso, príncipe da casa dos príncipes de Borgonha, e neto do rei Roberto, comandava o cêrco. Êle dirigiu-se aos guerreiros que o céu parecia mandar em seu auxílio, e prometeu-lhes a conquista de um reino florescente. Exortou-os as vir combater contra os mesmos muçulmanos que iam procurar na Ásia, através dos perigos do mar. "O Deus que os mandava devia abençoar suas armas; um glorioso salário e ricas possessões iriam recompensar o seu valor." Não se precisava de muito mais para persuadir àqueles homens que tinham feito voto de combater contra os infiéis e que buscavam aventuras guerreiras. Abandonam seus barcos, e reúnem-se aos que sitiavam a cidade. Os mouros opuseram-lhes viva resistência, mas, no fim de quatro meses, Lisboa foi tomada de assalto e a guarnição pereceu pela espada. Atacaram em seguida várias outras cidades, que foram tiradas aos sarracenos. Portugal ficou sujeito a Afonso, que tomou então o título de rei. Com essas conquistas, os cruzados esqueceram o Oriente e, sem correr muitos perigos, fundaram um reino que brilhou mais e durou mais que o de Jerusalém.

Antes dessa cruzada, os muçulmanos das costas da África tinham feito uma invasão na Sicília e se haviam apoderado de Siracusa. Foram, porém, mui depressa obrigados a abandonar sua conquista; Rogério, depois de os ter pôsto em fuga, armou uma frota e os perseguiu até seu próprio país. Os sicilianos atacaram a cidade de Trípoli, na África e voltaram para suas casas, carregados de despojos. Nesse mesmo tempo, quando os cruzados alemães e franceses chegavam à Síria, Rogério encetou uma nova guerra contra os africanos, e, enquanto Luís VII e Conrado sitiavam Damasco os guerreiros da Sicília apoderavam-se de Mahadyah, da qual uma terrível carestia lhes havia aberto as portas. Essas expedições nas costas da África renovaram-se freqüentemente durante as cruzadas, embora não tenham jamais alcançado resultados notáveis, podem, pelo menos, servir para nos explicar os motivos da última cruzada de São Luís.

Podemos julgar por êsses empreendimentos, dirigidos contra os povos do Norte, contra os do Oriente e do Sul, que o espírito das guerras santas começava a ter um caráter novo. Não se combatia sòmente pela posse de um sepulcro; mas tomavam-se as armas para defender a religião onde ela era atacada, para fazê-la triunfar entre todos os povos que repeliam suas leis, seus benefícios e quase sempre intenções mercantis ou projetos de conquista misturavam-se com a idéia dessas piedosas emprêsas. A

diversidade dos interêsses que fazia os cruzados agir, dividiu-lhe as fôrças, enfraqueceu-lhes o entusiasmo e certamente prejudicou o resultado feliz da guerra.

No entretanto a França, perturbada pelas tramas de alguns senhores ambiciosos, não olhava mais para a Palestina, a não ser para pedir a volta de um monarca cuja presença devia reparar às suas desditas. Há muito tempo Suger, que já não podia suportar o pêso da autoridade real, chamava seu senhor por cartas cheias de ternura e de dedicação. Sua atitude, espetáculo tocante para os franceses, alarmou a côrte, que procurou fazer nascer suspeitas sôbre a fidelidade do ministro. A ordem mantida no reino, as facções dominadas por uma administração firme e prudente, as bênçãos do povo e da igreja, foram a resposta de Suger. O rei louvou-lhe o zêlo e deu-lhe o título de *Pai da pátria*. O abade Suger tinha então uma grande vantagem: êle fôra o único homem na Europa que se opusera à cruzada. De todos os lados louvava-se a sua sábia previdência e tôdas as queixas eram contra S. Bernardo. A presença de Luís não modificou os sentimentos do povo e a dor pública, que longe de ceder ao tempo, se tornava sempre mais grave e mais profunda. O reino não tinha uma família que não estivesse de luto. Jamais se viram tantos órfãos e tantas viúvas. A glória do martírio, prometida àqueles cuja perda se lamentava, não podia enxugar as lágrimas da França.

É interessante ver-se como os cronistas explicam, cada qual à sua maneira, a desgraça da cruzada, ou se consolam com os desastres, vendo em tudo um lado útil e salutar. O piedoso Godofredo pensa que a peregrinação não teve êxito, porque se haviam tomado os tesouros das igrejas e sobrecarregado duramente o povo. Otton de Freisingen afirma que a cruzada foi boa para aquêles aos quais concedeu o reino de Deus. Muitos peregrinos tinham dito, expirando, que êles preferiam morrer, do que voltar à Europa, para lá pecar novamente. As almas dos cruzados ao sair desta vida, iam aumentar a milícia dos anjos, segundo a expressão de um contemporâneo. Mas essas explicações não contentavam a todos os espíritos.

Acusava-se o abade de Claraval de ter mandado os cristãos morrer no Oriente, como se na Europa não houvesse mais lugar para sepulcros. Os partidários de S. Bernardo, que tinham visto sua missão atestada por milagres, não sabiam o que responder e ficavam atônitos. "Deus, nestes últimos tempos, diziam entre si, não tinha poupado nem seu povo, nem seu nome; os filhos da igreja tinham sido entregues à morte no deserto ou ceifados pela espada, ou devorados pela fome; o desprêzo do Senhor havia atingido os mesmos príncipes; Deus os havia deixado desviar-se para caminhos desconhecidos e tôda espécie de aflição tinha sido espalhada em sua carreira." Tantas desgraças sucedidas numa guerra

santa, numa guerra empreendida em nome de Deus, confundia a razão dos cristãos que tinham aplaudido a cruzada e S. Bernardo mesmo, admirava-se de que Deus tivesse querido julgar o universo antes do tempo e sem se lembrar de sua misericórdia. "Que vergonha para nós, dizia êle numa apologia dirigida ao Papa, para nós que fomos anunciar a paz e a felicidade! Procedemos acaso temeràriamente? Nossas incursões foram talvez feitas por pura fantasia? Não seguimos as ordens do chefe da igreja e as de Deus? Por que Deus não olhou para os nossos jejuns? Por que pareceu Êle desconhecer as nossas humilhações? Com que paciência ouve Êle hoje as vozes sacrílegas e as blasfêmias dos povos da Arábia, que O acusam de ter levado os seus ao deserto para fazê-los morrer? Todos sabem, acrescentava êle, que os juízos de Deus são verdadeiros, mas êste é como um profundo abismo, que bem se pode chamar de feliz, aquêle que com isso não se escandalizou." S. Bernardo estava tão persuadido de que o infeliz desfecho da Cruzada devia ser para os maus um motivo de insultar à Divindade, que êle se alegrava em ver cair sôbre si as maldições dos homens e de ser como o escudo do Deus vivente.

Na sua apologia, êle atribuiu os maus resultados da guerra santa às desordens e aos crimes dos cristãos; êle comparou os cruzados aos hebreus, aos quais Moisés tinha prometido em nome do céu, uma terra de bênçãos, e que pereceram todos durante a

viagem, porque tinham feito mil coisas contra Deus. Ter-se-ia podido responder a S. Bernardo que era fácil preverem-se os excessos e as desordens de uma multidão indisciplinada, na qual, como dissemos, se haviam admitido homens perversos, mulheres de má vida e até mesmo ladrões e salteadores. De resto, as razões que S. Bernardo dava, estavam baseadas nas persuasões do tempo, e não deixavam de causar alguma impressão nos espíritos. Na persuasão em que se estava de que uma guerra contra os muçulmanos só poderia ser agradável à Divindade, quando essa guerra levava empós de si grandes desgraças, a devoção dos fiéis julgava dever justificar a Providência e, para justificá-la, nada parecia mais simples do que acusar os cruzados. É assim, que cada século tem pensamentos dominantes, segundo os quais os homens se deixam fàcilmente persuadir; e, quando essas opiniões vêm a ser substituídas por outras, os raciocínios do que eram a fôrça e o apoio não persuadem mais a ninguém, e só servem para mostrar as fraquezas do espírito humano.

De resto, deploravam-se os males presentes; mas o futuro preparava outros maiores ainda, que ninguém previa. Se é verdade que o divórcio de Eleonora foi uma das conseqüências da cruzada, podemos contá-lo entre as maiores desgraças que resultaram para a França, dessa expedição. Por êsse divórcio a França perdeu a Aquitânia e mais tarde o poder inglês, aquém do mar, aumentou de

tal modo que se viu a posteridade real de Luís VII quase reduzida a procurar um asilo em terras estrangeiras, enquanto os descendentes de Eleonora e de Henrique II, faziam-se coroar reis da França e da Inglaterra, na igreja de Notre-Dame de Paris.

A bajulação tentou consolar Luís, o Jovem, pelos reveses da Ásia e o representou em várias medalhas como o vencedor do Oriente. Êle havia partido da Palestina com o projeto de para lá voltar; e, na sua passagem por Roma, tinha prometido ao Papa pôr-se de novo à frente de uma nova cruzada.

Jamais as colônias cristãs tiveram mais necessidade de socorro: depois que os franceses deixaram a Palestina, todos os dias sabiam-se de novas desgraças sucedidas aos cristãos na Síria. Pouco depois do cêrco de Damasco, Raimundo perdeu a vida numa batalha, travada entre Apaméia e Rugia, e sua cabeça, mandada ao califa de Bagdá, mostrou a importância da vitória obtida pelos muçulmanos. Várias praças do principado de Antioquia tinham aberto suas portas aos soldados de Noureddin, levado pela sorte de suas armas, até o mar, que êle nunca tinha visto; êsse herói bárbaro havia se banhado em suas águas, como para delas tomar posse. Josselin, que tinha perdido Edessa, sua capital, caiu nas mãos dos infiéis e morreu de miséria e de desespêro nas prisões de Alepo. O condado de Edessa, ameaçado pelos turcos, abandonado aos gregos, perdeu a maior parte de seus habitantes.

Tôda a população latina dessa província, perseguida como o povo de Israel por um outro Faraó, refugiou-se através de mil perigos, nas terras de Antioquia e de Jerusalém. O conde de Trípoli pereceu assassinado por mãos desconhecidas na sua capital e tôdas as cidades do seu condado foram amarguradas pelo luto. No meio dos perigos sem número que ameaçavam as colônias cristãs, a rainha Melisenda e seu filho disputavam o govêrno do reino de Jerusalém. A divisão tornou-se tal, que Balduino cercou a tôrre de Davi onde sua mãe se havia refugiado com seus partidários. Todos os males pareciam reunir-se para oprimir o poder cristão na Síria e os muçulmanos diziam entre si, que por fim, o momento tinha chegado de derrotar o império dos francos. Dois jovens príncipes da família de Ortok, ousaram conceber o projeto de conquistar Jerusalém; um exército que êles haviam reunido na Mesopotâmia veio acampar no monte das Oliveiras e a cidade santa só deveu sua salvação à bravura de alguns cavaleiros, que reanimaram o povo assustado e o exortaram a defender, com êles, a herança de Jesus Cristo.

O rei de Jerusalém, o patriarca da cidade santa, o de Antioquia, os chefes das ordens militares de S. João e do Templo, não deixavam de dirigir suas queixas e seus rogos aos fiéis do Ocidente. O papa, comovido por tantas calamidades, exortou os povos cristãos a levar auxílio a seus irmãos do Oriente.

Falava-se já na Alemanha, na Inglaterra, e na França, em retomar a cruz e as armas; mas os príncipes que não tinham esquecido os reveses da última cruzada e que não toleravam as queixas e mesmo as zombarias do povo, não ousaram incorrer em outras censuras e enfrentar novos perigos. O clero e a nobreza, que a guerra tinha arruinado, não inflamaram com seu exemplo o entusiasmo renascente da multidão. Godofredo, bispo de Langres, voltando do Oriente, tinha abdicado à sua dignidade episcopal e se havia retirado ao mosteiro de Claraval, onde deplorava, nas austeridades da penitência, uma guerra, pela qual havia mostrado um zêlo mais fervoroso que esclarecido. Apagou-se o ardor recente dos povos, porque o abade de Claraval, cuja eloqüência milagrosa tinha sublevado o Ocidente, não se fêz mais ouvir. Seu silêncio, foi como uma santa advertência, ou melhor, como outro milagre, que conservou em paz profunda o mundo cristão prestes a se abalar uma segunda vez.

Aconteceu então, um fato difícil de se crer; o abade Suger, que se havia oposto à expedição de Luís VII, tomou a resolução de socorrer Jerusalém e, numa assembléia em Chartres, incitou os príncipes, os barões e os bispos, a se alistarem sob as bandeiras da guerra santa. Como êles não atenderam às suas palavras, e mostraram mesmo admiração e espanto, êle tomou a resolução de tentar sòzinho uma emprêsa, na qual dois monarcas tinham fracassado. Na

idade de setenta anos, resolveu reunir um exército, mantê-lo às suas custas e levá-lo à guerra santa. Segundo a devoção do tempo, êle foi visitar em Tours, o túmulo de São Martinho, a fim de obter a proteção do céu; já mais de dez mil peregrinos tinham tomado as armas e se dispunham a segui-lo para a Ásia, quando a morte veio deter a execução dos seus projetos.

Em seus últimos momentos, Suger invocou a assistência e as orações de S. Bernardo, que lhe sustentou a coragem e o exortou a não mais afastar seus pensamentos da Jerusalém celeste, na qual bem depressa se deveriam encontrar. Apesar dos conselhos do seu amigo, o abade de S. Dionísio lamentava, ao morrer, não ter podido socorrer os cristãos do Oriente. S. Bernardo não tardou em segui-lo à sepultura, levando o sentimento de ter pregado uma guerra infeliz.

A França perdeu no mesmo ano dois homens que muito a ilustraram: um, por talentos e qualidades úteis à pátria, e o outro por sua eloqüência e por virtudes caras aos fiéis. Num tempo em que só se pensava em defender os privilégios da igreja, Suger defendeu os da realeza e os do povo; enquanto eloqüentes pregadores incitavam o zêlo pelas guerras santas, que eram sempre acompanhadas de algum desastre, o hábil ministro de Luís VII, preparava a França para recolher um dia os frutos salutares dêsses grandes acontecimentos. Acusavam-no de se

ter deixado levar muito além nos assuntos do século, mas a política não o fêz esquecer os preceitos do Evangelho. No juízo de seus contemporâneos, êle vivia na côrte como um sábio cortesão e em seu claustro, como um santo religioso. Se há na igreja da França, escrevia S. Bernardo ao Papa Eugênio, algum vaso de valor que embeleze o palácio do rei dos reis, é sem dúvida o venerável abade Suger. Como abade de S. Dionísio, êle possuía talvez mais riquezas que um monge deve possuir, pois êle tencionava armar um exército; jamais porém, empregou êsses tesouros fora do serviço da pátria e da igreja, e jamais o Estado foi mais rico do que sob sua administração. Tôda sua vida foi uma longa seqüência de prosperidade e de feitos dignos de memória. Êle reformou os monges de sua ordem sem lhes granjear a ira, fêz a felicidade do povo, sem lhe experimentar a ingratidão, serviu aos reis e obteve a amizade dêles. A fortuna favoreceu-o em todos os seus empreendimentos; e, para que nada houvesse de infeliz em sua vida e não se lhe pudesse reprochar alguma falta, morreu quando ia levar um exército à Ásia.

Suger e S. Bernardo, unidos pela religião e pela amizade, tiveram um destino diferente: o primeiro, oriundo de humilde condição, deixou-se levar pelos favores da fortuna, que o elevou às mais altas dignidades; o segundo, nascido em uma classe mais elevada, procurou logo dela descer, e foi tudo, sòmente por seu gênio. S. Bernardo prestou poucos

serviços ao Estado, mas defendeu a religião com zêlo infatigável, e como se colocava naquele tempo a igreja acima da pátria, êle foi maior aos olhos dos seus contemporâneos do que o abade Suger. Enquanto viveu, tôda a Europa teve suas vistas cravadas no abade de Claraval; êle era como um facho colocado no meio dos cristãos; tôdas as suas palavras tinham a santa autoridade da religião que êle pregava. Êle sufocou os cismas, fêz calarem-se os impostores, e, por suas ações, mereceu, em seu século, o título de *último Padre da Igreja,* como o grande Bossuet o mereceu no nosso.

Poder-se-ia recriminar a S. Bernardo ter saído muitas vêzes do seu retiro e não ter sempre sido, como êle mesmo dizia, o discípulo dos carvalhos e das faias. Não ficou alheio a nenhum acontecimento público de seu tempo; tomou parte em todos os assuntos da Santa Sé. Os cristãos perguntavam quem era o chefe da igreja; os Papas e os príncipes murmuraram algumas vêzes contra sua autoridade; mas, nós não devemos esquecer, de que êle lembrou, sem cessar, a moderação e a justiça aos grandes da terra, a obediência e o respeito às leis, ao povo, à pobreza e à austeridade dos costumes, ao clero, e a todos, as santas máximas da humanidade e a moral evangélica.

LIVRO SÉTIMO

1151-1188

Situação política da Ásia; tomada de Ascalon; casamento de Balduino III; perturbações em Antioquia; morte do rei; seu irmão sucede-o; expedição ao Egito; revolução naquela província; casamento de Amaury; tomada de Bilbéis; cêrco de Damieta; Amaury sitia Panéias; vem morrer em Jerusalém; menoridade de Balduino IV; Sibila, sua irmã, desposa o Marquês de Monferrato, que perde, cinco anos depois; Saladino entra na Palestina; segunda batalha de Ascalon; falsa trégua; Balduino confere a regência a Lusignan, depois ao Conde de Trípoli; morre; coroação de Sibila e de Lusignan, seu novo espôso; Afdal, filho de Saladino, penetra na Galiléia; Saladino senhor de Tiberíades; prende Lusignan; apodera-se de Jerusalém. — Preparativos para uma nova Cruzada.

À medida que o grande panorama das Cruzadas passa ante nossos olhos, podemos constatar que as guerras santas têm quase sempre o mesmo móvel e que as mesmas paixões animam sempre os cruzados. Quando lançamos apenas um rápido olhar sôbre êsses tempos remotos, podemos, a princípio, pensar que acontecimentos que se parecem assemelhar, entre si, devem, por fim, pela confusão dos objetos e pela uniformidade do espetáculo, diminuir o interêsse e cansar a atenção do leitor. Mas, aprofundando as épocas históricas de que falamos, entrando mais além no estudo das paixões e dos assuntos humanos, penetramo-nos da idéia de que os acontecimentos têm uma fisionomia própria, que há fatos da história, como há sêres da mesma espécie na natureza. Todos êsses sêres, se assemelham à primeira vista e no entretanto apresentam uma variedade infinita aos olhos atentos do observador. Na estrada que nos resta a percorrer, grandes revoluções se misturam por tôda a parte na narração das guerras Santas e nos oferecem um cúmulo de lições e de cenas diversas. A cada momento, há novos povos que se apresentam na cena política; são leis diferentes que a fortuna ou a vitória impõem às sociedades. Aqui, é um Império que

surge e cujo poder muda completamente a face do mundo; mais além, é um Império que cai e cujas ruínas atestam a instabilidade das grandezas da terra. Não sòmente as revoluções sucedem-se sem parar, mas a cada época memorável, vemos aparecerem homens cujas qualidades os elevam acima do vulgar e que diferem entre si pelo gênio, pelas paixões ou virtudes. Êsses homens extraordinários, como as figuras que animam as produções dos grandes pintores, imprimem seu caráter em tudo o que os rodeia e o brilho que difundem em redor de si, o interêsse que fazem nascer por suas ações e sentimentos, nos ajudarão muitas vêzes a colorir e a variar as narrações e as cenas desta história.

Os que estudaram os costumes e os anais do Oriente, puderam notar que a religião de Maomé, embora seja tôda guerreira, não dava aos seus discípulos aquela bravura persistente, aquela perseverança nos revezes, aquêle devotamento sem limites de que os cruzados deram tantos exemplos. O fanatismo dos muçulmanos tinha necessidade de resultados felizes para conservar a fôrça. Formados à idéia de um fanatismo cego, êles estavam habituados a considerar o sucesso ou o revés como uma determinação do céu; vitoriosos, mostravam-se cheios de confiança e de ardor; vencidos, deixavam-se abater e cediam sem enrubecer a um inimigo que consideravam como instrumento do destino. O desejo de conquistar fama raramente excitava-lhes a coragem;

e, mesmo no auge de seu furor belicoso, o temor dos castigos os detinha no campo de batalha muito mais que a paixão da glória. Era-lhes necessário um chefe temível, para ousar enfrentar seus inimigos e o despotimo parecia necessário ao seu valor.

Depois das conquistas dos cristãos, as dinastias dos sarracenos e dos turcos foram dispersadas e quase aniquiladas; os mesmos seldjúcidas tinham sido relegados para os confins da Pérsia e os povos da Síria mal conheciam o nome daqueles príncipes, cujos antepassados haviam reinado sôbre tôda a Ásia. Tudo, até o despotismo, foi destruído no Oriente. A ambição dos emires aproveitou-se da desordem: os escravos dividiram as riquezas de seus senhores; as províncias, as cidades mesmas, tornaram-se outros tantos principados, cuja posse incerta e passageira era disputada. A necessidade de defender a religião muçulmana, ameaçada pelos cristãos, tinha conservado um pouco de prestígio aos califas de Bagdad. Êles eram ainda os chefes do islamismo, sua aprovação parecia necessária ao poder dos usurpadores e dos conspiradores; mas seu poder, fantasma sagrado, só se exercia por meio de orações, por vãs cerimônias e não inspirava temor. Em tal abaixamento, êles já pareciam ocupados em consagrar o fruto da traição e da violência e distribuíam sem cessar cidades ou cargos que não podiam recusar. Todos os que a vitória e a licença tinham favorecido, vinham prostrar-se diante dos vigários do profeta e nuvens

de emires, vizires, sultões, pareciam, para nos servirmos da expressão oriental, *sair da poeira de seus pés*.

Os cristãos não conheceram bastante o estado da Ásia, que podiam conquistar, e, pouco de acôrdo entre si, jamais aproveitaram-se das divisões de seus inimigos. Basta ter observado o espírito de desordem e de imprevidência que reinava nas Cruzadas, para compreendermos também o espírito daquela república cristã que as guerras santas tinham fundado na Síria e das quais eram a alma e o apoio. Os francos continuaram com bastante atividade a conquista das cidades e das províncias marítimas, conquista, na qual o comércio da Europa estava interessado e que garantia suas freqüentes relações com o Ocidente; mas sua atenção e seus esforços raramente se dirigiam às cidades e às províncias do interior do país, cujos povos mantinham relações contínuas com o norte da Ásia e recebiam todos os dias socorro e encorajamento de Mossul e de Bagdad, e de tôdas as regiões muçulmanas do Oriente. Todos êsses povos, enfraquecidos por muito tempo, como vimos, pela divergência de seus chefes, eram animados por um ódio comum contra os cristãos, e êsse ódio, que, para êles tinha o lugar de patriotismo, tendia sem cessar a aproximá-los. Os francos, ocupados em conservar suas possessões nas costas marítimas, nenhum meio empregaram para impedir que, de um outro lado, seus inimigos chegassem a se reunir e que um poder bro-

tando de repente do seio das ruínas, lhes viesse disputar o fruto de suas vitórias. Os mais sensatos ou os menos imprevidentes, não viram então que tôda essa população da Síria, abatida, não, porém, aniquilada, dispersada, não vencida, só esperava para reunir suas fôrças e empregar sua temível energia, um chefe hábil e feliz, levado ao mesmo tempo pelo fanatismo religioso e pela ambição dos conquistadores.

Noureddin, filho de Zenghi, que se havia apoderado da cidade de Edessa, antes da segunda Cruzada, tinha herdado as conquistas de seu pai e as tinha aumentado com seu valor. Êle foi educado por guerreiros que tinham jurado derramar seu sangue pela causa do profeta; quando êle subiu ao trono, lembrou a austera simplicidade dos primeiros califas. "Noureddin, diz um poeta árabe, unia o heroismo mais nobre à mais profunda humildade. Quando êle orava no templo, seus súditos julgavam ver um santuário em outro santuário." Êle encorajava as ciências, cultivava as letras, e procurava fazer florescer a justiça nos seus territórios. Seu povo admirava-lhe a clemência e a moderação; os mesmos cristãos elogiavam-lhe a coragem e seu heroismo profano. A exemplo de seu pai Zenghi, êle se tornou o ídolo dos guerreiros pela sua liberalidade e sobretudo, por seu zêlo em combater os inimigos do islamismo. No exército que êle mesmo havia organizado e que o respeitavam como o vingador

do profeta, êle conteve a ambição dos emires e espalhou o terror entre seus rivais. Cada uma das suas conquistas, feitas em nome de Maomé, aumentava sua fama, como seu poder; de tôdas as partes os povos, atraidos pelo zêlo da religião e pelo ascendente da vitória, prostraram-se ante sua autoridade; todo o Oriente tremia diante dêle e o despotismo, erguendo-se no meio das nações muçulmanas com a confiança e o temor que inspirava aos escravos, foi outorgado aos discípulos do islamismo, que pareciam implorá-lo como um meio de salvação. Então, tôdas as paixões e todos os esforços dos povos da Síria foram dirigidos para um mesmo objetivo: o triunfo do Alcorão e a destruição das colônias cristãs.

Balduino III, que determinou deter o progresso de Noureddin, tinha mostrado sua bravura em vários combates. Lembramos, que os latinos, muitas vêzes dirigiram seus exércitos contra Ascalon, o baluarte mais firme do Egito, do lado da Síria. Balduino, seguido por seus cavaleiros, se havia dirigido àquele lugar, com a intenção de devastar seu território. A aproximação dos cristãos suscitou o terror entre os habitantes, o que inspirou ao rei de Jerusalém a determinação de sitiar a cidade. Mandou imediatamente mensageiros a tôdas as cidades cristãs, comunicando sua emprêsa, inspirada por Deus e rogando aos guerreiros que se reunissem ao exército. Barões e cavaleiros acorreram imediatamente; os prelados e os bispos da Judéia e da Fe-

nícia, vieram também tomar parte na santa expedição; o patriarca de Jerusalém ia-lhes à frente, levando a verdadeira cruz de J. C.

A cidade de Ascalon erguia-se em círculo à beira-mar e tinha do lado da terra, muralhas e tôrres inexpugnáveis; todos os habitantes estavam exercitados na arte da guerra, e o Egito, que tinha grande interêsse na conservação daquela praça, para lá mandava quatro vêzes por ano, víveres, armas e soldados. Enquanto o exército cristão atacava as muralhas da cidade, uma frota de quinze navios com esporões, comandada por Geraldo de Sidon, secundava os esforços dos companheiros. A abundância reinava no acampamento dos cristãos; a disciplina era severamente observada, vigiava-se dia e noite. A vigilância não era menor entre os sitiados; os chefes não deixavam as muralhas, encorajando sem cessar os soldados; e, para que a cidade não fôsse atacada no meio das trevas, lanternas de vidro suspensas nas ameias das tôrres, mais elevadas, difundiam, durante a noite, uma luz semelhante à do dia.

O cêrco durou dois meses, quando, nas proximidades da festa da Páscoa, desembarcou nos portos de Tolemaida e de Joppé um grande número de peregrinos do Ocidente. Os chefes do exército reuniram-se e determinaram que os navios chegados da Europa, seriam retirados por ordem do rei e que se convidariam os peregrinos a vir ajudar seus irmãos no cêrco de Ascalon. Uma multidão dos recém-

chegados, correspondeu às esperanças que se depositavam na sua piedade e na sua bravura e acorreu ao acampamento dos cristãos; vários navios prepararam-se também sob o comando de Geraldo de Sidon. Todo o exército exultou de alegria à sua chegada. Então, não se duvidou mais da vitória.

Construíram, com madeira tirada dos navios, um grande número de máquinas e dentre outras, uma tôrre rolante, de grande altura, semelhante a uma fortaleza com sua guarnição. Empurrada para junto das muralhas, causou espantosos prejuízos à cidade. Tôdas as máquinas trabalhavam ao mesmo tempo, umas atirando pedras, outras derrubando as muralhas; os assaltos, os combates sanguinolentos, renovavam-se sem cessar. Havia-se passado cinco meses desde o princípio do cêrco e as fôrças do inimigo estavam enfraquecendo, quando uma frota egípcia de setenta navios, entrou no pôrto de Ascalon, trazendo reforços e todos os socorros de que a cidade necessitava. A coragem dos sitiados reanimou-se com seu número; no entretanto, o ardor dos cristãos não arrefecia, seus ataques eram mais freqüentes e mais violentos; sua tôrre móvel, que nada podia atingir, espalhava todos os dias mais terror entre os infiéis. Por fim, êstes determinaram destruir aquela máquina formidável; lançaram entre a tôrre e a muralha uma grande quantidade de madeira, sôbre a qual puseram óleo, enxôfre e outras matérias combustíveis; em seguida atearam-lhe fogo; mas o vento,

que vinha do Oriente, em vez de levar as chamas contra a tôrre, atirou-as contra a cidade; o incêndio durou todo o dia e tôda a noite e como o vento não mudou de direção, as pedras das muralhas ficaram calcinadas pelo fogo. No dia seguinte, ao raiar da aurora, o muro inteiro caiu com enorme fracasso; os guerreiros cristãos acorreram ao barulho, levando, porém, suas armas; Ascalon ia, por fim, cair em seu poder: um incidente singular veio, no entretanto privá-los da vitória. Os templários já tinham entrado na praça e, para sòzinhos se apoderarem dos despojos do inimigo, haviam postado sentinelas na brecha, encarregadas de afastar todos os que se apresentassem para segui-los. Enquanto êles se espalhavam pelas ruas e saqueavam as casas, os inimigos perceberam-lhes o pequeno número, admirando-se ter fugido. Os soldados e os habitantes reunem-se, voltam à luta e os templários dispersos, caem sob os golpes dos adversários, ou fogem pela brecha, cuja passagem haviam interditado aos companheiros de armas. Perdendo a esperança de se apoderar da cidade, oprimidos pelos muçulmanos, que um ardor novo animava, os cristãos retiraram-se tristes e confusos, para seu acampamento; o Rei de Jerusalém, convocou imediatamente os prelados e os barões e perguntou-lhes com voz comovida, que partido se deveria tomar em tão triste conjuntura. Êle, bem como os principais chefes dos guerreiros, perderam a esperança da conquista de Ascalon, e propunha aban-

donar o cêrco; o patriarca e os bispos, cheios de confiança na divina bondade, opunham-se à retirada, e, para firmar sua opinião, invocavam as passagens da Escritura, nas quais Deus promete socorrer os que combatem e sofrem por sua causa. A opinião do patriarca e dos prelados, prevaleceu em seu conselho e prepararam-se então novos ataques; no dia seguinte o exército cristão apareceu de novo ante as muralhas, excitado pelas exortações dos padres e pela presença da verdadeira cruz. Durante todo o dia, combateu-se de ambos os lados com igual ardor; mas as perdas dos muçulmanos foram mais que as dos cristãos; pediam tréguas, para sepultar os mortos. Vendo o grande número de guerreiros que tinham perdido, os infiéis desanimaram, novamente; o aspecto das muralhas caídas, aumentava-lhes a tristeza; boatos sinistros, vindos do Cairo, não lhes davam mais esperanças de socorro da parte do califa do Egito. De repente todo o povo rompeu numa gritaria tumultuosa; pedia em grandes gritos que se pusesse um fim àquela guerra. "Homens de Ascalon, exclamavam aquêles cuja multidão desesperada parecia invocar as autoridades em seu socorro, nossos pais morreram combatendo os francos, seus filhos por sua vez, morreram, também, sem esperanças de vencer uma *nação de ferro*. As areias inúteis dêste mar e essas ruínas que nos deram para defender nos mostram por tôda a parte, fúnebres imagens; essas muralhas, elevadas no meio das províncias cristãs, são

para nós como sepulcros, numa terra estrangeira. Voltemos ao Egito, deixemos aos inimigos uma cidade que Deus feriu com sua maldição." A multidão chorando aplaudiu estas palavras e ninguém mais quis pegar em armas; os enviados foram escolhidos para ir ao acampamento dos cristãos e propor ao Rei de Jerusalém, a capitulação. Ofereciam-se para abrir aos cristãos as portas da cidade, com a única condição de que os habitantes teriam a possibilidade de se retirar, dentro de três dias com suas bagagens e seus bens. Enquanto os sitiados tomavam uma resolução ditada pelo desespêro, a lembrança dos últimos combates espalhava ainda a tristeza e o luto no exército cristão. Os enviados vieram ao acampamento, sem que se pudesse suspeitar do objetivo de sua missão. Foram levados à presença dos chefes, e numa atitude suplicante, comunicaram a capitulação determinada. A essa notícia inesperada, todo o conselho ficou quase fora de si de estupefação, tanto que, quando se perguntou aos barões e aos prelados a sua opinião, nenhum dêles teve palavras para responder e todos se puseram a agradecer a Deus, derramando lágrimas de alegria. Poucos dias depois, o estandarte da cruz flutuava sôbre as muralhas de Ascalon e o exército aplaudia com gritos de júbilo uma vitória que considerava como um milagre do céu.

Os muçulmanos abandonaram a cidade antes do terceiro dia: os cristãos tomaram posse da mesma e consagraram a grande mesquita ao apóstolo São

Paulo. A conquista de Ascalon oferecia-lhes imensa vantagem, porque lhes abria o caminho para o Egito e fechava aos egípcios a passagem para a Palestina. Mas, enquanto de um lado impeliam seus inimigos para além do deserto, novos perigos ameaçavam-nos do lado da Síria. Noureddin, à fôrça de lisonjas e de promessas, se tornara senhor de Damasco e essa cidade fazia-o temível a todos os povos das vizinhanças.

1154. No entretanto as colônias cristãs ficaram por algum tempo num estado de inação que parecia paz. O único acontecimento notável dessa época, foi a expedição de Renaud de Chatillon, Príncipe de Antioquia, à ilha de Chipre. Renaud e seus cavaleiros precipitaram-se de improviso sôbre uma população pacífica e desarmada. Aquêles guerreiros bárbaros, não respeitavam as leis, nem da religião, nem da humanidade e saquearam as cidades, os mosteiros e as igrejas, e voltaram a Antioquia carregados de despojos de um povo cristão. Renaud tinha empreendido essa guerra ímpia, para se vingar do imperador grego, que êle acusava de não ter mantido suas promessas.

1156. Ao mesmo tempo, o Rei de Jerusalém fêz uma excursão, que não feria menos, as leis da justiça. Algumas tribos árabes tinham obtido dêle e de seus predecessores a faculdade de dar pastagem a seus rebanhos na floresta de Panéias. Há muitos

anos êles viviam em perfeita segurança, confiando na fé dos tratados. De repente Balduino e seus cavaleiros apareceram de espada na mão, atacando aquêles pastôres desarmados; massacraram os que resistiram, dispersaram os demais e voltaram a Jerusalém com os rebanhos e os despojos dos árabes. Balduino, foi levado a essa ação culpável pela necessidade de pagar as dívidas a que não podia satisfazer, com os recursos ordinários. Guilherme de Tiro, não condena menos a Balduino e acha justo o castigo dessa iniquidade, que êle sofreu, em seguida, com a derrota de que foi vítima perto do vão de Jacó. Atacado por Noureddin, êle ficou quase sòzinho no campo de batalha, e refugiou-se através dos maiores perigos na fortaleza de Safet, construída num monte à direita do Jordão. Quando a notícia dêsse desastre espalhou-se pelas cidades dos francos, os fiéis, cobertos de luto, correram para junto dos altares, repetindo as palavras do Salmista: — *Domine, salvum fac regem,* — *Senhor, salvai o rei*. O céu não rejeitou as orações do povo desolado e Balduino foi depois recebido entre seus súditos, que o julgavam morto.

1157. Desembarcaram então em Beirute vários navios comandados por Estevam, Conde de Perche, com cruzados de Mans e de Angers, e por Thierri, Conde de Flandres, acompanhado por um grande número de peregrinos flamengos. Os cristãos, então, esqueceram as derrotas e o anjo do grande

conselho inspirou-lhes resoluções generosas. Reunidos nas muralhas que êles acabavam de receber, o rei e seus cavaleiros foram combater os inimigos no condado de Trípoli e no principado de Antioquia. A cidade de Schaizar ou Cesaréia e a fortaleza de Harenc caíram em seu poder; Balduino voltou ao seu reino, deu combate a Noureddin e destruiu seu exército perto do lugar onde as águas do Jordão se separam do lago de Genesaré.

1157-1159. Pouco tempo depois, no ano de 1157, Balduino desposou uma sobrinha do Imperador Manuel. Êsse casamento trouxe-lhe riquezas de que o reino tinha necessidade e fê-lo sair daquele estado de pobreza que o tinha levado à expedição de Panéias. Sua aliança com Manuel oferecia-lhe outra vantagem; ela podia suspender ou enfraquecer as funestas antipatias que dividiam os gregos e os latinos, e que lhes impediam reunir suas fôrças contra um inimigo comum.

A paz de Jerusalém foi então perturbada por aquêles mesmos que Deus tinha estabelecido para mantê-la. Surgiram grandes debates entre os irmãos do Hospital e o clero da Cidade Santa. Os hospitalários recusavam-se pagar os dízimos de seus bens; êles se obstinavam em não reconhecer em tôda circunstância a jurisdição eclesiástica do patriarca. A discussão acendeu-se de tal modo, que de um lado chegaram a maldições, e do outro, a violências. Os

cavaleiros de S. João chegaram a erguer um muro diante da Igreja da Ressurreição e várias vêzes, pelo ruído das armas, sufocaram a voz do clero que celebrava os louvores de Deus aos pés do altar; por fim, perseguiram um dia os padres a flechadas e o santuário não foi para êles um asilo. Como vingança, os padres reuniram em feixes as flechas que lhes haviam sido atiradas e as colocaram no lugar mais elevado do Calvário, a fim de que todos pudessem constatar o sacrilégio. O patriarca fêz uma viagem a Roma, para apresentar suas queixas ao soberano pontífice; mas não o escutaram, o que faz Guilherme de Tiro dizer que os cardeais tinham sido subornados com presentes e que a côrte romana *seguiu o caminho de Balaam,* filho de Boros. Nesse meio tempo, o patriarca Foucher, que estava muito velho, veio a morrer, e a discórdia cessou.

1160. Balduino III, como a maior parte dos seus predecessores foi muitas vêzes chamado a Antioquia, para restabelecer a ordem ali. Surgiram repetidas vêzes, vivas dissensões entre os patriarcas da cidade e os príncipes que a governavam. O patriarca Raul de Domfront, homem vão e soberbo, que se teria tomado, segundo a expressão de Guilherme de Tiro, por um sucessor do apóstolo Pedro, teve grandes divergências com Raimundo de Aquitânia, que êle queria submeter à sua autoridade eclesiástica. Mais tarde, a divisão surgiu de novo entre

o patriarca Amaury e Renaud de Chatillon, que tinha desposado a viúva de Raimundo de Poitiers. Naqueles debates, Renaud levou a violência até os últimos excessos. Por suas ordens, o prelado, muito avançado em idade, foi levado ao alto da cidadela, e, de cabeça descoberta, besuntada de mel, ficou exposto durante todo o dia às môscas e aos raios ardentes do sol. O Rei Balduino interveio nessas escandalosas questões e a elas pôs um têrmo.

Antioquia tinha outras causas de perturbações. Estava no destino de todos os que tinham sido chamados a governar aquêle principado, passar apenas pelo exercício do poder e morrer no campo de batalha ou cair nas mãos dos infiéis. Grandes desordens sobrevieram naquele país sem chefes, e o Rei de Jerusalém veio tomar as rédeas do govêrno. Foi durante sua permanência em Antioquia que êle foi atacado pela doença de que veio a morrer. O Arcebispo de Tiro acusa de sua morte os médicos da Síria, que os príncipes latinos, e principalmente as princesas, preferiam aos médicos franceses. Consumido por uma febre lenta, êle se fêz transportar a Trípoli, depois a Beirute, onde expirou. Jamais rei foi mais lamentado por seus súditos e mesmo por estrangeiros. Transportaram seus restos mortais a Jerusalém para serem sepultados aos pés do Calvário. Os cristãos do Líbano desceram de suas montanhas, uma multidão inumerável acorreu de tôdas as partes para acompanhar o cortejo fúnebre; diz-se mesmo que Noureddin res-

peitou a dor de um povo que chorava seu rei e suspendeu durante alguns dias seus ataques contra os cristãos.

Lamentou-se tanto mais Balduino III quanto não se amava seu irmão Amaury, que devia substituí-lo. Temia-se neste uma avareza funesta para o povo, uma ambição perigosa para o reino, um orgulho insuportável para os barões e os senhores. Êsses defeitos eram exagerados pelo ódio e principalmente pela secreta pretensão de alguns grandes do país à coroa de Jerusalém. Chegou-se, diz um autor contemporâneo, a se propor trocar a ordem da sucessão ao trono e escolher um rei, que nos dias de perigo, merecesse mais que Amaury o amor e a confiança dos cristãos. Apareceram partidos, e a guerra civil ia rebentar, quando os mais sensatos dos barões disseram que seu direito de hereditariedade era a salvaguarda do reino; êles acrescentaram que os que queriam modificar a ordem estabelecida iriam, como o traidor Judas, entregar o Salvador do mundo aos inimigos. Suas palavras, apoiadas pela presença de tropas que Amaury tinha reunido para defender sua causa, trouxeram de novo a concórdia e a paz. O irmão de Balduino foi coroado Rei de Jerusalém.

Subindo ao trono, Amaury dirigiu tôdas as suas emprêsas para o Egito, enfraquecido por divisões e pelas vitórias dos cristãos. O califa do Cairo recusou pagar o tributo que devia aos vencedores de Ascalon; o novo Rei de Jerusalém pôs-se à frente de seu exér-

cito, atravessou o deserto, levou o terror de suas armas até às margens do Nilo e não voltou ao seu reino, senão depois de ter forçado os egípcios a comprar a paz. O estado em que então se encontrava o Egito devia bem depressa para lá levar de novo os cristãos. Felizes dêles, se suas tentativas por várias vêzes renovadas, não tivessem em seguida favorecido o progresso de uma potência rival!

O Egito era então teatro de uma guerra civil motivada pela ambição de dois chefes, que disputavam o império. Há muito tempo os califas do Cairo, encerrados em seus palácios, como os de Bagdad, não se pareciam mais com o guerreiro de que tinham sua origem e que dizia, mostrando aos soldados a sua espada: *Eis minha família e minha descendência.* Enervados pela moleza e pelos prazeres, êles tinham abandonado o govêrno aos escravos, que os adoravam de joelhos e lhes impunham leis. Êles só exerciam seu poder nas mesquitas, e só conservavam o vergonhoso privilégio de confirmar o poder usurpado pelos vizires, que subornavam os exércitos, perturbavam os estados e disputavam no campo de batalha o direito de reinar sôbre o povo e sôbre o príncipe. Todos os vizires, para fazer triunfar sua causa, pediam cada qual por sua vez, auxílio às potências vizinhas. À chegada dêsses perigosos auxiliares, tudo estava em confusão nas margens do Nilo. O sangue corria em tôdas as províncias, derramado, ora pelos carrascos, ora pelos soldados; o

Egito era perturbado tanto por seus inimigos como por seus aliados e habitantes.

Chaver, que, no meio dessas revoluções, se havia elevado da humilde condição de escravo ao cargo de vizir, tinha sido vencido e substituido por Dargam, um dos principais oficiais da milícia do Egito. Obrigado a fugir da pátria onde seu rival reinava, foi procurar asilo em Damasco, pediu auxílio a Noureddin, prometeu-lhe ingentes tributos, se o príncipe lhe fornecesse tropas para proteger sua volta ao Egito. O sultão de Damasco aceitou as propostas de Chaver. O exército que êle deliberou mandar às margens do Nilo teve a Chirkou como chefe, o mais hábil dos seus emires, que, tendo sempre se mostrado enérgico e feroz, nas lides militares, devia ser impiedoso para com os vencidos, e o tornar útil à fortuna de seu senhor, as desgraças de uma guerra civil. O vizir Dargam, mui depressa ficou sabendo dos projetos de Chaver, e dos preparativos de Noureddin. Querendo resistir à tempestade que ia desabar sôbre êle, pediu auxílio aos cristãos da Palestina, e jurou entregar-lhes seus tesouros se o ajudassem a conservar o poder.

Enquanto o Rei de Jerusalém, seduzido por essa promessa reunia o exército, Chaver, acompanhado pelas tropas de Noureddin, atravessava o deserto e aproximava-se do Egito. Dargam, que veio ao seu encontro, foi derrotado pelos sírios e morreu na batalha. Logo a cidade do Cairo abriu suas

portas ao vencedor. Chaver, que a vitória tinha livrado de seu inimigo, fêz correrem rios de sangue na capital, para garantir seu triunfo e recebeu no meio da consternação geral, as felicitações do califa.

No entretanto, não demorou muito para surgir uma divergência entre o general de Noureddin, que punha todos os dias um preço muito elevado aos seus serviços, e o vizir que Chirkou acusava de perfídia e de ingratidão. Chaver em vão tentou expulsar os muçulmanos da Síria: responderam-lhe com ameaças; estêve êle a ponto de ser cercado no Cairo por seus próprios libertadores. No meio de tão grave perigo, o vizir pôs sua última esperança nos guerreiros cristãos, cuja aproximação êle temia e fêz ao Rei de Jerusalém, as promessas que tinha feito a Noureddin. Amaury que queria entrar no Egito, fôsse qual fôsse o partido que lá estivesse no trono, pôs-se em marcha, para defender Chaver com o mesmo exército que tinha reunido para combatê-lo. Chegando às margens do Nilo, reuniu suas tropas às do vizir e veio sitiar Chirkou, que se tinha refugiado na cidade de Bilbéis. O lugar-tenente de Noureddin resistiu durante três meses a todos os ataques dos cristãos e dos egípcios; e, quando o Rei de Jerusalém propôs-lhe a paz, êle exigiu que lhe pagassem as despesas da guerra. Depois de tratativas nas quais êle mostrou todo o orgulho do vencedor, saiu de Bilbéis, ameaçando ainda os cristãos e reconduziu a Damasco seu exército carregado de despojos de seus inimigos.

Enquanto os francos continuavam a guerra no Egito, as províncias de Antioquia e de Trípoli estavam sujeitas aos ataques de Noureddin. Ameaçados por êsse temível inimigo, os cristãos tinham por várias vêzes pedido auxílio ao Ocidente. A Palestina viu chegar, pela quarta vez, o Conde de Flandres, que não se cansava de atravessar os mares, para combater os infiéis; guerreiros de Poitou e da Aquitânia vieram também visitar e defender os santos lugares, tendo à sua frente Hugo Lebrun e Godofredo, irmão do Duque de Angoulême. Hugo Lebrun tinha consigo seus dois filhos, Godofredo de Lusignan, já célebre por sua bravura, e Guy de Lusignan, que a sorte deveria mais tarde colocar no trono de Jerusalém.

Ajudado por êsses reforços, os guerreiros cristãos que tinham ficado para a defesa da Síria, empreenderam várias incursões contra os muçulmanos. Numa dessas expedições, Noureddin foi atacado e vencido no território de Trípoli, num lugar que as crônicas chamam de *la Boquée*. Os autores árabes referem a oração que o sultão de Damasco dirigiu ao deus de Maomé, durante o combate e na qual êle se queixava de ter sido abandonado por seu exército. Depois da derrota, êle escreveu, dizem os mesmos historiadores, a todos os *homens piedosos e devotos*. Sua carta, que foi lida nos púlpitos das mesquitas, despertou o entusiasmo dos soldados do islamismo e todos os emires da Síria e da Mesopotâmia correram

para se reunir sob suas bandeiras. Noureddin atacou o território de Antioquia e retomou a fortaleza de Harenc. Não longe dessa fortaleza travou-se uma grande batalha, na qual os cristãos foram vencidos e vários de seus príncipes caíram prisioneiros. Entre êstes, estava Raimundo, Conde de Trípoli, que os muçulmanos chamavam de *satã dos francos,* e Bohémond III, príncipe de Antioquia, que nas prisões de Alepo foi se reunir ao seu predecessor, Renaud de Chatillon, já há vários anos curtindo dura escravidão.

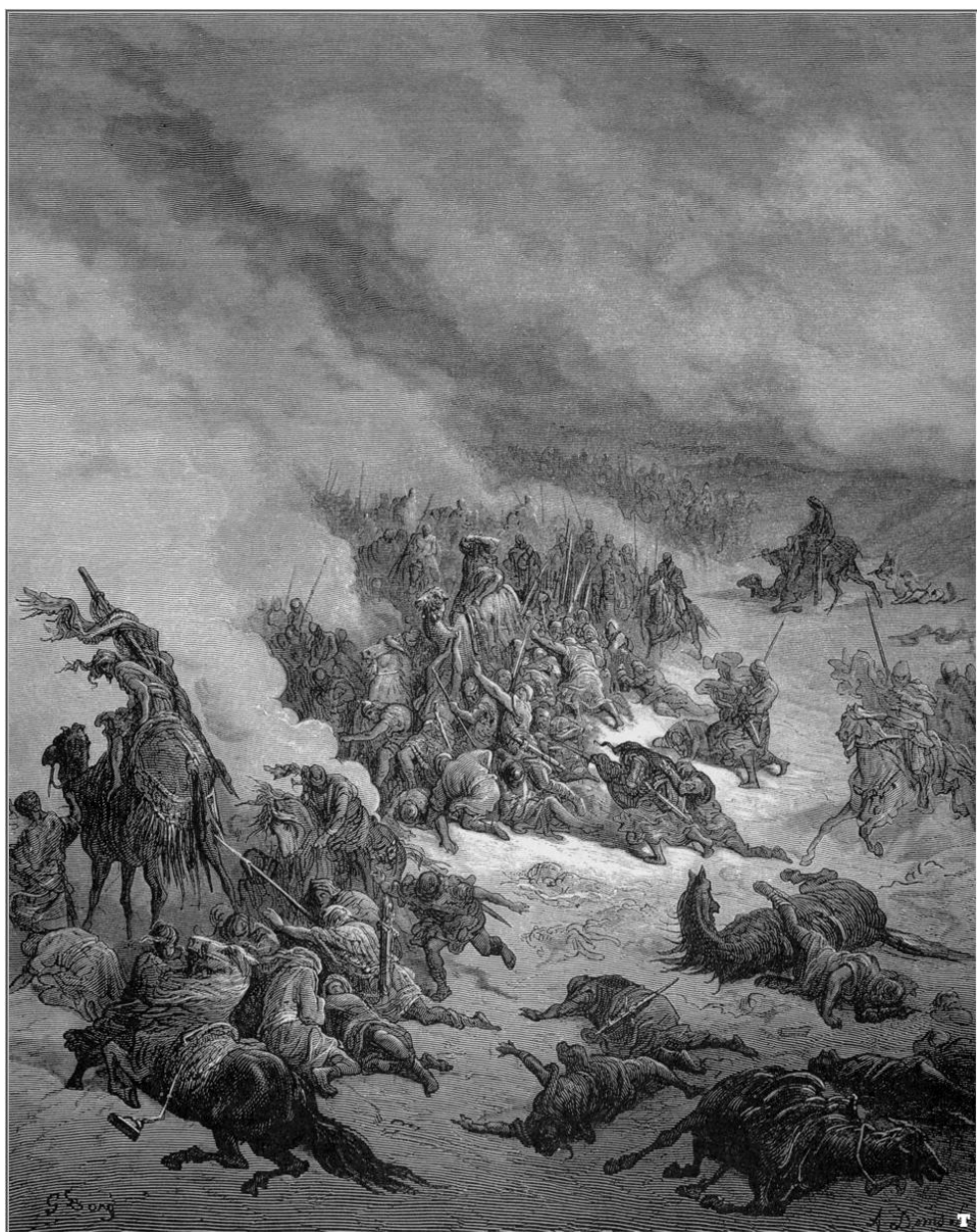
Depois dessa vitória, os muçulmanos apoderaram-se de Panéias e fizeram várias incursões na Palestina. Todos êsses reveses dos cristãos davam a Noureddin a facilidade de seguir sem perigo seus empreendimentos contra o Egito. Chirkou tinha observado as riquezas dêsse país e a fraqueza de seu govêrno. Voltando a Damasco êle fêz Noureddin aceitar a proposta de anexar aquela rica região aos seus territórios. O sultão da Síria mandou embaixadores ao califa de Bagdad, não para lhe pedir auxílio, mas para dar um motivo religioso à sua emprêsa. Há vários séculos os califas do Cairo e de Bagdad estavam separados por um ódio implacável. Ambos se vangloriavam de ser o vigário do profeta e consideravam o rival como inimigo de Deus. Nas mesquitas de Bagdad, amaldiçoavam-se os califas do Egito e seus sequazes; nas do Cairo, condenavam-se às potências infernais os abássidas e seus partidários.

1165. O califa de Bagdad não hesitou em aceitar os desejos de Noureddin. Enquanto o sultão da Síria ocupava-se sòmente em estender seu império, o vigário do profeta cedia à ambição de presidir sòzinho à religião muçulmana. Êle encarregou os imanes de pregar a guerra contra os fatimitas e prometeu as delícias do paraíso a todos os que tomassem as armas, na santa expedição. À voz do califa, um grande número de fiéis muçulmanos reuniu-se sob as bandeiras de Noureddin e Chirkou por ordem do sultão, preparava-se para voltar ao Egito à frente de um poderoso exército.

A notícia dêsses preparativos espalhou-se por todo o Oriente, e principalmente no Egito, onde causou as mais vivas apreensões. Amaury, que havia voltado ao seu território, recebeu em Jerusalém, embaixadores de Chaver, encarregados de pedir seus socorros e sua aliança, contra Noureddin. Reuniram-se os chefes do reino em Naplusa, onde o rei lhes expôs as vantagens de uma nova expedição ao Egito. Um impôsto extraordinário foi lançado para uma guerra, sôbre a qual se depositavam as mais lisongeiras esperanças, e logo o exército cristão partiu de Gaza, para ir combater nas margens do Nilo as tropas de Noureddin.

1166. Naquele mesmo tempo, Chirkou atravessava o deserto, onde correu os maiores perigos. Uma violenta tempestade surpreendeu-o em sua

marcha. O céu de repente se escondeu e a terra que os sírios pisavam, parecia um mar em tempestade. Ondas de areia eram levantadas pelo vento, erguiam-se em turbilhões ou formavam montanhas movediças que dispersavam, arrastavam, envolviam homens e animais. Nessa tempestade, o exército sírio abandonou suas bagagens, perdeu as provisões e as armas, e, quando Chirkou chegou às margens do Nilo, para sua defesa só tinha a lembrança de suas vitórias. Êle teve o cuidado de ocultar a perda que acabava de sofrer e os restos de um exército dispersado pela tempestade, foram suficientes para lançar o terror em tôdas as cidades do Egito.

1167. O vizir Chaver, espantado com a aproximação dos sírios, mandou novos embaixadores aos cristãos para lhes prometer imensas riquezas e incitá-los a marchar mais depressa. Por seu lado, o Rei de Jerusalém enviou ao califa do Egito, Hugo de Cesaréia e Foulcher, cavaleiro do templo, para a ratificação da aliança. Os enviados de Amaury foram levados a um palácio onde jamais um cristão havia entrado. Depois de ter atravessado várias galerias cheias de guardas mouros, um grande número de salas e de pátios, onde resplandeciam tôdas as maravilhas do Oriente, chegaram a uma espécie de santuário onde o califa os esperava, sentado num trono resplandecente de ouro e de pedrarias. Chaver, que os levara, prostrou-se de joelhos diante de seu

O exército sírio disperso pela tempestade.

senhor e rogou-lhe que aceitasse o tratado de aliança feito com o Rei de Jerusalém. O comandante dos crentes, sempre dócil às vontades dêste e de seus escravos, fêz sinal de aprovação e estendeu a mão nua aos enviados cristãos, na presença de seus oficiais e dos cortesãos, que um espetáculo tão inusitado, enchia de dor e de surprêsa.

Logo o exército dos francos aproximou-se do Cairo, mas como a política de Amaury era fazer durar a guerra para prolongar sua permanência no Egito, deixou de atacar os sírios com vantagem, e deu-lhes tempo de reorganizar suas fôrças. Depois de os ter deixado por vários dias em repouso, travou-se um combate na ilha de Maallé, não longe do Cairo, destruiu-lhe as defesas, mas não continuou sua vitória. Na sua retirada para o alto Egito, Chirkou fêz o possível para despertar o ardor dos soldados de Noureddin. Êstes recordavam todos os males que tinham sofrido na passagem do deserto: essa lembrança, ainda recente e os primeiros felizes resultados dos cristãos, pareciam abater-lhes a coragem, quando um dos lugar-tenentes de Chirkou, disse, num conselho de emires: "Vós que temeis a morte ou a escravidão, voltai à Síria; ide dizer a Noureddin, que vos cumulou de benefícios, que abandonais o Egito aos infiéis, para vos encerrardes nas vossas residências, com as mulheres e os filhos." Estas palavras reanimaram o zêlo e o fanatismo dos guerreiros de Damasco. Os francos e os egípcios, que perseguiam o

exército de Chirkou foram vencidos numa batalha e obrigados a abandonar em desordem as colinas de Baben. O General de Noureddin, aproveitando da vitória, colocou uma guarnição em Alexandria, que tinha aberto suas portas aos sírios, e voltou a cercar a cidade de Koutz, capital da Tebaida. A habilidade com que Chirkou tinha formado seu exército e disposto em ordem para o último combate, suas marchas e contra marchas nas planícies e nos vales do Egito, desde o trópico até o mar, anunciavam os progressos dos muçulmanos, na Síria, na tática militar, e davam de antemão a conhecer aos cristãos, o inimigo que devia bem depressa desviar o curso de suas vitórias e de suas conquistas.

Os turcos defenderam-se durante vários meses em Alexandria contra as sedições dos habitantes e contra os ataques multiplicados dos cristãos. Obtiveram por fim, uma capitulação honrosa, e, como seu exército se enfraquecia contìnuamente pela carestia e pelo cansaço, êles se retiraram uma segunda vez para Damasco, depois de ter feito pagar caro a tranqüilidade passageira que deixavam aos povos do Egito.

Livre de seus inimigos, o vizir Chaver apressou-se em despedir os cristãos, cuja presença temia. Prometeu pagar ao Rei de Jerusalém um tributo anual de cem mil escudos de ouro, e consentiu em receber uma guarnição no Cairo. Deu ricos presentes aos cavaleiros e aos barões; os soldados tam-

bém tomaram parte na sua liberalidade, proporcionada ao temor que lhe inspiravam os francos. Os guerreiros cristãos voltaram a Jerusalém levando as riquezas que causaram admiração ao povo e aos grandes, e lhes inspiraram talvez, outro pensamento, que o da defesa do patrimônio de Jesus Cristo.

Voltando Amaury à sua capital, o aspecto de suas províncias montanhosas e estéreis, a pobreza de seus súditos, os estreitos limites de seu reino, faziam-no lamentar ter perdido a ocasião de conquistar um grande império. Desposou em seguida uma sobrinha do Imperador Manuel. Enquanto o povo e a côrte se entregavam à alegria e faziam votos pela sua prosperidade, de seu reino e de sua família, um único pensamento ocupava-o dia e noite e o seguia no meio dos divertimentos. As riquezas do califa do Cairo, a população e a fertilidade do Egito, suas numerosas frotas, a comodidade de seus portos, apresentavam-se contìnuamente ao seu espírito.

A princípio êle quis aproveitar, para a execução de seus projetos, a união que acabava de contrair, e fêz partir para Constantinopla, alguns embaixadores encarregados de convencer a Manuel a ajudá-lo na conquista do Egito. Manuel aplaudiu seus projetos, prometeu mandar-lhe frotas e compartilhar dos perigos e da glória de um empreendimento, que devia interessar o mundo cristão. Amaury então, não teve mais receio de anunciar pùblicamente seus projetos e convocou os barões e os grandes de seu reino. Na-

quela assembléia, onde se propôs marchar contra o Egito, os mais sensatos, entre os quais estava o grão-mestre do templo, declararam em voz alta que tal guerra era injusta.

"Os cristãos, diziam êles, não deviam dar aos muçulmanos o exemplo da violação de um tratado. Era fácil conquistar o Egito, difícil conservar-lhe a posse. Nada se tinha a temer do poderio egípcio, e tudo se tinha a temer de Noureddin; era contra êste, que se deviam reunir as fôrças do reino. O Egito devia pertencer ao que se tornasse senhor da Síria; não era sensato apressar os favores da fortuna e mandar exércitos a um país que só poderia abrir as portas ao filho de Zenghi, como lhe haviam aberto as portas de Damasco. Sacrificavam-se as cidades cristãs, Jerusalém, mesma, com a esperança de conquistar uma região longínqua. Já Noureddin, aproveitando o momento em que o Rei de Jerusalém estava ocupado nas margens do Nilo, se havia apoderado de várias praças que pertenciam aos cristãos. Bohémond, Príncipe de Antioquia, Raimundo, Conde de Trípoli, tinham sido feito prisioneiros de guerra, e gemiam sob as cadeias dos muçulmanos, vítimas de uma ambição que tinha levado o Rei de Jerusalém para longe de seu reino, para longe das colônias cristãs, das quais êle devia ser o amparo e o defensor."

Os cavaleiros e os barões que assim falavam, acrescentavam que sòmente o espetáculo do Egito bastaria para corromper os guerreiros cristãos, amo-

lecer a coragem e o patriotismo dos habitantes e dos defensores da Palestina. Estas palavras, cheias de sabedoria, não convenceram nem ao Rei de Jerusalém nem aos partidários da guerra, entre os quais se faziam notar o grão-mestre dos hospitaleiros, que tinha gasto riquezas da sua Ordem, com loucas despesas e organizado tropas cujo pagamento êle tinha imaginado tirar dos tesouros do Egito. A maior parte dos cavaleiros e dos senhores, que a sorte parecia esperar nas margens do Nilo para lhes distribuir seus favores, deixaram-se fàcilmente convencer, para a realização da guerra, e não tiveram dificuldade em considerar como seus inimigos os soberanos de um país que lhes oferecia tão grandes prêsas.

1168. Enquanto em Jerusalém se apressavam os preparativos para a expedição, projetos semelhantes ocupavam os emires e o conselho de Noureddin. Ao seu regresso das margens do Nilo, Chirkou tinha comunicado ao Príncipe de Damasco, "que o govêrno do Cairo, não tinha oficiais e soldados; que a guerra civil, a avidez dos francos e a presença dos sírios tinham enfraquecido e arruinado o poder dos fatimitas. O povo egípcio, acrescentava o ambicioso emir, acostumado a mudar de chefes, não estava ligado nem ao califa, que não conhecia, nem ao vizir, que lhe atraía tôdas as espécies de calamidades. Êsse povo, por muito tempo perturbado por suas próprias discórdias, só suspirava pela tranqüi-

lidade e parecia disposto a reconhecer tôda dominação que o protegesse contra os inimigos e contra si mesmo. Os cristãos conheciam suficientemente o estado de decadência do império do Cairo; tôda sua política era apoderar-se dêle; era, pois preciso precedê-los, em seus projetos, e não desprezar uma conquista que a sorte oferecia de algum modo à primeira potência que se apresentasse no Egito."

Assim, o Rei de Jerusalém e o sultão de Damasco tinham o mesmo pensamento e faziam os mesmos planos. Nas igrejas dos cristãos, como nas mesquitas dos muçulmanos, dirigiam-se ao céu muitas orações pelo bom êxito da guerra, que se ia travar às margens do Nilo. Cada uma das duas potências rivais procurava legitimar seus projetos e suas tratativas; em Damasco, acusava-se o califa do Egito de ter contraído uma aliança ímpia com os discípulos de Cristo, e em Jerusalém, dizia-se que o vizir Chaver, faltara à palavra em seus juramentos e mantinha uma correspondência pérfida com Noureddin.

Os cristãos foram os primeiros a violar os tratados. À frente de um numeroso exército, Amaury, se pôs em marcha, e apresentou-se como inimigo em Bilbéis, que êle tinha prometido aos cavaleiros de S. João, como prêmio do ardor e do zêlo que mostravam naquela expedição. Essa cidade, situada na margem direita do Nilo, foi tomada de assalto e tôda a população, sacrificada; menos se tinha motivo

de começar essa guerra, mais era ela continuada com furor e entusiasmo.

As desgraças de Bilbéis lançaram a consternação em todo o Egito; o povo irritou-se ante a descrição das crueldades praticadas pelos francos, tomou as armas e expulsou do Cairo a guarnição cristã. Chaver reuniu tropas nas províncias, fortificou a capital, e, para despertar no povo a coragem do desespêro, mandou queimar a antiga Fostat, cujo incêndio durou mais de seis semanas. O califa do Cairo implorou novamente o auxílio das armas de Noureddin e mandou-lhe numa carta o cabelo das mulheres de seu harém, penhor de sua confiança e sinal de sua profunda necessidade. O sultão de Damasco acedeu com alegria aos pedidos do califa do Egito, e, como seu exército estava pronto para marchar, êle deu ordem a Chirkou de atravessar o deserto e de se dirigir para as margens do Nilo.

Se, depois da tomada de Bilbéis, o Rei de Jerusalém se tivesse dirigido ràpidamente para o Cairo, êle teria podido antecipar-se aos seus inimigos e apoderar-se da capital; mas, por uma política que se não pode entender e como se de repente êle mesmo se tivesse assustado com o seu empreendimento, êle que havia desprezado os tratados e só pensava na vitória, escutou os embaixadores do califa, cuja voz suplicante se dirigia ora à piedade, ora à avareza. Amaury não era menos impelido pelo amor do dinheiro do que pela ambição das conquistas e o oferecimento de

uma ingente soma foi suficiente para detê-lo em sua marcha e fazê-lo suspender as hostilidades. Enquanto esperava os tesouros prometidos, prestando ouvidos às propostas daqueles mesmos aos quais êle havia faltado com a palavra, os egípcios terminavam seus preparativos de defesa: melhoravam-se as fortificações das cidades e o povo reunia-se, armado. Os francos, rodeados por inimigos, esperaram inùtilmente a frota que os gregos deviam mandar. Por fim, depois de um mês de tratativas, em que o vizir não poupou nem a bajulação nem falsos protestos, Amaury, em vez de receber os tesouros, que lhe haviam sido prometidos e de ver seus auxiliares, soube que Chirkou entrava pela terceira vez no Egito, à frente de um poderoso exército.

1169. Foi sòmente então que êle percebeu a cilada em que tinha caído. Correu contra os sírios, para lhes dar combate; mas seu chefe evitou o encontro e uniu-se aos egípcios. Os cristãos não podiam resistir a dois exércitos reunidos. Foram então suspensas tôdas as negociações e ameaçaram àqueles, que há pouco haviam sido bajulados; o Egito não mais ofereceu seus tesouros, mas mostrou seus soldados irritados. O Rei de Jerusalém atacado de todos os lados, precipitou sua retirada para o deserto, com a vergonha de ter fracassado numa guerra cujo êxito sòmente poderia perdoá-lo e que parecia tanto mais injusta quanto fôra mal dirigida e desastrosa.

Não sòmente os cristãos tinham a lamentar as vantagens que obtinham de um país vizinho e tributário, mas aquela rica região, de que se havia fechado a entrada, iria passar para as mãos do mais temível de seus inimigos, de quem ia aumentar o poder. Chirkou fêz arvorar suas bandeiras nas tôrres do Cairo; o Egito, que julgava receber um libertador, viu logo que êle era sòmente um conquistador. O vizir Chaver, pagou com a vida os males que havia causado à sua pátria; foi morto no campo de luta pelo mesmo Chirkou, e sua autoridade ficou sendo herança do vencedor. O califa, que, para se salvar tinha pedido a cabeça do seu primeiro ministro, deu-lhe por sucessor o General de Noureddin, que êle chamava em suas cartas de *o príncipe vitorioso*. Assim o monarca aviltado do Egito jogava com seus próprios favores, adulando um homem que êle não conhecia e do qual talvez tivesse desejado a morte; imagem da fortuna cega, que distribui ao acaso o bem e o mal e vê com a mesma indiferença seus favoritos e suas vítimas.

Dois meses depois de sua elevação ao poder, Chirkou morreu de repente. Para substituí-lo, o califa escolheu o mais jovem dos emires do exército de Noureddin. Saladino tinha apenas trinta anos; embora já se tivesse distinguido no cêrco de Alexandria não tinha porém, ainda bastante fama; mas logo seu nome devia ocupar todo o Oriente e o Ocidente. Era sobrinho de Chirkou e filho de

Ayoub; seu tio e seu pai tinham deixado as montanhas selvagens do Kurdistão para servir às potências muçulmanas da Mesopotâmia, e se haviam dedicado aos atabeks, algum tempo antes da segunda Cruzada. Saladino, em sua mocidade, amou a dissipação e os prazeres e ficou por muito tempo longe da política e da guerra; mas, chegando às dignidades supremas, mudou seus costumes e reformou sua vida. Até então êle parecia feito para os divertimentos e para a obscuridade de um harém, mas de repente, apresentou-se como um homem novo que parecia ter nascido para o império: sua austeridade inspirou respeito aos emires; sua liberalidade atraiu-lhe a simpatia do exército, a austeridade de sua devoção tornava-o querido de todos os verdadeiros crentes.

1170. Os francos, que não viam em Saladino um inimigo temível, não haviam ainda renunciado aos seus projetos sôbre o Egito. A frota grega, inùtilmente esperada durante a expedição precedente, por fim, chegou ao pôrto de Tolemaida. Resolveram então voltar às margens do Nilo. A frota e o exército cristão, comandados pelo Rei de Jerusalém, foram cercar Damietta. Ali, os cristãos perderam a metade de seus soldados, ceifados pela fome ou pelo ferro inimigo, e todos seus navios, queimados pelo fogo grego ou dispersados pela tempestade; viram-se por fim obrigados a renunciar ao seu desígnio, depois de cinqüenta dias de um cêrco, em que seus chefes foram

acusados de falta de coragem, prudência e habilidade. Assim a obstinação de Amaury em continuar uma guerra infeliz só serviu para ajudar o progresso dos muçulmanos e lembrar aos francos da Palestina as palavras que os profetas repetiam aos hebreus: *"Filhos de Israel, não dirijais nem vossos olhares nem vossos passos para o Egito"*.

Como os embaixadores, que haviam sido enviados ao Ocidente, tinham voltado à Síria sem promessa de socorro, o Rei de Jerusalém colocou tôdas as suas esperanças nos gregos e partiu para Constantinopla, deixando, como êle mesmo dizia, a Jesus Cristo, de que êle era ministro, *o cuidado de governar o seu reino*. Os cronistas contemporâneos se estendem longamente sôbre a recepção que Amaury teve na côrte de Bizâncio mas não dão a conhecer os tratados feitos com Manuel, que aliás ficaram sem execução. Voltando a Jerusalém o rei encontrou o seu reino ameaçado de todos os lados pelas fôrças sempre crescentes de Noureddin.

Se a guerra tinha cessado por um momento suas destruições, êsse intervalo de paz era devido apenas a um horrível flagelo que acabava de ferir a Síria. Um tremor de terra tinha abalado tôdas as cidades: Tiro, Trípoli, Antioquia, Emeso, Alepo, eram sòmente montes de pedras; a maior parte das praças fortes viram cair suas sólidas muralhas e perderam ao mesmo tempo seus habitantes e seus defensores. Os príncipes e os povos, ocupados com suas calami-

dades e cheios de apreensões não pensavam mais em se armar contra os vizinhos e — *por temor do juízo de Deus* —, diz Guilherme de Tiro, houve um como que tratado de paz entre os cristãos e os muçulmanos.

1171. Saladino acabava de submeter o Egito ao império de Noureddin; e, para que nada faltasse à sua conquista, conseguiu reformar as opiniões religiosas dos povos vencidos. Foi abolida a autoridade dos fatimitas e pouco tempo depois o califa Aded, sempre invisível em seu palácio, morreu sem saber que tinha perdido o poder. Os cristãos acusaram Saladino de o ter matado com suas próprias mãos, mas nenhum dos historiadores muçulmanos revelou êsse horrível segrêdo da política oriental. Os tesoûros do califa serviram para acalmar as murmurações do povo e dos soldados. A côr negra dos abássidas substituiu a côr branca dos filhos de Ali e o nome do califa de Bagdad foi sòmente pronunciado nas mesquitas. A dinastia dos fatimitas que reinava há mais de dois séculos e pela qual se havia derramado tanto sangue, extinguia-se num só dia, sem encontrar um defensor. Então os muçulmanos da Síria e do Egito tiveram uma única religião e uma única causa a defender.

Saladino nada mais tinha a temer de seus inimigos; mas uma fortuna tão rápida, tão grande poder, devia excitar ao mesmo tempo a inveja de seus rivais e as desconfianças de seu senhor. O soberano de

Damasco lançava olhares inquietos sôbre uma conquista que lhe tinha causado muita alegria. Devemos crer, porém, que a princípio Saladino não pensou no império; mas era tal a posição em que as circunstâncias o tinham colocado, que êle não foi mais livre de escolher o partido que devia tomar; o poder supremo, de que o acusavam de querer assumir, usurpando-o, tornou-se para êle o único meio que lhe restava para se salvar. É um espetáculo interessante ver-se nos historiadores árabes, como o sultão de Damasco e o filho de Ayoub empregavam ora a mentira, ora a dissimulação, uma para antecipar-se aos projetos de um lugar-tenente infiel, e a outra para escapar às suspeitas de um senhor irritado. Noureddin, a fim de fazer Saladino sair do Egito, onde era todo poderoso, chamou-o várias vêzes à Síria, para associá-lo, dizia êle, às expedições contra os cristãos; Saladino fingia obedecer, atravessava o deserto, devastava as fronteiras da Iduméia e voltava logo para as margens do Nilo, alegando ora uma nova conquista a fazer na Núbia, ou perto do Mar Vermelho, ora uma sublevação a reprimir em alguma cidade egípcia. No entretanto a astúcia e a perfídia não podiam por mais tempo ocultar os secretos desígnios de uma ambição impaciente ou de uma autoridade invejosa, e a guerra, com todos os perigos, ia explodir, quando se soube da morte de Noureddin.

Morreu êle em Damasco em 1174. Deixava apenas um filho, *Malek Saleh Ismael*, ainda na ado-

lescência e incapaz de governar. Uma morte tão repentina e imprevista lançou os povos da Síria em grave agitação. De Damasco até Mossul, não havia uma só cidade, um sultão, um emir que não pensasse em se aproveitar dêsse grande acontecimento, para reconquistar sua independência, para retomar sua antiga dominação, ou organizar uma nova. Os Estados vizinhos das colônias cristãs, não desprezaram nessa ocasião a aliança dos francos; fizeram com êles dois tratados e prometeram mesmo pagar-lhe tributos, com a condição de se fazer guerra a Saladino; todos tinham, na verdade, os olhos voltados para êsse temível conquistador do Egito, ao qual se atribuía, com razão, o pensamento de se pôr no lugar de Noureddin e de se apoderar do grande império dos atabeks.

Amaury sitiou Panéias, que antes caíra em poder de Noureddin; apertou então o cêrco com fôrça; mas os emires que governavam então Damasco, ofereceram-lhe uma soma considerável, se êle renunciasse à sua emprêsa. Êles o ameaçavam ao mesmo tempo de chamar Saladino em seu auxílio e de entregar a Síria ao filho de Ayoub. Amaury aceitou o ouro que lhe era oferecido, e, além disso, obteve a liberdade de vinte cavaleiros cristãos, escravizados entre os muçulmanos. Apenas voltou a Jerusalém, caiu doente, e morreu sem nada prever das grandes revoluções que se seguiriam, depois do seu reinado. Não deixaremos Amaury, sem dizer algumas pala-

vras sôbre a situação em que êle deixava seu reino. Podemos ver nas "Assembléias" de Jerusalém, que nessa época, as cidades e as diversas baronias da Terra Santa, deviam, para o serviço do Estado, mais de quatro mil cavaleiros, e perto de seis mil servidores de armas, com o que se podia formar um exército de doze a quinze mil homens, em tempo ordinário. As "Assembléias" não falam dos templários, dos hospitalários, nem das outras ordens militares cuja milícia crescia, e se tornava sempre mais temível. Devemos acrescentar que tôdas as cidades do reino tinham muralhas e tôrres guardadas por seus habitantes. Em tôdas as fronteiras do país, em tôdas as avenidas de Jerusalém, havia fortalezas cheias de soldados; as montanhas da Judéia, os flancos do Líbano, os países de Moab e de Galaad, tinham além disso, cavernas ou grutas fortificadas e transformadas em praças de guerra; os recursos pecuniários não faltavam; as peregrinações, a indústria e o comércio marítimo tinham atraído muitas riquezas; a maior parte das cidades da costa floresciam e prosperavam. No terceiro ano do seu reinado, Amaury reuniu em Naplusa o patriarca e os bispos, os grandes e o povo; as necessidades do reino foram expostas nessa assembléia; determinou-se de comum acôrdo, que todos, sem exceção, pagariam os dízimos de suas propriedades para o serviço do Estado. Havia outras taxas regulares que eram pagas, e Guilherme de Tiro nos diz que o Rei Amaury não deixava passar ne-

nhuma ocasião de recorrer às riquezas de seus súditos. Por que então o reino de Jerusalém era cada dia menos temido por seus vizinhos? Como os filhos e os sucessores dos primeiros soldados da cruz com tudo o que de ordinário fazem a fôrça, a glória e a salvação das nações, estavam a ponto de tremer, ante inimigos que seus antepassados haviam vencido, sem armas, nem sôldo, nem praças fortes? Como enfim, um govêrno fundado pela vitória e provisto de tudo o que lhe era necessário para se defender, conservava com tanta dificuldade, cidades e províncias conquistadas há pouco por reis pobres e por alguns cavaleiros que só tinham a espada?

Um historiador, Tiago de Vitry, faz notar a êsse respeito, que os costumes, os caracteres, as virtudes belicosas, tudo tinha degenerado; os heróis da cruz haviam desaparecido, e os homens que saíam dessa raça ilustre eram como o marco impuro que sai da oliveira ou como a ferrugem que provém do ferro.

O filho e sucessor de Amaury, que ainda não estava na idade de governar, recebeu a unção real e com o nome de Balduino IV foi coroado na igreja do Santo Sepulcro. O historiador Guilherme de Tiro, que tinha sido encarregado de sua educação, nos fala das felizes disposições que êle tinha para o estudo da história e das letras. Desde a infância, êle amava a glória, a verdade e a justiça; mas, essas boas qualidades foram perdidas para o reino, porque a lepra que o devorava, condenava-o a nunca reinar

por si mesmo. Também a história contemporânea não encontrou outro título ou outro nome para lhe dar que o de *le roi mesel* ou *rei leproso*.

Dois homens disputavam a regência: Milon de Plancy e Raimundo Conde de Trípoli. O primeiro, nobre da Champanha, era senhor da Arábia Sobal, tinha dirigido a política de Amaury e pretendia dirigir também a de seu filho. Milon de Plancy tinha a reputação de ser um homem dissoluto e mau; era de uma arrogância insuportável e de excessiva presunção; invejoso de tôda espécie de autoridade, êle não tolerava que alguém se aproximasse do trono e que se exercesse alguma influência na côrte e no Estado, o que o havia tornado odioso aos grandes e aos pequenos. De resto, a história do tempo não fala dêle nessa ocasião, senão para nos dizer que foi encontrado, ferido a golpes de espada, numa rua de Tolemaida, e nós também, só falamos dêle, para mostrar em que mãos havia caído a herança de Jesus Cristo.

Raimundo, quarto descendente do famoso Raimundo de Saint-Gilles, tinha a bravura, a atividade, a ambição do herói de quem tinha sua origem e principalmente, aquêle caráter indomável que, nos tempos difíceis, irrita as paixões e provoca ira implacável. Guilherme de Tiro nos diz que êle tinha empregado o tempo de seu cativeiro em se instruir e que êle era letrado; mas nos negócios, a vivacidade de seu espírito ajudava-o ainda mais que o saber.

Suas muitas desgraças não lhe haviam ensinado o nada das coisas humanas: mais desejoso de reinar sôbre os cristãos do que de vencer os infiéis, Raimundo considerava o direito de governar os homens como o único prêmio dos males que tinha suportado; êle pedia com altivez a recompensa dos seus serviços, de suas fadigas e não via o triunfo da justiça, a salvação do reino, que em sua própria elevação. Nomeado para a regência e sem cessar obrigado a se defender contra as paixões invejosas que o perseguiam, muito mal o encontramos ocupado com os interêsses do govêrno. A história contemporânea só fala das inimizades que êle havia causado e dos temores que inspirava ao Rei Balduino.

Enquanto Jerusalém ficava quase sem chefe e sem govêrno, o filho de Noureddin, mais ou menos da mesma idade que Balduino IV, frágil de corpo como êle, estava em Damasco rodeado de uma multidão de emires que disputavam a sua autoridade e que reinavam em seu nome. Saladino, a princípio declarou-se a favor de *Malek Saleh* e tomou partido contra os emires, que êle acusava de oprimirem o jovem príncipe. Por fim, êstes levados tanto pelo mêdo como pela sedução, chamaram o filho de Ayoub a Damasco. Uma vez senhor da capital, seu exército vitorioso e o ouro puro, chamado *obrysum* que êle tirava do Egito, submeteram-lhe as outras cidades da Síria. Guilherme de Tiro faz notar a êsse respeito que naquele tempo não havia,

entre os muçulmanos e mesmo entre os cristãos, meio mais eficaz para subjugar os corações que distribuir ouro a mancheias. Em vão os partidários da família de Noureddin, em seu desespêro, recorreram aos exércitos de Mossul e aos punhais do Velho da Montanha; Saladino venceu todos os obstáculos. Sua política foi persuadir os verdadeiros crentes que tôda sua ambição era defender a causa do islamismo. Como êle se apresentava para suceder à missão apostólica de Noureddin e de Zenghi, julgou-se fàcilmente que êle lhes devia também suceder no poder. O califa de Bagdad deu-lhe, em nome do profeta, a soberania das cidades conquistadas com suas armas, sem excetuar nem mesmo a cidade de Alepo, onde o herdeiro de Noureddin tinha encontrado um último asilo. Saladino foi então proclamado sultão de Damasco e do Cairo, e a oração se fazia em seu nome em tôdas as mesquitas da Síria e do Egito.

Não sabemos de que meios se serviram então os francos para deter o progresso de Saladino. Guilherme de Tiro nos diz que, sob o comando do Conde de Trípoli e do Rei de Jerusalém, êles empreenderam várias excursões ao Líbano: na primeira, avançaram até Daria, a cinco milhas de Damasco; na segunda, partindo do território de Sidon, penetraram no rico vale de *Baccar*, hoje Bekaa, então um fértil país, agora triste solidão, e desceram até Balbeck. O exército cristão voltou a Tiro carregado de despojos, levando rebanhos de carneiros e manadas de bois,

mas sem ter combatido contra o inimigo. Durante êsse tempo, Saladino obtinha úteis vitórias, apoderava-se de cidades e de províncias e fundava quase sem resistência a temível dinastia dos ayoubitas.

No ano de 1178, Renaud de Chatillon, por muito tempo prêso em Alepo, resgatou a sua liberdade e voltou para o meio dos cristãos. O destino aventureiro de Renaud é uma das páginas mais interessantes desta história e nos faz bem conhecer aquela vida errante de cavaleiros que os cruzados levavam no Oriente. Renaud de Chatillon, tinha chegado à Síria com Luís, o Moço, e se havia ligado ao serviço do Príncipe de Antioquia. Constança, mulher de Raimundo de Poitiers, tinha notado a beleza e as maneiras cavalheirescas de Renaud e quando Raimundo morreu no campo de batalha a Princesa de Antioquia não quis outro espôso que o jovem cavaleiro, vindo do país dos francos. Renaud, chamado assim para governar o principado, tornou-se odioso ao povo por violentas questões com o patriarca Amaury, pela guerra cruel que fêz na ilha de Chipre e por várias excursões pouco dignas de um cavaleiro cristão. Numa dessas excursões, caiu nas mãos dos infiéis e foi Ayoub, pai de Saladino, que o aprisionou. Depois que saiu do cativeiro, sua mulher Constânça não existia mais e o jovem Bohémond, filho de Raimundo, ocupava o trono de Antioquia. Renaud dirigiu-se a Jerusalém, onde a recordação de seus feitos e a descrição de suas desgraças fizeram-no ser

recebido pelo rei e pelos barões. Desposou em segundas núpcias, a viúva de Honfroi de Thoron, que lhe deu as propriedades de Carac e de Montreal. Renaud de Chatillon tinha um caráter ardente e impetuoso; jamais seu ardor bélico respeitou leis e tratados. Num tempo em que a imprudência de um só homem podia perder tudo, êsse ardor sem freios, que a idade e o infortúnio não tinham contido, podia anunciar graves desgraças. Veremos mais tarde como Renaud rompeu tréguas com Saladino e precipitou o reino numa guerra onde se apagou a glória do nome cristão.

Mais ou menos no mesmo tempo, desembarcou em Sidon um jovem Marquês de Monferrato, cognominado Espada-Longa. Êle vinha para desposar a Princesa Sibila, filha de Amaury e irmã mais velha de Balduino IV. O Marquês de Monferrato tinha laços de parentesco com o Rei da França, com o Imperador da Alemanha e com os mais poderosos monarcas da cristandade. Estava-se persuadido em Jerusalém, de que alianças com famílias nobres do Ocidente serviriam eficazmente para a causa das colônias latinas e que nada era mais conveniente para despertar o ardor das guerras santas. O Rei Balduino deu ao marido de sua irmã os condados de Joppé e de Ascalon. O jovem Marquês de Monferrato, que era a esperança dos cristãos, viveu sòmente dois meses, depois do casamento. Dessa união nasceu um

filho, que só passou por esta vida e que no entretanto morreu rei.

Filipe, Conde de Flandres, veio então a Jerusalém, com um grande número de cavaleiros. O Rei Balduino, cuja enfermidade piorava, propôs ao ilustre peregrino tomar a administração do seu reino e governar em seu lugar a Cidade Santa. Êste recusou, dizendo que tinha vindo, sòmente para se consagrar ao serviço de Deus. Preparava-se contra o Egito uma nova expedição, para a qual o imperador grego oferecia seus tesouros e suas frotas; ofereceram-lhe o comando a Filipe, que recusou, ainda, dizendo que não queria ir para as margens do Nilo, para morrer na miséria com seus companheiros de armas. O caráter inconstante dêsse senhor levou-o finalmente ao principado de Antioquia, sempre ameaçado pelos turcos; êle assistiu ao cêrco de Harenc, que se tornou um verdadeiro motivo de escândalo e no qual o jôgo de dados, a caçada com os falcões, os dançarinos e as mulheres de má vida fizeram-no esquecer completamente a guerra santa. Depois de terem ficado quatro meses diante da cidade, os chefes receberam dos habitantes uma soma de dinheiro e retiraram-se. Essa vergonhosa expedição teria causado a ruína dos cristãos, se no mesmo tempo Deus não lhes tivesse mandado uma vitória, que êles não esperavam.

Saladino, vendo que as fôrças dos francos eram dirigidas para Antioquia, pôs-se em marcha para

atacar a Palestina. A essa notícia o Rei Balduino, com todos os cavaleiros que conseguiu reunir, dirigiu-se para Ascalon. O exército de Saladino não tardou em chegar e veio erguer suas tendas perto da cidade. Como o exército cristão continuava encerrado na praça, os muçulmanos julgaram-se senhores da vitória e dispersaram-se, em bandos, pela vasta planície de Saron. Ramla foi incendiada, o território de Lidda, devastado. À aproximação dos infiéis, todos os habitantes fugiam; o terror espalhou-se pelas montanhas da Judéia, até Jerusalém. No entretanto os guerreiros cristãos não puderam ver com sangue frio a desolação em todo o país e resolveram morrer antes que serem espectadores impassíveis daquela ruína universal. Na manhã da festa de Santa Catarina, saíram armados, dos muros de Ascalon e avançaram para a orla marítima, onde os bancos de areia escondiam-lhes a marcha. Chegando perto do lugar onde Saladino estava acampado, prepararam-se para a batalha e apresentaram-se diante do inimigo, que não os tinha visto avançar. Saladino mandou tocar as trombetas para chamar os soldados dispersos, e tudo faz para elevar o entusiasmo e a coragem nas tropas, que tinham ficado no acampamento. Balduino marcha à frente de seu exército, precedido pelo lenho da verdadeira cruz; êle só tinha consigo trezentos e setenta e cinco cavaleiros, *todos, porém, cheios da graça celeste, que os tornava mais fortes que de costume.* Os muçulmanos, que no

comêço resistiram com coragem, não conseguiram, porém, reunir-se; o anjo exterminador parecia seguir os cristãos, na refrega. A presença da cruz jamais havia produzido tantos milagres; várias vêzes, durante o combate, parece que viram seus braços erguerem-se até o céu e estenderem-se até o horizonte. Saladino perdeu todos os seus mamelucos, — *de vestes de sêda e côr de açafrão* — que combatiam ao seu lado. A derrota dos muçulmanos foi completa; perseguiram-nos desde o lugar chamado — *O Monte de Girard,* — até o pântano chamado *des Étournaux.* Êles atiravam as couraças pelo caminho, seus capacetes e suas botas de ferro; a fome, sêde e o frio de novembro, fizeram também morrer um grande número em sua fuga. Depois de quatro dias, chegaram a Ascalon, soldados cristãos que traziam tendas, armas de tôda espécie, guiando grupos de prisioneiros e grande quantidade de cavalos e camelos. Então os árabes beduínos começaram também a saquear os muçulmanos fugitivos; Guilherme de Tiro compara os beduínos à lagarta, que devora os restos dos gafanhotos. Depois de tão grande vitória, Balduino voltou a Jerusalém, para agradecer a Deus, Todo-Poderoso. Ao mesmo tempo, Saladino fugiu pelo deserto, sem guardas, montado num dromedário.

1179. Apesar dessa importante vitória, tristes pressentimentos subsistiam ainda nos espíritos. Cantando o *Te Deum,* perceberam que as tôrres e as

A vista da verdadeira cruz incentiva os cruzados.

muralhas de Jerusalém caíam de velhas. Para restaurá-las, os habitantes mais ricos impuseram-se uma contribuição. Por outro lado, como a Galiléia era contìnuamente ameaçada pelos muçulmanos, construiu-se uma fortaleza no lugar denominado *Vau de Jacó*. Nesse mesmo tempo, chegaram à Palestina vários peregrinos do Ocidente: Henrique, Conde de Troyes, filho do Conde Thibaut, o Velho, o Senhor Pedro de Courtenay, irmão do Rei da França, o Senhor Filipe, filho do Conde Roberto. Êsses reforços foram recebidos com alegria, mas não impediram que Saladino voltasse com um exército e obtivesse as vantagens antecedentes sôbre os cristãos. Êstes sofreram um ataque quase ao mesmo tempo no território de Sidon e na floresta de Panéias. Para cúmulo de infelicidade soube-se logo em Jerusalém que a fortaleza do Vau de Jacó, destinada a defender a Galiléia e as duas margens do Jordão, tinha sido atacada e dela não ficara pedra sôbre pedra. Os fiéis então perguntaram por que Deus lhes havia mandado a vitória de Ascalon; também a história contemporânea exclama com o Salmista: — *Quem te compreenderá, Senhor, em teus desígnios sôbre os filhos dos homens?*

Balduino, sempre enfêrmo, não tinha mais fôrça para se fazer obedecer, nem para levar os soldados da cruz a enfrentar os perigos. Não faltavam também naquela ocasião os *filhos de Belial verdadeiros artífices da ruína,* que procuravam aproveitar-se da

enfermidade do rei, que por tôda parte semeavam o ódio, a inveja, as desconfianças. O infeliz príncipe tinha necessidade de homens sensatos que o ajudassem a governar; a voz pública indicava-lhe vários, mas a voz do povo importunava o débil Balduino, e tôda reputação de habilidade trazia-lhe sombra; assim, aquêles que podiam servir ao reino estavam longe do govêrno. Foi então que um homem, de quem ninguém falava, apareceu de repente, e se colocou no caminho do poder supremo. Guy de Lusignan, há pouco chegado, com Hugo Le Brun, seu pai, à Terra Santa, tinha levado suas pretensões até a filha de Amaury, viúva do Marquês de Monferrato. Guy, que era admirado por sua graça e sua beleza, manteve com a irmã do rei, relações de galanteria, que foi necessário consagrar por meio de uma união legítima e que foi para êle o caminho do trono de Davi e Salomão.

No ano de 1180, e nos precedentes, não chovia na Síria e principalmente no território de Damasco. A terra nada tinha produzido. O povo morria de fome, não se podia mais manter o exército. Saladino fêz tréguas de dois anos com o Rei de Jerusalém e retirou-se para o Egito, levando com êle uma parte da população Síria, que fugia da carestia.

Enquanto o reino estava em paz, diz Guilherme de Tiro, uma família de sírios que morava na província da Fenícia, tomada de repente, de inspiração divina, abjurou os erros aos quais a havia levado um

herege de nome Maron, e voltou à unidade da igreja católica. Êsse povo, que conservou o nome de maronitas, era valente na guerra e composto de homens fortes e vigorosos; temível guarda do Líbano, deteve os infiéis em suas invasões e foi útil auxiliar para os francos. Sua volta à sinceridade da fé causou grande alegria ao povo cristão.

Antes que tivessem terminado as tréguas feitas com Saladino, uma circunstância imprevista veio provocar novas guerras. Um grande navio que trazia mil e quinhentos peregrinos, impelido pela tempestade, naufragou nas costas de Damieta. O sultão do Cairo ordenou que se apanhasse o navio, e que todos os tripulantes fôssem feitos prisioneiros. O Rei de Jerusalém mandou embaixadores para se queixarem dessa violação dos tratados e do direito das gentes. Saladino queixou-se por sua vez das incursões que Renaud de Chatillon, senhor de Montreal, fazia todos os dias nos territórios dos muçulmanos. A cidade de Hela, ou Hélis, no Mar Vermelho, tinha pertencido aos cristãos; Renaud quis reconquistá-la; construíram-se barcas em Carac, as quais foram transportadas no dorso de camelos; queriam atacar a cidade por mar e por terra; mas, socorros enviados por Saladino fizeram levantar o cêrco. Noutra expedição, Renaud se pôs à frente de seus guerreiros mais intrépidos, incluiu nas suas fileiras duzentos ou trezentos árabes beduínos e marchou contra Meca e Medina. Essa tropa já tinha chegado à cidade de

Rabi, quando foi atacada e dispersada pelos turcos. Vários soldados cristãos, aprisionados pelos infiéis, foram mandados a Meca e degolados como as ovelhas e os cordeiros que se costumam sacrificar ao profeta nas cerimônias do grande Beiram; os outros foram levados ao Egito onde pereceram, imolados pelos Sóphis, pelos devotos e pelos doutôres da lei.

Desde essa ocasião não se falou mais de paz e a guerra continuou com furor de ambos os lados; todos os dias havia novos combates, as cidades e as províncias viviam em contínuo sobressalto. Saladino depois de ter ameaçado a cidade de Carac, devastado a Galiléia, veio sitiar Beirute, e, como a cidade resistia com fôrça, êle partiu de repente com tôdas as suas tropas para a Mesopotâmia e não se dignou mesmo, à partida, falar de tréguas com os inimigos. Ficou mais de um ano nas margens do Eufrates e do Tigre. Os francos, em vez de tentar alguma outra grande emprêsa, aproveitaram dessa ausência de Saladino, apenas para passar o Líbano e saquear de novo as aldeias e os campos da Síria. Aquelas excursões, nas quais não havia nem perigo, nem glória, não davam aos cristãos segurança: o novo sultão de Damasco e do Cairo, estava sempre presente ao seu pensamento; recolhia-se com avidez inquieta, tudo o que diziam os boatos. Todos os dias esperava-se que êle voltasse com novas tropas. Os principais do reino reuniram-se várias vêzes para deliberar a respeito dos meios de defesa, que se lhe poderiam opor. Nu-

ma dessas reuniões determinou-se que seria lançado um impôsto extraordinário e que cada habitante do reino pagaria um por cento sôbre o valor de suas propriedades e dois por cento sôbre as rendas. Aquêles cuja fortuna não chegava a cem bizantinos, pagavam um direito de fogal, de um bizantino ou de meio bizantino; em cada *lar* ou aldeia, pagava-se um bizantino por fogo. Quatro comissários cobradores, homens de bem e tementes a Deus, foram nomeados em cada cidade; todos eram sujeitos à taxa, mesmo os judeus e os muçulmanos. O produto dêsses impostos devia ser levado a Jerusalém ou a Tolemaida, e depositado numa caixa com três chaves: não podia ser usado a não ser para a manutenção do exército e para a reparação das praças fortes.

Nesse ínterim, Saladino voltou a Damasco (1183). Nas guerras longínquas, êle tinha conquistado várias grandes cidades, como Edessa, Amida, ou Diarbékir; obtivera a submissão de Mossul onde reinavam ainda os atabeks e tinha, por fim, se apoderado de Alepo, onde acabava de morrer o filho e herdeiro de Noureddin; todos os sultões e os emires da Mesopotâmia tinham se tornado seus aliados ou tributários; dali por diante só os cristãos eram-lhe inimigos e o poder dos francos na Síria estava como envolvido, como cercado, por uma multidão de nações que o odiavam, e que não obedeciam mais a um só homem. Depois que Saladino voltara a Damasco, os cristãos perguntavam-se todos os dias

com temor em que ponto e de que lado a tempestade iria desabar. As tropas destinadas à defesa do reino reuniram-se, segundo o costume na fonte de Sefouri e ali esperaram o sinal do combate.

A enfermidade de Balduino fazia progressos espantosos. O infeliz príncipe tinha perdido a vista, as extremidades do corpo caíam em putrefação; êle não mais se podia servir nem dos pés nem das mãos. Nesse estado desesperador, êle por fim consentiu em deixar a autoridade suprema, conservando sòmente a dignidade real, com a cidade de Jerusalém; nomeou regente do reino a Guy de Lusignan, deixando-lhe todo o cuidado da administração. A escolha de Lusignan não inspirou confiança nem ao povo nem ao exército; os homens previdentes começaram a julgar que a sabedoria divina se havia retirado do conselho dos príncipes e que Deus não queria mais salvar o reino de Godofredo. Logo se soube que Saladino com uma cavalaria formidável, tinha penetrado no território dos cristãos. Depois de ter acampado entre os dois braços do Jordão, mandou corpos de exército a tôdas as regiões vizinhas e veio êle mesmo colocar suas tendas perto da fonte de Tubania, entre o monte de Gelboé e a antiga cidade de Betzan ou Citópolis. O exército cristão, comandado pelo novo regente do reino, pôs-se em marcha e veio acampar à vista dos muçulmanos. O inimigo devastava os campos, incendiava as aldeias e as vilas, levava as mulheres e as crianças, saqueava e incen-

diava os mosteiros e as igrejas. No meio dessa desolação geral, as tropas latinas continuavam impassíveis e no entretanto havia sob as bandeiras da cruz mais ou menos mil e trezentos cavaleiros e mais de vinte mil soldados de infantaria, o que não se via no Oriente desde a primeira Cruzada. Os homens sensatos julgavam que a ocasião era favorável para vencer Saladino, mas não lhe deram combate e o inimigo não foi nem mesmo perseguido em sua retirada.

Acusaram a Guy de ter hesitado diante do perigo ou melhor, diante da vitória. De todos os lados ergueram-se murmurações contra êle. O mesmo Balduino participou da indignação geral; e arrependeu-se de ter dado tanto poder a um homem tão pouco capaz de salvar o reino. Resolveu retirar-lhe a regência, e, não conservando limites à sua cólera, quis despojá-lo dos condados de Ascalon e de Joppé e anular o casamento com Sibila. Guy foi intimado a comparecer diante da côrte dos barões e dos bispos; como se recusasse a obedecer, Balduino, embora enfêrmo e cego, foi a Ascalon. As portas da cidade estavam fechadas. O infeliz príncipe (seguimos a narração de Bernardo) mandou que lhas abrissem. Três vêzes, com sua mão êle bateu na porta e ninguém veio. Enquanto o rei dava suas ordens, acrescenta o cronista citado, os burgueses da cidade haviam subido às muralhas e às torrinhas e *não ousavam mover-se esperando o fim de tudo*. Balduino, toman-

do o céu como testemunha de tão grande ultraje, partiu para Joppé onde foi recebido pelo povo e pelos cavaleiros e pôs seu *bailio* no lugar do de Guy de Lusignan. Voltando a Jerusalém, chamou o Conde de Trípoli e deu-lhe a administração do reino; quis ao mesmo tempo pôr a coroa sôbre a cabeça de uma criança de cinco anos, nascida do primeiro matrimônio de Sibila com a Marquês de Monferrato. A regência dada a Raimundo causou uma grande alegria aos barões e a todo o povo; pois há muito tempo dizia-se em Jerusalém que, sem o Conde de Trípoli, *da parte do rei, só viriam desgraças.* Depois de se ter organizado o assunto da regência, o filho de Sibila foi coroado sob o nome de Balduino V. "Porque o menino era pequeno, (são palavras de Bernardo) e o rei não queria que êle ficasse abaixo dos outros, fizeram-no levar nos braços de um cavaleiro até o Templo do Senhor." Prepararam assim no palácio de Salomão, um grande banquete, onde, segundo o costume, *os burgueses de Jerusalém serviram ao novo rei e aos seus barões.* Desde aquêle dia, não houve mais festas nem alegria na Cidade Santa.

O patriarca Heráclio e os grandes senhores do templo e do hospital, foram então mandados ao Ocidente para pedir socorro à cristandade. Quando êles chegaram à Itália, o Papa Lúcio, expulso de Roma, tinha convocado um congresso em Verona, onde estava Frederico, Imperador da Alemanha, para deliberar sôbre os meios de restabelecer a paz no mundo

cristão. Os enviados da Palestina foram ouvidos nessa assembléia e lembraram os perigos e as calamidades da Terra Santa. Atravessaram os Alpes e foram implorar a piedade e o valor dos guerreiros franceses. Filipe Augusto que então reinava, recebeu-os com grandes honras, mas acabava de subir ao trono, e os interêsses de seu reino não lhe permitiram ir êle mesmo defender Jerusalém. Henrique III, Rei da Inglaterra, cuja reputação militar já se estendera até o Oriente, parecia ser a última esperança dos cristãos da Síria. Como êsse príncipe, para expiar a morte do Arcebispo de Cantuária, tinha prometido ao papa levar um exército à Palestina, Heráclio, dirigiu-se à sua côrte, e, apresentando-lhe as chaves e a bandeira do Santo Sepulcro, rogou-lhe que cumprisse seu juramento. A Inglaterra estava então muito perturbada por agitações, e o espírito de revolta tinha penetrado até mesmo na família do monarca. Henrique afirmou seu zêlo para a libertação dos santos lugares, prometeu custear as despesas da guerra santa, mas recusou-se a tomar a cruz: "Guardai vossos tesouros, exclamou o patriarca irritado com essa recusa, pois procuramos um homem que tem necessidade de dinheiro, e não dinheiro que tem necessidade de um homem." Estas palavras que não eram inspiradas pelo Espírito do Evangelho, pareciam mais próprias a irritar do que a persuadir o monarca inglês; e, como Henrique III mostrou-se surpreendido, o patriarca duplicou a insolência e o orgulho. "Jurastes,

exclamou ainda êle, partir com um exército, para a Terra Santa, e dez anos já se passaram sem que algo tenhais feito para cumprir vossa promessa. Enganastes a Deus. Mas não sabeis o que Deus reserva aos que se recusam servi-lo?" Ouvindo estas palavras o monarca não pôde conter sua indignação. "Vejo, prosseguiu Heráclio, que excito vossa cólera; podeis, porém tratar-me como tratastes meu irmão Tomás, pois me é indiferente morrer na Síria, por mãos dos infiéis, ou perecer aqui, pelas vossas mãos, vós que sois mais mau que os mesmos sarracenos."

Caracteriza êste tempo, o fato de um poderoso monarca não ousar castigar um enviado dos cristãos do Oriente que lhe falava dêsse modo, de êle ter sido obrigado a tolerar as ofensas às quais se misturava o nome de Jerusalém. Henrique persistia na sua resolução de não abandonar o reino; ofereceu para mandar uma parte de seus tesouros aos defensores da Palestina e permitiu aos seus súditos tomar as armas contra os infiéis.

Não havia ainda chegado o tempo, em que a lembrança da Cidade Santa, devia abalar de novo o Ocidente. Vários embaixadores, vindos de Jerusalém, cujas palavras eram mais persuasivas que as de Heráclio, não tinham podido reanimar o entusiasmo bélico dos cristãos. Se excetuarmos Pedro de Courtenay, irmão de Luís VII, um Conde de Troyes, um Conde de Louvain, Filipe, Conde de Flandres, um Duque de Nevers, que, nessa época

infeliz, visitaram os santos lugares, os barões e os cavaleiros do Ocidente não pensavam mais em combater pela herança de Jesus Cristo. O papa, aflito pelo abandono no qual se deixavam os cristãos e as colônias cristãs da Síria, confiando sòmente no poder de suas palavras, tinha escrito a Saladino e a seu irmão Malek-Adhel, para pedir-lhes que pusessem um fim ao derramamento de sangue e dessem liberdade aos prisioneiros cristãos. Devemos crer que o Pontífice empregou êsses meios de persuasão, porque não tinha outros. O ardor das Cruzadas não estava extinto nos espíritos, mas, para se encontrar a primitiva energia e despertá-la em tôda a sua pujança, havia necessidade de acontecimentos extraordinários, de grandes calamidades que pudessem impressionar os corações e falar à imaginação dos povos.

Quando o patriarca Heráclio voltou a Jerusalém, tudo caminhava para uma rápida decadência. "Nós detestamos o presente, escrevia o Arcebispo de Tiro, e ficamos indecisos diante do futuro; nossos inimigos reconquistaram tôdas as suas vantagens, e nós chegamos a êste ponto, que não podemos suportar os males, nem os remédios." Depois de ter dito estas palavras, o historiador do reino de Jerusalém não se sente mais com coragem de continuar a sua narração e deixa a outros o cuidado de descrever as calamidades que prevê. Muitos autores contemporâneos não deixam de narrar aqui os presságios que anunciaram o fim das colônias cristãs, como tremores de

terra, eclipses da lua e do sol, um vento *violento, com que os quatro pontos do mundo foram agitados.* Os homens piedosos viam também os sinais da ruína próxima do reino, na extrema licença dos costumes e no inteiro olvido da moral evangélica. "O antigo inimigo do gênero humano, diz um historiador daquele tempo, levava por tôda a parte seu espírito de sedução e reinava principalmente em Jerusalém. As outras nações que tinham recebido dêsse país as luzes da religião, recebiam agora o exemplo de tôdas as iniqüidades. Jesus Cristo também desprezou a sua herança e permitiu que Saladino fôsse a vara da sua cólera." Um sinal não menos certo das revoluções e das calamidades futuras foi que os mais imprudentes e os mais perversos, dirigiam os outros; só havia fraqueza, impotência, cegueira na maior parte dos chefes e para governar o reino, só restavam príncipes e reis dos maus dias.

O infeliz Balduino tinha perdido tôdas as faculdades do corpo e do espírito e, atormentado por dores horríveis só pensava em morrer. Enquanto a expectativa de sua morte enchia o palácio de dor, todos os partidos disputavam a autoridade suprema e não deixavam um momento de descanso a êsse reino, que queriam governar. Depois que o monarca fechou os olhos, o mal aumentou ainda mais, e a discórdia não teve mais freios. O Conde de Trípoli queria conservar as rédeas do govêrno como regente; Sibila queria dar o cetro ao seu espôso. No meio de tantas

divergências, Balduino V, frágil e pequeno, esperança do povo cristão, morreu de repente. Depositaram seus restos mortais no lugar onde estavam as cinzas de Godofredo e seu túmulo foi o último dos sepulcros dos reis, colocado ao pé do Calvário.

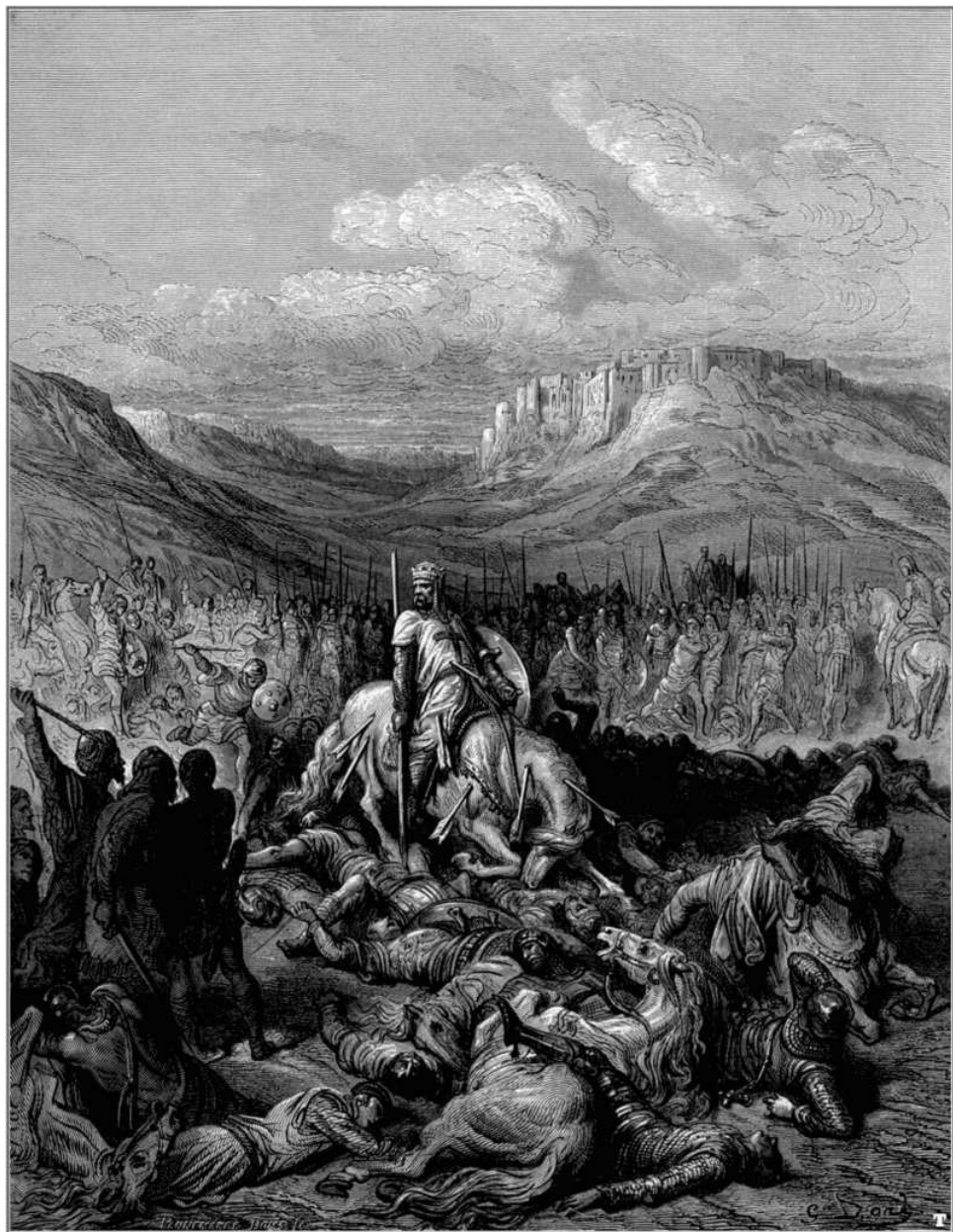
Depois que o jovem rei foi sepultado, o Conde de Trípoli reuniu os barões do reino em Naplusa. O patriarca e o grão-mestre do templo, ficaram em Jerusalém e disseram à Condêssa de Joppé, mulher de Lusignan, que *a coroariam apesar das objeções de todos os do país.* Segundo seus conselhos, Sibila mandou dizer aos barões reunidos em Naplusa que viessem para a sua coroação; mas êles recusaram-se, alegando as convenções feitas e os juramentos prestados no *tempo do rei leproso.* O patriarca e o grão-mestre do templo despediram os mensageiros dos barões, dizendo que não *guardariam nem fé nem juramento e que coroariam a senhora.* Foram então fechadas as portas da cidade e Sibila dirigiu-se à Igreja do Santo Sepulcro para a cerimônia da coroação. O patriarca tomou no tesouro duas coroas, pôs uma sôbre o altar e a outra na cabeça da Condêssa de Joppé. Depois que a condêssa foi coroada, o patriarca disse: "Senhora, sois mulher, convém que tenhais em sua companhia um homem que vos ajude a governar. Tomai esta coroa e dai-a ao homem que a poderia ajudar no govêrno do reino." Ela tomou a coroa e chamando seu marido, que estava sentado diante dela, disse-lhe: "Senhor,

vinde receber esta coroa pois não sei como melhor colocá-la." Guy ajoelhou-se e ela lhe pôs a coroa na cabeça. Assim ficou sendo rei e ela, rainha. A notícia desta coroação chegou a Naplusa, e espalhou a desolação entre os barões. Balduino de Ramla, um dos primeiros senhores do reino, foi o mais atormentado de todos, e disse aos companheiros, que — *o país estava perdido e que êle se ia embora,* pois não queria incorrer na censura e na vergonha de ter assistido à sua ruína. O Conde de Trípoli rogou a Balduino de Ramla que tivesse piedade do povo cristão e ficasse com os outros barões para salvar o reino, em perigo. "Nós temos aqui, disse Raimundo, o jovem Honfroi de Thoron, marido de Isabel, segunda filha de Amaury; iremos a Jerusalém e o coroaremos pois temos conosco tôda a baronia do país. Quanto aos sarracenos, êles não nos perturbarão, e nos ajudarão, se fôr preciso, pois tenho tréguas com êles." Assim os barões se puseram de acôrdo e dispuseram-se a coroar Honfroi de Thoron, no dia seguinte. Mas Honfroi, que tinha sòmente quinze anos, sabendo que o queriam fazer rei, pensou nas dificuldades que teria de enfrentar e nos males que teria que sofrer; correu a Jerusalém e lançou-se aos pés de Sibila, dizendo-lhe que preferia a tranqüilidade e a vida, à coroa que lhe queriam dar. Souberam logo em Naplusa que Honfroi tinha fugido para Jerusalém. Os barões então *ficaram muito desanimados e não souberam o que fazer;* a maior parte julgou

que não podia, sem censura, não reconhecer o rei que acabava de ser coroado e veio prestar-lhe homenagem, por seu feudo e por suas terras. Balduino de Ramla, não quis ficar nas terras do Rei Guy e retirou-se para Antioquia o que foi um grande prejuízo para os cristãos e um motivo de alegria para os infiéis, pelos quais era temido. O Conde de Trípoli foi para a cidade de Tiberíades, que lhe pertencia por parte de sua mulher e pediu auxílio a Saladino, se Lusignan viesse atacá-lo.

No tempo de Balduino, o Leproso, haviam feito com Saladino umas tréguas que ainda duravam. Essas tréguas nas circunstâncias de que acabamos de falar, eram como a salvação do reino. Coisa digna de nota, os muçulmanos respeitaram a palavra dada e foi do lado dos cristãos que veio o motivo de uma guerra nova. Naquele ano de 1186, Renaud de Chatillon, sempre levado por seu caráter ardente, atacou e saqueou em plena paz, uma caravana muçulmana, que passava perto de Carac. Saladino quando soube disso, levado pela cólera, jurou vingar a violação dos tratados e a ofensa feita ao islamismo. Mandou uma circular aos seus emires e aos aliados; todos os muçulmanos em condições de pegar em armas no Egito, na Síria, na Mesopotâmia, foram chamados para a guerra santa. Depois dêsses preparativos, o sultão deixou Damasco, em março de 1187, para proteger a caravana que se dirigia do Norte da Síria para Meca e Medina e, atravessando

a Arábia Petréia, veio com tôdas as suas tropas sitiar Renaud de Chatillon, em Carac.

Durante o cêrco, que se fazia com violência, uma parte da cavalaria muçulmana sob o comando de Afdal, filho de Saladino, passou o Jordão e avançou para a Galiléia. Quando se aproximava de Nazaré, todo o povo dos campos acorreu para a cidade gritando: *Os turcos! Os turcos!* Arautos públicos percorriam a cidade repetindo em voz alta: *Homens de Nazaré, armai-vos, para defender a cidade do verdadeiro nazareno.* Os templários e os hospitalários que puderam ser avisados do perigo vieram armados e preparados para a luta. Reuniram-se assim uns cento e trinta cavaleiros, aos quais se ajuntaram uns quatrocentos soldados de infantaria. Essa tropa intrépida não teve receio de marchar contra os cavaleiros turcos, que eram em número de sete mil. Os soldados da cruz por primeiros atiraram-se à luta; as crônicas do tempo, celebrando a bravura dêsses cavaleiros cristãos, contam prodígios em que mal se poderia crer; narram-nos de modo especial a morte gloriosa de Tiago de Maillé, marechal do templo. Êsse indomável defensor de Cristo, montado num cavalo branco, ficara sòzinho de pé e combatia entre montes de cadáveres. Embora atacado de todos os lados, recusava-se a se entregar. O cavalo em que êle montava, esgotado de cansaço, caiu e arrastou-o na queda.

Morte gloriosa de Jacques de Maillé, marechal do templo.

O intrépido cavaleiro levantou-se imediatamente e, de lança em punho, coberto de sangue e de pó, crivado de flechas, atirou-se para o meio dos inimigos; caiu por fim, varado de golpes, sempre combatendo. Os muçulmanos tomaram-no por São Jorge, que os cristãos julgavam ver descer do céu no meio da batalha. Depois de sua morte, os turcos, que um historiador chama *filhos de Babilônia e de Sodoma* aproximaram-se com respeito de seu corpo crivado de feridas. Enxugaram-lhe o sangue e dividiram pedaços de suas vestes e restos de suas armas e, na sua embriaguez brutal, testemunharam-lhe sua admiração com ações de tal extravagância que hoje fariam enrubecer de vergonha.

O grão-mestre do templo e dois dos seus cavaleiros sòmente, escaparam da matança. Êsse combate travou-se a primeiro de maio. Todos os cristãos ficaram aflitos. O Rei de Jerusalém que tinha a intenção de fazer guerra ao Conde de Trípoli, só pensou em se aproximar dêle e sentiu a necessidade de agir segundo seus conselhos; por seu lado, Raimundo jurou esquecer suas próprias injúrias e foi a Jerusalém. Guy de Lusignan veio à sua presença e o recebeu com demonstrações de sincero afeto. Os dois príncipes abraçaram-se diante de todo o povo e prometeram combater juntos, até à morte pela herança de Jesus Cristo.

Todos os dias, chegavam novos reforços para o exército de Saladino. O sultão prometia os despojos

dos cristãos às famílias muçulmanas, expulsas da Palestina, distribuía as cidades e as terras aos mais corajosos dos seus emires, o Califa de Bagdad e todos os fiéis que reconheciam seu império espiritual, desde Korassan até às margens do Nilo dirigiam ao céu orações por suas tropas e pela conquista de Jerusalém. Nos primeiros dias de junho, Saladino atravessou o rio, e avançou para Tiberíades com um exército de oitenta mil homens.

Guy de Lusignan, o Conde de Trípoli, e os principais barões, estavam em Jerusalém, para resolver, a respeito do perigo que ameaçava o reino. Determinaram que tôdas as fôrças dos cristãos reunir-se-iam para se dirigir aos lugares ameaçados. Resolveu-se também naquela assembléia, que se empregariam para a defesa da Terra Santa os tesouros que o Rei Henrique III tinha mandado para Jerusalém e que estavam guardados na casa do templo. O conselho dos barões resolveu, além disso, que as armas da Inglaterra estariam representadas nas bandeiras do exército cristão. Não se esqueceu o santo lenho da verdadeira cruz, que aparecia sempre nos grandes perigos. O sinal da salvação foi levado em procissão para fora da cidade e entregue pelo patriarca aos bispos encarregados de o levar ao exército. Tristes pressentimentos misturavam-se a essa cerimônia e muita gente julgava, segundo certas predições, que a cruz verdadeira não entraria mais em Jerusalém.

Todos os homens aptos para as armas, se haviam dirigido para a planície de Sefouri. As fortalezas do reino estavam sem guarnições e nas cidades só se viam mulheres e crianças. O príncipe de Antioquia tinha mandado ao exército cristão cinqüenta cavaleiros comandados por seu filho; haviam chegado guerreiros de tôdas as cidades do condado de Trípoli. Os peregrinos que então estavam na Terra Santa, as equipagens dos navios cristãos, chegados do Ocidente, tinham vindo para defender a terra de Jesus Cristo. O exército alcançava assim o número de mais de cinqüenta mil combatentes. Logo se soube que Saladino tinha entrado em Tiberíades e que os muçulmanos ocupavam a cidadela onde se havia refugiado a mulher do Conde de Trípoli. Um grande conselho reuniu-se para saber se se devia ir em socorro da cidade, que caíra nas mãos dos infiéis. Todos os chefes deram a sua opinião. Quando chegou a vez de Raimundo, assim êle falou: "Tiberíades é a minha cidade; minha mulher está na cidadela. Ninguém, pois, tem mais a perder do que eu, nesse assunto; ninguém está mais interessado em socorrer Tiberíades do que os que lá habitam. Ai! de todos nós, no entretanto, se levarmos essa multidão de homens e de cavalos para as áridas solidões, onde êles serão devorados pela sêde, pela fome e pelos ardores da estação! Bem sabeis que, mesmo no lugar onde estamos, nosso exército tem que sofrer os ardores de um sol de fogo e, sem a abundância de

água, êle pereceria. Por outro lado, bem sabeis que os inimigos não podem chegar até nós, sem perder grande número de homens, pela falta de água e pelo calor. Ficai portanto perto das águas, num lugar onde os víveres não vos faltam. É certo que os sarracenos, inflados de orgulho depois de ter tomado uma cidade, não irão nem à direita nem à esquerda, mas atravessarão o país deserto que nos separa, para vir diretamente a nós e provocar-nos ao combate. Nosso povo então, não tendo falta de nada, com víveres e água em abundância, sairá de suas defesas com alegria e precipitar-se-á contra um inimigo já meio vencido pela fome e pela sêde; nós, então, e nossos cavalos estaremos dispostos e ágeis; protegidos pela cruz vivificadora, combateremos com vantagem essa nação incrédula, esgotada pela fadiga e sem refúgio. Os inimigos de Jesus Cristo sucumbirão assim em suas agressões imprudentes e antes que possam alcançar de novo o Jordão ou o mar de Tiberíades, todos perecerão, eu vô-lo juro, pela sêde e pela espada, ou cairão vivos em nossas mãos. Quanto a nós, se nos acontecer alguma desgraça, se formos obrigados a fugir (que Deus afaste de nós tal vergonha!) não ficaremos sem socorro e sem asilo. Por tôdas essas razões, sou de opinião que deixeis perder Tiberíades, a fim de que o reino não fique perdido."

Os escritores árabes que falam dessa deliberação dos chefes do exército cristão reproduzem exatamente o sentido e o espírito do discurso proferido por Rai-

mundo. Na história oriental, chamada *Os Dois Jardins,* vemos que Saladino, por seu lado, tinha reunido o conselho dos emires e haviam combinado combater contra o exército cristão. O sultão era dêsse parecer, pela razão que os cristãos tinham pouco a ganhar com uma vitória e tudo a perder numa derrota. Assim, o Conde de Trípoli tinha imaginado hàbilmente o plano de guerra de Saladino e propunha o meio mais próprio para desfazer os intentos do inimigo: encontrou, porém, adversários. O grão-mestre dos Templários via ainda o *pêlo do lôbo* nas palavras de Raimundo. Renaud de Chatillon censurava-o, achando que êle exagerava o número dos muçulmanos. "Que nos importa o número dos inimigos? dizia êle. Não sabemos que a quantidade de lenha não prejudica o fogo?" Não obstante essa oposição ditada pelo ódio, os chefes reconheceram que o Conde de Trípoli tinha dito a verdade. O Rei Guy determinou que não se sairia de Sefouri; mas quando o príncipe ficou sòzinho na sua tenda, o grão-mestre dos templários foi ter com êle e lhe disse: "Não sigais o conselho de um traidor. Sois rei há pouco tempo e tendes um grande exército. Que vergonha para vós, se começais vosso reinado deixando perder-se uma cidade cristã! Nós, templários, deixaremos nossos mantos brancos, e venderemos tudo o que temos, antes que sofrer a desonra que querem fazer sofrer o povo de Jesus Cristo. Majestade! Fazei então proclamar por todo o acampamento que

cada qual se tenha pronto para partir e que a verdadeira cruz preceda o exército." O fraco Guy de Lusignan não pôde resistir às palavras do grão-mestre; êle já tinha dado várias ordens opostas e deu a de marchar contra o inimigo. Pela primeira vez, o Rei de Jerusalém se fêz obedecer e fê-lo para a ruína dos cristãos.

"O exército saiu de seu acampamento em Sefouri, na manhã de 3 de julho. O Conde de Trípoli marchava na frente com suas tropas, à direita e à esquerda do exército havia vários corpos comandados pelos barões e pelos senhores da Terra Santa; no centro, ia a verdadeira cruz, confiada à guarda de uma tropa de elite e o Rei de Jerusalém rodeado de seus bravos cavaleiros. Os irmãos do templo, e do hospital, formavam a retaguarda do exército. Os cristãos, marchando para Tiberíades, chegaram a uma aldeia, chamada *Marescalcia,* situada a três milhas da cidade. Lá, encontraram os sarracenos e começaram a sofrer os efeitos da sêde e do calor. Como tinham que passar por desfiladeiros estreitos e lugares cobertos de rochas, para chegar ao mar de Galiléia, o Conde de Trípoli mandou dizer ao rei que se apressasse e atravessasse a aldeia sem parar, a fim de poder alcançar as margens do lago. Lusignan respondeu que ia seguir o conde. No entretanto os turcos precipitaram-se de repente sôbre a retaguarda do exército, de tal maneira que os templários e os hospitaleiros foram dispersados. Então o rei, não

ousando mais avançar, e não sabendo o que fazer, deu ordem de fixar as tendas. Ouviu-se ao mesmo tempo exclamar: *Ai de nós! Tudo está acabado para nós; estamos todos mortos e o reino, perdido!* Obedeceram-lhe então desesperadamente. Que noite o exército iria passar naquele lugar! Os filhos de Esaú, (os turcos) apareceram em massa em redor do povo de Deus e incendiaram a planície coberta de ervas sêcas e de gravetos; os cristãos passaram a noite atormentados pelo fogo e pela fumaça, por uma nuvem de flechas, pela fome e pela sêde. No dia seguinte, ao despontar do dia, o sultão saiu de Tiberíades, e veio combater contra o exército cristão. Os batalhões da cruz, aprontavam-se para atravessar os desfiladeiros e os lugares escarpados que os separavam do mar de Galiléia; pois, diziam êles, encontraremos água e poderemos nos servir de nossas espadas. Já a vanguarda do Conde Raimundo dirigia-se para uma colina que os turcos tinham começado a ocupar. Quando todos os corpos estavam preparados para a batalha, prontos para marchar, esperava-se que os da infantaria dispersassem o inimigo, atirando-lhes dardos; assim o mandava a ordem e a disciplina; os soldados da infantaria deviam defender os cavaleiros contra os archeiros inimigos e os cavaleiros deviam proteger com suas lanças os soldados da infantaria: essa regra de salvação, não foi, porém, seguida. À aproximação dos sarracenos, a infantaria cristã formou um ângulo e

correu para ocupar o cume da colina, abandonando o resto do exército. O rei, os bispos e os principais chefes, vendo os soldados afastarem-se, mandaram-lhes dizer que voltassem para defender a verdadeira cruz e o estandarte de Jesus. Não podemos ir para aí, responderam êles, porque estamos mortos de sêde e não temos mais fôrças para combater. Mandaram-lhes nova mensagem, e êles ainda se recusaram a voltar, porque não podiam mais. Os irmãos do Templo e do Hospital e todos os da retaguarda, combatiam valorosamente, sem obter a menor vantagem contra os infiéis, cujo número crescia sempre e semeava por tôda a parte a morte, com suas flechas. Esmagados pela multidão de sarracenos, êles chamaram o rei em seu auxílio, dizendo que não podiam mais aguentar o pêso do combate. Mas o rei, vendo que os soldados de infantaria não queriam voltar, e que êle mesmo, por isso, ficava sem defesa contra os archeiros turcos, abandonou-se à vontade de Deus e mandou novamente erguer as tendas, para deter, se possível, a carga impetuosa do inimigo. Os batalhões deixaram as fileiras e reuniram-se em redor da verdadeira cruz, confusos e misturados. Quando o Conde de Trípoli percebeu que o rei, os templários, os hospitalários e todo o exército cristão era uma multidão confusa, quando viu que uma nuvem de bárbaros vinha de todos os lados e êle estava separado dos outros corpos de exército, procurou abrir caminho pelas fileiras inimigas e retirou-se com sua

vanguarda. A cada momento chegavam multidões de sarracenos que esmagavam os cristãos com suas flechas. O Bispo de Accon, que trazia a cruz do Salvador, recebeu uma ferida mortal e entregou o lenho sagrado ao Bispo de Lidda. Os soldados da infantaria, que tinham fugido para a colina, viram os sarracenos avançar contra êles, e foram todos mortos ou feito prisioneiros. Balian de Naplusa e os que puderam escapar à morte, passaram, para fugir sôbre uma ponte de cadáveres. Todo o exército dos turcos, correu ao lugar onde se encontravam o lenho da verdadeira cruz e o Rei de Jerusalém. É mais fácil exprimir com soluços e chorar com lágrimas quentes do que narrar o que se passou até o fim do dia. A verdadeira cruz foi defendida pelo Bispo de Lidda e pelos que estavam com êle; o rei, seu irmão, o marquês de Monferrato, caíram nas mãos dos inimigos; todos os templários e hospitalários foram mortos ou feito prisioneiros. Assim Deus humilhou o seu povo e derramou sôbre êle até o fim, o cálice da sua ira".

O que acabamos de ler é a narração abreviada de um peregrino, Raul Goggeshale, que assistiu à batalha e foi testemunha das últimas desgraças do povo cristão. Tôdas as circunstâncias dessa narração estão repetidas nos historiadores árabes; o que prova que são exatas e conformes à verdade. Ibn-Alatir e Emmad-Eddin dizem do mesmo modo, que a cruz do Salvador foi tomada, antes do rei e que os últimos

combates dêsse dia terrível, realizaram-se no monte ou colina de Hitin. A colina de Hitin ou montanha das *bem-aventuranças*, é aquela à qual Jesus vinha freqüentemente com seus discípulos. Foi aí que o Redentor pronunciou estas divinas palavras: *"Beati páuperes! . . . Beati qui esúriunt!* Bem-aventurados os pobres! Bem-aventurados os que têm fôme . . . Assim a cruz da nossa salvação foi perdida num lugar que Jesus gostava de freqüentar e na mesma colina onde Êle escolheu seus apóstolos. O historiador árabe Emmad-Eddin, narra a prisão do rei e repete o que ouvira contar, o filho de Saladino: "Eu estava perto de meu pai, dizia o jovem príncipe, quando o Rei dos francos se retirou para a elevação; os bravos que estavam perto dêle caíram sôbre nós, e repeliram os muçulmanos até abaixo da colina. Eu então olhei para meu pai e vi que seu rosto estava triste. *"Fazei o diabo mentir"* exclamava êle para seus guerreiros, agarrando a barba. A estas palavras nosso exército precipitou-se contra o inimigo e o fêz voltar para o alto da colina. Exclamei então cheio de alegria: *"Êles estão fugindo, êles estão fugindo"*. Mas os francos voltaram ao ataque e avançaram de novo para a base da elevação. Eu exclamei de novo: *Êles fogem, êles fogem!* Meu pai então olhou para mim e disse: *Cala-te, êles serão vencidos de todo, sòmente quando cair o estandarte do rei.* Apenas êle acabava de falar o pavilhão caiu. Logo meu pai

desceu do cavalo e prostrou-se diante de Deus e deu-lhe graças derramando lágrimas de alegria."

Raimundo, depois da batalha, fugiu para Trípoli, onde, pouco tempo depois morreu de desespêro, acusado pelos muçulmanos de ter violado os tratados, e pelos cristãos, de ter traído sua religião e sua pátria. O filho do príncipe de Antioquia, Renaud de Sidon, o jovem Conde de Tiberíades, com um pequeno número de soldados, seguiram a Raimundo na fuga e foram os únicos que escaparam do desastre, daquele dia, tão funesto para o reino de Jerusalém.

Os escritores orientais, narrando a vitória dos turcos, celebraram a bravura e a constância que mostraram naquele dia os cavaleiros francos, cobertos de suas couraças, feitas de anéis de ferro. Êsses bravos guerreiros, apresentaram antes, uma muralha impenetrável aos golpes do inimigo, mas, quando seus cavalos caíram, esgotados pelo cansaço ou feridos pelas lanças e pelos dardos, sucumbiram êles também, esmagados e vencidos pelo pêso de suas próprias armas. Um autor árabe, secretário e companheiro de Saladino, que estêve presente a êsse terrível combate, descreve o espetáculo das colinas e dos vales cobertos dos restos da matança. Êle viu as bandeiras dos cristãos, rasgadas em farrapos, sujas de pó e de sangue, cabeças separadas do corpo, braços, pernas, cadáveres misturados com pedras. O mesmo historiador, narra a alegria dos bárbaros ante êsse espetáculo e fala de *perfumes suaves* que se exalavam

para êle daquele vasto campo da morte. Outro autor muçulmano, que atravessou, um ano depois da batalha, os campos de Tiberíades e de Hitin, lá encontrou ainda os míseros restos de um exército vencido, amontoados, que de longe surgiam aos olhos do viandante. A cada passo que se dava na planície, pisavam-se ossos de soldados cristãos; dêles, podiam-se ainda encontrar nos montes e nos vales vizinhos, para onde haviam sido levados pelas torrentes ou pelos animais selvagens.

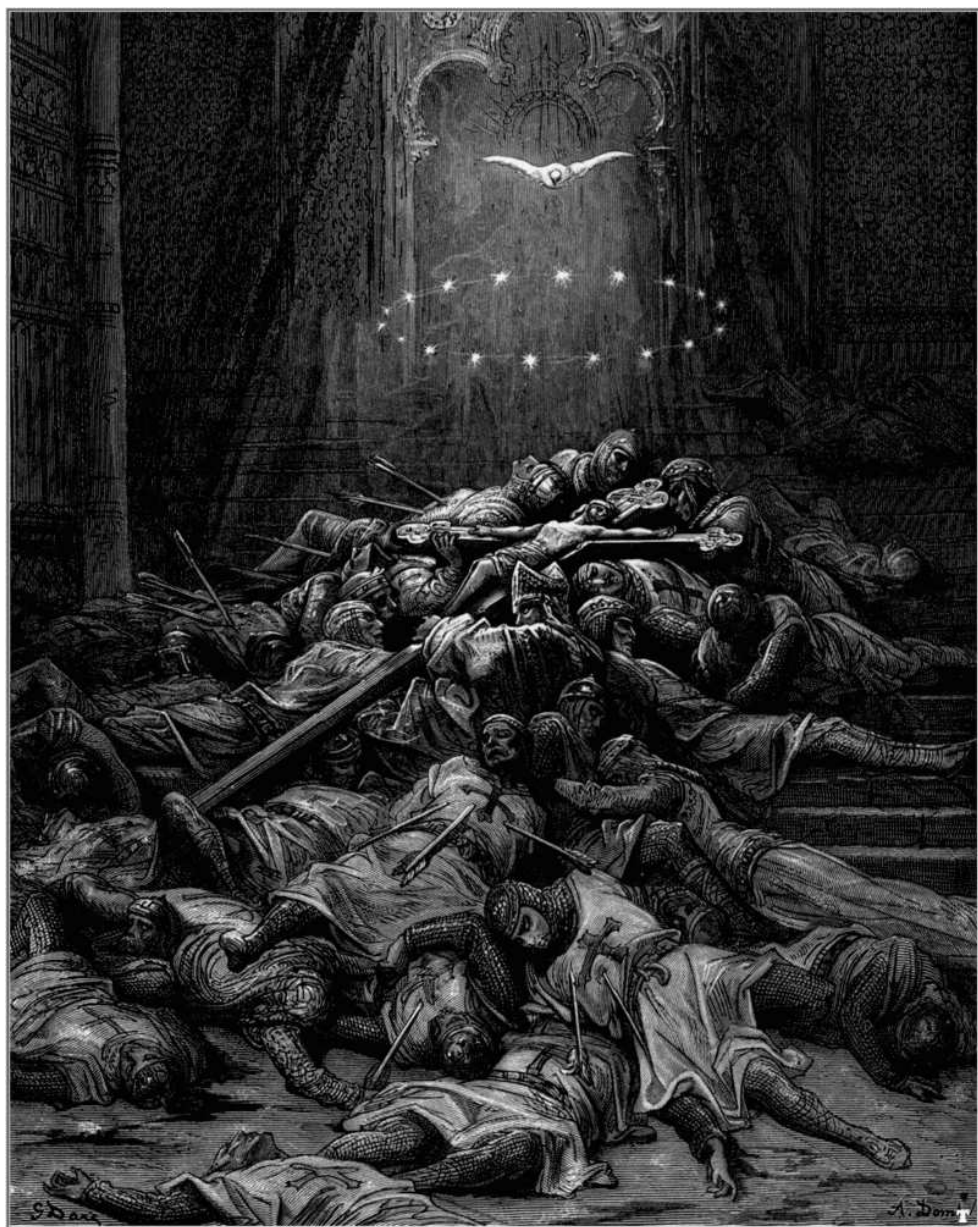
Depois dessa horrível carnificina, deveríamos crer que nenhum soldado da cruz tinha caído vivo nas mãos dos vencedores, mas, no fim dessa jornada sangrenta, havia uma multidão de prisioneiros, e ter-se-ia podido crer também, que ninguém tinha morrido na luta. As cordas das tendas não foram suficientes para amarrar os guerreiros, que haviam escapado da morte e foram condenados à escravidão. Viam-se mais ou menos uns quarenta cavaleiros, amarrados com uma única corda, duzentos, guardados por um só homem. Por fim a multidão dos escravos era tão grande, que segundo a narração de um cronista árabe, os muçulmanos vitoriosos não tinham mais a quem vendê-los, e um cavaleiro cristão, foi trocado por um par de calçados.

Saladino mandou erguer sua tenda no meio do acampamento onde recebeu a Guy de Lusignan e os principais chefes do exército cristão, que a vitória havia entregue em suas mãos. Tratou o Rei dos

francos com bondade, mandou dar-lhe bebida refrescada na neve. Como o monarca, depois de ter bebido, apresentasse a taça a Renaud de Chatillon, que estava perto dêle, o sultão deteve-o dizendo: "Êsse traidor não deve beber na minha presença, pois não lhe quero fazer graça." Dirigindo-se em seguida a Renaud fêz-lhe as censuras mais rudes pela violação dos tratados e o ameaçou de morte se êle não abraçasse a religião do profeta, que êle tinha ultrajado. Renaud de Chatillon respondeu com nobre firmeza e desprezou as ameaças de Saladino que o feriu com seu sabre. Soldados muçulmanos, ao sinal de seu senhor, lançaram-se sôbre o prisioneiro desarmado e a cabeça do mártir da cruz foi cair aos pés do Rei de Jerusalém.

No dia seguinte o sultão mandou levar os cavaleiros do templo e de S. João que estavam entre os prisioneiros e disse, vendo-os passar diante dêle: "Quero libertar a terra dessas duas raças imundas." Concedeu graça ao grão-mestre dos templários, sem dúvida, porque seus conselhos imprudentes tinham entregue o exército cristão ao triunfo dos muçulmanos. Um grande número de emires, de doutôres da lei, rodeava o trono de Saladino; o sultão permitiu a cada um dêles matar um cavaleiro cristão. Alguns recusaram-se a derramar sangue, desviaram suas vistas de um espetáculo tão odioso; mas os outros, armaram-se da espada e massacraram, sem piedade, os cavaleiros, presos a cadeias, enquanto Saladino sen-

tado no trono aplaudia a essa horrível execução. Os cavaleiros receberam com alegria a palma do martírio, a maior parte dos prisioneiros desejava a morte; vários dentre êles, embora não pertencessem às ordens militares diziam em voz alta que eram hospitalários ou templários e como tivessem receio de que faltassem carrascos, êles apressavam-se, antepondo-se uns aos outros, para cair por primeiros, à espada dos infiéis. Gauthier Visinauf conta, que, durante as três noites que se seguiram ao massacre dos cavaleiros cristãos, um raio milagroso brilhou sôbre os corpos dêsses mártires.

Os muçulmanos, no campo de batalha, agradeceram ao profeta a vitória que concedera às suas armas; Saladino, em seguida, ocupou-se em se aproveitar dela. Senhor da cidadela de Tiberíades, êle mandou a mulher de Raimundo a Trípoli e logo a cidade de Tolemaida viu-o diante de seus muros. Essa cidade, cheia de comerciantes e que antes resistia aos ataques dos mais formidáveis exércitos do Ocidente, durante dois anos, não resistiu a Saladino nem mesmo por dois dias. O terror que precedia seu exército, abriu ao sultão vitorioso as portas de Naplusa, de Jericó, de Ramla, e de um grande número de outras cidades que ficaram quase sem habitantes. As cidades de Cesaréia, de Arsur, de Joppé, de Beirute, tiveram a sorte de Tolemaida e viram balançar-se sôbre suas muralhas os estandartes amarelos de Saladino. Às margens do oceano, as únicas cida-

Durante três noite um raio sobrenatural brilhou sôbre os corpos mártires.

des de Tiro, de Trípoli, de Ascalon, continuaram em poder dos cristãos.

Saladino atacou sem resultado a cidade de Tiro e resolveu esperar um momento mais favorável, para recomeçar o cêrco. Ascalon apresentava-lhe uma conquista mais importante, garantindo-lhe a comunicação com o Egito. Essa cidade foi sitiada pelos muçulmanos, mas a princípio opôs a Saladino uma resistência que êle não esperava. Depois que se abriu a brecha, o sultão propôs a paz; os habitantes cujo desespêro exaltava a coragem, despediram os embaixadores sem os ter escutado. O Rei de Jerusalém, que Saladino levava consigo em triunfo, induziu êle mesmo os habitantes de Ascalon a não comprometer a sorte de suas famílias e a dos cristãos por uma defesa inútil. Então os principais dentre êles, vieram à tenda do sultão e disseram: "Não é por nós, que viemos pedir, mas por nossas mulheres e filhos. Que nos importa uma vida perecível? Queremos um bem mais estável e sòmente a morte no-lo pode dar. Deus, sòmente, senhor dos acontecimentos, vos deu a vitória sôbre os infelizes cristãos, mas não entrareis em Ascalon se não tiverdes piedade de nossas famílias e se não prometerdes dar liberdade ao Rei de Jerusalém."

Saladino, comovido com o heroísmo dos habitantes de Ascalon aceitou as condições propostas. Tal devotamento merecia o resgate de um príncipe hábil e digno do amor de seus súditos, como Guy

de Lusignan. De resto, Saladino só consentiu em quebrar os ferros do monarca cativo, depois de um ano.

Chegara o momento em que Jerusalém devia de novo cair em poder dos infiéis. Todos os muçulmanos pediam a Maomé êsse último triunfo de Saladino. Depois de ter tomado Gaza e várias fortalezas das vizinhanças, o sultão reuniu seu exército e marchou para a Cidade Santa. Uma rainha em pranto, os filhos dos guerreiros mortos na batalha de Tiberíades, alguns soldados fugitivos, alguns peregrinos vindos do Ocidente, eram os únicos guardas do Santo Sepulcro. Um grande número de famílias cristãs que tinham deixado as províncias devastadas da Palestina, enchiam a capital e bem longe de lhe dar auxílio, só serviam para aumentar a perturbação e a consternação que reinava na cidade.

Saladino aproximava-se da Cidade Santa; antes mandou vir à sua presença os principais habitantes e lhes disse: "Eu sei, como vós, que Jerusalém é a casa de Deus; não quero profaná-la com o derramamento de sangue; abandonai suas muralhas e eu vos entregarei uma parte de seus tesouros, dar-vos-ei muitas terras que podereis cultivar. — Não podemos, responderam-lhe êles, ceder-vos uma cidade onde nosso Deus morreu; menos ainda podemos vendê-la." Saladino, irritado com essa recusa, jurou sôbre o Alcorão derrubar as tôrres e as muralhas de Jerusalém e vingar a morte dos muçulmanos massacrados

pelos companheiros e pelos soldados de Godofredo de Bouillon.

Quando Saladino falava com os enviados de Jerusalém, um eclipse do sol cobriu de repente de trevas todo o céu e pareceu como um sinistro presságio para os cristãos. No entretanto, os habitantes, encorajados pelo clero, preparavam-se para defender a cidade. Tinham escolhido para seu chefe a Balean de Ibelin, que estivera na batalha de Tiberíades. Êsse velho guerreiro, cuja experiência e virtudes inspiravam muita confiança e respeito, começou por restaurar as fortificações da praça e por formar na disciplina os novos defensores de Jerusalém. Como êle não tinha oficiais, criou cinqüenta cavaleiros entre os burguêses da cidade; todos os cristãos em condições de pegar em armas, juraram derramar seu sangue pela causa de Jesus Cristo. Não havia dinheiro para custear as despesas da guerra; mas todos os meios de encontrá-lo pareceram então legítimos, ante o perigo grave que os ameaçava e à cidade de Deus. Despojaram as igrejas e o povo assustado ante a aproximação de Saladino, viu, sem escândalo, converter-se em moeda todo o metal precioso que cobria a capela do Santo Sepulcro.

Logo os estandartes de Saladino flutuaram sôbre as alturas de Emaús. O exército muçulmano veio colocar seu acampamento nos mesmos lugares onde Godofredo, Tancredo e os dois Robertos tinham estendido suas tendas, quando atacaram a Cidade

Santa. Os sitiados a princípio opuseram forte resistência e fizeram freqüentes incursões nas quais êles eram vistos tendo numa das mãos a espada e a lança e na outra, uma pá, com a qual atiravam poeira aos muçulmanos. Um grande número de cristãos recebeu então a palma do martírio e partiu, dizem os historiadores, para a Jerusalém celeste. Muitos muçulmanos, mortos também pelas mãos dos inimigos, foram morar nas margens do *rio que banha o Paraíso*.

1187. Saladino depois de ter acampado por alguns dias ao Ocidente da cidade, dirigiu seus ataques para o norte, e mandou minar as muralhas que se estendem desde a porta de Josafá até à de Santo Estêvão. Os mais valentes dos cristãos saíram da praça, e procuraram corajosamente destruir as máquinas e frustrar os trabalhos dos infiéis. Encorajando-se recìprocamente, repetindo estas palavras da Escritura: *Um sòmente de nós fará os infiéis fugirem e dez porão em fuga dez mil*. Fizeram prodígios de valor mas não puderam impedir a continuação do cêrco. Repelidos pelos muçulmanos, tornaram a entrar na cidade, onde seu regresso trouxe o desânimo e o terror. As tôrres e as muralhas estavam prestes a ruir, ao primeiro sinal de um ataque geral. O desespêro então, apoderou-se de todos os habitantes, que só encontraram como defesa, as lágrimas e a oração. Os soldados corriam para as igrejas em vez de tomar as armas; a promessa de cem moedas

de ouro não era capaz de os manter durante uma noite nas muralhas ameaçadas. O clero fazia procissões pelas ruas para invocar a proteção do céu. Uns feriam o peito com pedras; outros rasgavam o corpo com cilícios, exclamando: *Misericórdia;* em Jerusalém só se ouviam gemidos. Mas, *Nosso Senhor Jesus Cristo,* diz uma velha crônica, *não os queria ouvir, pois a luxúria e a impureza que havia na cidade, não deixavam oração alguma subir até Deus.* O desespêro dos habitantes inspirava-lhes ao mesmo tempo mil projetos contrários. Ora tomavam a resolução de sair da cidade e de buscar uma morte gloriosa entre os infiéis; ora punham sua última esperança na clemência de Saladino.

No meio da perturbação e da agitação geral, os cristãos gregos e sírios, os cristãos melquitas, que suportavam com dificuldade a autoridade dos latinos, acusavam-nos das desgraças da guerra. Descobriu-se uma traição que êles haviam tramado para entregar Jerusalém aos muçulmanos; essa descoberta duplicou a inquietação e determinou os chefes da cidade a pedir capitulação a Saladino. Acompanhados por Balean de Ibelin vieram propor ao sultão entregar-lhe a praça, nas condições que êle mesmo lhes havia impôsto antes do cêrco. Mas Saladino lembrou-se de que tinha feito o juramento de tomar a cidade de assalto e de passar a fio de espada todos os habitantes. Despediu os embaixadores sem lhes dar nenhuma esperança. Balean de Ibelin voltou

várias vêzes; renovou as súplicas e os rogos e sempre encontrou Saladino inexorável. Um dia, quando os enviados cristãos rogavam-lhe instantemente que aceitasse as condições da sua capitulação, voltando-se para a praça e mostrando-lhes seus estandartes que esvoaçavam nas muralhas, disse-lhes: "Como quereis, que eu conceda condições a uma cidade vencida?"

No entretanto os muçulmanos foram derrotados e repelidos. Balean encorajado pelo feliz êxito que os cristãos acabavam de obter, disse ao sultão: "Vêdes que Jerusalém tem ainda defensores; se não pudermos obter de vós nenhuma misericórdia, tomamos uma resolução terrível e os excessos de nosso desespêro vos encherão de terror. Êsses templos e palácios que quereis conquistar serão completamente destruídos; tôdas as nossas riquezas que excitam a ambição e avidez dos sarracenos serão prêsa das chamas. Destruiremos a mesquita de Omar, a pedra misteriosa de Jacó, objeto do vosso culto, será quebrada e reduzida a pó. Jerusalém possui cinco mil prisioneiros muçulmanos; todos êles perecerão pela espada. Degolaremos com nossas próprias mãos nossas mulheres, nossos filhos, e poupar-lhes-emos a vergonha de se tornarem vossos escravos. Quando a Cidade Santa não fôr mais que um monte de ruínas, um vasto túmulo, dela sairemos, seguidos pelos manes irritados dos nossos amigos, de nossos parentes, sairemos com o ferro e o fogo nas mãos. Nenhum

de nós irá para o céu sem ter mandado para o inferno dez muçulmanos. Obteremos assim uma morte gloriosa e morreremos chamando sôbre vós a maldição do Deus de Jerusalém."

Assustado com essas ameaças, Saladino convidou os embaixadores a voltar no dia seguinte. Êle consultou os doutôres da lei, que declararam que êle podia aceitar a capitulação proposta pelos habitantes da cidade, sem violar seu juramento. As condições foram assinadas no dia seguinte, na tenda do sultão. Assim Jerusalém tornou a cair em poder dos infiéis depois de ter estado durante oitenta e oito anos sob o domínio dos cristãos. Os historiadores latinos notaram que os cruzados tinham entrado na cidade numa sexta-feira, na mesma hora em que Jesus Cristo havia morrido, para expiar os crimes do gênero humano. Os muçulmanos retomaram a cidade no dia do aniversário, em que, segundo sua crença, Maomé partiu de Jerusalém para subir ao céu. Essa circunstância que talvez levou Saladino a assinar a capitulação proposta, não deixou de acrescentar novo brilho ao seu triunfo entre os muçulmanos, e fêz considerá-lo como favorito do profeta.

O vencedor concedeu a vida aos habitantes e permitiu-lhes resgatar a liberdade. O preço do resgate foi fixado em dez peças de ouro para os homens, cinco para as mulheres e duas para as crianças. Os que não tinham meios de pagar o resgate, deviam continuar na escravidão. Todos os guerreiros que

estavam em Jerusalém, no momento da capitulação, obtiveram permissão de ir para Tiro ou para Trípoli, durante quarenta dias.

Essas condições, a princípio foram recebidas com alegria pelos cristãos; mas, quando viram aproximar-se o dia em que deviam sair de Jerusalém, sentiram imensa dor em ter que deixar os santos lugares. Molhavam com suas lágrimas o túmulo de Cristo. Lamentavam não ter morrido para defendê-lo. Percorriam gemendo e chorando o Calvário e as Igrejas, que não deveriam mais tornar a ver. Abraçavam-se chorando, nas ruas e deploravam suas fatais divergências. Os que não podiam pagar o resgate e que se iam tornar escravos dos muçulmanos, entregavam-se a todos os excessos do desespêro. Mas tal era nesses momentos cruéis, seu devotamento à religião da qual nem sempre tinham seguido os preceitos, que os ultrajes feitos aos objetos sagrados do seu culto, afligiam-nos mais que sua própria desgraça. Uma cruz de ouro foi arrancada da cúpula da Igreja dos Templários e arrastada pelas ruas, pelos muçulmanos; todos os cristãos lançaram gritos de dor e de indignação e Jerusalém desarmada, estêve a ponto de se erguer contra seus vencedores.

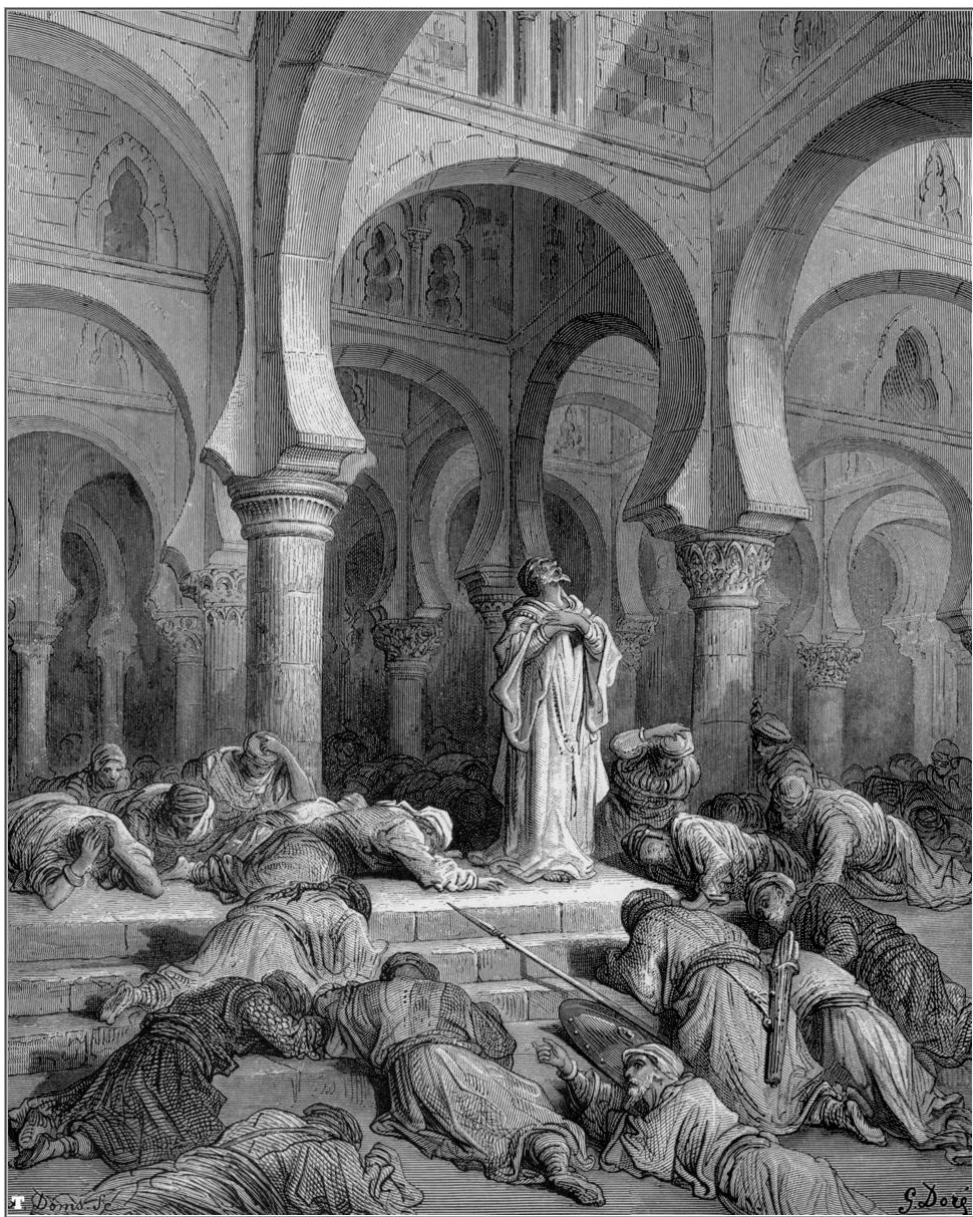
Por fim chegou o dia fatal, em que os cristãos deviam se afastar de Jerusalém. Fecharam tôdas as portas da cidade, exceto a de Davi. Saladino, assentado no trono, viu passar diante de si um povo desolado. O patriarca, seguido pelo clero, vinha

por primeiro, levando os vasos sagrados e os ornamentos da Igreja do Santo Sepulcro e tesouros, diz um autor árabe, de que sòmente Deus conhecia o valor. A Rainha de Jerusalém acompanhada pelos barões e cavaleiros, vinha depois dêle; Saladino respeitou-lhe a dor e dirigiu-lhe palavras cheias de bondade. A princesa era seguida de um grande número de mulheres, que levavam nos braços os filhinhos e que soltavam gritos lancinantes. Muitas delas aproximaram-se do trono de Saladino: "Vêdes aos vossos pés, disseram elas, as espôsas, as mães, as filhas dos guerreiros que retendes prisioneiros. Deixamos para sempre nossa pátria, que êles defenderam com glória; êles nos ajudam a suportar a vida; se os perdermos, perderemos nossa última esperança. Se vos dignardes no-los restituir, êles aliviarão as misérias de nosso exílio e não ficaremos mais sem amparo sôbre a terra." Saladino ficou comovido com suas lágrimas e prometeu aliviar os males de tantas famílias infelizes. Restituiu às mães, os filhos, às espôsas, os maridos que estavam entre os escravos. Vários cristãos tinham abandonado seus móveis e seus bens mais preciosos e levavam nos ombros, uns, os pais, abatidos pela idade, outros, os amigos enfermos e inválidos. Comovido por êsse espetáculo Saladino recompensou com donativos a virtude e a piedade de seus inimigos; sentindo piedade de tôdas as desgraças, êle permitiu aos hospitalários ficar na cidade, para cuidar dos peregrinos e de todos os que alguma

doença grave impedia sair de Jerusalém. Notemos aqui, que a generosidade de Saladino para com os cristãos é celebrada com mais brilho pelos historiadores latinos que pelos árabes; encontramos mesmo, nas crônicas muçulmanas, passagens, que provam que os discípulos de Maomé, não viam sem sentimento a nobre compaixão do sultão. Mais de uma vez a história mostrou que nas guerras de religião os chefes nem sempre são senhores de usar da tolerância.

Quando os turcos começaram o cêrco, a cidade tinha mais de cem mil cristãos. O maior número dêles resgatou sua liberdade. Balean de Ibelin, depositário dos tesouros para as despesas do cêrco empregou-os em resgatar uma parte dos habitantes. Malek-Adhel, irmão do sultão, pagou o resgate de dois mil escravos. Saladino seguiu seu exemplo, quebrando as cadeias de um grande número de órfãos e de pobres. O historiador árabe Ibs-Alatir conta que um grande número de habitantes de Jerusalém escapou ao tributo, uns deslizando furtivamente do alto das muralhas por meio de cordas, outros comprando a pêso de ouro, vestes de muçulmanos. Ficaram na escravidão sòmente uns dezesseis mil cristãos, dentre os quais, havia de quatro a cinco mil crianças, em tenra idade, que não sentiam sua desgraça, mas das quais os fiéis mais deploravam a sorte, porque aquelas vítimas inocentes da guerra, iam ser educadas na religião de Maomé.

Muitos escritores modernos opuseram ao proceder generoso de Saladino as cenas revoltantes que se seguiram à entrada dos cristãos em Jerusalém. Não nos devemos, porém, esquecer de que os cristãos ofereceram a capitulação, enquanto os muçulmanos sustentaram um longo cêrco, com constância e perseverança, e os companheiros de Godofredo que estavam num país desconhecido, no meio de nações inimigas, tomaram a cidade de assalto depois de terem experimentado mil perigos e sofrido todos os gêneros de miséria. Os primeiros cruzados, depois da conquista da Cidade Santa, tudo tinham ainda a temer dos muçulmanos da Síria e do Egito e aquêle temor os tornou bárbaros. O sultão de Damasco não se mostrou mais humano enquanto teve a temer as armas dos francos e a vitória mesma de Tiberíades, que não acalmou tôdas as suas inquietações, não lhe havia inspirado sentimentos generosos para com seus prisioneiros. Tanto é verdade que sòmente a fôrça pode ser moderada; mas para isso é necessário que a fôrça creia em si mesma. Se examinássemos bem todos os atos de barbárie cometidos pela política, encontraríamos quase sempre a fonte dos mesmos, no temor. De resto, estas observações, entregues ao juízo dos leitores, não têm por fim justificar os excessos cometidos pelos guerreiros da primeira Cruzada, menos ainda, diminuir os elogios que a história deve a Saladino e que êle obteve daqueles mesmos por êle vencidos.

Depois que o povo cristão deixou a cidade conquistada, Saladino só se ocupou em celebrar seu triunfo. Entrou em Jerusalém precedido por seus estandartes vitoriosos; um grande número de imanes, de doutôres da lei, de embaixadores de vários príncipes muçulmanos, formavam-lhe o cortejo. Tôdas as igrejas, exceto a do Santo Sepulcro, tinham sido convertidas em mesquitas. O sultão fêz lavar com água de rosas, vinda de Damasco, as paredes do pavimento da mesquita de Omar e lá colocou êle mesmo o púlpito construído por Noureddin. "Ouviu-se a voz dos que chamam para a oração, diz Emmad-Eddin; os sinos calaram-se. A fé exilada voltou ao seu asilo: os derviches, os devotos, os grandes, os pequenos, todos vieram adorar o Senhor. Do alto do púlpito elevou-se uma voz que advertiu os crentes do dia da ressurreição e do juízo final." Na primeira sexta-feira que se seguiu à entrada do sultão em Jerusalém, o povo e o exército reuniram-se na principal mesquita; o chefe dos imanes subiu ao púlpito do profeta e agradeceu a Deus as vitórias de Saladino. "Glória a Deus, disse êle, aos seus numerosos ouvintes; glória a Deus que fêz triunfar o islamismo e quebrou o poder dos infiéis! Louvai comigo ao Senhor que nos restituiu Jerusalém, a morada de Deus, a residência dos santos e dos profetas. Foi do seio dessa cidade sagrada que Deus fêz viajar seu servidor durante as trevas da noite. Foi para facilitar a Josué a conquista de Jerusalém

Invocação a Maomé.

que Deus deteve outrora o curso do sol. É nessa cidade que devem no fim dos tempos, reunir-se os povos da terra." Depois de ter lembrado as maravilhas de Jerusalém o pregador do islamismo dirigiu-se aos soldados de Saladino e os felicitou por terem enfrentado os perigos e por terem derramado seu sangue para fazer a vontade de Maomé. "Os soldados do profeta, disse ainda êle, os companheiros de Abu-Becker e de Omar, marcaram vosso lugar na milícia celeste, e vos esperam entre os eleitos do islamismo. Testemunhas do vosso último triunfo, os Anjos regozijaram-se à destra do Eterno; o coração dos enviados de Deus exultou de alegria. Louvai, pois, comigo ao Senhor. Não vos deixeis, porém, levar pelas fraquezas do orgulho, e principalmente, não julgueis que vossas espadas de aço, vossos cavalos rápidos, como o vento, venceram os infiéis. Deus é Deus; só Deus é poderoso; Deus vos deu a vitória, Êle vos ordena que não vos detenhais numa carreira gloriosa na qual Êle mesmo vos leva pela mão. *A guerra santa! A guerra santa!* eis a mais certa das vossas adorações, o mais nobre dos vossos costumes. Cortai todos os ramos da impiedade, fazei o islamismo triunfar por tôda a parte, libertai a terra das nações contra as quais Deus está irado".

O chefe dos imanes rezou depois pelo califa de Bagdad, e terminando a oração, citando Saladino, exclamou: "Ó Deus, velai pelos dias do vosso fiel servo, que é vossa espada afiadíssima, vossa estrêla

resplandecente, o defensor do vosso culto, o libertador da vossa morada santa. Deus! Fazei que seus anjos cerquem seu império e prolongai seus dias, para a glória do vosso nome."

Assim, o povo, as leis, a religião, tudo estava mudado na infeliz Jerusalém. Enquanto nos santos lugares ressoavam hinos de culto estrangeiro, os cristãos afastavam-se tristemente, na mais profunda miséria e detestando a vida que os muçulmanos lhes haviam poupado. Repelidos por seus irmãos do Oriente, que os acusavam de ter entregue o Santo Sepulcro aos infiéis, êles erravam pela Síria, sem socorro e sem asilo; muitos morreram de fome e de dor; a cidade de Trípoli fechou-lhes as portas. No meio dessa multidão perdida, uma mulher levada pelo desespêro atirou o filho ao mar, amaldiçoando a barbárie de seus irmãos cristãos. Os que foram para o Egito sentiram-se menos infelizes e comoveram o coração dos muçulmanos: muitos embarcaram para a Europa, onde foram com gemidos, relatar as desgraças de Jerusalém. Dizia-se então, entre os cristãos, que aquela cidade tinha caído como Nínive ou Babilônia; as crônicas contemporâneas, pelo menos, não explicam de outro modo êsse fato, pois tudo então se explicava ou pela santidade ou pela corrupção dos fiéis. Sem dúvida a corrupção concorreu para a decadência da Cidade Santa; todavia uma decadência tão rápida, teve várias outras causas que já foram indicadas no curso desta história. Os impérios

muçulmanos caíam quando os primeiros cruzados chegaram à Ásia; mas Deus permitiu que êsses impérios se tornassem a erguer, sob a mão de vários príncipes poderosos, por suas armas e por seu gênio. O reino de Godofredo, que os tinha vencido com trezentos cavaleiros, já não tinha o que era necessário para lhes resistir. Os chefes que a providência lhes dera, pareciam ùnicamente mandados para anunciar que tôda glória ia terminar. À fôrça de ver no trono de Davi, mulheres, crianças, reis doentes, príncipes fracos, não se teve mais fé em seu porvir, e o entusiasmo guerreiro e o patriotismo cristão foram sufocados pela discórdia e por não sei qual espírito de fatalidade. Por fim ouviu-se até um rei da Cidade Santa exclamar no campo de batalha: *O reino está perdido!* Foram suficientes algumas semanas para a realização dessa profecia, tão estranha na bôca de um rei. Acrescentamos aqui, e esta causa é a principal de tôdas, que o espírito das Cruzadas, que havia operado tantos prodígios, se vinha enfraquecendo há muito tempo, e com êle tudo o que êle havia fundado no Oriente. O reino de Godofredo de Bouillon extinguiu-se, semelhante às frágeis criaturas dêste mundo, que desaparecem de todo, quando Deus não vela mais por elas.

No entretanto, como então se estava persuadido de que a salvação da fé cristã e de que a mesma glória de Deus estavam ligadas à conservação de Jerusalém, a última conquista de Saladino, espalhou

a consternação em todo o Ocidente. A notícia chegou primeiro à Itália; o Papa Urbano III, que então estava em Ferrara, ficou tomado de profunda dor, e não sobreviveu a tão grande calamidade. Todos os cristãos, esquecendo-se das próprias misérias só tiveram um único motivo de aflição e o nome da Cidade Santa voava de bôca em bôca, com gritos de desespêro. Deplorava-se em lúgubres cânticos o cativeiro do Rei de Jerusalém e de seus cavaleiros, a ruína das cidades cristãs do Oriente. Padres, levavam de cidade em cidade algumas imagens onde se via o Santo Sepulcro calcado sob as patas de cavalos e Jesus Cristo derrubado por Maomé. Tão grandes desgraças tinham sido anunciadas ao mundo cristão por presságios sinistros. No dia em que Saladino entrara na Cidade Santa, diz Rigord, os monges de Argenteuil tinham visto a lua descer do céu para a terra e subir novamente para o céu. Em várias igrejas, o crucifixo e várias imagens de santos tinham derramado lágrimas de sangue na presença de todos os fiéis. Um cavaleiro cristão tinha visto em sonho uma águia que tinha nas garras sete dardos, voando por cima de um exército, proferia estas palavras, com acentos de cólera terrível: *Ai de Jerusalém!*

Todos se acusavam de ter, com suas faltas, excitado a vingança do céu. Todos os fiéis procuravam aplacar com a penitência a Deus que êles julgavam irritado. "O Senhor, diziam entre si, espalhou por tôda a parte a onda de sua cólera e as flechas

da sua ira embeberam-se no sangue dos seus servos. Que tôda a nossa vida seja um contínuo sofrimento, porque ouvimos uma voz que gemia na montanha de Sião e os filhos de Deus foram dispersados." Os oradores sacros dirigiam-se a Deus e faziam ressoar nas igrejas suas invocações e preces. "Deus Todo-Poderoso! exclamavam, vossa mão armou-se para o triunfo da justiça! Nós viemos com os olhos cheios de lágrimas, implorar vossa bondade, para que vos lembreis dos vossos servos e vossas misericórdias sobrepujem as nossas misérias; não entregareis a vossa herança ao opróbrio, e que os anjos da paz obtenham para Jerusalém os frutos da penitência."

Chorando a perda do túmulo de Jesus Cristo, lembraram-se dos preceitos do Evangelho e os homens se tornaram melhores. O luxo foi banido das cidades, esqueciam-se as injúrias, davam-se esmolas. Os cristãos dormiam na cinza e cingiam-se com o cilício; expiavam com o jejum e as mortificações sua vida desregrada. O clero deu exemplo, os costumes claustrais foram reformados, os cardeais condenaram-se à pobreza dos apóstolos e prometeram ir à Terra Santa, pedindo esmolas.

1188. Estas piedosas reformas não duraram muito tempo, mas os espíritos prepararam-se não menos para uma nova Cruzada e tôda a Europa ergueu-se à voz de Gregório VIII, que exortou os fiéis a tomar a cruz e as armas. Em sua bula, o pontífice

fala dos temíveis juízos de Deus e lamenta as desgraças de Jerusalém, que é agora apenas um deserto, onde os corpos dos santos serviram de pasto aos animais da terra e às aves do céu; narra as vitórias de Saladino, que foi secundado pelas discórdias dos habitantes da Terra Santa e pela maldade dos homens. Em tão grande desastre, ninguém podia reter as lágrimas, ninguém podia resistir não sòmente à compaixão recomendada pela religião, para com tôdas as desgraças, mas ao sentimento que a providência pôs no coração dos homens. A língua não poderia explicar, o espírito não poderia compreender a aflição do soberano pontífice e também a aflição do povo cristão, sabendo que a terra da promissão, sofre agora o que sofreu por obra de antigos tiranos. "Nós, principalmente, diz Gregório, que temos que gemer ante as iniqüidades, que acenderam a cólera de Deus, nós que tememos que outras desgraças aconteçam na Judéia, no meio das dissensões dos reis e dos príncipes cristãos, entre cidades e aldeias, devemos chorar com o profeta e repetir com êle: *A verdade, a ciência de Deus, não estão mais nesta terra; eu vejo reinar em seu lugar a mentira, o homicídio, o adultério e a sêde do sangue.* Pensai, meus caros irmãos, para que viestes a êste mundo e como deveis dêle sair. Pensai que passais como passam tôdas as coisas. Não podeis dizer dos bens de que gozais, do ar mesmo que nos conserva a vida: "Isto é meu!" Não vos fizestes a vós mesmos e o poder de criar um nada,

está acima de todos os poderes da terra. Daí então todos êsses tesouros, que vos podem escapar, esta vida que não é mais que um ponto na duração, para socorrer vossos irmãos, para vos garantirdes a eterna salvação. Se os infiéis enfrentaram os perigos da guerra, se êles sacrificaram o descanso e as delícias de seus dias para atacar a herança de Jesus Cristo, hesitareis em fazer os mesmos sacrifícios pela fé cristã? A cólera celeste permitiu que os ímpios tivessem um momento de triunfo, mas sua misericórdia pode trocar para êles os dias da vitória em dias de humilhação. Entregai-vos pois à misericórdia divina, não temos o direito de pedir contas a Deus de seus juízos, mas não devemos crer que na sua bondade Êle quer nossa salvação e que aquêle que se sacrifica por seus irmãos mesmo quando tivesse apenas chegado aos dias da juventude, será tratado como aquêle que passou uma vida longa no serviço de Deus?"

Regras para a Cruzada terminavam a bula de Gregório VIII. O papa prometia aos piedosos peregrinos o perdão completo de seus pecados, a viagem santa devia ser para êles uma completa penitência. Os bens dos cruzados e suas famílias ficavam colocados sob a proteção especial dos arcebispos e dos bispos.

Nenhuma indagação devia ser feita sôbre a validez dos direitos de posse de um cruzado com relação a um bem qualquer, até que se estivesse certo

de sua volta ou de sua morte. Os peregrinos estavam dispensados de pagar juros a um credor, durante os dias passados sob o estandarte da cruz. Era-lhes proibido vestir-se com luxo e levar cães ou aves. Depois destas regras, vinha a ordem de um jejum geral, para aplacar a cólera de Deus e obter a libertação de Jerusalém. O jejum da quaresma devia ser observado tôdas as sextas-feiras durante cinco anos. A bula, as determinações e o decreto estavam datados de Ferrara.

O soberano Pontífice pensava restabelecer a paz entre os povos cristãos. Com essa intenção, êle foi a Pisa, para pôr um fim a vivas dissensões que ali se haviam originado entre os pisanos e os genoveses. Gregório morreu antes de terminar a obra começada e deixou a direção da Cruzada a seu sucessor, Clemente III, que desde a sua ascensão ao trono pontifício, ordenou orações pela paz do Ocidente e pela libertação da terra dos peregrinos.

ERRATA

No volume 1.º à página 231, na vigésima segunda linha, onde se lê:

"Cocson abundantes recursos, ali ficaram três dias."

Leia-se:

"Cocson a Maresia, situada a oito ou dez horas de".

ÍNDICE DAS GRAVURAS

ÍNDICE

CONTINUAÇÃO DO LIVRO QUARTO

LIVRO QUINTO

História do Reino de Jerusalém (1099-1146)

LIVRO SEXTO

História da Cruzada de Luís VII e de Conrado (1145-1149)

LIVRO SÉTIMO

(1151-1188)